



PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

**MEMÓRIAS DA (IN)VISIBILIDADE:
CATADORES DO BRASIL E *BIFFINS* DA FRANÇA**

DAIANA SCHWENGBER

CANOAS, 2019.

DAIANA SCHWENGBER

**MEMÓRIAS DA (IN)VISIBILIDADE:
CATADORES DO BRASIL E *BIFFINS* DA FRANÇA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Bens Culturais da Universidade La Salle, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Memória Social e Bens Culturais – linha de pesquisa em Memória e Gestão Cultural.

Orientadora: Maria de Lourdes Borges
Linha de pesquisa: Memória e Gestão Cultural

Co-orientadora: Gilca Maria Lucena Kotmann
Linha de pesquisa: Memória e Linguagens Culturais

CANOAS, 2019.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S414m Schwengber, Daiana.
Memórias da (in)visibilidade [manuscrito] : catadores do Brasil e biffines da França / Daiana Schwengber – 2019.
235 f.; 30 cm.

Tese (Doutorado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2019.

“Orientação: Prof^a. Dra. Maria de Lourdes Borges”.

“Orientação: Prof^a. Dra. Gilca Maria Lucena Kortmann”.

1. Memórias. 2. Invisibilidade. 3. Catadores de resíduos sólidos. 4. Brasil. 5. França. I. Borges, Maria de Lourdes. II. Kortmann, Gilca Maria Lucena. III. Título.

CDU: **316.7**

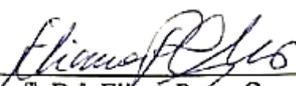
Bibliotecária responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS SOCIAIS

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Universidade La Salle



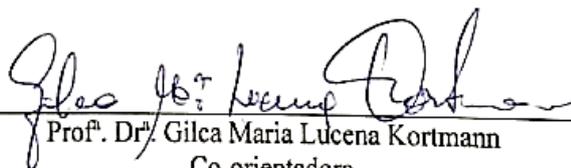
Prof.ª. Dr.ª. Eliana Perez Gonçalves de Moura
FEEVALE



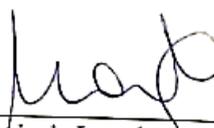
Prof.ª. Dr.ª. Sueli Maria Cabral
FEEVALE



Prof. Dr. Robinson Henrique Scholz
Universidade La Salle



Prof.ª. Dr.ª. Gilca Maria Lucena Kortmann
Co-orientadora



Prof.ª. Dr.ª. Maria de Lourdes Borges
Universidade La Salle, Orientadora e Presidenta da
Banca

Área de Concentração: Memória Social

Curso: Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 11 de dezembro de 2019.

*Nosso dia vai chegar
Teremos nossa vez
Não é pedir demais
Quero justiça.*

*Quero trabalhar em paz
Não é muito o que lhe peço
Eu quero um trabalho honesto
Em vez de escravidão.*

*Deve haver algum lugar
Onde o mais forte não
Consegue escravizar
Quem não tem chance.*

*De onde vem a indiferença
Temperada a ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?*

*O céu já foi azul, mas agora é cinza
E o que era verde aqui já não existe mais.*

*Quem me dera acreditar
Que não acontece nada
De tanto brincar com fogo,
Que venha o fogo então.*

Esse ar deixou minha vista cansada.

*Nada demais,
Nada demais,
Nada demais.*

Fábrica¹
Legião Urbana



¹ Fábrica é uma música lançada em 1986 pela banda Legião Urbana em seu álbum Dois. Todas as vezes que ouvia esta música, vinha um sentimento de revolução. Pessoas querendo um trabalho honesto, valorizado, porém com medo de nada acontecer após suas reivindicações, sem chances de mudança. Imaginava as pessoas em uma fábrica de céu/teto cinza em meio a fumaça que deixava suas vistas cansadas. Lá fora, um céu azul e a indiferença do patrão que ao ouvir a reclamação do empregado apenas lhe respondia: “nada demais”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a vida pela oportunidade da caminhada. Aos meus pais. José e Irene, que sempre estiveram ao meu lado, mas que também souberam soltar minha mão e confiaram nas minhas escolhas. O incentivo de vocês me motiva até hoje. Eu sei que poderei contar com o apoio dos dois em tudo aquilo que eu decidir fazer na minha vida, quando tudo der certo e se tudo der errado.

Ao meu companheiro Jáder da Cruz Cardoso, por não desistir de me orientar na caminhada pessoal, acadêmica e profissional. Por não se cansar de ouvir as tantas histórias que conto. E como conto histórias! Por me dar conforto nos momentos de crise, angústias, frustrações, mas também, por saber brindar comigo os momentos de descobertas, de fim de capítulos, de um novo ciclo. Obrigada por me dar tanta força e por me acolher.

As minhas companheiras de trabalho e de missão de vida, Kellen Cristine Pasqualetto e Joice Pinho Maciel. Por me darem força, por serem mulheres tão inspiradoras, por serem minhas irmãs de alma. Da nossa “coragem e loucura”, surge a Apoena Socioambiental, uma empresa que “só” quer transformar o mundo construindo pontes entre o conhecimento e a prática, mostrando que o trabalho com propósito é possível e que a irmandade entre mulheres é poderosa.

A dupla de “Doutorandas Super Poderosas”, Rita de Cássia da Rosa Sampaio e Juliana Pugliese Christmann. Minhas companheiras de estudos, conversas, congressos e artigos. Vocês são mulheres incríveis! Formamos um belo trio. Ainda que no fim desta caminhada havíamos nos tornado as “Doutorandas Super Cansadas”, tivemos tempo de fortalecer umas às outras. Com toda a demanda deste último ano de doutoramento, vocês duas tiraram um tempo até para “me casar”. Sou grata! Será?

A todas as mulheres e amigos que me socorreram. Minha irmã de infância Élen Cristiane Schneider pelas orientações à distância, por abrir mão do teu descanso na tua vida já tão corrida e ajudar uma Bióloga a compreender um pouco sobre Ciências Sociais. Não foi fácil. A minha amiga Fabiana Thomé que acalentou meu coração por meio da “Ciência com Afeto” apresentando outra maneira de olhar para a Pós-Graduação. A todas as outras mulheres que “seguraram as pontas” enquanto me afastei das ações: Thamara Almeida, Anie Barrios e Ana Carolina Dutra, obrigada. Aos meus amigos pela força, apoio e espera.

Agradeço aos catadores e catadoras pela confiança em participar deste estudo onde relataram sua trajetória de vida. Realizar as entrevistas e conhecer estes trabalhadores e trabalhadoras foi certamente o maior produto deste doutorado. A cada história de vida e de luta,

meu coração se enchia de orgulho. A caminhada não é fácil, mas não desistam. Desejo imensamente que, muito em breve, vocês sejam pagos pelos serviços prestados da maneira como sempre deveria ter sido. A busca pelo reconhecimento do trabalho realizado por vocês é uma busca minha também, não apenas como pesquisadora, mas como ser humano, como cidadã. Vocês são especiais e merecem todo o meu respeito e gratidão. E, em tempo: “coleta seletiva sem catador é lixo”.

Ao Professor Emílio Eigenheer por nunca ter desistido de falar sobre “lixo”. Por mostrar o outro lado desta história de uma maneira mais cética, porém doce e de uma sensibilidade sem igual. Sua experiência de vida e de trabalho é maravilhosa. Agradeço por me receber tão bem na sua casa, como se já nos conhecêssemos há muitos anos, e quem sabe né? Por mostrar todo o seu acervo, organizado, catalogado com tanto carinho. Quero voltar para ouvir mais histórias e me inspirar ainda mais em pesquisadores como você, humilde, afetuoso e que consegue puxar a “orelha” com doçura. Obrigada por existir – piada interna.

A minha co-orientadora Gilca Kortmann, a “Gigi”, por me convidar a ingressar no mestrado e por mostrar a sensibilidade presente na Psicopedagogia. Foi a partir deste curso que eu mudei o rumo da minha vida e foi pelos teus ensinamentos que aprendi a lidar com minhas dificuldades e respeitar as dificuldades alheias. Aprendi a olhar o todo, valorizar a caminhada e não apenas o produto final. Sou grata pela tua alegria e empatia. Te admiro muito!

A minha orientadora Maria de Lourdes Borges, a “Malu”, pela confiança e pelos ensinamentos. Quero lhe dizer que a nossa caminhada lado a lado foi transformadora. Nossa relação foi sendo construída assim como as páginas desta tese. Lhe agradeço imensamente por me dar a mão e fazer com que eu construísse este material, por valorizar a minha trajetória e por me incentivar a escrever “histórias”. Por me fazer rir, por me ensinar a não desistir.

A CAPES por me proporcionar a bolsa integral sem a qual este estudo não teria sido possível. Desejo que outras pessoas tenham a oportunidade de fazer pesquisa assim como eu tive e que o conhecimento científico no Brasil não seja tão desvalorizado como estamos presenciando neste momento.

A Universidade La Salle por estes 14 anos de formação, da graduação até o doutorado. Pela oportunidade de trabalho e de aprendizagem na Incubadora de Empreendimentos Solidários, agradeço ao professor Robinson Scholz. Aos professores e mestres que fizeram parte da minha trajetória.

A banca pela oportunidade e pela construção. Não se faz nada sozinha.

RESUMO

O presente estudo tem por **objetivo** compreender como a (in)visibilidade manifesta-se na construção de memórias de catadores participantes de movimentos nacionais nos contextos Brasil e França. No Brasil, mais de 800 mil catadores são responsáveis por 90% da reciclagem dos resíduos sólidos pós-consumo. Na França, cerca de dois mil “*biffins*”, catadores que restauram produtos usados, realizam venda em feiras conhecidas como “mercado de pulgas”. Ambos encontram nos “restos da sociedade” uma oportunidade de trabalho e de sobrevivência. Resistem perante as situações de opressão, exclusão, criminalização e desvalorização em busca de visibilidade, reconhecimento econômico, ambiental e social. Desse modo, a **problemática central** de investigação: como a (in)visibilidade manifesta-se na construção de memórias de catadores participantes de movimentos nacionais nos contextos Brasil e França? A partir das perspectivas apresentadas, estabeleceu-se como **objetivo geral** compreender como a (in)visibilidade manifesta-se na construção de memórias de catadores participantes de movimentos nacionais nos contextos Brasil e França. Como percurso metodológico, optou-se pela abordagem qualitativa de cunho descritivo, onde (entre dezembro de 2016 e julho de 2018) foram realizadas 17 entrevistas semiestruturadas (10 no Brasil e 6 na França), observação não participante e documentos textuais, ressaltando-se a entrevista com o Professor Doutor Emílio Eigenheer. Os dados foram analisados pelo *Sonal 2.0.97*, um *software* livre que armazena os arquivos em texto e áudio, utilizado em pesquisas qualitativas, mas ainda pouco difundido no Brasil. Os **resultados** apontam que a (in)visibilidade na construção de memórias, descende principalmente do estigma construído na trajetória de trabalho dos catadores e dos *biffins*. A memória da invisibilidade do trabalho dos catadores emerge relacionada à questão econômica enquanto a memória da visibilidade do seu trabalho está vinculada a questões sociais e ambientais. As análises evidenciaram ambiguidades na compreensão de tais memórias como: a caracterização do resíduo *versus* lixo; a invisibilidade e a visibilidade perante as leis de reconhecimento e inclusão na prestação de serviços da coleta seletiva; a discriminação e a glamourização que sofrem os catadores; o estigma bom e o estigma mau, dados da reciclagem no Brasil e dados dos trabalhadores na catação; importância de estudos em relação a memória da limpeza urbana e memória subterrânea *versus* memória oficial. E mais, a partir das ambiguidades, foi identificada a possibilidade da construção de pontes para a promoção da visibilidade do trabalho dos catadores.

Palavras-chave: Memórias subterrâneas. Catadores de resíduos sólidos urbanos. Biffins. Lixo. Limpeza urbana.

ABSTRACT

This study aims to understand how (in) visibility manifests itself in the construction of memories of waste pickers participating in national movements in the Brazil and France contexts. In Brazil, more than 800,000 waste pickers are responsible for 90% of post-consumer solid waste recycling. In France, around 2,000 *biffins*, pickers who reuse used products, sell at fairs known as the “flea market”. Both find in the “leftovers of society” an opportunity for work and survival. They stand up to situations of oppression, exclusion, criminalization, and devaluation in search of visibility, economic, environmental and social recognition. Thus, the central problem of research: how (in) visibility manifests in the construction of memories of pickers participating in national movements in the Brazil and France contexts? From the presented perspectives, it was established as a general objective to understand how (in) visibility manifests in the construction of memories of pickers participating in national movements in the Brazil and France contexts. As a methodological approach, we opted for a qualitative descriptive approach, where (between December 2016 and July 2018) 17 semi-structured interviews (11 in Brazil and 6 in France) were conducted. Also, non-participant observation and textual documents were used. The data were analyzed by Sonal 2.0.97, free software that stores the text and audio files used in qualitative research, but little spread in Brazil. The results indicate that the (in) visibility in the construction of memories, descends mainly from the stigma built in the work trajectory of the pickers and the *biffins*. The memory of the invisibility of the pickers' work emerges related to the economic issue while the memory of the visibility of their work is linked to social and environmental issues. The analysis showed ambiguities in the understanding of such memories as the characterization of waste versus garbage; invisibility and visibility before the laws of recognition and inclusion in the provision of selective collection services; the discrimination and glamorization that waste pickers suffer; good stigma and bad stigma, data from recycling in Brazil and data from workers in the collection; importance of studies in relation to urban cleaning memory and underground memory versus official memory. Moreover, from the ambiguities, it was identified the possibility of building bridges to promote the visibility of the waste pickers' work.

Key words: Underground memories. Urban solid waste collectors. *Biffins*. Trash. Urban cleaning.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es comprender cómo la (in)visibilidad se manifiesta en la construcción de recuerdos de los recicladores que participan en movimientos nacionales en los contextos de Brasil y Francia. En Brasil, más de 800 mil recicladores son responsables del 90% del reciclaje de residuos sólidos posconsumo. En Francia, alrededor de 2 mil *biffins*, recolectores que restauran productos usados, se venden en ferias conocidas como el mercado de pulgas. Ambos encuentran en los "restos de la sociedad" una oportunidad de trabajo y supervivencia. Se enfrentan a situaciones de opresión, exclusión, criminalización y devaluación en busca de visibilidad, reconocimiento económico, ambiental y social. Por lo tanto, el problema central de la investigación: ¿cómo (in)visibilidad emerge en la construcción de recuerdos de coleccionistas que participan en movimientos nacionales en los contextos de Brasil y Francia? Desde las perspectivas presentadas, se estableció como un objetivo general entender cómo (in)visibilidad emerge en la construcción de recuerdos de coleccionistas que participan en movimientos nacionales en los contextos de Brasil y Francia. Como enfoque metodológico, elegimos el enfoque cualitativo de naturaleza descriptiva, donde (entre diciembre de 2016 y julio de 2018) se llevaron a cabo 17 entrevistas semiestructuradas (10 en Brasil y 6 en Francia), observación no participante y documentos de texto. Los datos fueron analizados por Sonal 2.0.97, un *software* gratuito que almacena archivos de texto y audio, utilizados en investigaciones cualitativas, pero poco conocidos en Brasil. Los resultados indican que la (in)visibilidad en la construcción de recuerdos descende principalmente del estigma construido en la trayectoria de trabajo de los recolectores y los *biffins*. El recuerdo de la invisibilidad del trabajo de los recolectores surge relacionado con el problema económico, mientras que el recuerdo de la visibilidad de su trabajo está vinculado a los problemas sociales y ambientales. Los análisis mostraron ambigüedades en la comprensión de recuerdos tales como: la caracterización residuo x desperdicio; invisibilidad y visibilidad ante las leyes de reconocimiento e inclusión en la provisión de servicios de recolección selectiva; la discriminación y el glamour que sufren los recicladores; buen estigma y mal estigma, datos del reciclaje en Brasil y datos de los trabajadores de la colección; importancia de los estudios en relación con la memoria de limpieza urbana y la memoria subterránea x memoria oficial. Además, a partir de las ambigüedades, se identificó la posibilidad de construir puentes para promover la visibilidad del trabajo de los recicladores.

Palabras clave: Memorias subterráneas. Recicladores urbanos de residuos sólidos. *Biffins*. Basura. Limpieza urbana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A trajetória da limpeza urbana na Antiguidade	40
Figura 2 - Ruínas da Cloaca Máxima em Roma.....	41
Figura 3 - Trajetória da limpeza urbana na Idade Média e na Idade Moderna.....	43
Figura 4 - Trajetória da limpeza urbana na Idade Contemporânea.....	44
Figura 5 - Cabungo para o recolhimento de dejetos na cidade de Pelotas, RS.....	53
Figura 6 - Trajetória da denominação dos catadores ao longo do tempo	55
Figura 7 - Cena do filme “A zona: na terra de pano” de George Lacombe.....	57
Figura 8 - Cena do documentário “Ilha das Flores”	62
Figura 9 - Cena do documentário “Lixo Extraordinário”	63
Figura 10 - Conceito de estratificação social.....	69
Figura 11 - Representação sobre como se constrói um estigma	78
Figura 12 – Representação da Linha Abissal	86
Figura 13 - Reflexão sobre os conceitos trazidos	94
Figura 14 - Desenho da pesquisa	98
Figura 15 – Painel de Abertura da Expocatadores 2016.....	101
Figura 16 – Painel de Abertura da Expocatadores 2017.....	102
Figura 17 – Catadora MNCR2 triando	103
Figura 18 - Baias de pré-triagem, Associação Amelior.....	105
Figura 19 - Fachada da loja da Associação Amelior	106
Figura 20 – Mercado de pulgas	106
Figura 21 – Entrevista com Tião	108
Figura 22 – Visita a COOPERGRAMACHO	109
Figura 23 – Visita ao professor Emílio Eigenheer.....	111
Figura 24 - Carroça utilizada para a coleta seletiva.....	112
Figura 25 - Fotografias encontradas no “lixo”	113
Figura 26 – Participantes nos contextos Brasil e França	119
Figura 27 – Análise das informações.....	122
Figura 28 – Inclusão dos produtos da pesquisa no Sonal	125
Figura 29 – Identificação das entrevistas.....	125
Figura 30 – Base de dados	126
Figura 31– Categorias em destaque utilizando cores	126
Figura 32 – Seleção de categorias	127

Figura 33 – Análise léxica	128
Figura 34 – Modelo de venda comum	156
Figura 35 – Modelo de venda “Reciclagem Popular”	158
Figura 36 - Sentimentos que envolvem o movimento social.....	190
Figura 37 – Análise de tempo de fala no Sonal	198

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – A invisibilidade por diversas abordagens teóricas	86
Quadro 2 – Documentos utilizados	117
Quadro 3 – Sistematização dos dados coletados	120
Quadro 4 – Categorias de análise	122
Quadro 5 - Participação dos catadores na PNRS	162
Quadro 6 – Formalização profissional dos catadores	185
Quadro 7 – Análise de tempo de fala no <i>Sonal</i>	198
Quadro 8 – Análise léxica das palavras de acordo com as categorias.....	199

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos participantes do estudo	122
-----------------------------------------------------	-----

SUMÁRIO

MEMORIAL DA PESQUISADORA	14
APRESENTAÇÃO GERAL DA TESE.....	27
CAPÍTULO 1 - MEMÓRIAS DA LIMPEZA URBANA	35
1.1 Memórias e as possíveis relações entre o (in)visível.....	37
1.2 Passado e memórias da limpeza urbana	40
1.2.1 Memórias do lixo aos resíduos sólidos	47
1.2.2 De koprologen, canicolae, chiffonniers, tigres, cabungueiros até catadores: pessoas que deram vida ao resíduo	50
1.3 Memórias registradas: os catadores em foco	56
1.3.1 Memórias na França.....	56
1.3.2 Memórias no Brasil.....	60
1.4 Reflexões sobre o (in)visível	64
CAPÍTULO 2 - IDENTIDADES E MEMÓRIAS DE UMA CONSTRUÇÃO DA CATAÇÃO: DESIGUALDADE SOCIAL, ESTIGMA, EXCLUSÃO E (IN)VISIBILIDADE	67
2.1 Estratificação social	68
2.2 A questão social da desigualdade	70
2.3 Estigma: o lixo	77
2.4 Exclusão, o desprezo social	80
2.5 (In)Visível, para quem?	82
2.6 Memória e identidade	87
2.7 Reflexões sobre a desigualdade social: a (in)visibilidade de quem cata.....	91
CAPÍTULO 3 - CAMINHOS METODOLÓGICOS	96
3.1 O desenho da pesquisa.....	97
3.2 Construindo um caminho.....	100
3.2.1 Expocatadores 2016/2017	100
3.2.2 Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis – Brasil	102
3.2.3 Associação Amelior – França	104
3.2.4 Professor Emílio Eigenheer.....	110
3.2.5 Técnicas de pesquisa utilizadas.....	113
3.3 Marchemos juntos: caminhar é resistir	118
3.3.1 Sistematização dos dados coletados.....	120
3.3.2 Análise de conteúdo	122
3.4 SONAL 2.0.97: uma ferramenta livre	123
3.4.1 Inclusão das entrevistas.....	124
3.4.2 Destaque de trechos e categorias por cores.....	126
3.4.3 Seleção de categorias para análises.....	127
3.4.4 Análise léxica das entrevistas.....	127
3.4.5 Considerações do uso do Sonal.....	128
CAPÍTULO 4 - CATADORES E <i>BIFFINS</i>: MEMÓRIAS EM ANÁLISE	130
4.1 Memórias	131

4.1.1 Memórias de um observador de resíduos: o memorial do Professor Emílio Maciel Eigenheer	131
4.1.2 Memórias de Tião dos Santos: Difícil foi não virar lixo.....	137
4.1.3 Memórias de Alex Cardoso: Do Lixo à “Bixo”	140
4.2 Trajetória: “a família se tornou uma família de catadores”	144
4.3 Trabalho: “compra-se reciclagem”	153
4.4 Memórias da invisibilidade: “a gente tem que ser conhecido como alguém”	165
4.5 Memórias da visibilidade: “se a gente tiver medo, a gente não tem conquista” ..	183
4.6 Memórias que emergem: “jogar o lixo para debaixo do tapete”	197
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
5.1 Considerações de um estudo	203
5.2 A trajetória de uma doutoranda: carta aberta	215
REFERÊNCIAS	217
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS CATADORES / BRASIL.....	227
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS <i>BIFFINS</i> / FRANÇA	228
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR EMÍLIO EIGENHEER.....	229
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	230

MEMORIAL DA PESQUISADORA



Crissiumal em 1935, dois anos após sua fundação².

Na cidade de Crissiumal, interior do Estado do Rio Grande do Sul, meus pais decidiram iniciar nossa família. José Odilo Schwengber e Irene Terezinha Schwengber (foto³) eram jovens agricultores. Foi em uma reunião dançante em 1980 que minha mãe aos quatorze anos e meu pai aos vinte, iniciaram o namoro. Quatro anos depois, aos sete dias do mês de janeiro, eles realizaram a cerimônia e festa de casamento. Meu pai cursou todos os anos escolares e iniciou a graduação em Ciências na cidade de Santa Cruz do Sul, porém, por falta de recursos, retornou a Crissiumal sem concluí-la. Ao retornar para Crissiumal, foi convidado a trabalhar na escola como professor das séries iniciais. Nessa mesma escola passei grande parte de minha infância. Nasci na madrugada de 23 de julho de 1985 no Hospital de Caridade, uma noite fria que ficou registrada pela geada que cobria o campo. Até hoje minha mãe diz que “as bochechas vermelhas são sinal de geada”.



Saí da maternidade nos braços de minha mãe no dia seguinte ao nascimento e com o nome já escolhido pelo meu pai: Daiana. Antes mesmo de eu nascer ele já havia escolhido esse

² Ilustração disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Crissiumal>. Acesso em 10 out 2019.

³ Ilustração: fotomontagem do arquivo pessoal da autora.

nome. Até hoje não sabemos direito o porquê dessa escolha antecipada, ainda na época, e na cidade de Crissiumal, não eram feitas ecografias. Minha mãe relata que meu pai sempre sonhava em ter uma menina, e após meu nascimento, ainda muito contente, fez o registro sem ao menos ouvir a sua opinião em relação ao nome da filha. Acredito que uma ligação forte com meu pai nascia aí. A cumplicidade que tenho com ele é realmente única, e “cheia de segredinhos”, como brinca minha mãe, um pouco enciumada.

Crissiumal era ainda uma cidade muito jovem, fora constituída município apenas em 1954. Seu nome é de origem indígena e oriundo de uma taquara chamada criciúma, abundante na região. No interior da cidade não haviam muitas escolas. Como não tínhamos terras próprias e morávamos em casas e áreas cedidas pelo governo, nós acabamos morando em uma escola rural na chamada Vila Erva (foto⁴). Meu pai era o professor e responsável pedagógico e minha mãe cuidava da limpeza e alimentação dos alunos. As turmas eram multisseriadas, ou seja, as aulas não eram divididas por turmas, os alunos maiores vinham pela manhã (anos finais) e os menores pela tarde (anos iniciais). Havia apenas uma sala de aula, uma biblioteca e uma secretaria. Antes do início e ao final das aulas, durante todos os dias, meus pais cuidavam dos animais e das plantações. Tínhamos horta, vacas de leites, porcos, galinhas, plantações de soja, milho e pasto para os animais.



Escola Vila Erva, Crissiumal, registro de 1986.

Pela falta de perspectiva no trabalho do campo, em 1990 meu pai mudou-se para a cidade de Campo Bom, há aproximadamente 500 km de Crissiumal, em busca de trabalho. Ele

⁴ Ilustração: arquivo pessoal da autora.

deixou a vida do campo e foi para a Região Metropolitana de Porto Alegre, mais especificamente no Vale dos Sinos, área então próspera no ramo calçadista. Minha mãe e eu ficamos em Crissiumal por trinta dias e depois fomos ao seu encontro morar em Campo Bom, conhecida pela acolhida aos imigrantes rurais e também por ser a cidade mais quente do estado do Rio Grande do Sul. Naquela cidade, meus pais trabalhavam durante o dia em uma fábrica de calçados e a noite, meu pai dava aulas em escolas estaduais. Eu tinha então cinco anos. Foram três meses morando em um quarto com apenas um colchão, um cobertor, travesseiros e nossas roupas. Os eletrodomésticos e móveis ficaram na casa dos meus avós aguardando a mudança. Apesar de estar acostumada à dura vida do campo, ao trabalho pesado do cuidado com os animais e com a “roça”, minha mãe não suportava o cheiro da cola e a forma insalubre de seu novo trabalho. Foi um período difícil em que a saudade e o sentimento de arrependimento imperavam. Foram inúmeras as vezes que ela saiu da esteira da fábrica de calçados para vomitar no banheiro. Entre uma água no rosto e outra, as lágrimas caíam em sua face.

Enquanto meus pais buscavam uma vida melhor na “cidade” durante o dia, eu ficava na casa de uma senhora que cuidava de crianças. No bairro onde morávamos era muito comum deixar os filhos na “tia” e ir de bicicleta até a fábrica. Saímos cedo de “casa”, todos na bicicleta. Lembro do vento frio que batia em meu rosto na escuridão da manhã no caminho de nossa “casa” até a “tia”. Havia muitas crianças na casa dela. Lembro muito pouco deste período. Lembro também de como ela nos maltratava. O sofrimento só aumentava a cada dia em que saímos de casa. Parecia loucura deixar nossa cidade, nossa casa de verdade, nosso chão batido por aquele quarto pequeno em uma casa dividida com tantas famílias estranhas e que sofriam como nós.

Um dia, enquanto eu comia bolinho frito na vizinha, meus pais tiraram forças e coragem para seguirem em frente. Desistir não estava em seus planos. Após uma dura conversa, entraram em contato com a família que havia ficado em Crissiumal, alugaram uma casa só para nós três e trouxeram a mudança. Minha mãe prestou um concurso para cuidadora de creche em Campo Bom, enquanto o meu pai entregava currículos em vários comércios e indústrias. Quatro meses depois, minha mãe fora chamada no concurso para trabalhar em uma escola na rua de nossa casa e o meu pai, por ter curso superior incompleto, conseguiu o cargo de gerente em um posto de combustível. Fui então matriculada no CEBEM Recanto da Natureza, onde minha mãe trabalhava.

Apesar de alguns traumas vividos, minha adaptação na nova escola foi tranquila. Como eu era muito sozinha, estava feliz em conviver com outras crianças. Lembro sempre do meu primeiro dia na escola. A pastinha da Moranguinho. O “tombo” no saibro. Os joelhos

sangrando. É, sempre fui muito desajeitada e um tanto serelepe quando nervosa. Mas mesmo assim, lembro do sinal de “tchauzinho” para minha mãe e de como minhas pernas não encostavam no chão quando eu sentava naquela cadeira tão gigante. Meu pai não conseguia acompanhar minhas atividades na escola. Ele tinha um cargo importante e trabalhava quase doze horas por dia. Mas nos momentos de folga, me ensinava a ler e escrever. Foi ele quem me alfabetizou. Por isso, para mim, lecionar é um ato de amor. Na Escola Municipal Marcos Silvano Vieira cursei da pré-escola até a metade do ano da segunda série. Foi quando meu pai foi demitido de seu trabalho e resolveu novamente buscar um outro lugar para viver. O companheirismo dos meus pais e a confiança que um tinha para com o outro fez com que minha mãe se exonerasse do concurso para buscar uma nova atividade em São Leopoldo.

Chegamos no bairro Feitoria em São Leopoldo em 31 de julho de 1994 quando eu tinha completado nove anos. Era um dia chuvoso, um lugar estranho, mas como minha mãe diz que não se deve fazer a mudança no mês de agosto, fizemos ela na chuva mesmo. Agora, a casa era nossa. E era enorme. Lembro até hoje do cheiro que ela tinha. Eram casas iguais em um bairro planejado. O chão com carpetes e o banheiro dentro de casa. Um sonho. Acabando as férias de inverno da escola, fui para a Escola Municipal Olímpio Vianna Albrecht onde cursei até a quinta série do ensino fundamental. Minha mãe prestou novamente um concurso para cozinheira de escola e meu pai iniciou seu trabalho como fiscal de transporte público em Canoas. Ambos trabalham nesses lugares até hoje.

Já na sexta série, fui para a Escola Estadual Caic Madezatti. Foram três anos de muito envolvimento. A escola despertou em mim a vontade de mudar e pesquisar. Fiz parte do Grêmio Estudantil, grupo de dança, joguei futebol, organizava os eventos com os professores, enfim, era bastante envolvida. Porém, duas disciplinas se tornaram especiais: ciências e técnicas agrícolas. Criamos na escola uma horta e um minhocário, tínhamos composteiras e cuidávamos do jardim. Até corte de grama fazíamos. Apesar de ser uma escola pública e sem muitos recursos, fazíamos daquele local um espaço muito significativo de convivência e aprendizagem. Nos três anos que estive lá, fui ganhadora de todas as edições da feira de ciências e aluna destaque na disciplina de Ciências. Terminei o oitavo ano tendo a certeza de que minha trajetória acadêmica e profissional estava relacionada a licenciatura, ao meio ambiente e a transformação social.

Contrariando a vontade de meu pai, em 2001, ainda com quinze anos, prestei prova para inserção no magistério, o curso normal, no Instituto Estadual Professor Pedro Schneider, em São Leopoldo. Depois de nove anos lecionando, meu pai achava que o professor não era uma profissão valorizada e que apesar de minhas boas notas, dedicação e atuação na escola, isso

nunca seria destaque, nem financeiro e nem profissional, em uma atividade tão precarizada. Passei em 27º lugar. Eram 35 vagas. A prova foi uma redação sobre o tema: educação a distância no Brasil. Na época, o magistério era composto por quatro anos curriculares e seis meses de estágio. Fazer formação na área da educação sem internet, sem aplicativos mágicos e sem a possibilidade de utilizar as fotocopiadoras foi no mínimo criativo. Descobri habilidades que até eu mesma desconhecia. Desenhar, dançar, cantar, atuar. Realizei meu estágio com uma turma de terceira série na escola onde minha mãe é cozinheira. No último ano do magistério, comecei a trabalhar em uma escola de educação infantil, no berçário. Foi uma experiência transformadora e de uma responsabilidade imensa para uma adolescente de 18 anos.

No mês de agosto de 2005, concluí o curso normal, fiz alguns concursos e iniciei a graduação em Ciências Biológicas no então Centro Universitário La Salle, em Canoas. Foi uma escolha difícil. Não em definir o curso, mas em descobrir como eu iria pagar mensalmente aquela que para mim, era uma enorme conta. Sempre brinquei dizendo que “filho de pobre não pode ter dúvidas na vida, elas custam caro”. Nunca pude pensar muito bem, desistir de um curso. Não podia. Isso custava dinheiro, uma coisa que nunca nos sobrou para que tivéssemos a dívida da dívida.

Fui em busca de um novo trabalho e ingressei como secretária em uma ONG, o CCEI Talitha Kum. Nesta ONG, eu dei aulas de dança voluntária por três anos. Pela minha dedicação, a Irmã que coordenava a ONG decidiu me contratar. Agora com um salário melhor, os custos para seguir estudando não eram a minha principal preocupação. Preocupava-me com algumas questões sociais que enfrentava diariamente. Apesar de toda a parte técnica do curso, o que sempre chamou minha atenção e interesse foi a área socioambiental: como as pessoas conheciam e se relacionavam com este meio ambiente. Na graduação, descobri que a educação ambiental e as ações com a comunidade eram o que realmente me motivavam. O trabalho de conclusão de curso foi realizado com crianças, adolescentes e suas famílias participantes da ONG Talitha Kum e intitulado: *“O processo de aprendizagem em um espaço não formal a partir de um projeto de Educação Ambiental na Vila São Geraldo, ONG Talitha Kum”*. Foi um projeto lindo! Premiado pela extinta Fundação Zoobotânica pelo seu impacto na transformação social e ambiental de uma comunidade.

No projeto, decidimos que iríamos mudar a realidade do nosso bairro. No ano de 2009 iniciamos com formações na ONG, fizemos uma horta e uma composteira para ajudar na qualidade das refeições, plantamos árvores frutíferas na praça que ficava ao lado da ONG, iniciamos a separação dos resíduos e fizemos um pedido por meio de abaixo assinado ao prefeito para a implementação da coleta seletiva na cidade de São Leopoldo. Mais de 500

moradores assinaram. Visitamos casas, escolas, empresas, e até palestramos no PROSINOS - Consórcio Público de Saneamento Básico da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. Realizamos coleta de macro invertebrados nas margens do Rio dos Sinos para verificar a qualidade da água e para orientar os moradores ribeirinhos sobre a proibição do banho e exposição a doenças. Para aqueles que criavam animais às margens do rio, realizamos o plantio de mudas de árvores para reestabelecer a mata ciliar perdida. Foram muitas as atividades realizadas e de protagonismo das crianças e adolescentes do bairro. Foi também em 2009 que ingressei no magistério, sendo chamada nos concursos das cidades de Esteio e Sapucaia do Sul.

Saí da ONG Talitha Kum com a certeza de ter deixado um bonito legado e com a vontade de seguir atuando na educação ambiental, mas agora para crianças dos anos iniciais. Em 2010 concluí a graduação na Unilasalle como aluna destaque e ganhei uma bolsa de especialização. Antes de realizar a especialização, senti a necessidade de conhecer mais sobre a educação ambiental e outras possibilidades de atividades nesta área. Fiz um curso de extensão EAD pela Universidade Federal de Pelotas que tinha um polo em Sapucaia do Sul. Durante os anos de 2010 e 2011, trabalhei com a educação ambiental em escolas de Esteio e Sapucaia do Sul. Foi um período de muita frustração. Não conseguia avançar com as atividades. Não conseguia levar as crianças para observar e desenvolver atividades nos bairros. A educação tradicional e o currículo engessado faziam com que as atividades fossem realizadas em sala de aula, com períodos de 50 minutos e por meio de exercícios reproduzidos em fotocopiadoras. Então, percebendo que aquilo não era mais nem um pouco parecido com a educação ambiental que eu acreditava, pedi para sair da disciplina e assumir uma turma de alfabetização.

Fui alfabetizadora por três anos. Foram anos de muitos desafios e aprendizagens. Ser alfabetizadora em escola pública, sem o apoio da família, governo e muitas vezes nem da sua supervisão pedagógica, não era fácil. Mas a cada semestre, a possibilidade de superação das crianças me enchia de motivação. Porém, as histórias de vida de cada aluno e aluna sempre foram de grande importância para o meu trabalho, para o meu planejamento. Era impossível não me envolver com tantas histórias, com tantos problemas. Lembro-me de um aluno que nos seus pequeninos seis anos chegou na sala às nove horas da manhã e disse no meu ouvido “Profe, desculpe chegar agora, mas eu não consegui acordar antes. Hoje não tinha ninguém para me chamar e eu até perdi o café”. Ele realmente não tinha alguém para acordá-lo. Seu avô saía antes de nascer o sol com sua carroça e seu cavalo para catar. João era neto de um catador individual. João ia para a escola pela manhã para fazer as refeições e a tarde ajudava o seu avô a triar o resíduo no pátio de casa e a cuidar do cavalo. Seu avô era alcoólatra e muitas vezes não acordava João para ir à escola. Lembro também do dia em que João chegou na escola e ainda

na fila de entrada disse “Profe, eu li!”. Esperei todos entrarem na sala e perguntei o que ele havia conseguido ler. Muito contente ele disse “Ontem, quando fomos de carroça buscar a reciclagem, eu li para o meu avô o que estava escrito no chão. Profe, no chão estava escrito PARE. Eu disse pra ele que ele tinha que parar a carroça”. Não tinha um único dia em que eu não me surpreendesse e me emocionasse com tanta inocência, abandono e superação.

Em 2012, precisava fazer uso do meu prêmio como destaque da graduação e escolher uma especialização *lato sensu*. Iniciei então a Psicopedagogia Clínica e Institucional na Unilasalle, Canoas. Entrei no curso sem nenhuma expectativa, confesso. Mas hoje, sempre que posso reforço o quanto a Psicopedagogia foi importante em minha vida. Em como eu vejo a vida. Em como eu respeito e me relaciono com as outras pessoas, com as diferenças e dificuldades. Como aprendi a ser resiliente e superar minhas fragilidades e inseguranças. A me conhecer melhor. Saí do curso com outra visão de mundo e com a certeza de que transformá-lo ainda era possível. A partir do meu estágio institucional da especialização, conheci a Incubadora de Empreendimentos Solidários da Unilasalle. Durante o estágio, realizei oficinas de educação ambiental, valorização e motivação para o trabalho com os catadores e catadoras de uma cooperativa de resíduos sólidos no bairro Mathias Velho em Canoas. Foi uma experiência única. Essa nova atuação fez com que eu visse que aqueles projetos de mobilização de uma comunidade e da possibilidade da transformação socioambiental ainda eram possíveis. Em novembro de 2013, tomei uma decisão que mudaria a minha vida. Para muitos colegas do magistério que sonham passar a vida lecionando da mesma forma ou ainda, para aqueles que acreditam que o concurso público é a salvação ou a chave para todos os problemas, para estes, eu cometi uma loucura: me exonerei. Confesso: não tive medo. Não olhei para trás. Pela primeira vez tive a possibilidade de escolher. Escolhi o incerto e para a minha surpresa, tive o apoio dos meus pais.

Após o estágio, fui convidada pelo coordenador da Incubadora de Empreendimentos Solidários para fazer parte da equipe do Tecnosocial. Comecei tudo outra vez. Lembro do primeiro dia em que fomos visitar, juntamente com a equipe, uma cooperativa de catadores e catadoras do reassentamento da RS 448. Lembro de como aquele momento foi importante para mim. Estar em um espaço de formação, porém uma formação solidária e popular. Em cada visita e atividade realizada, eu sentia necessidade de aprimorar e de buscar mais conhecimentos da área da reciclagem, catadores e economia solidária. Os quase três anos que fiquei na incubadora transformaram minha trajetória. Reencontrei o prazer de trabalhar, pesquisar, conviver. Não conhecia a palavra e nem o significado de “autogestão”. Mas vivi a autogestão de uma forma muito bonita e intensa: o trabalho colaborativo, ser importante e construir juntos

cada etapa de um trabalho, conviver com a diversidade, com a experiência de cada colega de áreas diferentes, porém, que se complementavam com a minha de uma forma que eu nunca imaginei. Quem estuda ou estudou na área das Ciências Biológicas sabe do que eu estou falando: trabalhamos de forma muito isolada, sempre do mesmo jeito, no nosso quadrado. Virei como dizem, uma “sociobióloga”: uma bióloga fora dos padrões.

Seguindo a linha “fora da curva”, em 2014 ingressei no Mestrado Profissional em Saúde e Desenvolvimento Humano também pela Unilasalle. Sim, caso de amor com esta instituição. Consegui uma bolsa técnica pelo CNPq e trabalhei em um projeto voltado para formação técnica e pesquisa nas cooperativas de resíduos sólidos pela Incubadora de Empreendimentos Solidários, com autorização do meu orientador de mestrado. Porém, havia um problema. Meu orientador, professor Jáder da Cruz Cardoso é biólogo, entomólogo, sanitarista e no seu quadrado. Convencê-lo em trabalhar e pesquisar saúde com os catadores e catadoras foi um tanto difícil. Escrevi um projeto inteiro sobre a incidência de leptospirose no Rio Grande do Sul. Um dia, lhe fiz um convite para conhecer algumas cooperativas de resíduos sólidos para lhe mostrar o quanto era importante trabalhar saúde com os catadores e catadoras. A partir deste dia nosso projeto mudou. Apesar de todo o receio em trabalhar com um assunto inédito em seu currículo, ele acreditou no meu trabalho e redesenhamos uma nova dissertação. Visitamos cinco cooperativas em cinco cidades diferentes e quatro delas seguiram na pesquisa. Por ser um mestrado profissional, eu deveria criar um produto técnico a partir dos resultados. A pesquisa do mestrado ficou intitulada: *“Qualidade de vida e perfil socioeconômico de catadores de quatro cooperativas de reciclagem da Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul”*, onde fiz uma análise quantitativa de um questionário com oitenta questões e com a participação de cinquenta catadores e catadoras. Pude perceber, a partir dos resultados, que estes profissionais possuem, na própria percepção, uma excelente qualidade de vida. Em aspectos relacionados ao trabalho que realizam, sentem orgulho de sua atividade e não querem desistir dessa função. O estudo também pode contribuir para a elaboração de um perfil socioeconômico que categorizou o ingresso e permanência dos catadores e catadoras por **três fatores**:

- a) **Pela necessidade**, quando o sujeito se insere nas cooperativas de reciclagem pela falta de emprego e na busca de uma renda urgente e provisória. Muitos destes catadores não encontram satisfação nesta ocupação e voltam ao mercado de trabalho formal contribuindo com a rotatividade dentro do empreendimento.
- b) **Pela adesão**, quando identificados com os princípios da economia solidária e do cooperativismo. Iniciam sua jornada no empreendimento por indicação de amigos

e membros da família, por afinidade ou pela necessidade. Porém, quando inseridos na cooperativa, participam de atividades formativas, conhecem os valores do Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos Sólidos, encontrando neste espaço uma nova forma de economia, uma diferente relação com o trabalho e por adesão e satisfação permanecem nas cooperativas.

- c) **Pela inclusão**, representando o fator dominante nos empreendimentos. As cooperativas de reciclagem possuem um papel fundamental na inserção social de indivíduos excluídos do mercado formal de trabalho. Entre os principais motivos para a exclusão estão a falta de instrução e escolaridade, as limitações cognitivas, doenças mentais, relações familiares instáveis, uso abusivo de álcool e outras drogas e idade avançada. No caso de alguns cooperados os motivos para a exclusão são multifatoriais. Este grupo por apresentar tais características excludentes, tem dificuldade de compreender os princípios da economia solidária e do cooperativismo fazendo com que os mesmos apenas reconheçam este espaço de convivência e geração de renda (SCHWENGBER, 2015).

Para valorizar o trabalho realizado pelos catadores e catadoras das quatro cooperativas pesquisadas e dar uma contribuição para os mais interessados neste estudo, convidei todas as cooperativas para participarem da banca de defesa da dissertação, realizada em 27 de novembro de 2015. Além da apresentação pública, como produto técnico, foram realizados o lançamento de um livro e uma exposição fotográfica. Também foi convidado um fotógrafo que realizou registros durante os meses de pesquisa nas cooperativas com o intuito de mostrar a jornada de trabalho dos catadores e catadoras e o sentimento de orgulho estampados em seus rostos por meio de fotografias. Essas fotografias foram anexadas no livro intitulado *“Recicladores de histórias, catadores de sorrisos”*, que traz um breve histórico do profissional catador no Brasil, de cada cooperativa participante e perfil socioeconômico dos catadores em infográficos, lançado após a minha defesa durante a exposição na galeria ao lado da biblioteca da Unilasalle a qual organizei com o mesmo nome. Cada participante da pesquisa recebeu um livro e a sua fotografia como lembrança deste projeto que encheu a minha vida de beleza e esperança. Beleza por valorizar as pequenas coisas que a vida nos traz a cada dia e esperança por superar obstáculos e começar uma nova vida.

Com a conclusão do mestrado, senti que algumas perguntas ainda não tinham sido respondidas. Principalmente aquelas relacionadas a baixa qualidade de vida especialmente em termos psicológicos em mulheres quando comparadas aos homens, também a falta de liderança das mulheres em galpões de reciclagem ou ainda, como se dá esta relação do catador com o

resíduo? Será que ela é igual para todos? Escrevi uma singela proposta voltada para a invisibilidade em mulheres nos galpões de reciclagem e apresentei para a professora Aline Accorssi do PPG de Memória Social e Bens Culturais (adivinhem?) ainda na Unilasalle. Fui recebida com muita acolhida e juntas, construímos uma proposta de pré-projeto para a seleção do doutorado. Gênero realmente não era o tema que eu mais dominava, mas como eu nunca sigo da mesma forma, aceitei o desafio e ingressei no PPG de Memória Social e Bens Culturais em janeiro de 2016 como doutoranda.

Ainda em 2015, como uma atividade paralela em relação a minha função técnica na incubadora e sabendo que o prazo final do projeto seria em dezembro deste mesmo ano, nasceu a Apoena Socioambiental. Um coletivo de mulheres provenientes de diferentes instituições: Unilasalle, Unisinos e Instituto Federal do Rio Grande do Sul, que se propunham a realizar pesquisas, ações de mobilização social, eventos na área ambiental, construção de projetos e assessoria para as cooperativas de reciclagem na Região Metropolitana de Porto Alegre. Nos encontramos mensalmente durante o ano 2015, e a cada momento de conversa, íamos aprimorando nossa proposta de trabalho e de vida. Após vários encontros, a Apoena Socioambiental permaneceu com quatro integrantes, o qual chamamos de núcleo duro. A partir desta consolidação, iniciamos as visitas nas cooperativas, oficinas de capacitações e ações voltadas para a conscientização ambiental. Fomos encontrando parcerias e simpatizantes com nossas propostas de trabalho. Uma bióloga, uma publicitária, uma economista e uma socióloga juntas pensando e produzindo para transformar. Apoena é uma palavra indígena que significa “olhar ao longe”. Era isso mesmo o que eu queria, olhar além.

O programa de Memória Social e Bens Culturais me surpreendeu. Ele era diferente de tudo o que eu já havia visto em termos acadêmicos. O conceito de interdisciplinaridade realmente faz sentido aqui. À primeira vista, fiquei um tanto assustada. Muitos professores com formações tão diferentes da minha. Uma única professora na área das Ciências Biológicas, porém, que trabalhava com patrimônio cultural e natural. A quantidade de textos e a necessidade da dedicação para compreensão destes novos conceitos fizeram com que eu imergisse em leituras diferentes sobre gênero, memória social, memória coletiva, diversos conceitos das Ciências Sociais, de Cultura, enfim, somente temas que para mim eram novidade. Mas a cada nova disciplina, a cada novo conceito aprendido, eu ia me apaixonando pelo curso. Sempre tive a necessidade de estudar temas que realmente trouxesse um debate político, de transformação social e que impactam principalmente em minha própria evolução.

As primeiras disciplinas escolhidas foram as de Memória Social e Tópicos Avançados em Memória Social. Conheci Halbwachs, um dos autores que mais contribuiu para a

compreensão do significado da memória coletiva. Quando ele relata sua visita a Londres e a reflexão sobre “será que as lembranças são somente minhas?”, parei para refletir sobre minhas próprias lembranças. Como é difícil recordar e ter a certeza se o que eu estou lembrando é algo que eu tenha vivido de fato ou apenas uma reprodução de uma memória de outra pessoa. Nunca havia parado para pensar sobre isso. E nunca havia parado para pensar em como é difícil descrever sobre a nossa própria vida, sobre as próprias lembranças. O exercício de escrita deste memorial é realmente uma atividade inédita e um tanto dolorosa para mim. Foram tantos os autores incríveis que eu tive a oportunidade de ler e aprender sobre memória social e coletiva, identidade, esquecimento como: Myrian Sepúlveda dos Santos, Jô Gondar, Aleida Assmann, Paul Ricouer e Michel Pollack, os quais destaco, pois foram os mais marcantes para mim.

Na disciplina de Tópicos Avançados em Cultura tudo parecia tão abstrato e distante que, para uma bióloga que trabalha com diversas técnicas, materiais e métodos, parecia a princípio que as aulas eram ministradas em grego. Mas com uma dedicação maior nas leituras, troca com colegas e professores, consegui desenvolver um artigo final que me deixou realmente orgulhosa “Cultura do lixo: o descarte de uma sociedade pós-moderna”. Tentei trazer para a prática do meu trabalho e para a construção de um histórico sobre o trabalho do catador vários conceitos de autores como Jeanne Marie Gagnebin, Roque de Barros Laraia e Walter Benjamin. A cada nova disciplina tentava me aproximar mais do meu tema de pesquisa. Nas disciplinas de Oficina de Diversidade Cultural e Reconhecimento Social e Seminário Temático de Representações Coletivas e Quadros Sociais da Memória, pude construir um referencial teórico base com Serge Moscovici, Sandra Jovchelovitch e Jessé de Souza, autores chave para a discussão em representações sociais, sociabilidades subterrâneas, desigualdades e pobreza.

Após o primeiro ano de disciplinas, iniciei 2017 sem minha orientadora. A Professora Dr^a. Aline Accorssi foi trilhar um outro caminho em Pelotas. Então, a Professora Dr^a. Maria de Lourdes Borges, que era minha co-orientadora, passou a ser oficialmente minha orientadora. Esta troca reforçou antigos laços de trabalho. A “Profe Malu”, como é chamada carinhosamente pelos seus alunos e alunas, já era uma parceira da Incubadora de Empreendimentos Solidários, coordenadora do Grupo de Pesquisa TESSIDO, ao qual faço parte desde seu primeiro encontro, e também, companheira de produção de artigos para eventos, congressos e revistas. E para minha alegria, como co-orientadora, foi sugerida minha orientadora de especialização em Psicopedagogia, Professora Dr^a Gilca Kortmann. Duas mulheres incríveis e que conhecem minha trajetória acadêmica.

Depois da troca de orientação e da linha de pesquisa para Memória e Gestão Cultural, precisávamos reelaborar nossa proposta de projeto de tese. Pensando no trabalho e aproximação

com movimentos nacionais de catadores (Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis-MNCR e Eu sou catador) já estabelecidos pela minha participação na Expocatadores e em outros espaços de formação e luta, construímos uma proposta com o seguinte objetivo geral: compreender como a (in)visibilidade manifesta-se na construção de memórias de catadores participantes de movimentos nacionais nos contextos Brasil e França. Este objetivo foi construído a partir de uma visita ao coordenador do MNCR e de sua preocupação com a importância em avançar em propostas, atividades e produtos para que o trabalho dos catadores fosse reconhecido. Também, uma forma de trazer experiências de ações bem-sucedidas realizadas na França, grupo que apoia e participa do MNCR no Brasil. Um novo desafio, um novo trabalho que se desenham para uma transformação pessoal, profissional e o mais importante, que deixe uma grande contribuição social e acadêmica.

Além de todas as disciplinas cursadas, tive a oportunidade de realizar o primeiro estágio de docência assistindo as aulas de Psicologia Comunitária ainda com professora Aline Accorssi. O estágio possibilitou grande aprendizagem na organização, planejamento e execução de uma disciplina em uma turma de graduação. A professora ministrou sua disciplina da maneira como eu acredito que devemos lecionar: com democracia, abertura, espaço para construção coletiva e trazendo a teoria sempre acompanhada de falas práticas, de ações efetivas e transformadoras. No segundo estágio com a professora Maria de Lourdes, tive a oportunidade de orientar treze alunos na reta final de sua formação em Tecnólogo de Recursos Humanos. Apresentar a pesquisa para estes formandos de uma maneira prática, com sentido e com afeto, foi a missão do semestre. Junto com a professora Malu, concluímos deixando o legado de que a pesquisa é possível, necessária e o “terrível TCC” não precisa ser tão doloroso. Foram tantas as aprendizagens nos quatro anos de doutoramento e o mais importante, a liberdade e o incentivo para uma pesquisa que não ficasse apenas restrita a imersão teórica. Para aprofundar meus conhecimentos nas Ciências Sociais, em março de 2018, iniciei uma graduação em Sociologia Licenciatura na UNOPAR, em Canoas. Foi uma decisão de apoio aos meus estudos e o futuro da minha carreira acadêmica.

Ter a oportunidade de estudar, aprofundar meus conhecimentos e ainda desenvolver um estudo em um tema que eu conheço e acredito fez toda a diferença. Como pesquisadora, militante, ser humano, tenho a responsabilidade de contribuir e transformar uma realidade diagnosticada. A bolsa integral, conquistada no segundo semestre, permitiu uma maior dedicação e tranquilidade para repensar minha proposta de tese e realizar uma aproximação com os potenciais participantes da pesquisa.

Em busca de ações que motivassem minha prática e de espaços com possibilidades de transformação social, a Apoena Socioambiental iniciou ações de aproximação com o Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis, Associação Cultural Vila Flores, Virada Sustentável. Uma mobilização necessária para a construção da tese. Senti a necessidade de “resolver” um problema real e que trouxesse retorno positivo para os catadores e catadoras. Projetos foram realizados (A voz das catadoras, Pensando no futuro: a Educação Ambiental pode transformar, Vira Feitoria), seminários e debates em relação a coleta seletiva solidária, feiras de popularização da ciência, formações para catadores de outras cidades que gostariam de iniciar um trabalho de coleta solidária, enfim, foram quatro anos que eu agradeço imensamente ter vivido, ter transformado e ter aprendido com os catadores e catadoras, professores, amigos e família. Nas considerações finais desta tese, escrevo uma carta aberta sobre a minha experiência de trajetória de doutoramento.

APRESENTAÇÃO GERAL DA TESE



Fonte: *Chiffonniers*, Paris, 1913⁵.

⁵ Fotografia de Eugene Atget. O material coletado pelos *Chiffonniers* era essencialmente ossos e trapos. Eles também eram conhecidos como “trapeiros”.

Nesta apresentação da tese, inicialmente há a necessidade de esclarecer o uso dos parênteses no título do estudo no que se refere à questão da (in)visibilidade. A palavra é apresentada desta maneira para chamar a atenção a respeito de duas situações: a invisibilidade e a visibilidade dos catadores⁶ tanto na pluralização de ideias daquilo que é visível e invisível, quanto nas consequências de suas emancipações àqueles que sentem tal indiferença. A invisibilidade pode ser uma estratégia de resistência de um grupo, como nos diz Bhabha (1998), ou ainda apenas uma posição social por estar do lado do esquecimento e do aviltamento na linha abissal (SANTOS; MENESES, 2009). A (in)visibilidade será, para este estudo, uma caminhada que envolve os dois modos de conhecermos e percebermos o trabalho dos catadores: ora invisíveis, ora visíveis. Este estudo tratará sobre a memória como uma possibilidade de resgate destas duas percepções - visível e invisível - dando a oportunidade de escuta e de registro para a vida e o trabalho de uma das profissões mais antigas do mundo.

Nas últimas décadas, a memória vem sendo discutida tanto como objeto de análise, quanto como método pela inserção dos sujeitos no espaço e no tempo. É no sentimento de pertencimento ao mundo que as pessoas se percebem em sua finitude, que os conhecimentos e valores são transmitidos (SANTOS, 2012). Maurice Halbwachs, filósofo e sociólogo nascido em 1877 na França, teve sua trajetória influenciada por Henri Bergson e Émile Durkheim e é considerado um entusiasta dos estudos em memória. Por meio de seus estudos, consolidou bases científicas de uma teoria social que tinha como objetivo compreender a sociedade. Halbwachs foi uma das vítimas do Buchenwald⁷ e morreu em março de 1945, então com 68 anos, porém deixou como legado uma abordagem teórica acerca da memória coletiva (SANTOS, 2012).

Halbwachs contribuiu com a reflexão de que as lembranças não são apenas individuais e sim, construídas por quadros sociais que compõem a memória. Os quadros sociais da memória referem-se à construção de laços sociais permanentes, mantidos com relativa firmeza entre os sujeitos encontrando-se, por exemplo, em grupos do tipo familiar, de religião ou de classes sociais. Para ele, mesmo que as lembranças pareçam particulares, a memória acaba por remeter-se ao grupo, ao coletivo. Nesse sentido, quando o sujeito recorda de algum acontecimento, esta lembrança está associada às diversas interações coletivas, suas representações e influências

⁶ Usar-se-á em todo o estudo a palavra “catadores” genericamente no gênero masculino, conforme normas da Língua Portuguesa e para a fluidez na leitura. Porém, reconhecemos a atividade das catadoras, maioria nos galpões de reciclagem em todo o Brasil (IPEA, 2013).

⁷ Buchenwald foi um campo de concentração nazista localizado no leste da Alemanha. Conhecido como um dos campos mais violentos no holocausto, onde os prisioneiros do nazismo eram cobaias para testes de vacinas contra a febre amarela, experimentos médicos ilegais e o uso de gases letais (BEECH, 2010).

externas. Um exemplo utilizado pelo autor é o da oportunidade de sua primeira visita a Londres. Mesmo sem nunca ter realizado esta viagem anteriormente, suas lembranças associavam-se às de historiadores, arquitetos e pintores que já haviam realizado tal passeio e que compartilharam esta experiência vivida. Essas lembranças foram agregadas às suas próprias. Com esse exemplo, Halbwachs problematiza as lembranças do passado. Quando um sujeito se lembra de algo referente ao passado, remete-se às suas próprias lembranças, mas também a de outros, ou seja, a memória coletiva. A memória coletiva circunda sentimentos de pertença e identidade, pois a memória é dependente das interações e dos grupos sociais (HALBWACHS, 2006; SANTOS, 2012).

Para a sociedade, a trajetória e a memória do lixo estão relacionadas a tudo que não serve mais, algo que se tornou inútil e repugnante. Restos de comida, esgoto, embalagens, entre outros descartes, mantiveram a mesma conotação com o passar do tempo na história do desenvolvimento humano. Algumas civilizações queimavam suas imundices, outras as enterravam e ainda havia aquelas que as jogavam ao mar. Em todas estas ações há algo em comum: colocar “fora” de maneira que desapareça dos olhos daqueles que geraram o lixo. O esgotamento sanitário, ou seja, o despejo de imundices de forma irresponsável realizado até o século XX foi decisivo para que houvesse uma concepção mais restrita do que são propriamente os resíduos sólidos. Dessa maneira, houve a desvinculação do conceito de excremento (lixo), uma vez que até o século XIX eram entendidas como imundícies. Foi a partir de então que o lixo começou a ser categorizado como reciclável, orgânico e esgoto. Mesmo assim, a trajetória da limpeza urbana não recebeu grande atenção para que houvesse registros de seus avanços. O professor Eigenheer, em 1983, durante uma viagem à Alemanha percebeu a necessidade de debater sobre o “lixo” e limpeza urbana no Brasil, com ações que pudessem impactar no tratamento dos resíduos sólidos. Ele estabeleceu em sua pesquisa, na Fundação Getúlio Vargas, uma relação entre “lixo e morte” que foi decisiva para avaliar as históricas dificuldades em debates sobre lixo e descarte, uma vez que o registro de aprendizado sobre isso é de afastamento e desqualificação dos resíduos sólidos e daqueles que lidam com ele. Como resultado desta omissão histórica a criação de estigmas de repúdio e exclusão (EIGENHEER, 2009).

Goffman (2008) entende o estigma como noção de atributo que marca, inabilita para a aceitação social plena, constituindo-se, sobretudo, como fruto das relações sociais, de construções coletivas. Ao longo da história da limpeza urbana, muitos estigmas foram criados em relação aos resíduos sólidos e sobre a figura daqueles que tem nele a matéria-prima de seu trabalho. Esse aspecto evidencia-se no fato de que, em determinadas épocas e civilizações, lidar

com os resíduos era visto como castigo e atividade degradante. Tal trabalho era destinado principalmente aos prisioneiros, prostitutas e escravos (EIGENHEER, 2009).

O fortalecimento e a busca por reconhecimento das pessoas que trabalham na catação surgem apenas a partir da década de 1980, por meio da formação de grupos e movimentos sociais no Brasil. A união por um ideal em comum, bem como o momento político nacional, fizeram com que grupos de catadores ocupassem espaços políticos e construíssem políticas públicas que os contemplassem e incluíssem, no início do século XXI. A formação de lideranças de catadores conscientes da exploração e de seu papel transformador na sociedade mobilizou as bases populares. Porém, a valorização do trabalho realizado pelos catadores é algo ainda muito distante da realidade (SILVA, 2015). Os movimentos sociais têm algumas reivindicações presentes em seus debates e encontros, como por exemplo, a invisibilidade em relação a sua categoria e a ausência da trajetória do catador narrada por alguém que de fato exerça a atividade da catação. Sendo assim, o aspecto da invisibilidade do catador pode estar relacionado ao que Pollak (1992) compreende como memórias subterrâneas ou de resistência. Tais memórias estão presentes em culturas minoritárias e dominadas e se manifestam em momentos de crises, especialmente quando questionam as memórias nacionais, tornando-se o que o autor denomina de memórias em disputa (POLLAK, 1992).

Com isso, percebe-se que temas como resíduos sólidos (lixo) e o profissional catador não remetem a lembranças e importância em quase toda a evolução social e econômica do ser humano. Uma vez que a memória é seletiva (SANTOS, 2012), a trajetória da limpeza urbana e do trabalho dos catadores não se tornou uma memória a ser retratada de forma relevante. Ora, o trabalho realizado pelos catadores ao longo do tempo não foi essencial para melhorias na saúde, saneamento e cuidado com a extração de recursos naturais? Por que a história do tratamento dos excrementos, abastecimento de água potável, do cuidado com a destinação dos resíduos e valorização do profissional catador não estão em destaque na história das urbanizações? Seria uma forma de esquecimento?

No Brasil, 90% da reciclagem dos resíduos sólidos é realizada por mais de 800 mil catadores (IPEA, 2016). Eles fazem parte da base da pirâmide social e são peças fundamentais no ciclo da reciclagem. Sobrevivem da venda dos materiais triados e estão em constante vulnerabilidade econômica e social pela exploração de atravessadores e de grandes indústrias (SILVA, 2015). Na França, os catadores, também conhecidos como *“biffins”*, não trabalham com reciclagem de resíduos sólidos. A atividade realizada pelos quase dois mil trabalhadores está relacionada à restauração e revitalização de objetos, móveis e eletroeletrônicos a serem vendidos em feiras estipuladas e monitoradas pelo poder público em 47 pontos do país,

denominados de “mercados de pulgas” (ADIE, 2008; RULLAC et al. 2012). Tanto no Brasil quanto na França percebe-se a presença destes trabalhadores que tem como matéria-prima “os restos da sociedade” (EIGENHEER, 2009). Outro ponto em comum é a participação dos representantes dos movimentos do Brasil e França na Expocatadores⁸, evento que reúne anualmente os catadores de diversas nacionalidades para discussão de políticas públicas, troca de experiências e fortalecimento do trabalho coletivo (MNCR, 2017). Os *biffins* não apresentam nenhuma legislação ou projeto que garanta a sua atuação na coleta e na venda de objetos no “mercado de pulgas”. A aproximação destes trabalhadores com os catadores brasileiros se dá justamente pela tentativa de construir uma lei semelhante à Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) que ampare seu ofício diminuindo a situação de criminalização e violência vivida por eles (RULLAC, et al., 2012).

A **problemática central** do estudo é: como a (in)visibilidade manifesta-se na construção de memórias de catadores participantes de movimentos nacionais nos contextos Brasil e França?

A partir das perspectivas apresentadas, estabeleceu-se como **objetivo geral** compreender como a (in)visibilidade manifesta-se na construção de memórias de catadores participantes de movimentos nacionais nos contextos Brasil e França.

Para além disso, os objetivos específicos se desdobram da seguinte maneira:

- i. sistematizar a trajetória de catadores desde a Antiguidade até o momento atual;
- ii. conhecer e descrever as memórias de catadores por meio da percepção de participantes dos movimentos nacionais abrangendo os contextos: Brasil e França;
- iii. analisar memórias sobre (in)visibilidade de catadores abrangendo os contextos: Brasil e França.

Considerando que os catadores são profissionais que historicamente realizam a maior parte da coleta e triagem, fomentando a reciclagem no Brasil e que os *biffins* são trabalhadores longínquos, este estudo justifica-se pela importância de acolher suas percepções em relação à (in)visibilidade de seu trabalho. Por serem sujeitos considerados figuras da desordem (CABRAL, 2015), estes trabalhadores resistem perante as situações de opressão, exclusão, criminalização e desvalorização. Este estudo torna-se importante instrumento colaborando com o debate sobre o tema, dando voz e oportunidade às memórias subterrâneas, apresentando a

⁸ A Expocatadores é um importante evento, veículo de disseminação de conhecimentos, de exposição de projetos sociais, iniciativas empresariais e tecnologias que visam fortalecer a presença qualificada dos catadores de materiais recicláveis na cadeia da reciclagem. Ele acontece anualmente em diversas capitais do Brasil. Recebe a visita de catadores de diversos países. Em 2017, a Expocatadores estava em sua 8ª edição (MNCR, 2017).

trajetória de vida, o ingresso na profissão e o desenvolvimento de suas funções no mercado de pulgas, na França, ou em cooperativas e associações de coleta e triagem de resíduos sólidos, no Brasil. As memórias de (in)visibilidade são importantes meios para a tentativa de analisar esta relação dos catadores e dos *biffins* com a sociedade e com o poder público em busca de direitos, valorização e reconhecimento econômico, ambiental e social.

Para a realização desse trabalho, foram entrevistados dez catadores de seis estados que pertencem a dois movimentos sociais brasileiros, o Movimento Eu Sou Catador de Materiais Recicláveis (MESC) e o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), no Brasil, e seis *biffins* da Associação Amelior, em Montreuil, na França. Também foi possível conhecer e entrevistar o Professor Doutor Emílio Eigenheer, referência em estudos sobre a construção da trajetória da limpeza urbana e trabalho dos sujeitos que tiram seu sustento do “lixo”. Eigenheer, hoje aposentado, atua como professor colaborador na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Ele concedeu, além de uma entrevista em sua residência, a oportunidade de escrever um memorial em parceria com a pesquisadora. Ademais, esse estudo proporcionou visitas a duas cooperativas brasileiras, participação em dois eventos da Expocatadores (em Belo Horizonte/MG e em Brasília/DF), viagem à França para conhecer o trabalho dos *biffins* no mercado de pulgas, e consulta a dez documentos que contribuíram para as análises deste estudo. Além das entrevistas, foram construídos três memoriais com a trajetória de vida e de trabalho dos líderes dos movimentos MNCR e MESC no Brasil e do Professor Eigenheer.

O **tema central** desta tese é a (in)visibilidade vivida pelos catadores da limpeza urbana. Muitas inquietações surgem a partir disso: Como se dá a trajetória da limpeza urbana e do resíduo (lixo) ao longo dos tempos? Em que momento eles se tornaram invisíveis para a sociedade? Como os catadores se enxergam neste processo? Em que momento esse possível estigma do trabalho desqualificado foi criado? Quais as possibilidades de visibilidade/reconhecimento do trabalho dos catadores?

Para alcançar os objetivos desta tese, no primeiro capítulo optou-se por “começar pelo começo”, trazendo as Memórias da Limpeza Urbana. No texto, são apresentadas as memórias da limpeza urbana através dos tempos, desde a antiguidade até a atualidade, principalmente pela perspectiva do Professor Doutor em Educação, Emílio Maciel Eigenheer, porém, com a participação de estudos relacionados ao ambiente e à saúde pública (CORBIN, 1967; ROSEN, 1992). Ainda realizou-se a construção de uma linha do tempo com a figura do catador desde seus primeiros registros até os dias atuais, suas contribuições, nomenclaturas, estereótipos e conquistas. Em seguida, apresenta-se um breve parecer abrangendo França e Brasil, utilizando

fotografias e documentários para elucidar os desafios durante o percurso deste estudo. Para finalizar o primeiro capítulo, estudou-se a memória e suas possíveis relações com a (in)visibilidade principalmente sobre os aspectos conceituais de Halbwachs (1925; 2006), Michael Pollak (1989) e Joel Candau (2016).

O segundo capítulo apresenta um resgate do conceito de estratificação social de Max Weber (2004; 2016) como ponto de partida para a compreensão da linha epistemológica escolhida. Em seguida, a abordagem teórica acerca da questão social da desigualdade, estigma e exclusão são refletidas a partir de Robert Castel (2013), Jessé de Souza (2006, 2009), José de Souza Martins (2003), Ricardo Antunes (2009) e Boaventura de Sousa Santos (2002, 2007, 2009), os quais embasam possíveis elementos constituintes de invisibilidade. Para compreender as possíveis situações sociais de visibilidade dos sujeitos, traçou-se um percurso reflexivo, trazendo a memória subterrânea na perspectiva de Michael Pollack (1989), o reconhecimento a partir de Honneth (2003) e Fraser (2007), e a construção da identidade segundo Stuart Hall (2002), Manuel Castells (2006), Zygmunt Bauman (2013) e Joel Candau (2016).

O percurso metodológico compõe o terceiro capítulo deste estudo, apresentando primeiramente, um parâmetro geral da construção da tese com o desenho da pesquisa (MAXWELL, 2012). Em síntese, é apresentada a metodologia e técnicas utilizadas para a coleta de dados, tais como: entrevista inspirada em história oral, entrevistas semiestruturadas, observações não participantes e documentos textuais. Além das técnicas utilizadas, a metodologia de análise do conteúdo, segundo Bardin (2011), apresenta a construção de quatro categorias de análise. Os momentos de imersão da pesquisadora na participação na Expocatadores 2016/2017, entrevista com os catadores do MNCR e do MESC, visita ao professor Emílio Eigenheer e visita aos *biffins* no “mercado de pulgas” na França são descritos na subseção *Construindo um caminho*. Na subseção *Marchemos juntos: caminhar é resistir*, a pesquisadora apresenta os entrevistados durante o estudo, as técnicas de análise, a sistematização dos dados, percepções e desenvolvimento da pesquisa realizada. Para finalizar este capítulo, a demonstração do uso *Sonal 2.0.97*, *software* de acesso livre utilizado para a sistematização dos dados, construção das categorias e análise léxica.

O quarto capítulo apresenta os memoriais de três participantes do estudo e as análises dos dados coletados a partir das técnicas citadas anteriormente. Inicialmente, o memorial do Professor e Doutor em Educação Emílio Eigenheer, em seguida, dos dois catadores líderes dos movimentos: Sebastião Carlos dos Santos, líder do MESC, e Alexandro Cardoso, líder do MNCR, compartilhando memórias do trabalho, de vida, de pesquisa, do movimento social e da gestão de resíduos sólidos no Brasil. A seguir, são apresentadas as análises das quatro categorias

com as temáticas: memórias da trajetória do catador, memórias do trabalho dos catadores, invisibilidade e visibilidade na memória dos catadores. Por fim, as reflexões a partir das categorias de análise com o texto *Memórias que emergem*, apresentando a análise léxica e os dados oriundos do *Sonal*.

Nas considerações finais, os resultados do estudo são retomados e discutidos a partir da percepção dos catadores em relação à (in)visibilidade na construção de suas memórias. Neste capítulo são destacados os principais achados do estudo, com a possibilidade de construção de pontes para promover a visibilidade do trabalho dos catadores e dos *biffins*. Por fim, são apontadas contribuições metodológicas, avanços teóricos, limitações e sugestões para estudos futuros. As referências, os apêndices e os anexos finalizam esta tese.

CAPÍTULO 1 - MEMÓRIAS DA LIMPEZA URBANA



Fonte: “*La crise de les chiffonniers*”, de 1883. Imagem de Paul Geniáux exposta no Musée Carnavalet⁹.

⁹ Trabalho dos catadores, “*chiffonniers*” no século XVII na França. Disponível em: <http://www.mheu.org/fr/chiffonniers/oeuvres.htm>.

Apesar do lixo estar presente no nosso cotidiano, dificilmente ele é lembrado nas narrativas de memória. Na verdade, ele é algo comumente deixado de lado, enterrado, esquecido. Em um primeiro momento, utiliza-se a denominação “lixo” neste capítulo. Lixo é caracterizado como os restos de atividades humanas e considerado pelos seus geradores como algo inútil, indesejável ou descartável (D’ALMEIDA; VILHENA, 1995). Porém, conforme a Política Nacional de Resíduos Sólidos (BRASIL, 2010), lixo é aquilo que não tem valor, ou seja, é rejeito. A denominação mais recente para tais materiais descartados é “resíduo”. Resíduo é o que resta em estado sólido, oriundo de atividades humanas. Os resíduos urbanos podem ser classificados quanto às características físicas, tais como secos e molhados, ou químicas, tais como orgânicos e inorgânicos (BRASIL, 2010). A partir de agora, não iremos mais nos referir ao material descartado como lixo, mas sim como resíduo. Tal como as “memórias ruins”, o resíduo não desaparece do ambiente em que é gerado. Ele apenas passa a ficar escondido, porém presente em algum lugar, prestes a causar algum dano.

Este primeiro capítulo inicia-se com a abordagem de Emílio Maciel Eigenheer, filósofo e pesquisador da área da história da limpeza urbana e dos resíduos sólidos. Eigenheer (1992, 2003, 2005, 2007, 2009, 2015) será privilegiado neste capítulo, pois quando se trata da história do resíduo, seus artigos, livros e demais documentos são referência na área. O autor dedicou grande parte de sua vida acadêmica pesquisando a trajetória do resíduo. Porém, seus estudos, que até então abordavam questões mundiais, passaram a ter maior enfoque na Alemanha a partir da década de 1980. Depois dos anos 1990, o autor passou a estudar em seu projeto “Resíduos e Memória” os acervos e a trajetória da limpeza urbana na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro.

A trajetória da limpeza urbana apresenta diversas influências: inicialmente sua ligação com deuses e com a religiosidade; a relação com a evolução da cultura, da economia e das relações sociais; a incidência de epidemias; o surgimento da teoria dos miasmas e em seguida da teoria microbiana das doenças. Os registros sobre essa trajetória se apresentam escassos em relação ao registro sobre o desenvolvimento das civilizações. Desde o nascimento até a morte o ser humano gera resíduos, sejam eles sólidos ou líquidos. Na Antiguidade, Idade Média e início da Modernidade a geração de resíduos e a maneira como esse material era devolvido ao ambiente não pode ser comparada com o volume de produção, consumo e descarte iniciada a partir do final do século XIX. Na segunda metade do século XIX os resíduos sólidos e as águas servidas (resíduos líquidos, fezes e urinas) passaram a ser tratados de diferentes maneiras (EIGENHEER, 2009).

Assim como a trajetória dos resíduos é escassa, a de seus agentes também é, por isso, o presente capítulo tem por objetivo sistematizar a trajetória de catadores desde a Antiguidade até

o momento atual. Por se tratar de um aprofundamento teórico, o método escolhido para a construção do capítulo foi a sistematização bibliográfica, com o apoio em fontes secundárias como relatórios nacionais e internacionais, artigos, dissertações e teses. Além das fontes descritivas, foram utilizadas fotografias e documentários já produzidos e disponíveis, que possibilitaram a exploração dos temas “limpeza urbana” e “catadores” sob diversos enfoques e abordagens (MARCONI; LAKATOS, 2010).

O Capítulo 1 desta tese está estruturado da seguinte maneira: primeiramente provocando uma possível relação entre memória e a invisibilidade; em seguida, o passado e as memórias da limpeza urbana que abordam a correlação entre sujeitos e resíduos desde a antiguidade até os tempos atuais trazendo uma reflexão sobre a relação entre lixo e morte, quando o lixo se tornou resíduo e as pessoas passaram a dar vida ao lixo. Como uma maneira de dar visibilidade ao trabalho dos catadores, documentários, poemas e fotografias da França e do Brasil apresentam dados sobre esses trabalhadores e sobre a importância de sua atuação. E por fim, as reflexões teóricas encerram este primeiro capítulo.

1.1 MEMÓRIAS E AS POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE O (IN)VISÍVEL

Os estudos de Halbwachs (2006) datam das décadas de 1920 a 1940 a partir de temas como o suicídio e a vida dos trabalhadores de um povoado alemão. Buscando compreender a formação da consciência social destes grupos, aprofundou o estudo da memória, principalmente em três obras: “Os quadros sociais da memória” (1925), “Topografia legendária dos Evangelhos na Terra Santa” (1941) e “A memória coletiva” (1950). Para Halbwachs (2006), a memória é um processo de construção em grupo (coletiva), e também pelo sujeito (individual). Na memória individual, as lembranças são da ordem do particular, porém, ele salienta que não há memória individual sem o apoio à memória coletiva. A memória individual sustenta-se em diferentes contextos, fenômenos e participantes. Há, portanto, para o sujeito, uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva, uma vez que não será possível que ocorra a rememoração de um grupo de referência no qual as lembranças não são compartilhadas em um mesmo quadro social da memória, ou seja, que não façam parte de uma base comum de convivência. Para Halbwachs, os quadros sociais eram como várias lembranças individuais que inspiravam uma sociedade (HALBWACHS, 1925).

O grupo de referência seria aquele escolhido pelo sujeito, de maneira a se reconhecer e a compartilhar uma mesma comunidade de pensamentos. O apego a esta comunidade faz com que o sujeito tenha consistência em suas lembranças, sendo que o desapego é sinônimo de

esquecimento, "é perder contato com aqueles que então nos rodearam" (HALBWACHS, 2006, p.32). Portanto, a memória coletiva integra a memória do grupo e de cada componente dele. O grupo é o condutor da memória e as lembranças, ideias e ideologias estão em conformidade entre diferentes grupos. O sujeito encontra-se em constante interação com a memória individual e a memória coletiva e isso ocorre na medida em que ideias, palavras e ações tornam-se instrumentos que ele não inventou, mas que "toma emprestado de seu ambiente" para viver e interagir em sociedade (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Pollak (1992, p.2) apresenta dois elementos constitutivos da memória: os acontecimentos vividos pessoalmente, em nível individual, e os que ele chama de "vividos por tabela", em nível coletivo. Por exemplo, o sentimento de empatia refere-se a uma vivência "por tabela", onde o sujeito sente-se pertencente ao acontecimento e muitas vezes acredita tê-lo vivido, mesmo sem ter participado da ação. Para ele, a memória é composta por personagens que se tornam quase que familiares, mesmo que nunca tenham vivido no mesmo espaço-tempo do sujeito. Tais diversas projeções nos mostram que a memória é seletiva e herdada. Para Pollak (1992), a memória é um fenômeno construído individual e socialmente, resultante de um trabalho de organização, escolha e seleção de cada sujeito.

Dentro de uma sociedade existem diversos grupos de diferentes classes sociais, afinidades e oportunidades. Pollak (1992) traz para a discussão o aspecto das memórias subterrâneas daqueles que ele considera excluídos e marginalizados. Para o autor, as memórias das minorias seguem apagadas. Elas emergem em momentos de crise, quando geralmente entram em conflito com as memórias oficiais, o que ele denominou de memórias em disputa (POLLAK, 1992). A história oral é uma técnica metodológica que cria condições para que as memórias subterrâneas emergjam e possam ser registradas, analisadas, discutidas para que então façam parte da memória coletiva de uma sociedade. Somente desta maneira há uma possibilidade de inclusão de uma visão e ideologia de um grupo minoritário (POLLAK, 1992).

A emersão de memórias subterrâneas por meio da história oral torna possível levar à margem aquilo que era invisível para a memória coletiva. Ao se privilegiar e dar voz àqueles que tiveram suas histórias contadas por grupos dominantes, torna-se possível a subversão de um determinado grupo até então oprimido. A oportunidade da produção de uma história oral privilegia os grupos excluídos e demonstra a importância que as memórias subterrâneas apresentam, enquanto parte integrante das culturas dominadas, opondo-se à "memória oficial" dos grupos hegemônicos (POLLAK, 1992, p. 4; SILVA, 2015). Por exemplo, o que é "de pobre" não interessa a ninguém e desta maneira não merece ser narrado ou compartilhado, como afirma Jessé de Souza (2006, p.47). A desigualdade, a humilhação e a invisibilidade pública

parecem interessantes para a manutenção desse sistema, onde o jogo de classes causa a cegueira e a naturalização da desigualdade (SOUZA, 2006).

Tornar coletivas e visíveis as memórias subterrâneas é um desafio, uma vez que se faz necessária a quebra de tabus a fim de que reivindicações possam ser ouvidas e atendidas. Os dominantes¹⁰ contam com o esquecimento e com o perdão para que uma memória imposta se torne oficial (POLLAK, 1992). Candau (2016) entende a memória como uma reelaboração permanente, infinita e ininterrupta do passado. Para o autor, memória e identidade são impartíveis. Diferente de Halbwachs (2006), Candau (2016) compreende que o sujeito possui uma memória individual que não pertence à memória coletiva. Para esclarecer esta afirmação o autor apresentou três tipos de memória: a) a memória de baixo nível, ou protomemória, que se caracteriza pela partilha de experiências entre sujeitos que compõem um determinado grupo social, ou seja, o *habitus* ou uma memória sem tomada de consciência; b) a memória de alto nível ou propriamente dita, que engloba experiências, saberes, crenças, anseios e percepções; c) a metamemória, que é a capacidade individual de rememorar e de refletir sobre sua própria memória de maneira reivindicada e ostensiva (CANDAUI, 2016).

Para Candau (2016), somente a metamemória seria de fato uma memória coletiva que pode ser compartilhada. A memória coletiva apresenta três aspectos para o reconhecimento dos grupos: a) período de existência do grupo que envolva a construção de mitos e de idades cronológicas; b) as origens, tratando-se de grupos dominantes que detêm o poder sobre os grupos dominados; c) a apropriação e transmissão geracional de certos conhecimentos (CANDAUI, 2016).

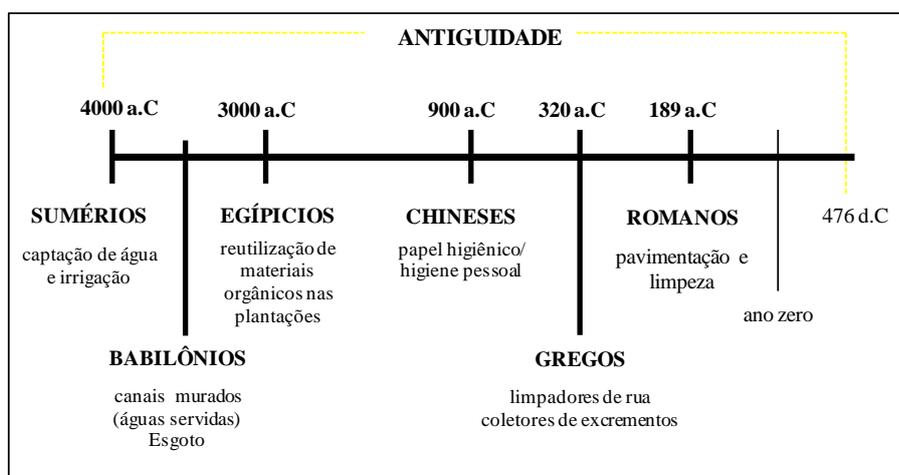
As trajetórias e narrativas são construídas e difundidas historicamente por grupos dominantes e detentores do poder. Os grupos minoritários não encontram espaços para ocupação e participação na construção das memórias oficiais (POLLAK, 1992; SILVA, 2015). Por exemplo, quando buscamos compreender e sistematizar a trajetória da limpeza urbana e dos catadores, percebe-se que estas memórias não foram elaboradas por eles. São bibliografias raras e com poucas publicações, sendo mais um motivo para que as memórias subterrâneas tragam à tona novas trajetórias de quem viveu oportunizando a reescrita em uma nova linha do tempo.

¹⁰ Assim como Pollak (1992), Jessé de Souza traz a cultura como característica de distinção da classe dominante para a dominada. Para Souza (2006), a dominação não é oriunda apenas de fatores econômicos. Há um padrão de dominação da “burguesia” como postura, educação, vestimentas, cultura e linguagem. A classe dominada se vê pelos olhos da classe dominante, reduzida à força de trabalho e exploração, acomodada e sem voz.

1.2 PASSADO E MEMÓRIAS DA LIMPEZA URBANA

Eigenheer (2009) apresenta uma abordagem histórica de civilizações que deixaram vestígios de como lidaram com seus resíduos. Para o autor, o problema da limpeza urbana surge com a trajetória da “urbanização”, iniciada com a formação de aldeias, pequenos vilarejos e comunidades. Os grupos nômades, por sua vez, não se preocupavam com seus resíduos, pois ocupavam um determinado território durante certo período e quando o deixavam, enterravam seus dejetos¹¹ e restos, os abandonavam a céu aberto ou em cavernas. Naquele tempo, a natureza absorvia o impacto antrópico¹² ainda ínfimo. Os grupos nômades também tinham o hábito de cobrir suas fezes, assim como fazem alguns animais, o que pode estar relacionado ao instinto de “esconder os maus odores”. A partir dos apontamentos de Corbin (1987), Rosen (1994) e Eigenheer (2009), foi sistematizada uma linha do tempo abrangendo desde 4000 a.C. até os dias atuais, a qual é apresentada em três distintos segmentos, iniciando-se pela Figura 1 que abarca 4000 a.C. até 476 d.C.

Figura 1 - A trajetória da limpeza urbana na Antiguidade



Fonte: Baseado em Corbin (1987), Rosen (1994) e Eigenheer (2009).

Na Figura 1 exibe a representação cronológica que inicia após a invenção da escrita, por volta de 4000 a.C., onde foi identificada a primeira captação de água para uso doméstico e irrigação de núcleos urbanos. A tarefa da captação da água para a limpeza das cidades e irrigação das plantações era dos sacerdotes sumérios, sendo considerada uma tarefa digna de honra. Ainda por volta de 4.000 a.C. os babilônios construíram canais murados para capturar

¹¹ A palavra “dejetos” neste texto será apresentada como sinônimo de “dejetos humanos”, ou seja, fezes e urinas (ROSEN, 1994).

¹² De acordo com a Resolução do CONAMA nº 1, de 23 de janeiro de 1986, impacto ambiental antrópico se refere a qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente causada pelo ser humano.

as águas servidas (contendo fezes e urina), sendo esta uma possível primeira forma de captação de esgoto construída na civilização (EIGENHEER, 2009).

Há registros indicando que, em 3000 a.C., os egípcios utilizavam resíduos orgânicos para a alimentação de animais como uma forma de reutilização e destinação dos resíduos, diminuindo a necessidade de transporte destes materiais para fora dos muros da cidade. Em 900 a.C. os chineses produziam o papel higiênico para uso exclusivo da corte imperial como uma possível primeira evidência de preocupação com a higiene pessoal. A limpeza pessoal não era algo oportunizado para a plebe¹³, que não recebia abastecimento de água ou qualquer outro serviço de limpeza urbana na China. Na Grécia de 320 a.C. pessoas conhecidas como *Koprologen* eram encarregadas pela limpeza das ruas e recolhiam os excrementos. Em Roma, a partir de 189 a.C. se intensificou a pavimentação das ruas centrais, onde foi realizado um acordo com os moradores: a limpeza da rua cabia ao Estado e a limpeza das calçadas aos proprietários. Para aqueles que não mantinham sua calçada limpa, o Estado realizava a limpeza e encaminhava uma taxa do serviço como uma forma de “multa” (EIGENHEER, 2009). Um dos mais antigos monumentos da engenharia Romana é a Cloaca Máxima apresentada na Figura 2, uma rede de drenagem de águas servidas e dos resíduos da cidade de Roma que eram despejados diretamente no Rio Tibre (MUMFORD, 1982).

Figura 2 - Ruínas da Cloaca Máxima em Roma



Fonte: Manuel (2008).

No século XV, com a organização de vilarejos e a formação de pequenas cidades, houve um período de grande geração de resíduos que eram descartados e expostos em vias públicas tendo como resultado um impacto negativo na saúde dos moradores. Limpeza urbana, ações de pavimentação, soluções em destinação dos resíduos, canalização de esgotos e abastecimento da água passaram a ser demandas crescentes de um processo emergente de urbanização na Europa. Cidades como Konstanz (atual sul da Alemanha), em 1312, e Veneza (atual Itália), em 1485,

¹³ A plebe era formada por operários, camponeses e trabalhadores subordinados aos líderes e cortes imperiais (EIGENHEER, 2009).

serviram de modelo de gestão e implementação de ações de limpeza urbana para outras cidades. A pavimentação das vias possibilitou o transporte realizado por carroças que substituíram os barcos no caso de Veneza, para o serviço regular de coleta. Em muitas cidades europeias, apesar da proibição do ato de jogar fezes e urina pela janela à noite, esse tornou-se um hábito que perdurou em outras regiões da Europa até o século XIX, repercutindo inclusive no Brasil. Para evitar este tipo de despejo nas vias e calçadas da cidade de Praga (atual República Checa), em 1340, foi instalada a primeira coleta regular de resíduo e limpeza das vias públicas, a qual era de responsabilidade dos proprietários. Após Praga, outras cidades também implementaram o serviço, como Paris (final do século XIV na França), Leiden em 1407 (na Holanda), Colônia em 1448 (na atual Alemanha), e Londres em 1666 (na Inglaterra). Para realizar o serviço de recolhimento dos dejetos, o poder público selecionava moradores candidatos às vagas que se responsabilizassem pela limpeza e conservação da cidade por meio de um contrato e um juramento. Porém, como a atividade de coleta de dejetos não era bem vista pela sociedade, e com o desaparecimento da mão de obra, este sistema acabou ruindo nas cidades europeias. A partir de 1624 em Berlim (atual Alemanha), com a falta de mão de obra, presos e prostitutas assumiram o serviço de coleta de resíduos urbanos (EIGENHEER, 2009).

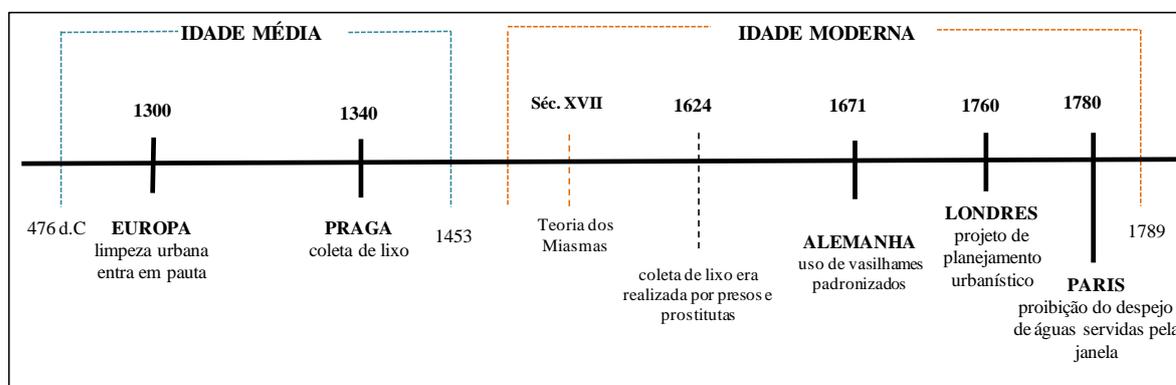
A falta de cuidado com o espaço público no que dizia respeito à destinação dos resíduos, em sua forma líquida e sólida, trouxe impactos nefastos. Sabia-se que os dejetos estavam relacionados diretamente com a saúde da população. Seus odores desagradáveis faziam com que esta característica estivesse associada ao contágio de pestes. A Teoria dos Miasmas, ou seja, a teoria dos maus odores durante toda a Antiguidade e início da Idade Média entendia que a transmissão de doenças era consequência do ar considerado insalubre, infectado e mortífero. Giovanni Maria Lancisi (1654-1720) acreditava que emanações nocivas de pântanos e o ar fétido eram os principais transmissores de pestes. A malária, por exemplo, era entendida como uma das muitas doenças produzidas pelo “mau ar”, mas seria um tipo especial de efeito do miasma. O aspecto salutar é que esta teoria estimulou a limpeza e desinfecção urbana e a forma de destinação das águas servidas no final do século XVI. Outra grande contribuição da teoria miasmática foi a abertura de janelas para garantir a ventilação, principal foco dos médicos higienistas no século XVII. Hábitos de higiene e limpeza começaram a ser empregados, tais como ventilar e varrer os espaços, lavar as calçadas e recolher os vasilhames de urina (CORBIN, 1987). No século XVII, os médicos aderiram ao uso de uma roupa especial que cobria todo o corpo e de uma máscara que continha um “bico” para carregar substâncias aromáticas, com o objetivo de purificar o ar que respiravam (MARTINS; MARTINS, 2005).

Ainda que a Teoria dos Miasmas tenha impactado na melhora da limpeza urbana na Idade Média, a má situação sanitária persistia provocando o aparecimento de diversas epidemias, doenças e mortes. A partir disso, iniciaram-se movimentos para a construção de leis relacionadas à saúde pública, à destinação adequada dos resíduos e ao abastecimento da água. Os conventos foram os primeiros estabelecimentos a aderirem e a conservarem práticas sanitárias e pessoais como o cuidado no abastecimento da água, o recolhimento de excrementos e os banhos mais frequentes (EIGENHEER, 2009).

A estrutura das cidades não comportava os aglomerados populacionais que se formaram ao longo da Idade Média. As latrinas e fossas comuns eram esvaziadas periodicamente nos arrabaldes das cidades de toda a Europa, o que trazia problemas no abastecimento de água com a contaminação de poços e fontes. Com isso, a destinação dos resíduos virou questão de saúde pública. Com a grande mortandade de pessoas em consequência das pestes, vilarejos e cidades tiveram que inovar no sepultamento de seus cadáveres. Antes deste período, os mortos eram apenas colocados em valetas a céu aberto. A destinação dos cadáveres começara a ser realizada fora dos muros das cidades, junto com o resíduo a céu aberto. Em alguns cemitérios, as valas eram coletivas e ficavam por algum tempo abertas, cobertas apenas por tábuas até serem completadas com cadáveres. Uma forma de resolver esse problema era o uso de fornos de cremação. Iniciava-se aí um processo de separação entre igreja e cemitério, a partir da Reforma Protestante ainda no século XVII (EIGENHEER, 2009).

A seguir, a Figura 3 apresenta uma parte da linha do tempo em que ações voltadas para a limpeza urbana, como o uso de vasilhames e a coleta de resíduos, tiveram início pela influência da Teoria dos Miasmas (CORBIN, 1987) na Idade Média e na Idade Moderna.

Figura 3 - Trajetória da limpeza urbana na Idade Média e na Idade Moderna



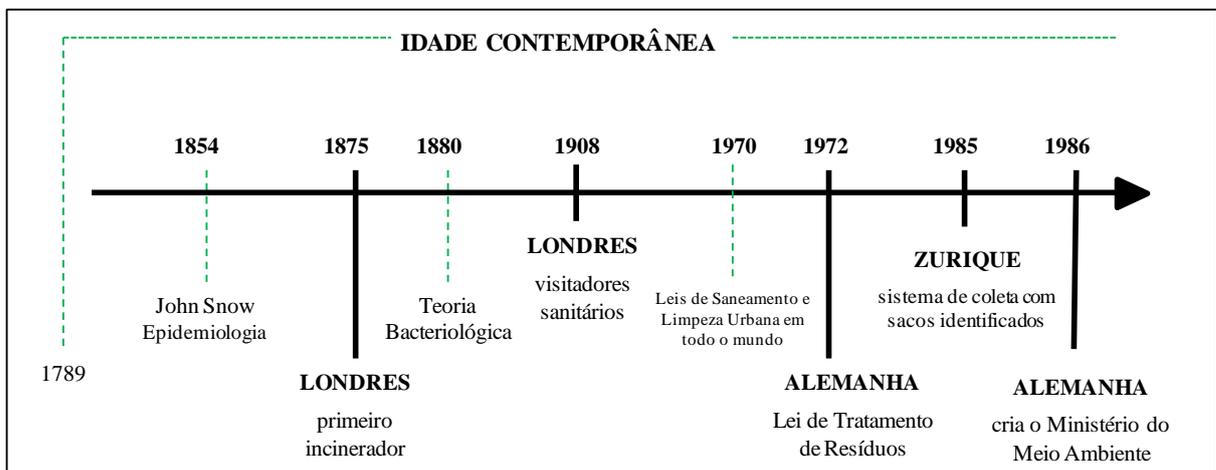
Fonte: Baseado em Corbin (1987), Rosen (1994) e Eigenheer (2009).

Na Alemanha, em 1671, as primeiras lixeiras surgiram como uma forma de padronização e viabilidade do serviço. Com a cobrança da taxa de recolhimento dos resíduos

urbanos e com a padronização dos vasilhames, o sistema de coleta implementado em Lubeck (atual norte da Alemanha) foi um sucesso que se reflete até os dias atuais em toda a história da coleta e transporte de resíduos sólidos no mundo. Ainda na Alemanha, os serviços de recolhimento de resíduos eram realizados por empresas privadas e, quando estas fracassavam, optava-se pelo serviço público. Em 1760, a cidade de Londres enceta um projeto de planejamento urbanístico derrubando antigos prédios, alargando e iluminando as ruas, construindo canais de drenagem para o suprimento de água e esgoto. O exemplo de Londres se espalhou, inicialmente por outras cidades da Inglaterra como em Westminster, em 1762, e em Manchester, em 1776, e em seguida por toda a Europa. Em 1808, ainda em Londres, os canos de madeira que abasteciam as residências com água foram substituídos por canos de ferro (ROSEN, 1994).

A seguir, a Figura 4 apresenta parte da linha do tempo sobre a trajetória da limpeza urbana na Idade Contemporânea, período em que a aglomeração urbana, o descarte inadequado de dejetos e as imundices das grandes cidades afetaram diretamente a saúde pública, provocando milhares de mortes em todo o mundo. Grandes avanços em pesquisas foram lideradas neste período para tratar pestes e doenças oriundas da falta de limpeza urbana.

Figura 4 - Trajetória da limpeza urbana na Idade Contemporânea



Fonte: Embasado em Corbin (1987), Rosen (1994) e Eigenheer (2009).

A partir de 1837, a Revolução Industrial favoreceu o crescimento urbano de maneira vertiginosa, fragilizando as diversas tentativas de melhorias na limpeza urbana. O capitalismo industrial fez com que a população ocupasse o mercado de trabalho principalmente na indústria têxtil nas cidades europeias. Em 1801, a população de Londres era composta por cerca de 958 mil habitantes, e no final de 1861 se expandira para mais de 1,9 milhões de habitantes (ROSEN, 1994), com um crescimento de mais de 100% em 60 anos. Os bairros operários das capitais

receberam trabalhadores de todas as cidades próximas e ficaram em uma situação caótica de abandono: resíduos em todas as partes, esgoto a céu aberto, e sem abastecimento de água. Medidas de urgência foram tomadas para amenizar a situação de transmissão de pestes e contaminação da água das zonas periféricas. Banheiros e privadas públicas, com a oferta de água para banho, foram instaladas nos arrabaldes de cidades inglesas. Sistemas de coleta de lixo foram potencializados, promovendo os catadores de resíduos a um papel importante para a manutenção da limpeza urbana (EIGENHEER, 2009).

Para Rosen (1994, p. 157), a Revolução Industrial tinha uma preocupação básica: juntar o máximo de pessoas possível, o mais depressa possível, em qualquer lugar e de qualquer maneira. Assim, diversos cortiços e bairros operários se proliferavam sem qualquer estrutura de urbanização. Por exemplo, em um distrito de Manchester, em 1840, havia duas privadas para cerca de 250 pessoas. Para suprir esta necessidade, foram espalhadas pelas cidades “urinóis” que atendiam cerca de sete mil pessoas.

Diante do vertiginoso crescimento urbano e desenvolvimento econômico, ocorreram algumas tentativas de benfeitorias para resolver os problemas sanitários. Pesquisas na área da saúde pública começaram a ser priorizadas. Um avanço fundamental para a limpeza urbana foi o surgimento, na segunda metade do século XIX, da teoria microbiana das doenças. Foram mais de cinquenta anos de trabalho e pesquisas. Esta descoberta influenciou o entendimento de médicos e da população em geral sobre a transmissão de doenças, possibilitando uma maior atenção em relação aos dejetos (EIGENHEER, 2009). Charles Booth (1889) percebeu que quanto mais se investigava a classe mais pobre, mais desfavorável se revelava sua situação sanitária e social. Foram evidenciadas alta mortalidade materna, desnutrição e baixa aptidão física (ROSEN, 1994).

Em 1854, o médico inglês John Snow, considerado o pai da Epidemiologia, constatava por meio de sequência lógica, frequência e distribuição geográfica que a cólera não estava relacionada apenas aos “maus ares”, mas era uma doença transmitida pela água ou alimentos contaminados, criando então a Teoria do Contágio. Em Londres, entre 31 de agosto e 10 de setembro de 1854, a cólera matou mais de 500 pessoas que faziam o uso de uma mesma bomba d’água pública que servia a população local. Em 1880, a Teoria Bacteriológica se consolidou com a descoberta de Louis Pasteur fundamentada em seus estudos sobre bactérias e fermentações. Porém, Pasteur não identificara o bacilo causador da doença. Essa descoberta foi realizada pelo médico e pesquisador alemão Robert Koch, décadas mais tarde. Mesmo após a descoberta da Teoria Bacteriológica, a teoria dos miasmas predominava na atuação dos médicos

e na estruturação das cidades, acreditando-se que lugares insalubres eram a principal causa das epidemias (ROSEN, 1994; SANTOS, 1994).

Desde o final do séc. XIX e de modo mais intenso com o fim da Segunda Guerra Mundial, disseminou-se a ideia de reutilização de materiais e prevenção de desperdícios tanto na alimentação, quanto nas formas de consumo em geral em toda a Europa. Na agricultura, foi retomado o uso de fezes de animais e humanas como adubo, que eram utilizadas desde a época romana. Nos serviços de manutenção de toaletes e latrinas privadas, a urina e as fezes passaram a ser comercializadas para uso agrícola. A urina era também utilizada por indústrias que curtiam o couro de animais. Havia vasilhames coletores de urina espalhados pela cidade. Lavanderias utilizavam a urina para tirar manchas e como forma de “branquear” os tecidos. Percebe-se assim que esta possibilidade de reaproveitamento do lixo é antiga, reforçando o uso de resíduos orgânicos como adubo (EIGENHEER, 2009).

Em 1908, o Conselho do Município de Londres apresentou um projeto de lei para nomeação de visitantes sanitários. Esses profissionais, que tinham grau de médicos e parteiras, atuavam junto às comunidades para minimizar o caos da saúde pública. Na Europa, a Alemanha teve destaque pela implementação de diversos projetos e ações de limpeza pública em relação aos outros países. A preocupação com a qualidade das águas e com a possível contaminação dos lençóis subterrâneos fez com que a Alemanha adotasse medidas que mudaram significativamente a gestão dos resíduos sólidos no país. Em 1972, a Lei de Tratamento de Resíduos da Alemanha pretendeu e esboçou a estrutura do aterro sanitário recuperando lixões. Além da estrutura do aterro, os gestores alemães entenderam que antes da destinação final era preciso: custear este sistema com a cobrança de taxas; organizar tecnicamente os espaços geradores; educar a população e fiscalizar. Para além da Lei de Tratamento de Resíduos, era necessário: compostar o resíduo orgânico, reciclar os materiais recicláveis e incinerar os rejeitos, pois desta maneira somente as cinzas seriam enterradas. O aterro esboçado pela Lei de Tratamento de Resíduos alemão, pretendia construir canteiros para o descarte do lixo com uma metragem de 2,50m de altura, 7m de largura e 57m de comprimento, cobertos com terra no topo e nas laterais, e por fim coberto com gramíneas. Nos Estados Unidos este modelo foi utilizado na segunda metade do século XX, onde o solo já começava a ser impermeabilizado, porém esta prática foi pouco difundida nos demais países (ROSEN, 1994; EIGENHEER, 2009).

A cidade de Zurique, em 1985, percebendo que não poderia incinerar seus resíduos e que a limpeza urbana era de responsabilidade dos geradores, criou um sistema de coleta utilizando sacos padronizados disponíveis para a venda em diversos estabelecimentos comerciais. Este sistema é seguido até os dias atuais. Cada material tem uma sacola com

identificação correspondente e os moradores que misturam seus resíduos recebem multas com valores altos. Zurique é a cidade que se destaca na Europa pela gestão e eficiência na coleta e destinação de resíduos sólidos. Atualmente, Zurique recicla 34% de seu resíduo sólido. Logo em seguida, em segundo lugar no *ranking*, a cidade de Amsterdã, na Holanda, que investe em programas de reciclagem e educação ambiental desde a década de 1990 (EUROPEAN GREEN CITY INDEX, 2016).

No Brasil, em 1915 na cidade de Porto Alegre, há um registro de publicação do primeiro trabalho técnico sobre gestão de resíduos, realizado por Benito Elejalde, com foco na dimensão sanitária do lixo em um programa conhecido como “Saneamento das Cidades” (CABALLERO, 2008). Em 1985 a coleta seletiva era implantada, inicialmente nas cidades de Niterói/RJ, Porto Alegre/RS, Canoas/RS e Belo Horizonte/MG. Gestores de outras cidades brasileiras foram entendendo que um sistema adequado de limpeza urbana precisa dispor de um bom sistema de coleta de resíduo. Porém, a população brasileira, diferente da percepção dos moradores das cidades da Alemanha, não aceitou o aumento das taxas para que o trabalho fosse realizado de maneira efetiva e com ações semelhantes às implementadas na Europa (EIGENHEER, 2009).

Pode-se observar dentre os registros da trajetória da limpeza urbana que a dificuldade em encontrar documentos sistematizados pode estar relacionada ao estigma dos dejetos ao longo do tempo. Textos que descrevem ações de intervenção, evolução do trabalho e serviços de limpeza urbana relacionados a resíduos estão registrados principalmente por meio de leis, decretos, planos e políticas públicas em todo o mundo. Não foram identificadas maiores preocupações em estudar profundamente tais registros. Em entrevista, Eigenheer (2015) relata que o resíduo não é tema epistemológico de interesse científico. Para o autor, o resíduo (por ele chamado de “lixo”) carrega o estigma da morte. O mesmo resíduo enterrado que remete à morte, pode ser uma forma de ressurreição, de resgate e de caminhos promissores, quando reciclado (EIGENHEER; FERNANDES, 2007).

1.2.1 Memórias do lixo aos resíduos sólidos

Para iniciar o entendimento das memórias da limpeza urbana, o lixo surge como material seco sem a presença de dejetos líquidos, a partir do século XX. Termos como excrementos caíram em desuso com o entendimento que alguns materiais poderiam ser reaproveitados e reutilizados (EIGENHEER, 2003). Mas, em que momento da trajetória da limpeza urbana o lixo passou a ser resíduo? Em que momento o resíduo começou a ser classificado?

No Brasil, vemos um dos mais antigos significados atribuídos à palavra “lixo”, datado de 1881:

Lixo s.m. tudo o que é varrido de uma casa e se deita para estrumeira (lugar onde se acumula ou prepara o estrume) ou para o reservatório portátil conhecido pela designação de barril do lixo. *Imundices* que vão estrumar terras, sobras de comida da cozinha que se deitam fora. *Excremento*: em antigas pharmacopeas o lixo de lagarto era remédio preconizado contra as maleitas. *Escória. Ralé. Barril do lixo*: barril celha ou caixote em que se deita o lixo das casas; lugar onde se deitam coisas inúteis; pessoa a quem se dá aquilo que os outros não querem. *Pá do lixo*: pequena pá côncava ou em forma de gaveta aberta por um lado, onde se recolhe o lixo ao passo que se vai varrendo (CALDAS AULETE; SANTOS VALENTE, 1881 apud EIGENHEER, 2009).

Percebe-se que a caracterização da palavra “lixo” inclui tanto resíduos secos quanto resíduos úmidos ou orgânicos. Não há uma diferenciação entre resíduo seco e úmido, porém alerta-se para uma possível reutilização, a fabricação de estrumes para uso como forma de fertilização e preparação do solo. Em seguida, o “lixo” está associado ao estigma que remete à palavra propriamente dita: imundices e excrementos. Porém em relação ao outro, ao sujeito como aquele que abarca a escória, a ralé, a “pessoa a quem se dá aquilo que os outros não querem” (EIGENHEER, 2009, p.38). Eigenheer (2003) fala do quanto é importante o estudo semântico dos conceitos como uma forma de buscar pistas que nos fazem compreender a maneira como se entendia uma determinada palavra e o que ela representava.

Após mais de 120 anos, o significado da palavra “lixo” no dicionário da Língua Portuguesa sofreu algumas modificações.

Lixo s.m. tudo que se varre para deixar limpa a casa, rua, jardim, etc. Restos ou coisas inaproveitáveis. Imundice; sujeira; cisco (FERREIRA, 2010).

O “lixo” tornou-se algo inaproveitável, ou seja, sem a capacidade de reutilização. Ainda como imundice e sujeira, porém, sem a associação a nenhum sujeito. Carregal (1992, p.16) relata que a “relação homem e natureza passa por um determinado momento em algo que vira lixo”, vimos isso desde os nômades até os dias atuais em toda a trajetória da limpeza urbana. A autora ainda sugere que o hábito natural de desprezar os preceitos da higiene, a forma escravista de recolhimento dos resíduos e a rejeição para que o mesmo sempre estivesse distante dos “olhos” da população, estabeleceu um estigma de que o “lixo” se assemelha à morte, criando-se diversos tabus (CARREGAL, 1992). A questão chave do descarte é: o que é lixo? Dependendo do ponto de vista, nada é lixo. Ou ainda, essa perspectiva de conceito está atrelada de forma muito particular à visão de cada sujeito. Para os catadores, por exemplo, lixo é

sinônimo de rejeito¹⁴, ou seja, aquilo que não pode ser reciclado e que não gera renda (SCHWENGBER, 2015). Para parte da população, “lixo” é tudo o que se joga na lata do lixo.

No Brasil, 21% dos 5.570 municípios possuem a coleta seletiva (SNIS, 2016) e 15% da população brasileira separa seu resíduo (CEMPRE, 2016). Dados como estes reforçam a complexidade na compreensão daquilo que é resíduo, rejeito e o que pode ser utilizado para compostagem. A população não está ciente da responsabilidade de suas ações para que de fato resíduo não vire lixo. A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) conceitua:

Resíduos sólidos: material, substância, objeto ou bem descartado resultante de atividades humanas em sociedade, a cuja destinação final se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido, bem como gases contidos em recipientes e líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou exijam para isso soluções técnicas ou economicamente inviáveis em face da melhor tecnologia disponível (Art. 3º da Política Nacional de Resíduos Sólidos, BRASIL, 2010).

Segundo a PNRS, os resíduos sólidos agregaram valor no ciclo da reciclagem. Porém, Eigenheer (1992) lembra que o processo de desmitificação dos resíduos precisou de estratégia e educação de uma maneira interdisciplinar para que houvesse sensibilização e mudança de comportamento. Mesmo que minimamente, parte da população tenta reformular velhos hábitos ainda que o descaso com o resíduo seja central na cultura industrial e nos costumes do cotidiano. Uma passagem importante na trajetória da limpeza urbana são os espaços de enterro e abandono dos resíduos, conhecidos como lixões e aterros. A prática de construir depósitos para a disposição final do resíduo é datada desde o século XIX, algo muito recente. Todo o resíduo saía das cidades e era depositado em espaços distantes da zona urbana, conhecidos como lixões (ROSEN, 1994). Em 2017, um lixão¹⁵ a céu aberto na capital brasileira, com cerca de 200 hectares e com sua capacidade quase esgotada mostrava que o gerenciamento de resíduo, apesar de não ser novidade, não é algo simples. Aproximadamente 700 famílias sobreviviam da venda dos resíduos encontrados no Lixão da Estrutural (AMATE, 2017). O Lixão da Estrutural teve seu encerramento em 20 de janeiro de 2018 com a participação do MNCR e diversas entidades de apoio (CAMPOS, 2018).

¹⁴ Rejeito, segundo a PNRS, são os resíduos sólidos que, depois de esgotadas todas as possibilidades de tratamento e recuperação por processos tecnológicos disponíveis e economicamente viáveis, não apresentam outra possibilidade que não a disposição final ambientalmente adequada, ou seja, encaminhamento ao aterro sanitário (BRASIL, 2010).

¹⁵ A PNRS prevê como meta a eliminação e recuperação de lixões. Associada a essa meta, a inclusão social e a emancipação econômica de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis até o dia 31 de julho de 2018, para capitais e regiões metropolitanas se adequarem; até 31 de julho de 2019, para municípios com população superior a 100 mil habitantes; até 31 de julho de 2020, para municípios com população entre 50 mil e 100 mil habitantes e até 31 de julho de 2021, para aqueles com população inferior a 50 mil habitantes. Esse prazo foi prorrogado pela segunda vez (BRASIL, 2010).

Caregal (1992, p. 28) alerta dizendo que “o lixo é uma instituição fundamental na sociedade industrial, tão fundamental como a fábrica ou lucro”. O resíduo se tornou lucrativo, principalmente para a “indústria do lixo” que explora a mão de obra de catadores e catadoras. Esses profissionais assumem o papel do antigo escravo, trabalhando de forma insalubre e sem remuneração (CAREGAL, 1992). O resíduo é a outra face da moeda da produção. Nesse caso, uma sociedade de produção e de consumo em massa torna-se, necessariamente, uma sociedade de produção em massa de resíduos. Ao adquirimos qualquer produto, usufruímos de seus benefícios e devolvemos ao mundo seus dejetos indigeríveis, embalagens e descartáveis (EIGENHEER, 2003).

Diante do acúmulo de resíduos no planeta e da problemática de sua destinação, a reciclagem apresentou-se como uma solução inevitável. A coleta seletiva trouxe a possibilidade de inclusão dos catadores e do envolvimento da população com a gestão do resíduo nas cidades contribuindo para a expansão de trabalho e renda, incluindo o resíduo no ciclo de sua reutilização com a comercialização do material reciclável (EIGENHEER, 2003). O catador é o protagonista da cadeia produtiva de reciclagem, fazendo cerca de 89% de todo o trabalho (CEMPRE, 2016). Contudo, como surge o profissional catador? Em que momento da trajetória da limpeza urbana ele se inclui e qual seu papel? Veremos a seguir suas diversas interfaces e contribuições.

1.2.2 De *koprologen*, *canicolae*, *chiffonniers*, tigres, cabungueiros até catadores: pessoas que deram vida ao resíduo

O maior número de trapeiros surgiu nas cidades desde que, graças aos novos métodos industriais, os rejeitos ganharam certo valor. Trabalhavam para intermediários e representavam uma espécie de indústria caseira situada na rua. O trapeiro fascinava a sua época. Encantados, os olhares dos primeiros investigadores do pauperismo nele se fixaram com a pergunta muda: “Onde seria alcançado o limite da miséria humana?” (BENJAMIN, 1989, p.16).

A atividade de catador ou de reciclador de resíduos sólidos está presente em todo o mundo desde a Antiguidade. Os gregos, em 320 a.C. chamavam seus limpadores de rua e coletores de excrementos de *Koprologen*, nome derivado de “*kóprana*”, que em português significa fezes. Esses trabalhadores limpavam somente as ruas principais deixando as ruas de acesso e periferias imundas e mal cuidadas. Essa era uma exigência dos governantes: limpar somente a parte nobre das cidades. Cada *Koprologen* carregava os dejetos a uma distância de

pelo menos dois quilômetros para fora dos muros da cidade, em regiões de periferia. Os gregos acreditavam que Hércules era o patrono da limpeza urbana (EIGENHEER, 2009).

No século II a.C., em Roma, a limpeza da Cloaca Máxima, ou seja, do grande reservatório de dejetos era realizada por prisioneiros de guerra como forma de punição. Os prisioneiros, e também escravos, carregavam os dejetos utilizando túneis de acesso para fora dos muros dos povoados quando situados em campos abertos ou quando localizados em uma região litorânea, até a beira da praia. Ainda em Roma, porém no século VII, os *Canicolae* eram conhecidos como os “garimpeiros das cloacas”, catando coisas que tinham utilidade para sua sobrevivência (EIGENHEER, 2009).

Em 1624, na cidade de Berlim, presos e prostitutas assumiram o trabalho da limpeza urbana coletando resíduos, lavando calçadas e realizando a varrição. Cidadãos designados para esta atividade desistiram por considerarem um trabalho muito desqualificado. Muitos se recusavam utilizando o argumento de que as prostitutas e os presos “usavam mais as ruas do que os outros cidadãos” (EIGENHEER, 2009, p. 66). O trabalho ficou restrito àquele que de fato não conseguia se adequar a outra atividade. Esta argumentação evidencia o estigma trazido pela profissão de catador desde os seus primeiros registros.

Por volta de 1800, na França, os catadores eram denominados de “*chiffonniers*”, ou seja, “aqueles que catavam os trapos e restos” que encontravam nas ruas para uso pessoal e também para a venda (GAGNEBIN, 2009, p. 54). Os trapos, *chiffons*, eram utilizados antes da extração de celulose para produção do papel. Muitas pessoas catavam trapos para costurarem roupas e cobertores. O lixeiro, trapeiro ou *chiffonnier* (GAGNEBIN, 2009, p. 118) surge na segunda metade do século XIX para trabalhar na limpeza da cidade de Paris que sofreu diretamente com a imigração rural e com a expansão industrial (RODRIGUES, 1995). Eram figuras associadas a tudo aquilo que se jogava fora, que era rejeitado, esquecido, como rastros/restos de uma civilização do desperdício (GAGNEBIN, 2009). O trapeiro era o símbolo da miséria humana, aquele que buscava no lixo seu sustento (BENJAMIN, 1989). Porém, em estudos de Barles (2005; 2011), a autora apresenta os catadores parisienses do século XIX como os maiores agentes da limpeza urbana e indicadores da riqueza em um período onde “se tinha o que catar, é porque tinha fartura” (BARLES, 2005, p. 69). Cerca de 80 mil trapeiros circulavam pelas ruas de Paris fomentando a indústria próspera do papel. Os “trapeiros” surgiram nas cidades, desde que os rejeitos ganharam certo valor graças aos novos métodos industriais. Trabalhavam por conta própria e representavam uma espécie de indústria autônoma localizada nas ruas. Com o progresso do mercado, os trapeiros foram deixando de ser figuras negativas para tornarem-se “progressivamente indispensáveis ao desenvolvimento industrial”

(BARLES, 2011, p. 56). Na Europa, durante o século XIX, os catadores foram alvo da atenção de poetas, teóricos e simpatizantes dos movimentos revolucionários que percebiam nestes trabalhadores não só uma degradante função, consequência do sistema capitalista, como também, parte da resistência que ocupava as ruas (EIGENHEER, 2009). No poema “Vinho do Trapeiro” de Charles Baudelaire,

Há o trapeiro que vem movendo a frente inquieta,
Nos muros a apoiar-se à imitação de um poeta,
E sem se incomodar com os policiais desdenhosos,
Abre seu coração em projetos gloriosos
(BENJAMIN, 1989, p.351).

Baudelaire (apud BENJAMIN, 1989) faz uma comparação entre os poetas e os trapeiros. O autor coloca que o poeta encontrava no resíduo da sociedade, pelas ruas, e no seu próprio resíduo assunto heróico para produção. O trapeiro ou o poeta assemelhavam-se pelo sentimento de solidão no trabalho realizado longe dos olhos da burguesia, utilizando seus restos como uma mina na qual garimpavam nas periferias das cidades (BENJAMIN, 1989). A figura do trapeiro ou *chiffonnier*, “o sucateiro que vive dos restos” (GAGNEBIN, 2009, p. 118) representava uma falha no novo sistema. Esses profissionais deixavam expostos que a riqueza produzida pelo capital não era distribuída por igual e que, além disso, a sua existência provocava o reflexo de uma sociedade de descarte, tanto com bens materiais quanto com os sujeitos que nela viviam.

Longe da sensibilidade poética europeia, no Brasil da metade do século XIX, os resíduos eram recolhidos por escravos na cidade do Rio de Janeiro. Os dejetos eram armazenados em barris e carregados pelos “tigres”, nome dado aos escravos encarregados de levar os barris cheios de excrementos para serem atirados em outras ruas das praias e nos terrenos baldios. Como os barris apresentavam fendas, os excrementos vazavam e os escravos ficavam manchados formando listras, dando origem ao seu apelido e ao termo “tigrada”. Os tigres podiam circular nas ruas do Rio de Janeiro somente a partir das 22h. Eles percorriam o trajeto até determinados locais de despejo com os barris cheios ou os levavam até carroças que os recolhiam, sem interagir com a população que via seu trabalho como algo repugnante (ENGENHEER, 1992; 2009).

Após uma epidemia de febre amarela em 1860, a companhia inglesa *The Rio de Janeiro City Improvements Company Limited* instalou um sistema de coleta de resíduos, encerrando o recolhimento dos dejetos por meio dos barris coletados pelos “tigres”. O sistema foi substituído por carroças puxadas a burro e a prefeitura municipal do Rio de Janeiro assumiu todo controle da limpeza urbana. Em 1876, a empresa francesa *Aleixo Gary* iniciava uma força tarefa para a limpeza urbana com instalações de quiosques urinários e latrinas, irrigação de ruas e coleta dos

resíduos. Em 1891, a *Aleixo Gary* terminava seu contrato com o poder público do Rio de Janeiro e deixava como legado a denominação ainda utilizada pelo profissional: “gari”. A partir de então, a limpeza urbana daquela cidade se tornou responsabilidade da inspetoria pública municipal (EIGENHEER, 1992; 2009).

Ainda em 1876, no sul do Brasil, na cidade de Pelotas, a coleta dos dejetos era realizada com o auxílio de cabungos, que consiste em recipiente de madeira, usados para recolher fezes, também conhecidos por cubos ou fossas móveis (Figura 5). Os cabungos eram transportados em carroças pelos “cabungueiros”, nome dado às pessoas que trabalhavam na coleta e destinação dos resíduos. A coleta dos cabungos era um serviço pago pela população e dirigido pela prefeitura. Aqueles que não tinham condições de contratar o serviço preferiam abrir buracos nos quintais de suas casas ou jogar seus dejetos nas ruas. A maioria dos moradores da cidade não conseguia contratar o serviço pelo alto custo e ineficácia. A pequena proporção de moradores que utilizavam as fossas móveis percebia que esse serviço não contribuía nos cuidados com a saúde ou com a melhoria das condições sanitárias da cidade. O serviço foi ao longo dos anos se aprimorando conforme participação popular (XAVIER, 2010). Em meados de 1890, o serviço de coleta já era realizado em todas as residências de Pelotas. Em 1906, o Delegado de Higiene da cidade de Pelotas reorganiza a coleta de excrementos por meio de cores para os tipos de cubos: os de cor preta, para a população em geral e os de cor azul, destinados aos hospitais e às vítimas de doenças contagiosas (GILL, 2007).

Figura 5 - Cabungo para o recolhimento de dejetos na cidade de Pelotas, RS



Fonte: Xavier (2010).

No início do século XX, o trapeiro e outros pequenos ofícios foram soterrados pelo crescimento da indústria. Estes trabalhos realizados de forma individual e como meio de

sobrevivência familiar são substituídos por outras funções em grandes indústrias, produção em série e o incentivo ao consumo (SZARKOWSKI, 2003). Com a expansão industrial e a urbanização, o trapeiro passou a catar outros tipos de materiais e passa a se chamar de “sucateiro ou garrafeiro”. A partir da década de 1980, no Brasil, os “garrafeiros” estão presentes em bairros e vilas, recolhendo os vasilhames para venda individual (PINHEL, 2013). A expansão industrial e o incentivo para o consumo de outros tipos de materiais fizeram com que o resíduo tivesse um volume maior de descarte e os garrafeiros perceberam uma oportunidade de lucro realizando a “catação” nas ruas e venda para o ciclo da reciclagem com plástico, papel e alumínio (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013).

A partir de 1982, na cidade de São Paulo, projetos de inclusão social para inserção de pessoas em situação de vulnerabilidade econômica e social passaram a promover ações de organização para os catadores, no sentido de lhes dar maior dignidade profissional e melhorar sua geração de renda. Em 1989, esse trabalho culminou com a formação da Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitados (COOPAMARE), primeira cooperativa de reciclagem do Brasil. Isso ocorreu principalmente com a inclusão das cooperativas no sistema de coleta seletiva solidária de resíduos com recolhimento e triagem nas grandes cidades. O trabalho coletivo e a organização da categoria de catadores teve início a partir do Movimento Comunidade dos Sofredores de Rua (EIGENHEER, 2009; PINHEL, 2013).

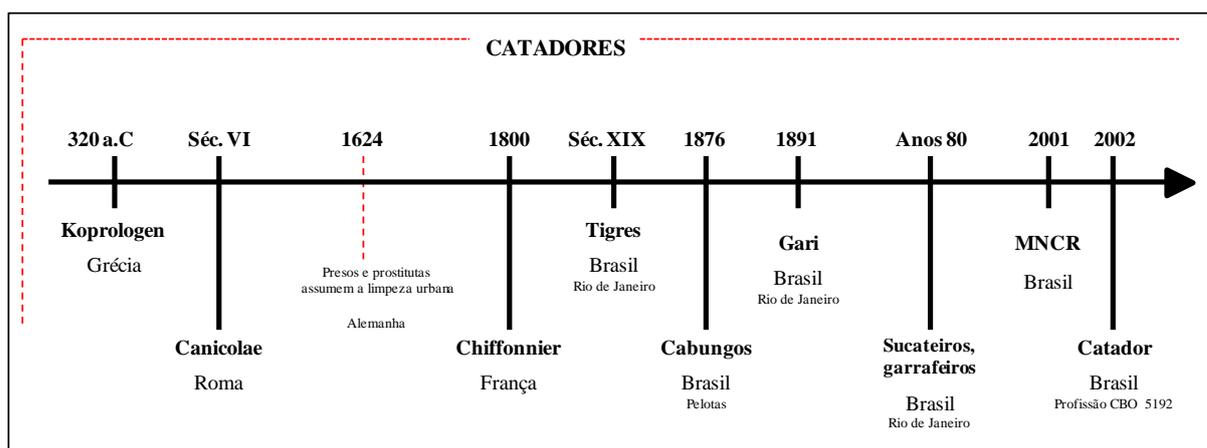
O movimento pelo profissional catador iniciou em Brasília, a partir do I Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis realizado em 2001. Este evento reuniu mais de 1.700 profissionais que atuavam nas ruas das cidades, lixões, associações e cooperativas de reciclagem de todo o Brasil, resultando na construção de um documento oficial. De acordo com o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR)¹⁶, a maior conquista no decorrer do processo de organização foi interna, com o fortalecimento da organização dos trabalhadores e a união desses profissionais em torno de melhorias na execução das atividades, visibilidade e participação coletiva na construção de propostas ao poder público (SCHWENGBER, 2015).

¹⁶ O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) é um movimento social que, há cerca de 15 anos, vem organizando os catadores e as catadoras de materiais recicláveis pelo Brasil. Busca a valorização da categoria de catador, através da garantia do protagonismo popular da classe, mantendo independência de partidos políticos, governos e empresários. “Missão: contribuir para a construção de sociedades justas e sustentáveis a partir da organização social e produtiva dos catadores de materiais recicláveis e suas famílias, orientados pelos princípios que norteiam sua luta (autogestão, ação direta, independência de classe, solidariedade de classe, democracia direta e apoio mútuo), estejam eles em lixões a céu aberto, nas ruas ou em processo de organização (CABRAL, 2015).

A profissão de “catador” foi incluída no rol do Conselho Brasileiro de Ocupações (CBO) em 2002, pela identificação de número 5192. Em 2012, mais de 600 mil catadores no Brasil realizavam o processo de triagem de resíduos sólidos (BRASIL, 2012), organizados de forma individual ou coletiva, por meio de associações e cooperativas. Benvindo (2010) nos fala que o trabalho coletivo realizado pelos catadores permite o reconhecimento de si diante do semelhante. O ato de compartilhar o mesmo espaço físico para o conjunto de atividades necessárias ao funcionamento do negócio traz autonomia e valorização para o trabalho. De forma direta, o trabalho colaborativo tem o poder de influir no resultado financeiro auferido para todos os membros de um empreendimento coletivo.

A Figura 6 representa a trajetória dos catadores em suas diversas interfaces desde os primeiros registros históricos encontrados (CORBIN, 1987; ROSEN, 1994; EIGENHEER, 2009; BRASIL, 2012). Esta trajetória está relacionada ao estigma do resíduo como sujo, tendo até os dias atuais uma posição considerada desprezível pela população no que se refere à profissão de catador. A trajetória dos catadores nos mostra que, através dos tempos, houve sujeitos que limpavam o que os outros deixavam sujo. A obrigação de limpar a sujeira dos outros como uma forma de escravidão passou a caber às mulheres, como empregadas domésticas, aos garis e aos catadores pagos para limpar as vias públicas substituindo os escravos do tempo antigo (XAVIER, 2010).

Figura 6 - Trajetória da denominação dos catadores ao longo do tempo



Fonte: Corbin (1987), Rosen (1994), Eigenheer (2009) e Brasil (2012).

Para Eigenheer (1992) os catadores encontram no resíduo os elementos que podem melhorar sua condição de vida gerando trabalho e renda. Esses profissionais, muitas vezes invisíveis, tornam-se úteis quando coletam e separam os resíduos sólidos, possibilitando uma nova inclusão dos resíduos no ciclo virtuoso da reciclagem. A catação, desde o início de sua

trajetória, foi realizada por excluídos sociais, prisioneiros, estrangeiros, escravos, prostitutas e mendigos. Mesmo com a profissão reconhecida pelo Conselho Brasileiro de Ocupações em 2002, permanece ainda a prática segundo a qual os sujeitos socialmente inferiores tornam-se encarregados desses serviços. A trajetória dos catadores nos ajuda a perceber como formaram-se estigmas que seguem atualmente associados ao resíduo e aos dejetos (EIGENHEER, 1992; 2009).

1.3 MEMÓRIAS REGISTRADAS: OS CATADORES EM FOCO

Os catadores eram figuras presentes desde a Antiguidade. Eles desempenharam as mais diversas atividades relacionadas aos resíduos sólidos ou orgânicos. O profissional catador não estava associado às nobres atividades laborais humanas, pois realizava a limpeza, recolhimento e catação de restos que a sociedade desprezava, mas para ele era o insumo de sua sobrevivência. O estigma da catação e a matéria prima do trabalho do catador contribuem para que ele continue na informalidade e precarização (SILVA, 2015).

Para Cabral (2015), os catadores tornam-se figuras que denunciam a desordem sobre uma suposta ordem estabelecida ao longo da história humana e da limpeza urbana por meio do afastamento. Afastar tudo o que é desprezível e imundo como uma forma de esconder, esquecer e enterrar faz parte da trajetória humana em relação à limpeza urbana (EIGENHEER, 2003). Eigenheer (2003) compara os aterros com os cemitérios e os resíduos como algo que a população isola, leva para longe da vista. Muitas pessoas acreditam (ou se auto enganam) que a coleta seletiva é um mecanismo no qual descartam suas sacolas nas portas de casa e elas desaparecem, como um passe de mágica.

Para colocar foco sobre a realidade dos catadores e mostrar dados mais embasados sobre a questão do resíduo sólido e das pessoas que vivem dele ou nele, foram escolhidos cinco registros históricos a serem apresentados neste capítulo. São poemas e documentários que contribuíram para a “popularização” do trabalho com os resíduos e provocaram reflexões em relação à vida dos catadores em diferentes períodos e contextos na França e no Brasil.

1.3.1 Memórias na França

Na França da segunda metade do século XX, uma autorização expedida pelo poder público para realização da coleta em domicílio favoreceu o trabalho do catador, então denominado trapeiro. Diversos trapeiros munidos de carroças coletavam trapos, ossos e

madeiras nas ruas e os triavam em suas residências. Aquilo que não era coletado pelos trapeiros ficava disposto nas calçadas para ser recolhido por um caminhão que encaminhava os resíduos até um galpão. Nesse espaço, diversos trapeiros realizavam a separação dos resíduos. Os resíduos de Paris recebiam o processo de triagem em três momentos: antes, durante e depois da coleta (RULLAC et al., 2012).

O documentário do ano de 1928 produzido por George Lacombe e seu assistente René Clair (Figura 7) pode ser um dos primeiros registros de interesse em relação ao trabalho realizado pelos catadores na Europa. A arte e a cultura estavam direcionadas a acompanhar e fazer uma releitura sobre o trabalho realizado pelos trapeiros como forma de inspiração para os movimentos de resistência (EIGENHEER, 2009).

Figura 7 - Cena do filme “A zona: na terra de pano” de George Lacombe



Fonte: Lacombe (1928) .

O vídeo de 15 minutos e meio denominado “A zona: na terra de pano”¹⁷ é um registro, em formato de filme mudo, sobre catadores que ocupavam a área periférica de Paris. O filme mostra, por meio de imagens capturadas em uma câmera fixa, o realismo da vida dos catadores de trapos e também do dançarino *La Goulue*, que no final de sua vida foi morar na zona dos “trapeiros”. As imagens capturadas por Lacombe apresentam um dia na vida dos catadores, que iniciava às cinco da manhã em suas casas simples de madeira e chão batido. Mostra como era a saída de suas residências e a travessia até o centro da cidade para realizar o trabalho de catar panos, ossos e papéis. Eles tinham somente até às sete horas da manhã para realizar a catação; antes que os demais moradores da cidade despertassem e iniciassem suas atividades. O vídeo classifica os catadores em três categorias: aqueles que catavam panos, os que catavam ossos e

¹⁷ Vídeo disponível em: <http://www.mheu.org/fr/chiffonniers/zone.htm>, Museu Digital de Paris. Título original: *Au pays des chiffonniers*.

aqueles que catavam qualquer tipo de objeto desprezado pela população e que poderia ser utilizado novamente. Os catadores coletavam os resíduos nas calçadas e lixeiras de algumas casas, realizando a seleção do material na própria via, onde deixavam de lado os resíduos orgânicos. Todo o material útil para a venda era colocado em carroças e levado para o bairro onde moravam, mais especificamente para o quintal de suas casas. Ali, homens e mulheres catavam e recolhiam objetos de uso pessoal para serem reutilizados. Enchiam as carroças de tração humana e realizavam tais atividades antes dos estabelecimentos comerciais abrirem para atendimentos.

Ao retornarem para as suas residências, descarregavam as carroças e em seguida separavam os materiais por tipos, utilizando cestos de vime. O papel era colocado em uma caixa de madeira e prensado utilizando-se da força dos pés. Após encherem a caixa de madeira, o fardo de papel era amarrado. A legenda do vídeo descreve que os fardos chegavam a ter até 100 quilos. Pode-se entender que eram a própria prensa humana!

O filme mostra também diversos materiais que eram levados para os galpões de triagem. Nelas, o uso de esteiras para a separação e coleta do metal mostra o valor comercial deste resíduo. Todo o restante do material, trapos e ossos, ia para caldeiras que movimentavam turbinas e geradores. O metal era prensado em máquinas e posteriormente revendido para empresas. O documentário finaliza a apresentação de um dia de trabalho de catadores de Paris, da década de 1920, que às sete horas da noite retornavam para suas casas com alimento recolhido dos restos encontrados nas lixeiras, mostrando que a “zona dos trapeiros” adormecia às oito horas da noite para recomeçar o dia seguinte, antes que a população da cidade os enxergasse.

Quem conhece o trabalho realizado pelos catadores brasileiros nos dias atuais, após assistir ao vídeo “A zona: na terra de pano” de 1928, se surpreenderá com a falta de avanços nos processos do trabalho prestado. A atividade realizada pelos trapeiros de Paris há quase 100 anos se assemelha ao processo desempenhado ainda hoje no Brasil pelos catadores individuais. O que mudou? Passado um século, ainda vemos o que Eigenheer (2009, p.118) chama de “burros sem rabo” realizando a coleta com carrocinhas, triando no quintal de suas casas e compactando os resíduos com força bruta, sem condições de adquirirem equipamentos mais sofisticados que possibilitem uma atividade de maior produção.

Na França, a profissão do catador é reconhecida desde 1910 por meio de um estatuto oficial. No país, os catadores trabalham com recuperação de objetos de uso pessoal e comercial que são descartados ou doados. Uma profissão passada de geração para geração, o que faz com que este trabalho não desapareça. Os “*biffins*”, os novos “*chiffonniers*” vendem os objetos em

feiras semanais seguindo o Código Ambiental (Portaria nº 2010-1579, de 17 de dezembro de 2010) em diversas cidades, inclusive no centro de Paris.

Outra cidade que se destaca com as feiras e venda de produtos dos “*biffins*” é a cidade de Montreuil. A Associação Amelior é uma instituição sem fins lucrativos localizada em Montreuil, que busca o fortalecimento do trabalho realizado pelos catadores, bem como fomenta o não esquecimento de uma das profissões mais antigas do país. A essência do trabalho realizado pela Associação Amelior se assemelha ao da Economia Solidária¹⁸ praticada no Brasil, pelos princípios contidos em sua forma de execução: “solidariedade e colaboração”, denominada na França como Economia Social (ASSOCIATION AMELIOR, 2017).

O documentário “A zona: na terra de pano”, após quase 100 anos, evoca uma realidade ainda atual no Brasil e que não obteve avanços em sua prática realizada em Paris nos anos 1930. Na França, catadores estão organizados e trabalhando em outro processo: na restauração de objetos, móveis e eletroeletrônicos. Conhecida como “mercado de pulgas”, a venda de produtos usados é uma tradição desde o século VII. Para além da necessidade de renda, as feiras a céu aberto e realizadas semanalmente em mais de 47 locais diferentes na França, carregam uma cultura transmitida de geração para geração. Em 2012, Rullac et al. realizaram um estudo no qual descreveram o perfil dos chamados “*biffins*”, os catadores ou “vendedores ecolaboradores”. O resultado surpreendeu com a identificação de mais de 1.900 “*biffins*”, 400 deles somente na cidade de Montreuil, vizinha da capital Paris. Desses, mais de 60% tinham idade acima de 50 anos, aposentados ou com alguma deficiência. Outros se enquadravam no perfil de desempregado ou ainda eram imigrantes. A renda diária de um “*biffin*” fica entre 10 ou 15 euros e eles acessam espaços muito restritos para venda devido à marginalização de seu trabalho (ADIE, 2008; RULLAC et al. 2012).

A política higienista do início do século XX, na França, fez com que os trabalhadores de rua ficassem restritos à venda de seus produtos em espaços delimitados pelo poder público e com recorrentes intervenções policiais. Em virtude da facilidade do acesso às feiras livres, algumas pessoas realizavam a venda de objetos roubados comprometendo e, de certa forma, criminalizando o trabalho dos “*biffins*” (RULLAC, 2012). Segundo ADIE (2008), o Brasil é a grande inspiração em termos de legislação e avanços na valorização dos catadores.

¹⁸ Paul Singer é uma referência quando se trata de Economia Solidária. Austríaco, de Viena, nascido em 1932 e residente no Brasil desde 1940, é formado em Economia e Administração, doutor em Sociologia, além de outras formações. Singer afirma que “a economia solidária é ou poderá ser mais do que mera resposta à incapacidade do capitalismo de integrar em sua economia todos os membros da sociedade desejosos e necessitados de trabalhar” (SINGER, 2002, p. 114).

A política francesa de resíduos, estabelecida em 1975 e modificada em 1992, teve como objetivos principais investir em reciclagem e em punição para os grandes geradores e embaladores. Desde 1992, o gerenciamento de resíduos, sob a responsabilidade das autoridades locais ou entidades por elas autorizadas, multa estabelecimentos, empresas e comércios que distribuem embalagens em excesso. As embalagens de produtos franceses não estão dispostas nas ruas. Há uma responsabilidade compartilhada muito semelhante à tentativa da logística reversa¹⁹ brasileira. Cada morador separa seus resíduos e as empresas privadas contratadas pela gestão local são responsáveis pela destinação correta. Na França, 63% dos resíduos sólidos retornam para a indústria como matéria prima, 28% dos resíduos acabam em aterros sanitários e os rejeitos (9%) são incinerados e transformados em energia elétrica. Em Paris, 500 mil residências são aquecidas todos os anos com a energia oriunda de usinas de incineração (EUROPEAN GREEN CITY INDEX, 2016).

1.3.2 Memórias no Brasil

No Brasil existem mais de 800 mil catadores que trabalham diariamente na coleta, separação e venda de resíduos sólidos de maneira individual, cooperativada ou em associações (IPEA, 2016). O Movimento Nacional dos Catadores de Resíduos Sólidos (MNCR) acredita que este número pode chegar a quase o dobro, mais de um milhão e meio de pessoas trabalhando com coleta, triagem e venda de resíduos, em espaços coletivos ou individuais (MNCR, 2019). Dados do IBGE (2012) mostram que cerca de 70% das trabalhadoras são mulheres com idade média de 37 anos. As mulheres são responsáveis pela principal renda familiar, que é em média de R\$ 530,00 mensais e estão vinculadas em cooperativas ou associações de triagem de resíduos sólidos (IBGE, 2012; IPEA, 2012; 2016). A pesquisa do IPEA (2016) indica que as famílias têm cerca de 700 mil crianças mantidas por meio da renda da coleta de resíduos recicláveis. Porém, apenas cerca de 400 mil catadores estão incluídos em espaços organizados coletivamente. Os outros 300 mil trabalham de forma individual. Os catadores vinculados a cooperativas e associações de triagem e venda de resíduos sólidos, garantem direitos trabalhistas, qualidade no espaço de trabalho e encontram-se amparados pela relação de grupo. Quando se trata de catadores individuais, 75% são do sexo masculino e realizam suas atividades

¹⁹ A lei 12.305/2010 define a logística reversa como um "instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada" (BRASIL, 2010).

usando carrinho de tração humana ou animal e estão desamparados pelas leis trabalhistas realizando sua função de coleta, triagem e venda vulneráveis quanto a disputa dos atravessadores, valores de venda e acesso às informações (IBGE, 2012; IPEA, 2012; 2016).

Cada brasileiro gera diariamente cerca de 1,07 Kg de resíduos sólidos urbanos, chegando a um número anual de 79,9 milhões de toneladas. Dos resíduos coletados, 13% são encaminhados para a reciclagem. Do restante, 58,7% vão para aterros sanitários, 24,1% vão para aterros controlados e 17,2%, vão para lixões clandestinos. O investimento mensal para a coleta dos Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) no Brasil não passa de R\$ 4,00 per capita e a triagem deste material nem chega a aparecer nos relatórios de controle (IPEA, 2013; ABRELPE, 2016). Os catadores são responsáveis por 90% da reciclagem que é realizada no Brasil. Eles são considerados a “base da pirâmide” na coleta seletiva e reciclagem, sofrem diariamente com a infinidade de carências sociais e econômicas e constituem a parte mais frágil da cadeia da reciclagem. Até mesmo as cooperativas que apresentam algum convênio com órgãos públicos, para a contratação de serviços, recebem somente pela coleta dos RSU, não pela separação. Os catadores acabam tornando-se dependentes da ação dos atravessadores e das indústrias, que determinam os preços, o volume e as condições dos materiais que serão adquiridos (IPEA, 2013).

A exploração e a desvalorização do trabalho realizado pelos catadores e catadoras são históricas. Antigamente, os primeiros catadores brasileiros eram escravos. Eles recolhiam os dejetos e carregavam para longe dos olhos de seus donos. Este serviço era considerado imundo e de baixo escalão, bem como aplicado como forma de castigo e de humilhação. O escravo que realizava tal tarefa era percebido como não tendo serventia para qualquer outra atividade (GILL, 2007).

Outro estigma vinculado à figura do catador é a miséria, abordada através da literatura e do cinema. Em 1947, na cidade de Recife, Manuel Bandeira publicou o poema “O Bicho”²⁰ relatando a vida de um catador que sobrevivia dos restos:

Vi ontem um bicho
Na imundice do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

²⁰ O poema modernista relata uma denúncia social em um período pós-guerra trazendo a problemática da miséria humana descrevendo situações de vulnerabilidade social muito próximas às condições vivenciadas pelos catadores na atualidade.

O bicho não era um cão,
 Não era um gato,
 Não era um rato.
 O bicho, meu Deus, era um homem.

Ao descrever tal poema, Manuel Bandeira se referiu ao homem em situação de miséria como um “bicho”. Outra publicação de destaque foi o livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” de 1960, escrito por Carolina Maria de Jesus. Narrativa em primeira pessoa de uma mulher catadora, mãe de três filhos que catava para sobreviver e sustentar sua família. Em seu diário escrevia para esquecer a fome. Carolina surpreende em suas escritas sobre questões políticas, empoderamento feminino, luta pela segurança e criação de seus filhos de forma independente (JESUS, 2014).

Quem governa o país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o paiz dos políticos açambarcadores (JESUS, 2014, p. 39).

Em 1989, Jorge Furtado lança o documentário “Ilha das Flores” (Figura 8) trazendo para o debate a questão da miséria e do desprezo pelo catador. O documentário apresenta o seguinte *slogan* “Este não é um filme de ficção. Existe um lugar chamado Ilha das Flores. Deus não existe”. É uma provocação ao público, que tem como roteiro a trajetória de um tomate até a Ilha das Flores.

Figura 8 - Cena do documentário “Ilha das Flores”



Fonte: Furtado (1989).

Jorge Furtado (1989) argumenta, de forma “sarcástica” como denominou Paul Rabinow em 1986, os absurdos desses seres com “tele-encéfalo altamente desenvolvido e polegar opositor” que disputam sua sobrevivência alimentando-se de restos que não servem nem de comida aos porcos. A trajetória do tomate apresentada no filme revela uma logística em que o resíduo não some do cesto de lixo, mas percorre um trajeto para outro local. O tomate que é colhido na zona sul da capital gaúcha, região rural da cidade, vai para a casa de uma cidadã que,

ao constatar que ele está maduro demais, o joga na lata do lixo. Este resíduo orgânico acaba em uma fazenda de criação de porcos. Ali, aquilo que não serve como alimento aos porcos é deixado para que a população da Ilha das Flores possa pegar e levar como alimento.

O documentário “Ilha das Flores” ajudou no debate sobre a questão da separação do resíduo e da forma como os catadores eram apresentados na sociedade. O filme teve sua gravação realizada na “Ilha dos Marinheiros”, um dos locais mais pobres da capital do Rio Grande do Sul e que tem como suas principais atividades laborais a pesca e catação de resíduos sólidos. Em 2019, a Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) listou os 100 melhores filmes de todos os tempos e “Ilha das Flores” foi eleito o melhor curta-metragem da história do cinema brasileiro. O curta completou 30 anos de seu lançamento com uma mensagem que Jorge Furtado disse ser “atual e com um sistema que causa desigualdade” presente no trabalho de quem cata e na vida de quem mora nas grandes periferias do Brasil.

Outro documentário que teve impacto mundial é “Lixo Extraordinário”, do artista plástico Vick Muniz (Figura 9). Com a proposta de registrar os catadores e catadoras do Aterro Jardim Gramacho na cidade do Rio de Janeiro em 2008, Vick Muniz inicia um trabalho de produção de obras de arte a partir do material coletado e dos registros fotográficos. Os catadores selecionados participaram da produção das peças e receberam uma bolsa-auxílio durante todo o projeto.

Figura 9 - Cena do documentário “Lixo Extraordinário”



Fonte: Walker (2010).

O documentário “Lixo Extraordinário” foi lançado em 2010 e recebeu três premiações: Festival de Sundance em 2010, Festival de Berlim em 2010 e foi indicado ao Oscar de Melhor Documentário, em 2011. Finalmente a realidade do catador brasileiro estava registrada e recebia visibilidade em todo o mundo como melhor documentário internacional. Sebastião, conhecido como Tião, presidente da Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano do Jardim

Gramacho, sentiu na pele o peso da fama com a participação em diversos programas da televisão brasileira e estrangeira. Tião ganhou visibilidade internacional com a participação e sua narrativa de vida no documentário. Porém, percebeu que a sociedade, e até mesmo seus próprios companheiros do MNCR, não estavam preparados para aceitar a presença de quem trabalha com resíduos sólidos em espaços de representação, liderança e destaque. Em seu livro “Tião, do lixo ao Oscar” (2014), ele relata como se sentiu após conquistar notoriedade:

Agora eu era discriminado não mais – ou não só – por ser pobre. Mas também por estar deixando de ser. (...) De um lado, sonhos se realizando, do outro, a rejeição, a culpa, a tristeza, e tudo isso por estar exatamente onde estava – exatamente onde tinha lutado tantos anos para estar. Eu ganhava e perdia, na mesma luta. Vivía o auge da fama. Mas também o auge da inveja (SANTOS, 2014, p.223-225).

Sebastião escreve em sua biografia que nasceu dentro de um lixão e que sua vida é cheia de luta e esperança de uma maneira motivadora. A história de Tião é um retrato da periferia brasileira e de como certos papéis e funções parecem que nunca podem deixar de existir. Há um imaginário social que Tião descreve como: “pobre não pode estar em alta”, o que perturba a sociedade conservadora e classista (SANTOS, 2014). Pessoas como Tião e documentários como “Lixo Extraordinário” emocionam e colocam o catador em foco. Trazem para a visibilidade, mesmo que seja por um momento, pessoas que são anônimas e muitas vezes invisíveis perante o estigma do descarte, do resíduo e da sujeira que acompanham sua trajetória.

1.4 REFLEXÕES SOBRE O (IN)VISÍVEL

[...] a memória individual não é possível sem instrumentos, como palavras e ideias, os quais não são inventados pelos indivíduos, mas tomados emprestados de seu meio. Se as imagens do presente fundem-se estreitamente com as lembranças do passado, e se as imagens parecem emprestar às lembranças sua substância, é porque nossa memória não é como uma tábua rasa (HALBWACHS, 1925, p.16).

Assim como grande parte dos resíduos sólidos, as memórias subterrâneas encontram-se “aterradas” para a maior parte da sociedade. Porém, elas estão visíveis para alguns grupos minoritários: catadores, ambientalistas, estudantes, idealistas. A sistematização da trajetória da limpeza urbana apresentada neste capítulo trouxe avanços ocorridos desde a antiguidade até os dias atuais no tratamento e encaminhamento dos resíduos sólidos em diversas partes do mundo. Percebe-se que tal trajetória está diretamente associada à saúde pública e a necessidade da erradicação de doenças relacionadas à falta de higiene e poluição das vias públicas e da água. Durante a sistematização apresentada, a limpeza urbana não é apresentada como uma questão de ordem econômica, ambiental e/ou social, colocando os trabalhadores do “lixo” em foco.

Quando surgem pessoas que trabalham com os excrementos e detritos na trajetória apresentada, estes são considerados excluídos e estigmatizados, como prostitutas, presos e escravos. Pollak (1992) entende que as memórias oficiais, transmitidas pelos grupos de forma geracional, são construídas por uma comunidade dominante e que as memórias subterrâneas emergem em momentos de crise de grupos excluídos e marginalizados pela sociedade. Halbwachs já nos dizia que a memória é seletiva, construída por quadros sociais e que não é uma “tábula rasa” (HALBWACHS, 1925, p.16). Pode-se perceber que a presença dos catadores foi visibilizada, por exemplo, pelo poeta Baudelaire (BENJAMIN, 1989). Baudelaire fez uma comparação entre os poetas e os trapeiros, de certa maneira trazendo um glamour àquela situação. Por meio de registros como este de Benjamin, podemos perceber que desde o surgimento do catador ainda na antiguidade, até os dias atuais, seu trabalho não recebe narrativas de destaque e menos ainda aquelas construídas por eles próprios.

Para além das evidências na trajetória apresentada, analisamos o documentário do ano de 1928, produzido por George Lacombe e seu assistente René Clair, “A zona: na terra de pano”. Um registro do trabalho na França da década de 1930, o qual se assemelha muito com a atividade realizada pelos catadores brasileiros em pleno século XXI. O que justificaria tal falta de desenvolvimento em tecnologias e profissionalização para uma atividade de suma importância em zonas urbanas? Qual a preocupação dos governos no Brasil com mais de 100 milhões de toneladas de resíduos sólidos urbanos produzidos anualmente? E com mais de seis bilhões de reais enterrados a cada ano?

Os catadores que trabalham nos países da América Latina têm como matéria prima os resíduos sólidos: coletam, triam e vendem. No Brasil existem três catadores para cada mil habitantes, 30% dos catadores estão vinculados às associações e cooperativas de reciclagem. Na França, os catadores não trabalham com triagem e venda de resíduos sólidos, eles revendem objetos e eletroeletrônicos restaurados em feiras nos 47 pontos autorizados pelo governo francês. Apesar de ser uma profissão tradicional e reconhecida desde 1910 por meio de um estatuto oficial, os “*biffins*” encontram-se em ruelas, realizando o “mercado das pulgas” sob a supervisão de policiais que buscam objetos roubados em meio aos produtos vendidos pelos catadores. Nos relatórios e teses que referem experiências com os “*biffins*” na França, os autores relatam a inspiração na luta nos movimentos sociais e nas lideranças dos catadores brasileiros (ADIE, 2008; RULLAC et al., 2012; IPEA, 2013).

Sebastião, catador protagonista do documentário brasileiro “Lixo Extraordinário”, de 2010, e hoje líder do Movimento Eu Sou Catador de Material Reciclável (MESOC), descreve em sua biografia que “pobre não pode estar em alta”. Tião saiu da invisibilidade de um dos maiores

lixões da América Latina para ganhar o mundo, porém, nem seus próprios companheiros de MNCR reconheceram sua visibilidade e respeitaram suas conquistas (SANTOS, 2014). Em 2015, Tião saiu do MNCR e fundou um novo movimento, “Eu sou catador”, com o objetivo de difundir e valorizar o trabalho de sua classe.

Como reflexões iniciais deste primeiro capítulo, podemos destacar a falta de narrativas com a participação de catadores na construção da trajetória da limpeza urbana. No Brasil, o livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” e “Tião: do lixo aos Oscar” são as duas referências de catadores que publicaram suas histórias de vida. Para Carolina Maria de Jesus, a minoria da população é formada por políticos e aqueles que detêm o dinheiro, enquanto a maioria é o povo, que passa fome e que não é visto (JESUS, 2014, p.39). Em que momento esta maioria terá a oportunidade de escrever e registrar sua própria trajetória?

CAPÍTULO 2 - IDENTIDADES E MEMÓRIAS DE UMA CONSTRUÇÃO DA CATAÇÃO: DESIGUALDADE SOCIAL, ESTIGMA, EXCLUSÃO E (IN)VISIBILIDADE



Fonte: "Tigreiros", de Henrique Fleiuss, 1861²¹.

"Na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil, feras terríveis, os tigres, vagam, durante a noite, pelas ruas..."

(MACEDO, 1952)²².

²¹ Litografia de Henrique Fleiuss. Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

²² Em seu livro "Memórias da Rua do Ouvidor", Macedo apresenta os escravos negros africanos responsáveis por carregar os "tigres", repugnantes barris que o povo "corria de medo". Medo inexplicável como descreveu o autor. Os escravizados responsabilizados pelos "tigres" vagavam pela noite recolhendo os excrementos e jogando ao mar. O descarte era feito entre oito e dez da noite, horário em que as ruas eram dominadas pelos "tigres".

O Capítulo 2 apresenta um resgate do conceito de estratificação social de Max Weber (2004; 2016) como ponto de partida para a compreensão da linha epistemológica escolhida. A partir disso, discorre acerca da questão social da desigualdade, do estigma e da exclusão²³. Seriam estes os fatores para a construção da invisibilidade²⁴? E ainda como contraponto desta perspectiva, a visibilidade acompanha o trabalho desenvolvido pelos catadores? Em busca de respostas, traçou-se um percurso reflexivo trazendo a memória subterrânea (POLLACK, 1989), o reconhecimento²⁵ e a construção da identidade²⁶.

2.1 ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

Um dos temas recorrentes nas ciências sociais é o da estratificação social. Para uma discussão acerca deste tema, entende-se fundamental recorrer a Weber (2004, 2016), mesmo tendo-se ciência de seu ponto de vista da racionalização das esferas ou ordens sociais (SILVA, 2018) e que pode parecer, em um primeiro momento, destoante aos autores até agora discutidos neste texto. Porém, entende-se como sendo esta uma das vias interpretativas importantes para compor este estudo. Salienta-se que muito anterior aos conceitos contemporâneos, a concepção de estratificação conduzia para uma reflexão de que na sociedade os sujeitos estão distribuídos em camadas que os relegam a uma determinada esfera que poderia ser política, econômica, cultural, religiosa ou jurídica (WEBER, 2004). No entendimento de Weber²⁷ (2016) estratificar é dispor em camadas estabelecidas por privilégios, poder e/ou classes. Toda a discussão relativa à estratificação social requer inicialmente atenção ao conceito de poder weberiano dentro da possibilidade de que uma pessoa ou um grupo “[...] realiza sua vontade própria numa ação comunitária até mesmo contra resistência de outros que participam da ação” (WEBER, 2016, p. 211). Isto significa que ninguém luta por poder apenas por questões econômicas, mas pode estar associado às honras sociais, *status* ou mesmo vaidade.

²³ Na construção deste painel foram utilizados autores como Robert Castel (2013), Jessé de Souza (2006, 2009), José de Souza Martins (2009), Ricardo Antunes (2009) e Zygmunt Bauman (2013) para discorrer sobre desigualdades sociais e exclusão social. Para a reflexão sobre estigma, optou-se por Erving Goffman (2008).

²⁴ A invisibilidade foi abordada nas perspectivas de Ricoeur (2004) e Santos (2002, 2007, 2009).

²⁵ Foram utilizados Honneth (2001) e Fraser (2007).

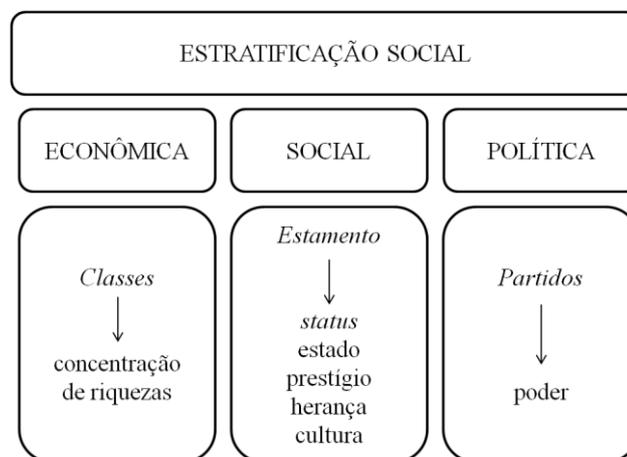
²⁶ Para abordar o tema construção da identidade, os autores que compõe o texto são Stuart Hall (2002), Manuel Castells (2006) e Joel Candau (2016).

²⁷ Karl Emil Maximilian Weber (1864 - 1920) nascido na cidade de Erfurt em uma respeitada família da burguesia têxtil alemã, com pai jurista, político e pragmático, e sua mãe protestante. Weber teve acesso à ampla formação acadêmica possibilitada pelos bens de seus pais. Estudou Direito, Economia, Filosofia, História e Teologia. Foi professor acadêmico e consultor. Em 1893 casou-se com Marianne Schnitger, feminista, estudiosa e curadora de suas obras. Seus numerosos trabalhos foram fundamentais para o desenvolvimento da sociologia contemporânea (SELL, 2009; BERLINCK, 2010).

Anterior ao entendimento da estratificação está o da ordem social. Por meio da ação e produção de sentido é que o sujeito descobre a sua esfera social estabelecendo uma ordem social. O conceito de ordem social é, na verdade, a maneira pela qual as honras sociais são distribuídas numa determinada comunidade entre grupos típicos que participam nessa distribuição. A ordem social e a ordem econômica estão relacionadas também com a ordem jurídica. A ordem social refere-se à maneira pela qual os bens e serviços econômicos são distribuídos e regidos pela ordem econômica. A estruturação do poder, a organização da ordem social e a produção econômica possibilitam a classificação das sociedades, para Weber (2016). Esta organização dispõe de um grau de mobilidade social que inclui as classes, os estamentos e os partidos como fenômenos de distribuição de poder dentro de uma comunidade (WEBER, 2016).

A estratificação social trazida para o debate por Weber (2016) apresenta uma organização importante para compreensão da ordem social, na presente tese, a partir de três pontos fundamentais: econômico, social e político (Figura 10).

Figura 10 - Conceito de estratificação social



Fonte: Elaboração própria, baseada em Weber (2016).

Para Weber (2016), as três dimensões da estratificação social compõem, pela sua combinação, a posição que o sujeito ocupa na sociedade²⁸. Na esfera econômica, trata-se de classe, pela concentração de riquezas, distribuição de serviços ou por sua situação no mercado; já na esfera social, apresenta-se o conceito de estamento, ou seja, o seu *status*, prestígio, herança ou estado; e por fim, político, como o de cargos partidários e de poder (WEBER, 2016). Conseqüentemente, um sujeito que se encontra representado na esfera econômica e possui

²⁸ Salienta-se que é um entendimento de um intelectual alemão que viveu no começo do século XX.

riquezas pode não ser reconhecido pelo seu *status*. Ou ainda, alguém que tenha uma herança de *status*, como um conde, pode não possuir riquezas, apenas um título. A mobilidade social é justamente a capacidade que um sujeito possui de prosperar em uma determinada camada/dimensão: um sujeito privado de riquezas (pobre) pode ganhar na loteria, ou assumir algum cargo de poder, ocorrendo então esta mobilidade social. Porém, há um interesse, daqueles que permanecem e dependem dela, que esta mobilidade social não aconteça. A transição (ou dificuldade em transitar) entre as três dimensões de estratificação social pode identificar as desigualdades (SELL, 2009).

Diferentemente de Marx (2013), que definia a desigualdade social como algo bidimensional, Weber se baseia na construção de uma desigualdade social a partir de uma ideia multidimensional. Para Marx (2013), a desigualdade social ocorre como consequência da divisão de classes entre a burguesia, composta pelos proprietários do modo de produção, e pelo proletariado, composto por aqueles que vendem ao mercado a sua força de trabalho. Para Weber (2016), a desigualdade social se origina em fatores mais complexos como o econômico, cultural, religioso, social e político (SELL, 2009; QUINTANEIRO et al., 2009). A possibilidade de investigação sobre as diversas facetas que produzem a distribuição dos sujeitos por camadas para além do fator econômico, e que não coloca o trabalho como único agente a determinar a divisão social, foi a principal escolha da corrente conceitual, a partir de Weber, para esta tese.

A construção da desigualdade social é sutil (SOUZA, 2009). Está atrelada a diversas frentes. O interesse em privar a população do acesso à educação, cultura e saúde compõe um plano perverso de permanência e impossibilidade de mobilidade social. A negação de cidadania e o desafeto com o conhecimento estão implícitos no tratamento desigual recebido por pessoas que compõem a classe menos favorecida brasileira e que sofre diretamente com este contraste. Um desafio para o debate sobre desigualdade social proposto por Souza (2009).

2.2 A QUESTÃO SOCIAL DA DESIGUALDADE

A desigualdade social vem se construindo principalmente a partir da diferença de riqueza, prestígio e poder de alguns membros em uma sociedade. Nessa condição desigual, estudos apontam a impossibilidade de que se concretize a igualdade social por diversas questões

sociais: a falta de oportunidades, a precarização da educação, a exploração no trabalho, enfim, pela manutenção de uma pobreza subsidiada pelo capitalismo (CASTEL²⁹, 2013).

No Brasil, a desigualdade social tem sua raiz histórica desde a formação das primeiras capitâneas. O colonialismo português e o patriarcalismo fundaram padrões de dominação racial, do poder do homem branco impondo sua cultura, religião e exploração da mão de obra de negros e índios. Foi esta a base da formação de uma nação, a nação brasileira (SOUZA, 2017). A composição da “ralé brasileira” vem da libertação dos escravos: negros, mulatos e mestiços, que quando libertos, foram abandonados à própria sorte, ou ainda seguiram realizando serviços por um prato de comida e um abrigo. A casa grande e a senzala brasileira foram apenas adequando-se às transformações do “mundo moderno”. Os libertos buscavam abrigo nas periferias construindo suas casas e refazendo suas vidas, enquanto outros se sentiam dependentes de seus “senhores” e seguiam lhes servindo. Ainda existem diversos discursos dominantes que reproduzem a desqualificação do trabalho realizado pelos negros e consideram que a população oriunda da “ralé brasileira”, ou seja, as pessoas que ocupam as periferias, servem apenas para realizar serviços manuais ou trabalhos desqualificados (SOUZA, 2017).

Para o capitalismo, quanto mais frágil se encontra uma determinada população, mais ela se torna útil para girar a roda lucrativa. A necessidade de reproduzir a dinâmica do trabalho desqualificado transcende as gerações (CATTANI, 2009). Desde o extermínio indígena, a escravidão dos negros, a exploração das mulheres e a desapropriação dos produtores rurais, o que todos estes grupos têm em comum é que, apesar de sua exclusão social, todos foram (e são) cruciais ao sistema vigente que utiliza a força do seu trabalho na geração de lucros (CASTEL, 2013). Dentro desse processo, Castel (2013) chama a atenção para a “questão social da desigualdade”. Para o autor, a desigualdade social não está somente baseada no acúmulo de riquezas ou com foco no eixo econômico, mas em uma correlação mais intensa entre o lugar ocupado pelo sujeito na divisão social do trabalho e o seu acesso a redes de sociabilidade e de proteção. Ao ocuparem zonas periféricas e terem acesso apenas a subempregos, este grupo acaba por ter um isolamento social, onde os serviços básicos de educação, saúde e segurança muitas vezes não chegam (CASTEL, 2013).

Souza (2009) descreve a desigualdade como a falta de oportunidades no acesso aos bens materiais, culturais e simbólicos que decidem a colocação do sujeito na sociedade. Souza (2009)

²⁹ Sociólogo francês nascido em 1933 em Brest. Faleceu em 2013. De origem humilde em uma família de operários, viu sua mãe falecer de câncer aos dez anos de idade. Dois anos depois seu pai cometeu suicídio. Iniciou seus estudos em Filosofia e foi aluno de Raymond Aron e Pierre Bourdieu. Anos depois, migrou para as Ciências Sociais e teve como foco de estudo as consequências do trabalho assalariado sobre as relações sociais (WOLFART, 2013).

entende que no caso brasileiro, para aqueles que não são providos de oportunidades, ou seja, a “ralé brasileira”, acessar até mesmo seus direitos assegurados como cidadãos torna-se um constante processo de luta e competição. Uma questão que vem associada à desigualdade é a percepção do mérito. Essa concepção invisível distancia ainda mais a “ralé” das oportunidades e tem como meta destruir qualquer tentativa de luta e busca por espaços que vão para além das periferias. Esse mito faz com que a “ralé” acredite que uma vida de privações, a atuação em trabalhos desqualificados e a restrição nos acessos aos serviços públicos fazem parte de seu destino, bem como acreditam em uma ideia cruel de que bastaria se esforçar individualmente para alcançar o sucesso. Para a “ralé” há dois caminhos possíveis: aceitar, resignando-se ao seu destino, ou se tornar um delinquente. Porém, para ser um cidadão digno é preciso fugir da delinquência. A felicidade na “ralé” vincula-se à sobrevivência e às longas jornadas de trabalho, somadas a uma remuneração ínfima e a desvalorização do ser humano, características que colocam esta classe em uma posição de passividade e aceitação (SOUZA, 2009).

A nova cara da desigualdade social, como afirma Martins (2003) é justamente a “inclusão” da ralé no trabalho precarizado. Para ele, há dois tipos de sociedade. Uma que tem como poder a possibilidade ampla de consumo: de bens, de serviços e de direitos. Outra que quer ser “gente”, ou seja, representam uma sub-humanidade daqueles que vendem a força do seu trabalho de modo precário, em setores de serviços mal pagos, mas que querem de alguma maneira estar por dentro do consumo. Estes últimos têm como referência a qualidade de vida do “patrão”. Ocorre que é o consumo quem dita as regras na divisão de quem é pobre ou rico, onde seu eixo de funcionamento não está mais associado à produção, mas sim ao mercado (MARTINS, 2003).

Em 1960, o mercado de trabalho urbano brasileiro teve grande dinamismo principalmente na Indústria da Transformação. Porém, três quartos da população era formada por analfabetos gerando intensa concorrência entre os trabalhadores desqualificados. Houve o bloqueio da ação sindical e o rebaixamento do salário mínimo. A escolaridade e o acesso ao trabalho eram oportunidades para pessoas do sexo masculino e brancas. Foi no início dos anos 80 que grandes indústrias promoveram a migração dos trabalhadores do campo para as cidades para o uso de sua mão de obra (ARRETCHE, 2015). Tais circunstâncias podem explicar os perfis regressivos de distribuição de renda resultando em um desenvolvimento excludente e de fortes desigualdades. Os problemas gerados a partir da ideia de melhoria na qualidade de vida com a migração da população para as zonas urbanas fizeram com que a concentração de mão de obra se tornasse um problema de saúde pública e criminalização, com o surgimento de uma “classe perigosa” (CASTEL, 2013, p.123). A industrialização alastrou a formação de

subempregos e também de desempregados que contribuíram para o processo de acúmulo de riquezas a um pequeno percentual de membros da sociedade. Enquanto a pobreza e a falta de serviços básicos como saúde, segurança e educação castigavam a maioria da população, o que não era investido para suprir estas demandas, nutriam diversas empresas privadas (CASTEL, 2013).

O trabalho e o tempo ocioso poderiam ser dois fatores condicionantes para a produção e reprodução das desigualdades sociais. Ainda no século XIX, Veblen (1988) constatou dois tipos de ocupações: as “industriais” e as “honoríficas”. A primeira incluía o trabalho cotidiano de força manual e de subsistência, sendo realizada por escravos, servos e dependentes, ou seja, um grupo dito inferior. A ocupação honorífica era desempenhada por membros considerados nobres que desenvolviam atividades especiais, executadas pelos sacerdotes, guerreiros e esportistas que lhes proporcionava honra e admiração. Os grupos que desempenhavam ocupações honoríficas não podiam realizar atividades consideradas industriais ligadas à subsistência. Esta estrutura fazia com que os grupos produtores (industriais) cumprissem seu papel de dar manutenção e de sustentar o ócio do grupo honorífico. Quanto mais o grupo inferior trabalhava, mais tempo livre o grupo superior desfrutava e suas atividades eram ainda mais desejadas e valorizadas (VEBLEN, 1988).

Para os grupos considerados inferiores, todo o seu tempo era destinado ao trabalho. Esta era a maneira de receber quase nada e assistir à ociosidade daqueles que faziam poucos esforços, mas que recebiam todos os holofotes. O ilustre ócio teve papel perverso na desigualdade social e nas relações com o trabalho, onde os grupos superiores viviam muito bem e sem nenhum tipo de contribuição ao trabalho produtivo. Porém, com as transformações contemporâneas do século XX, a maneira como esses grupos passaram a se relacionar e a “Teoria da Classe Ociosa” sofreram certas mudanças. Pode-se listá-las na seguinte ordem (VEBLEN, 1988):

- a) reestruturação da relação entre trabalho e consumo: aumento da produtividade econômica, inserção de máquinas em indústrias, porém, sem diminuir o tempo de trabalho dos empregados, e com isso o apelo ao consumo por meio de ações publicitárias;
- b) surgimento do lazer: transformação do ócio em lazer e não como privilégio de poucos, mas sim como um direito de todos. Diminuição da carga horária de trabalho e acesso aos direitos de obter tempo livre;
- c) dimensões do consumo e da identidade social: o lazer ficou associado ao poder de consumo, em adquirir bens materiais. Isso criou uma identidade social onde o

prazer do ócio está atrelado ao prazer de comprar, logo, o sujeito sente-se incluído em um grupo considerado de honra;

- d) distinção entre as ocupações: a supervalorização dos trabalhos ditos honrosos, ou seja, os não manuais persistiram. As atividades manuais ligadas às rotinas de empresas, serviços gerais e de mão de obra facilmente substituível são consideradas desqualificadas e devem ser realizadas por pessoas que se encontram em grupos considerados inferiores, recebendo nenhum tipo de reconhecimento e com salários baixíssimos;
- e) mudança na composição demográfica das sociedades: percebe-se, com o passar dos anos, que famílias que possuem maior concentração de bens têm apenas um ou dois filhos, enquanto famílias de origem mais humilde não reproduzem este controle. Uma explicação, segundo Veblen (1988), é a concentração de gastos individuais em termos de consumo. Assim, famílias com poucos filhos garantem gerações subsequentes que desfrutariam do capital herdado, assegurando a sua qualidade de ócio.

Seguindo na corrente das transições, Linder (1970) aprofundou-se nas mudanças contemporâneas do tempo livre de cada grupo social. A partir da década de 1970, observa-se que o tempo de trabalho e a quantidade de bens para o consumo teve um proporcional aumento, gerando uma troca de tempo de serviço por “quanto posso comprar”, algo já sinalizado por Marx³⁰ a partir do conceito da luta das classes sociais.

Voltando para a quebra de paradigma em relação ao trabalho, Linder (1970) constatou que surge então um novo grupo, os *the harried leisure class*³¹. Esse grupo inclui aqueles que têm ocupações honoríficas, porém trocam suas horas livre por períodos longos de trabalho bem remunerados. Observando esta nova conjuntura, percebe-se que o grupo considerado inferior segue sendo explorado por meio de longa carga horária de trabalho desqualificado e sem reconhecimento: um panorama subsequente no século XXI e bem conhecido pelos profissionais catadores.

Castel (2013), Souza (2009) e Martins (2003) trazem o trabalho como eixo central na discussão da desigualdade social contemporânea. Mesmo que este seja desqualificado, precário e mal remunerado, seu papel é fundamental na vida do sujeito que busca uma vida honesta e digna. O trabalho simboliza a capacidade da “ralé” de se colocar em uma posição de proteção

³⁰ Karl Marx (2013), em “O Capital”, traz a discussão da venda da força de trabalho para a manutenção do capitalismo.

³¹ Tradução: “a classe ociosa ocupada”, “atarefada” ou “sem tempo”.

moral diante de tantos estigmas em relação a sua pobreza e exclusão social. Porém, a apatia da “ralé” perante a naturalização de desvalorização de seu trabalho, na verdade, se justifica pelo mecanismo de defesa em aceitar qualquer coisa para não se tornar um delinquente. Nessa percepção, qualquer pai ou mãe de família prefere ver-se ou ver a seus filhos aceitar qualquer trabalho, sob quaisquer condições, ao invés de tornar-se ou vê-los se tornarem delinquentes. Para as mulheres da “ralé”, o casamento pode ser uma opção perigosa de “serviço”, dando ao seu parceiro pleno direito sobre sua vida, seu corpo e seu trabalho. Já para os homens, para fugir da violência, dos crimes e da drogadição, o caminho mais seguro é o do trabalho desqualificado, um drama que se repete nas periferias: uma escolha entre a delinquência ou a dignidade (SOUZA, 2009).

A divisão sexual do trabalho empregada pelo modelo capitalista dispõe a mulher como força de trabalho que realiza, no geral, atividades intensas, manuais e operacionais. As atividades de gestão e estratégicas ficam direcionadas à força de trabalho masculina, que também, constantemente, assume cargos de liderança (ANTUNES, 2009). Muitas vezes, mesmo quando mulheres assumem cargos de chefia, sua remuneração é inferior comparada à mesma função realizada por um homem, e a sua atuação requer uma dedicação exigente que permanece em constante “prova de capacidade”. Esses princípios sutis que acompanham a construção da memória do trabalho feminino são praticados socialmente carregando duas falsas verdades: a primeira é que existe trabalho específico para homens e outro para mulheres. A segunda é que as funções realizadas por homens são mais importantes e conseqüentemente mais valorizadas (KERGOAT, 2002). No trabalho desenvolvido nos galpões de triagem de resíduos sólidos, a divisão sexual do trabalho é habitual. Segundo um estudo realizado pelo IPEA (2016), observou-se que na maioria dos galpões de reciclagem as mulheres ocupam majoritariamente as funções de coleta e triagem nas esteiras, enquanto os homens, minoria nas cooperativas de triagem, desempenham a função de motoristas e prensadores dos materiais. Outro dado importante foi à constatação de que 45% das mulheres tem cargo de liderança em cooperativas do Distrito Federal (Brasil), porém, o papel político é desempenhado por alguém do sexo masculino, bem como sua liderança está associada à “maternidade”. Ou seja, esses homens exercem o papel de mãe que “acompanha” as famílias dos trabalhadores e trabalhadoras tornando-se uma ação fraterna, e não técnica.

O trabalho realizado pelas mulheres é duplamente explorado, como nos apresenta Antunes (2009). Sua jornada é realizada com atividades repetitivas e de exigência manual no local de trabalho, sendo que continua, dentro de seu lar, com o cuidado da casa e da família. Outra falsa verdade que se construiu é a de que o trabalho doméstico deve ser feito

exclusivamente pelas mulheres: as chefas do lar. O que é tratado como amor, zelo pela casa e pelos filhos, Federici (2018) chama de trabalho não pago, e ainda, de produção de mão de obra gratuita para nutrir os próximos proletários do capitalismo. O modelo capitalista e a sociedade contemporânea incorporaram o trabalho feminino de “modo desigual e diferenciado em sua divisão sexual e social do trabalho” (ANTUNES, 2009, p.109). A falsa sensação de emancipação e de independência intensifica esta desigualdade vivida pelas mulheres no mercado de trabalho. Aos poucos se busca ocupar espaços de liderança, rendas iguais e valorização pelas funções desempenhadas, mas essa é uma luta de resistência diária. A legitimação da desigualdade no mundo do trabalho tem alicerce firme por meio da justificativa do mérito pessoal, e da reprodução da incompatibilidade de exigência do mercado e das ações inquestionáveis que se repetem e se materializam (SOUZA, 2009).

No Brasil, nos últimos 50 anos, a desigualdade social teve seu maior pico em 1989. Na ocasião, o piso de renda dos 5% mais ricos era 79 vezes o teto de renda dos 5% mais pobres (ARRETCHE, 2015). Em 2012 o ano de menor índice da desigualdade social brasileira. Porém, na América Latina, o Brasil se encontra na quinta colocação do país com maior índice de desigualdade social, um dos principais e com maior área de extensão e população. Dados apontam que 6,2 milhões concluíram o ensino médio em 1980, enquanto em 2010 eram 39,7 milhões de alunos concluintes. Um aumento de seis vezes. Em 1960, mulheres, pretos e pardos não frequentavam as universidades. Porém, em 2010, as mulheres eram maioria nos bancos universitários, ocupando espaços de trabalhos historicamente masculinos. Em relação aos negros e pardos, em 2010 ocupavam apenas 25% das vagas em cursos universitários. A entrada de mulheres no mundo do trabalho e escolar não garantiu salários iguais (ARRETCHE, 2015). Para Arretche (2015), a desigualdade social é muito mais complexa do que a dimensão puramente econômica. A desigualdade no Brasil revela que suas raízes são profundas, tendo como seiva a falta de investimento em educação, obstrução dos direitos básicos, discriminação racial e de gênero, e principalmente a discriminação política.

Os danos colaterais trazidos pela globalização e pela expansão industrial, na reflexão de Bauman (2013), resultam na desigualdade social que se destaca pela discriminação racial e de gênero, marginalização de seres humanos e valorização do consumo. Para o autor existem duas classes dentro da discussão de desigualdade social: os consumidores e os produtores. A subclasse daqueles que não consomem e se tornam inferiores por isso é denominada de “produtores”. Já os consumidores são aqueles que ditam o que deve ser adquirido, participam da construção das leis e das tendências econômicas mundiais. Os produtores não têm valor no mercado e só se tornam indispensáveis pela manutenção da produção dos bens de consumo. Em

uma sociedade onde consumir é sinônimo de ter sucesso, não é de se admirar que, para grande parte da “ralé”, comprar torna-se prioridade e outras questões passam a ser secundárias, tais como reconhecer a importância da educação para transformação dessa realidade (BAUMAN, 2013).

O trabalho realizado pelos catadores é considerado desqualificado pela sua dificuldade de valorização junto ao poder público e sociedade, locais e funções insalubres, e o estigma de sua atividade que perpassa as gerações. Os catadores realizam seu trabalho diante de uma compreensão de mundo baseada no consumo que não mede consequências no descarte (VERONESE; PIZZIO, 2008). A naturalização do trabalho desqualificado como algo de menor valor tanto econômico quanto social traz para o debate como a desigualdade é construída e perpassa por uma ausência de herança cultural. Desde a Idade Média, ofícios como os dos tigres, trapeiros, e catadores eram associados a estigmas e rótulos desagradáveis, inferiores e de exclusão, como algo punitivo (SOUZA, 2009; EIGENHEER, 2009).

Souza (2009) explicita a tentativa de “invisibilidade” dos catadores nas ruas para que os mesmos não passem por situações de humilhações, como uma maneira de proteção. O autor relata um caso de um pai de família que compreende quando seu filho não o cumprimenta na rua, pois seu estigma é o de um mendigo, cachaceiro e vagabundo. Passar “despercebido” pelas ruas muitas vezes se torna indispensável para seguir com o trabalho diário. Para grande parte da sociedade, o trabalho de recolher, triar e vender embalagens – porque os resíduos sólidos são em sua maioria embalagens – é considerado algo vergonhoso. Um trabalho honesto e digno que sustenta no mínimo 600 mil famílias não poderia ser desvalorizado e nem sinônimo de exclusão (IPEA, 2012). Os catadores, na escala moral e social, são aqueles que representam o fracasso em relação aos vencedores. Em uma sociedade onde a meritocracia prevalece, o trabalho realizado por esses profissionais está exatamente na linha tênue entre a indignidade e a delinquência, pois sua atividade também é realizada por delinquentes e ainda há quem diga: “estude para não se tornar um lixeiro!” (SOUZA, 2009).

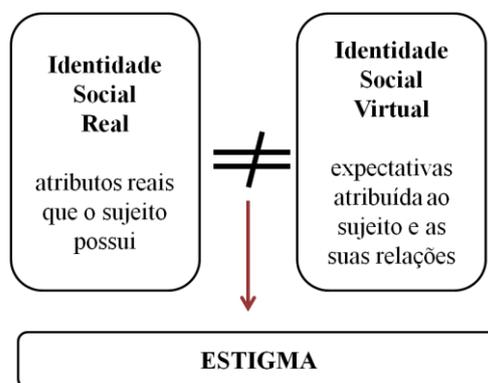
2.3 ESTIGMA: O LIXO

Na trajetória da limpeza urbana, uma justificativa para a falta de registros seria o estigma que carrega o “lixo” e tudo o que está relacionado a ele (EIGENHEER, 2015). E o que seria estigma? Para Goffman (2008), o estigma originou-se como uma marca física feita com fogo ou com cortes para identificar um escravo, servo ou um traidor a fim de que ele fosse evitado

em lugares públicos. Os gregos usavam o estigma como um divisor da população, e aqueles que tinham as marcas eram considerados “poluídos” (GOFFMAN, 2008, p. 11).

O estigma era referenciado como atributo depreciativo, um estereótipo de defeito, fraqueza, desvantagem e descrédito, relacionado à desgraça, exclusão e inferioridade. Para Goffman (2008), os sujeitos são providos de uma identidade social real e uma identidade social virtual. A identidade social real equivale a todos os atributos reais que o sujeito possui a partir de suas ações. Já a identidade social virtual é composta pelas expectativas atribuídas ao sujeito e às suas relações. O estigma seria justamente essa dissonância entre a identidade social real e a identidade social virtual, elemento que desumaniza o sujeito diferenciando-o do resto da sociedade (GOFFMAN, 2008).

Figura 11 - Representação sobre como se constrói um estigma



Fonte: Elaboração própria, baseada em Goffman (2008).

A Figura 11 apresenta uma representação da identidade social real que é diferente da identidade social virtual. É justamente na diferença entre as duas identidades que o estigma se estabelece. Nas relações sociais, Goffman (2008) descreve que o atributo, aquilo que é próprio e peculiar a alguém, e o estereótipo, ideia ou convicção classificatória preconcebida sobre alguém, fazem parte da construção de estigmas. O atributo que estigmatiza um sujeito pode também atestar normalidade a outro. Goffman (2008, p. 127) ainda acrescenta que, quando sujeitos ditos “normais” e estigmatizados se encontram, ocorre o que ele chama de “um momento em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma”. Para exemplificar, o autor descreve três tipos de estigma (GOFFMAN, 2008, p.14):

- a) O estigma físico, ocasionado por deformidades ou desprezo pelo corpo;
- b) O estigma da culpa de caráter individual, referente à vontade fraca, a paixões não naturais e a distúrbios mentais relacionados à prisão, vícios como alcoolismo e uso de drogas, ou questões comportamentais.

- c) Os estigmas tribais de raça, nação e religião que são transmitidos de geração para geração.

Nos três tipos de estigmas apresentados, o sujeito poderia ser aceito em suas relações sociais cotidianas, porém ele possui essa marca que determina uma atenção para seu estigma causando estranhamento e, certas vezes, afastamento daqueles em seu entorno. Essa marca acaba por destruir a possibilidade de atenção para os outros atributos. Dito em outras palavras, o estigma recebe o foco central e se torna difícil acreditar que esse sujeito possua outros atributos para além do estigma (GOFFMAN, 2008). O estigma muitas vezes traz um sentimento de inutilidade, de incapacidade e de invisibilidade. A visibilidade social, ou seja, querer aparecer diante do outro, necessita do fortalecimento da capacidade de aceitação e de reconhecimento na sua trajetória de vida (SOUZA, 2009).

Bauman (1999a) acredita que o estigma serve como um determinante de imobilidade para tudo aquilo que é estranho ou diferente da identidade de quem se caracteriza e é aceito socialmente como “normal”. O papel do estigma é fortalecer lugares determinados na sociedade, onde estigmatizados percebem onde devem estar e permanecer. A construção do estigma se dá de maneira sutil para que a tentativa de mudança ou reversão de uma marca seja negada na perspectiva de fazer com que o sujeito se sinta deslocado, tornando-o socialmente invisível (BAUMAN, 1999a, p. 79).

Pensando no estigma de um determinado coletivo, grupo ou movimento, Goffman (2008) descreve que um representante que apresenta um pouco mais de oportunidade de externalizar sua opinião ou maior conhecimento, acaba por ocupar espaços de liderança e se torna mais conhecido, mais relacionado do que os seus companheiros de compartilhamento do estigma e do sofrimento. Por isso, depois de um período, descobre que o movimento de representação toma todo o seu tempo e que seu grupo já não se sente representado pela sua liderança, havendo o estigma dentro do próprio estigma (GOFFMAN, 2008).

O trabalho realizado pelos catadores de resíduos sólidos carrega um estigma que representa o lado inverso do consumo, da industrialização desenfreada e da concentração de riquezas para poucos. A cada momento que eles se apresentam, que são vistos, nos remetem à desordem e ainda são considerados como sujeitos sem valor social e associados a tudo aquilo que “jogamos fora” (CABRAL, 2015). O estigma possui uma relação direta com a exclusão social. Eigenheer (2009) apresenta o estigma de repúdio com o lixo como um dos principais motivos de exclusão e da falta de reconhecimento do trabalho realizado pelos catadores. A exclusão também pode ser uma forma de “incluir” um sujeito para a realização de um trabalho desqualificado e assim ser estigmatizado. É o que veremos na próxima subseção.

2.4 EXCLUSÃO, O DESPREZO SOCIAL

A opção do trabalho realizado pelos catadores se origina, muitas vezes, pela exclusão social. Segundo o IPEA (2017), a maioria dos trabalhadores da coleta e triagem dos materiais recicláveis inicia suas atividades na catação pela falta de opção laboral, desemprego ou, ainda, por questões judiciais. Para muitas famílias, a busca pelo trabalho digno centra-se na coleta e venda de resíduos sólidos pela possibilidade de sobrevivência (IPEA, 2013; 2017).

Em diversos estudos que trabalham com a temática dos catadores de resíduos sólidos, a palavra “exclusão” ou ainda “exclusão social” surge como uma forma justificável de invisibilidade. Porém, para Castel (2013) o termo mais apropriado seria o de “desfiliação social”. A desfiliação social ocorre quando um sujeito não se encontra excluído, mas tem seus vínculos sociais distantes do centro de coesão, com seu trabalho precarizado, sem acesso à educação, à saúde e demais direitos básicos. Para o autor, a exclusão é algo imóvel, determinando estados de privação. Esses estados de privação possuem fases caracterizadas inicialmente por um percurso de transição da zona de integração para a vulnerabilidade, ou ainda, para inexistência social. O uso do termo “exclusão” para apontar situações de privação significa que os sujeitos excluídos seriam exceções, quando, na verdade, a desigualdade social toma conta de uma massa que cada vez mais se expande e que ameaça os demais grupos (CASTEL, 2013). Para reconhecer as maneiras exercidas de “desfiliação social”, Castel (2013, p.48) descreve três subconjuntos de práticas realizadas ao longo da história:

- a) exclusão por extermínio completa de uma comunidade, como por exemplo, o genocídio, forma mais radical de degradação social e política completa;
- b) conjunto de práticas de exclusão como a construção de espaços fechados e isolados dentro da própria comunidade, como por exemplo, os guetos, os leprosários, os asilos para loucos (hospícios) e as prisões para criminosos. O *status*/estigma é atribuído a certas categorias da população para que possam coexistir na comunidade, porém com a privação de alguns direitos e de algumas atividades;
- c) exclusão por discriminação, uma das principais ameaças na modernidade, pois ocorre inicialmente de maneira aceitável até se legitimar. Essa prática negativa caracteriza determinados grupos como cidadãos de segunda classe, o que Souza (2009) chama de “ralé”.

Para Martins (2003), a sociedade capitalista tem reproduzido uma prática de exclusão e de sujeitos desenraizados. Ela apresenta um sistema que exclui, desqualifica para depois incluir construindo suas próprias regras. No caso, uma inclusão precária, de exploração e instável. A

partir do momento em que o sujeito se encontra excluído, o estágio de transição entre exclusão e inclusão traz como produto a degradação. Este processo gera uma massa de pessoas deixadas de lado, com poucas chances de serem novamente incluídas nos padrões exigidos pelo mercado. Desse modo, o período de transição entre exclusão e inclusão, que deveria ser breve, está se tornando cada vez mais permanente, resultando em uma sociedade que inclui pelo aspecto econômico, mas que exclui nas questões sociais, morais e políticas (MARTINS, 2003).

A exclusão reproduz a estratificação social, ou seja, as camadas sociais que legitimam os “lugares de cada sujeito”. Ela representa o verdadeiro *status* onde aqueles que apresentam poder aquisitivo se tornem arrogantes sentindo-se no direito de julgar o modo de vida daqueles que, na sociedade de consumo, não conseguem obter bens. Esta visão reduz a exclusão social pela capacidade de consumo. Os sujeitos mais pobres aprenderam com a elite e a classe média que, na sociedade contemporânea, o luxo e o consumo ditam a capacidade de realização e inclusão do ser humano. Como consequência, para quem tem interesse em sentir-se incluído, importa mesmo é consumir independentemente dos meios degradantes, precários, violentos e ilícitos necessários para conquistar este fim (MARTINS, 2003).

Não há um sujeito que queira ouvir que sofre de exclusão social e que não pertence às classes que podem consumir. Há que se ter cuidado ao abordar tal tema com alguém excluído, pois pode ser compreendido como um ato humilhante e até mesmo um gesto de prepotência interpretativa própria de quem está de fora e não partilha da exclusão social por ele vivenciada. A exclusão promove uma sociedade que nega o acesso aos direitos, à cidadania e à capacidade de preservar as memórias de um determinado povo. Deixar de lado sua trajetória faz com que lhe seja indeferida a construção de seu destino e a capacidade de fazer escolhas, não tendo vez na “inclusão capitalista” (MARTINS, 2003).

Portanto, há que se refletir sobre o termo exclusão. Os catadores encontram-se excluídos de quê? Estariam eles incluídos no que Martins (2003, p. 26) denomina de “nova desigualdade social”, produzida pelas transformações econômicas e que coloca cada sujeito em uma determinada camada a fim de precarizar seu trabalho, explorar sua mão de obra e impossibilitar a sua ascensão? A invisibilidade de seu trabalho estaria associada à exclusão social? Este tema será apresentado na próxima subseção, a partir dos autores Honneth (2004), Fraser (2007), Ricoeur (2006) e Sousa Santos (2002; 2007; 2009).

2.5 (IN)VISÍVEL, PARA QUEM?

No Brasil existem mais de um milhão de catadores (MNCR, 2019). Porém, dados apontam que apenas 13% dos resíduos urbanos gerados são encaminhados para a reciclagem. Nesta cadeia, cerca de 90% de todo o material que chega a ser reciclado no Brasil passa pelas mãos dos catadores, individuais ou coletivos (IPEA, 2017). Os catadores são os protagonistas na coleta, triagem e venda do que seria “lixo” para a sociedade, dando a destinação correta para os materiais se tornarem novamente matéria prima, minimizando impactos ambientais, econômicos e sociais (EIGENHEER, 2009; IPEA, 2017). No entanto, são eles os que mais sofrem com a exploração e a falta de valorização do seu trabalho, ficando apenas com 1/3 da economia total relacionada à cadeia da reciclagem (IPEA, 2016). No campo ambiental, sabe-se que 91,5% das latas de alumínio são recicladas, um recorde mundial. A reciclagem do plástico aumenta a cada ano a partir de novas técnicas de triagem e de melhorias na infraestrutura das cooperativas e associações de catadores. Já no campo social, políticas de inclusão, de formação popular e de fortalecimento dos grupos de base possibilitaram uma melhor organização, qualidade e segurança nos galpões de reciclagem por todo o território brasileiro (IPEA, 2017). Porém, mesmo com tantas ações de fomento e protagonismo, a invisibilidade do trabalho que realizam ainda é tema para diversos estudos. Mas, o que seria a invisibilidade?

Honneth (2011) entende o termo invisibilidade a partir do não reconhecimento do outro, ou seja, como uma maneira dos sujeitos dominantes demonstrarem sua superioridade intencional sobre a presença social daqueles que eles consideram sujeitos dominados. O autor estabeleceu níveis de invisibilidade desde o esquecimento (distração), a situações de desprezo e a até mesmo a humilhação. Tal não reconhecimento faz com que os olhares sejam através (*looking through*) dos sujeitos com a intenção de constrangê-los, principalmente em espaços públicos ou em locais que a elite os considere intrusos (HONNETH, 2011, p.118). Para o autor, os conflitos sociais apresentam como natureza primária a luta por reconhecimento e o ato de reconhecer o outro é um ato de validação social. Os impulsos motivacionais para a luta por reconhecimento partem das experiências de desrespeito social, uma “violação” de sua identidade (HONNETH, 2011).

A invisibilidade social, argumentada em Honneth (2011), possui três fatores que afetam diretamente o não reconhecimento do sujeito: as relações afetivas, jurídicas ou sociais. Quando o reconhecimento é negado em alguma destas três esferas, emerge o sentimento de “desprezo social” que torna a invisibilidade não uma categoria social, mas uma realidade situacional. Honneth (2011) ainda apresenta o conceito de visibilidade, quando o sujeito é aceito

socialmente, apresentando duas atribuições: o conhecimento e o reconhecimento. A primeira trata-se da identificação do sujeito, ato cognitivo e não público. Está associada à convivência privada. Enquanto o reconhecimento seria o sentido positivo de admiração do sujeito, o ato de valorizar suas qualidades e singularidades. Assim, a visibilidade corresponde essencialmente em princípios de reconhecimento. Para o autor, a “visibilidade física implica uma forma elementar de identificação individual” (HONNETH, p. 228, 2011), ou seja, como o sujeito seria invisível se fisicamente ele é visível? Na verdade, a invisibilidade está relacionada ao sentido figurado, ao aspecto subjetivo e ao não (re)conhecimento da existência da outra pessoa. O ato de ‘não ver’ diz muito sobre a pessoa que ‘não quer ver’, sua trajetória de vida individual e coletiva.

Enquanto a invisibilidade, para Honneth (2011), está relacionada ao desrespeito e à humilhação, para Fraser (2007) trata-se de uma questão de injustiça. Em uma corrente mais contemporânea, Fraser apontou para o debate de um reconhecimento que tivesse uma corrente econômica e não apenas moralista. Para Fraser, a luta por reconhecimento se encontra alinhada à luta pela redistribuição de riquezas, resultando em um distanciamento entre a política da diferença e a política da igualdade. A justiça requer tanto o reconhecimento quanto à redistribuição, pois há a necessidade de reivindicação da igualdade social (política de classe) e da reivindicação de reconhecimento das diferenças (política de identidades). Além do reconhecimento e da redistribuição, Fraser (2007) apresenta mais uma dimensão, a paridade participativa. A paridade participativa necessita de duas condições para ser implementada, a primeira delas é a independência dos participantes por meio da distribuição dos recursos materiais, a condição objetiva. Já a condição intersubjetiva necessita que padrões institucionalizados de valoração cultural demonstrem respeito a todos os participantes garantindo-lhes iguais oportunidades. Isso impactaria na criação de uma igualdade de estima social e de desconstrução do *status* (FRASER, 2007).

A demanda pelo reconhecimento e pela visibilidade, o que Fraser (2007) chama de justiça social, está associada a três pontos: luta por redistribuição, luta por reconhecimento e a paridade participativa. A primeira trata da busca por distribuição mais justa das riquezas e recursos, no âmbito econômico. A luta por reconhecimento dos grupos minoritários, considerando diferenças de raça, gênero e opção sexual, vai de encontro aos padrões sociais dominantes de uma determinada sociedade. Já a paridade participativa desconstrói o modelo de *status*. Ao contrário da teoria do reconhecimento apresentada por Honneth (2011), que propõe uma identidade a partir da aceitação de um determinado grupo para a construção de uma visibilidade, Fraser (2007) problematiza que a construção da identidade ocorre a partir da

descoberta de um “eu” voltado para a autorrealização do sujeito dentro da sua comunidade, sendo o “modelo de *status*”. A negação do “modelo de *status*”, na busca por aceitação, torna-se assim injusta devido a padrões institucionalizados de valores culturais e econômicos, resultando em sujeitos invisíveis que acreditam que devam assemelhar-se aos grupos dominantes para tornarem-se visíveis (FRASER, 2007).

Paul Ricoeur (2006) em sua obra “Percurso do reconhecimento” expôs três sentidos para o reconhecimento: o reconhecimento do eu, o reconhecimento mútuo e por fim, o reconhecimento do outro. Para Ricoeur (2006), reconhecer é fazer a distinção entre o que é verdadeiro e o que é falso, entendimento construído em estudos a partir de Descartes. E ainda, reconhecer é aceitar-se como um ponto de partida para obter nova perspectiva em relação a sua vida, ao seu reconhecimento e para obter o reconhecimento do outro. Reconhecer e distinguir são considerados pelo autor como “um par verbal indissociável” (RICOEUR, 2006, p.50). Reconhecer-se dá ao sujeito a sensação de capacidade, impulsiona suas ações e o conduz na aceitação de sua história de vida. O invisível é o indistinguível pelo não reconhecer e não identificar, assim, os sujeitos estariam na busca por reconhecimento. A partir do “reconhecimento do eu” o sujeito consegue realizar ações autorreflexivas sobre seu papel na sociedade, seu desempenho e interação. A identidade mais autêntica de cada um deseja o reconhecimento do outro. Com isso, este reconhecimento é mediador do “reconhecimento mútuo”, ou ainda o que ele denominou de alteridade. A alteridade estaria alinhada à luta por reconhecimento e seria a capacidade de compreender o que o outro viveu, suas experiências e a sua importância para a sociedade.

Ricoeur (2006, p.316) propõe três modelos de reconhecimento:

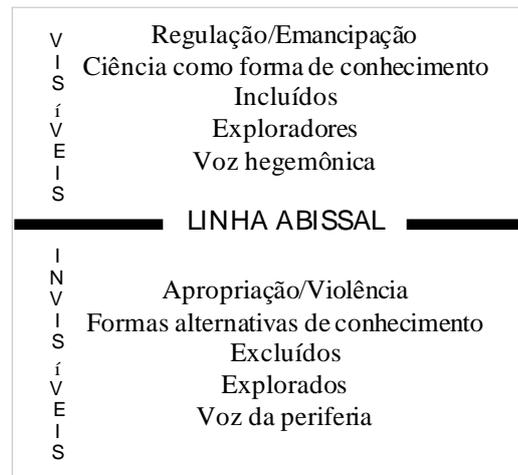
- a) O afetivo: reconhecimento encontrado nas relações de amizade, amorosas e familiares. Neste modelo, é considerado o nível pré-jurídico do reconhecimento mútuo. Nele ocorrem os primeiros conflitos, as primeiras identificações com o eu e com o outro. Desconsiderar este reconhecimento provoca a perda do autorrespeito e do caminho para a alteridade;
- b) O jurídico: este reconhecimento está relacionado com os direitos de proteção pessoal, da participação na democracia e na justa distribuição de bens e riquezas. Trata-se de reconhecer-se perante a sociedade, como cidadão com direitos e deveres capaz de reivindicar quando existir algum sentimento de exclusão, frustração ou ameaça;
- c) A estima social: associada à vida ética. Reconhecimento baseado nos valores, objetivos comuns e em suas qualidades perante a sociedade.

Para Ricoeur (2006), a identidade dos sujeitos é construída pelo reconhecimento nos três modelos ou pela sua ausência neste reconhecimento. Resistir, lutar por direitos, ter alteridade, ser ético só é possível a partir do entendimento sobre o reconhecimento. Para o autor, a visibilidade vem fundada em resistência coletiva.

Nas bibliografias de Boaventura de Sousa Santos (2007; 2009), a invisibilidade é identificada a partir de uma linha abissal. Essa linha imaginária que remete ao abismo emerge de um pensamento moderno ocidental que se origina da divisão entre o velho e o novo mundo, entre o que está do “lado de cá” e o que está do “lado de lá”, entre o visível e o invisível (SANTOS, 2009; CABRAL, 2015).

Esses dois universos distintos reforçam as diferenças no que está presente em cada um dos lados da linha abissal. O lado visível, também considerado como o lado desenvolvido, regula o “outro lado” (ordem) e possui autonomia em relação ao que está abaixo da linha abissal, a emancipação (progresso). Ainda no lado visível, o conhecimento é valorizado a partir dos estudos científicos e esta seria considerada a única fonte do conhecimento legítimo. Os representantes deste “lado da linha” seriam aqueles incluídos e exploradores do “outro lado”, fomentando o capitalismo e usufruindo de sua voz hegemônica para impor sua cultura, valores e conhecimento (SANTOS, 2007; 2009).

O que está abaixo da linha abissal representa, para Santos (2007; 2009), os sujeitos que compõem o grupo dos excluídos e dos explorados. Neste lado da linha imaginária há uma tensão de apropriação e violência em relação à imposição de culturas, saberes e desqualificação dos seres humanos resultando, muitas vezes, em destruição física, material e cultural. O conhecimento alternativo baseado em experiências, vivências, saberes populares e nativos não são considerados como legítimos, tampouco como científicos. Por representar a voz da periferia, dos excluídos, tal discurso é calado pela determinação de necessidades e histórias oriundas daqueles que dominam, entendimento que remete às “memórias oficiais” defendidas por Pollak (1989).

Figura 12 – Representação da Linha Abissal

Fonte: Baseado em Santos (2007; 2009).

A representação da linha abissal (Figura 12) coloca os dois grupos: os visíveis, inteligíveis e úteis, e os invisíveis, aqueles que são vistos como inúteis e perigosos, em seus respectivos patamares: um acima e outro abaixo. Para Santos (2007; 2009), as principais manifestações que fomentam este pensamento de segregação são o direito e o conhecimento. Em ambas, as características fundamentam a impossibilidade de transposição de um lado da linha abissal para o outro. Abaixo da linha abissal, no grupo dos invisíveis, Santos (2002) descreve sobre a sociologia das ausências ao retratar a desqualificação que implicaria em uma invisibilidade produzida. A existência inferior deste grupo não valeria o seu reconhecimento perante a sociedade tornando-se um grupo ausente. O que “não existe”, para ele, é algo construído para manter-se oculto por meio das relações sociais de exclusão, injustiça e exploração, convenientes para estimular o comportamento de quem se encontra acima da linha abissal (SANTOS, 2002).

Em um estudo mais recente, Costa (2004) que viveu durante meses a experiência de ser um gari, e por isso não foi reconhecido pelos seus colegas na faculdade de Psicologia, aponta que a invisibilidade surge como um fenômeno psicossocial onde o sujeito desaparece entre outros sujeitos. Pelo excesso de vivências em situações de humilhação e de exclusão sofrida durante séculos, a classe mais pobre acaba por desaparecer, e torna-se paisagem inóspita a ponto de ser ignorada. O desinteresse pelos mais pobres acaba por invisibilizar parte da sociedade.

As variadas linhas de abordagem teórica sobre invisibilidade social argumentadas neste estudo conduzem às seguintes considerações, conforme o Quadro 1:

Quadro 1 – A invisibilidade por diversas abordagens teóricas

INVISIBILIDADE SOCIAL	INDIVIDUAL	COLETIVA
Honneth (2004)	- Renúncia de reconhecimento afetivo e do direito civil; - Estado de sofrimento psíquico.	- Renúncia dos direitos jurídicos e sociais; - Busca por visibilidade e reconhecimento.
Fraser (2007)	- Sentimento de injustiça.	- Luta por justiça social e reconhecimento.
Ricoeur (2006)	- Reconhecimento afetivo; - Reconhecimento dos seus direitos; - Reconhecimento dos valores que formam seu caráter.	- Busca por reconhecimento; - Resistência coletiva; - Alteridade nas relações.
Sousa Santos (2002; 2007; 2009)	- Exploração e exclusão do sujeito; - Desvalorização de sua cultura e do conhecimento empírico.	- Apropriação e violência; - Ocultar a voz da periferia; - Luta pela existência.
Costa (2004)	- Humilhação e exclusão.	- Desinteresse pelo que está relacionado à pobreza.

Fonte: Baseado em Honneth (2004), Fraser (2007), Ricoeur (2006) e Sousa Santos (2002; 2007; 2009).

A invisibilidade é seletiva e desencadeadora de sentimentos como humilhação, exclusão, exploração, desprezo, injustiça e sofrimento psíquico. O sujeito que não se percebe visível perante a sociedade perde a vontade de fazer valer seus direitos como cidadão, de lutar por aquilo que acredita, por ter sua voz e sua existência respeitadas (HONNETH, 2004; FRASER, 2007; RICOEUR, 2006; SANTOS, 2002; 2007; 2009).

Com a sua participação tão efetiva na cadeia da reciclagem no Brasil, seriam os catadores sujeitos invisíveis? O que faz com que estudos (BENVINDO, 2010; NASCIMENTO, 2012; CABRAL, 2015; SILVA, 2015; KUHN, 2016; PASQUALETO, 2018) apontem para o tema dos catadores como profissionais que não recebem a visibilidade necessária para realização do seu trabalho? A memória e a identidade destes profissionais estão relacionadas à (in)visibilidade?

2.6 MEMÓRIA E IDENTIDADE

Estudos sobre memória tiveram origem a partir das ideias de Halbwachs (1925). Para o sociólogo francês, a memória individual é na verdade uma memória construída a partir das memórias coletivas, ou seja, ela é uma composição aleatória das memórias dos grupos ao qual o sujeito pertence e socializa. Tais grupos exercem algum tipo de influência sobre o sujeito que, assim, constrói sua memória individual. A memória individual se apoia nas convenções sociais e, portanto, o sujeito necessita da memória coletiva para lembrar-se do seu passado. Outro ponto

importante sobre a memória, segundo Halbwachs (1925), é que toda a lembrança é uma representação do passado, porém no tempo presente. O sujeito lembra-se do passado a partir de experiências presentes e esta lembrança não é fiel ao fato ocorrido, podendo haver variações e fantasias, ou seja, a memória não é estável. A memória individual nunca será exclusivamente uma vivência individual, mas sim, uma composição do contexto social, das experiências do grupo e de como vemos o mundo no presente.

Na trajetória dos catadores, as memórias do seu trabalho são relatadas desde a Antiguidade, dos romanos até o tempo atual. Tanto o trabalho realizado por eles quanto a matéria prima coletada tiveram transformações e sofreram alterações contadas a partir de memórias escritas em diários oficiais, livros, jornais, cartazes, músicas, poemas e imagens (EIGENHEER, 2007; 2009). As memórias relatadas por aqueles que eram detentores do conhecimento e poder são conhecidas como memórias oficiais. As memórias oficiais eram registradas por aqueles que Pollak (1989) designou como dominantes. Para o autor, a memória coletiva era compartilhada apenas por uma parcela da população, aquela que teria soberania intelectual e econômica sobre a outra.

No contraponto das memórias coletivas ditas como oficiais, as memórias subterrâneas contemplavam aqueles que integravam culturas minoritárias e dominadas. Tais memórias que emergiam dos subúrbios, das vítimas, dos que sofriam com a exclusão contavam uma narrativa mais detalhada e muitas vezes diferente da narrativa oficial. As memórias subterrâneas têm como característica entrar em disputa com as memórias oficiais assim que sentem-se ameaçadas como se emergissem de um lugar onde estiveram aprisionadas. Uma vez que estas memórias encontram a superfície, há uma construção de reconhecimento e identidade na busca por reivindicações. Quebra-se o silêncio sobre o passado e um novo contexto torna-se possível, porém, ainda em confronto com a memória oficial (POLLAK, 1989).

Santos (2012) defende que a memória é uma representação dos reducionismos e absolutismos de determinados grupos em relação a outros quando se trata de narrar uma trajetória. O esquecimento ou a não existência e até mesmo a aparição escassa de um determinado coletivo já contam uma história e podem ser indicadores de posições hierárquicas e coerções. Os movimentos sociais são fontes de memórias subterrâneas que resistem à memória oficial. Para a autora, a memória é o valor mais caro dos seres humanos, possibilitando o sentimento de pertencimento ao mundo, como ser social, e também constituinte da identidade dos sujeitos (SANTOS, 2012).

A memória é geradora de identidade e ao mesmo tempo em a primeira modela a segunda, a trajetória de vida e as experiências acabam por moldar a identidade recursivamente.

A memória é a identidade em ação, pois as práticas identitárias são formadas por lembranças e esquecimentos, incorporando certos aspectos do passado, mas também novas construções do presente. Para Candau (2016) não é possível falar em identidade sem memória. Ao contrário, não há busca por memórias sem vir ao encontro com a identidade de cada sujeito. As memórias tornam-se subsídios nas tomadas de decisões que compõem a identidade. No momento em que o ato de lembrar acontece, emprega-se o passado no presente para que assim aconteça a seleção de memórias da trajetória do sujeito com o intuito de guiar suas escolhas e construir sua identidade a cada etapa da vida (HALBWACHS, 1925; CANDAU, 2016).

No final do século XX, a “crise de identidade”, antes vista como um conceito simples e estagnado que definia classes, raças e gêneros, tornou-se um debate complexo. Um dos sociólogos que apontou a nova “identidade moderna” como um processo a ser construído e em constante transformação foi Stuart Hall. Hall (2002) defendia que aqueles sujeitos que não eram contemplados em uma denominada categoria como classe, gênero, nação ou etnia, por exemplo, davam origem a novos movimentos sociais e buscavam uma nova dinâmica de enfrentamento, seja a partir de antigos, como de novos paradigmas. São os processos identitários. A reflexão acerca dos processos ou das práticas identitárias surgiu a partir de uma perspectiva situacional, relacional e distinta na qual as disputas sociais ocupam um lugar central na constituição da ideia de diferenças e dos sentimentos de pertencimento (HALL, 2002).

Segundo Hall (2002), as constantes mudanças e a globalização contribuíram para uma percepção de instabilidade. As práticas sociais passaram a ser seguidamente desafiadas, criticadas e transformadas pelos sujeitos. Havia uma realidade de constante processo, e não de estagnação. A partir disso, Hall (2002) nomeou três ideias modernas de identidade:

- a) o “*self*” do iluminismo: durou do séc. XVII a XX, e o entendimento era de que se tratava de uma pessoa que nascia com “um cerne interior”, ou seja, que sua identidade nascia com ela e que dificilmente sofria modificações com o passar dos anos;
- b) o “*self*” sociológico: surge, a partir de 1920, o entendimento de que a identidade, ainda vista como “um cerne interior”, porém seria passível de mudanças pela convivência com o meio e com a sociedade, transformando seus valores culturais e morais;
- c) o “*self*” pós-moderno: o entendimento sobre a identidade é que o sujeito não possui nenhum “cerne interno” estável, não é fixa e é transformada conforme a necessidade e contexto da sociedade.

O acesso ao multiculturalismo fez com que o entendimento sobre o que é identidade se desconectasse do tempo, lugares, histórias e tradições específicas, assumindo uma mudança constante e global de sujeitos com “celebração móvel”, ou seja, formada e transformada constantemente (HALL, 2002). O sujeito pós-moderno pode, mesmo que temporariamente, adaptar-se a diversas identidades possíveis quando confrontados pela necessidade de se adequar ao contexto momentâneo. Dessa forma, uma identidade estável, concluída e coesa se torna uma ideia fantasiosa quando se trata das relações de sujeitos com o mundo contemporâneo e dinâmico (HALL, 2002). Para o sociólogo, a identidade pode ser entendida como passível de construção, desconstrução e reconstrução por meio das vivências e práticas sociais onde ideias e tradições que antes eram engessadas, a partir do debate e de uma nova perspectiva, podem passar por mudanças.

Nesse mesmo estilo, Castells (2006) também acredita que a identidade é transitória em uma sociedade, porém, baseada em relações de poder. Ele propõe três formas de construção da identidade:

- a) identidade legitimadora: dominadora, detentora de poder, que busca fundamentar suas crenças;
- b) identidade de resistência: atores que se encontram em situação desfavorável, desvalorizados e estigmatizados pelo modelo de dominação;
- c) identidade de projeto: encontra-se em situação de resistência buscando seu espaço para construção de uma nova identidade, porém ainda não se tornou uma identidade legitimadora.

Dessa maneira, para Castells (2006) as identidades que iniciam com a marca da resistência podem se tornar projetos e finalmente assumirem uma identidade legitimadora. A construção de uma identidade é capaz de resultar em um produto distinto, a busca por uma transformação pessoal. Além disso, Castells (2006) chama a atenção para certa confusão entre os conceitos dos papéis e das identidades. Para ele, os papéis de um sujeito na sociedade estão relacionados a funções, enquanto a identidade está relacionada diretamente com o significado, ou seja, com a identificação simbólica por parte do sujeito, da finalidade da ação praticada por ele. Sendo assim, as práticas identitárias, que produzem significados e incluem relações de poder, acabam por definir quem são os incluídos e excluídos em dado grupo social.

Seguindo o entendimento da construção da identidade pós-moderna, Bauman (2005b) associa-a ao ato de pertencer, de sentir-se parte de uma ideologia, crença ou grupo. Para o autor, a identidade e o pertencimento distanciam-se da solidez e se aproximam de um processo de transformação contínua do ser humano. O fenômeno das práticas identitárias, para o autor, parte

da centralidade do sujeito que é portador de inteligência, cultura e sentimentos, o qual, por meio das interações sociais, forma identidades coletivas. Dessa maneira, as interações constroem e sustentam as referências comuns de nossas identidades em movimento como fruto de uma sociedade líquida e em constante transição. Assim, as “identidades flutuam pelo ar”, pois muitas vezes são formadas por escolhas realizadas pelo sujeito, e por outras vezes, infladas por pessoas que compõem o seu entorno (BAUMAN, 2005b, p.19).

Em uma sociedade pós-moderna, Canclini (2008) apresenta outra definição para “as identidades”. Para o autor, a identidade está alinhada à maneira como um determinado grupo se comporta a partir da influência de fatores externos, ou seja, de culturas impostas, construída socialmente, ou ainda, apropriadas. Com a globalização e com a comunicação em massa, as tendências e comportamentos passaram a se tornar quase que análogas, enfraquecendo as identidades nacionais e regionais. O consumo é uma das ações que moldam a nova identidade, a identidade da globalização. Consumir é sinônimo de estar incluído em um grupo seletivo da sociedade e que parece a cada dia fazer com que todos se pareçam iguais, porém fortalecendo ainda mais as desigualdades sociais. Nesse sentido, há semelhanças entre o que apresenta Canclini (2008) e Bauman (2005b) onde a fluidez de misturas de culturas e de identidades tão dinâmicas são mutáveis e influenciáveis em uma sociedade líquida e globalizada.

A memória é o assento da identidade. Na construção da identidade dos catadores, a memória pode ser percebida quando se modificam discursos ao dizer que a sociedade deve se conscientizar para valorizar o trabalho realizado por estes profissionais. Consequentemente, os próprios trabalhadores irão se identificar com seu grupo. Gonzalez (1984), quando escrevia sobre o racismo e o sexismo no Brasil, já dizia que é preciso compreender a diferença entre consciência e memória. Para a autora, consciência é construída pelos dominantes, é a história e as características que “todos” querem que seja absorvida e reproduzida. Já a memória é orgânica, construída pela base, pela cultura. Para a autora, a memória é a história que não foi escrita e está em um lugar de emergência da verdade daqueles que não tiveram voz. A memória inclui o que a consciência exclui e é componente construtor de identidade (GONZALEZ, 1984, p. 226).

2.7 REFLEXÕES SOBRE A DESIGUALDADE SOCIAL: A (IN)VISIBILIDADE DE QUEM CATA

Antes mesmo de se refletir sobre a desigualdade social, trazer o conceito de estratificação em Weber (2004), baseado na construção de uma sociedade que dispõe os sujeitos

em camadas sobrepostas, onde uma se coloca acima ou se considera melhor do que a outra, é fundamental e o ponto de partida desta discussão. A estratificação social em suas três dimensões (econômica, social e política) provoca a disputa de poder e conseqüentemente reforça a tese de que a questão social da desigualdade se encontra associada a diversos fatores como o econômico, o cultural, o social, o religioso e o político (WEBER, 2004).

O trabalho, elemento indicado pelos autores como um dos principais motivos de desigualdade, reforça o que Souza (2009) entende quando descreve o catador como um profissional invisível, com dificuldades para ser valorizado independente de quão importante ou árduo seja a sua função, ou ainda como um sujeito da desordem (CABRAL, 2015). No Brasil, a desigualdade encontra-se cada dia mais naturalizada e a quantidade de pessoas que vivem em situação de miséria extrema e que catam nas ruas para vender e sustentar suas famílias ainda é muito significativa (SOUZA, 2009; ARRETCHE, 2015). Os altos índices de reciclagem justificam esta desigualdade: no Brasil, 95% das latas de alumínio retornam para as grandes empresas que reutilizam esta matéria prima, enquanto em países ditos mais desenvolvidos, o índice mais próximo é o dos Estados Unidos (EUA), chegando a 91%. Porém, nos EUA essa coleta é realizada por empresas privadas (SOUZA, 2009). Sabe-se que no Brasil, apenas 21% dos 5.570 municípios possuem a coleta seletiva (SNIS, 2016), então, como explicar a alta capacidade de reciclagem do alumínio?

A desigualdade social, aqui entendida a partir da premissa weberiana, ou seja, construída por diversos fatores: político, econômico e social, provoca a reflexão neste capítulo, que apresenta a estratificação social como algo baseado em relações de poder, de classe e de privilégios. Mesmo que algumas de suas dimensões não sejam usuais na contemporaneidade, é inegável que a sua estrutura multidimensional exemplifique as camadas da desigualdade social (WEBER, 2004). Nessa lógica, a estratificação se torna o mecanismo propulsor para a desigualdade social que, por sua vez, tem raízes na precarização dos direitos básicos, discriminação racial e de gênero, desqualificação e exploração do trabalho. A construção do estigma e a exclusão social são resultados da desigualdade (GOFFMAN, 2008; WEBER, 2004; CASTEL, 2013).

O estigma, como uma dissonância construída na relação entre os sujeitos, parece não ter a mobilidade social tal como entendida por Weber (2004) e Bauman (1999) já que, uma vez havendo a construção deste estigma, o sujeito será “taxado” socialmente como aquele que não está nos padrões sociais estabelecidos, dentro de uma denominada normalidade. O sentimento de estranheza pelo que é diferente fomenta ainda mais a desigualdade e parece perdurar com o passar do tempo (BAUMAN, 1999). Exemplo disso está na questão do trabalho dos catadores,

que desde sua origem associa-se à desqualificação, humilhação, punição e repulsa (SOUZA, 2009; EIGENHEER, 2009). Portanto, acabam tornando-se sujeitos invisíveis para a sociedade. Souza (2009) apresenta a invisibilidade não apenas como um ato de indiferença em não enxergar o outro, mas de se dar conta de sua presença e mesmo assim, ignorá-la por completo e decidir que este ser não é relevante e que é responsável pelo seu estigma. Trata-se de um sentimento de “dano colateral”, termo exposto por Bauman (2013), onde culpabiliza-se quem se encontra em uma situação de exclusão, a partir da crença de que para que alguns tenham abundância, muitos devem se contentar com pouco. É o conformismo conveniente para quem se encontra no topo da pirâmide da estratificação social (GOFFMAN, 2008; WEBER, 2004).

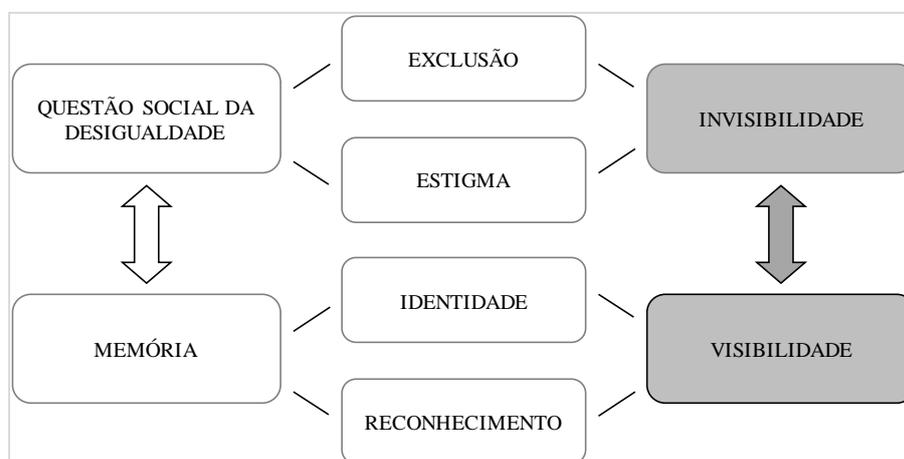
A exclusão também passa por uma imobilidade social. A nova desigualdade social apresentada por Martins (2003) não se baseia apenas no aspecto econômico, mas também nos seus desdobramentos que afetam a identidade e a autoestima dos sujeitos. A necessidade de consumir e de obter um *status*, ainda muito relacionada a “ser = consumir”, faz parte da busca por reconhecimento social. Há também, um crescente sentimento de ausência de justiça e abandono entre as pessoas mais excluídas. A dificuldade no acesso aos serviços públicos e a falta de obras de saneamento e educação de qualidade em periferias das grandes cidades são exemplos disso (MARTINS, 2003).

No meio do panorama de desigualdade, exclusão e estigma, surge a invisibilidade, ou pelo menos o desejo de ser invisível perante uma sociedade que discrimina e ignora os profissionais do “lixo” (SOUZA, 2009, p. 256). Como competir com as reais chances de vitória quando todos dizem que o trabalho de catação é indigno? Como construir uma identidade de visibilidade, que tenha força e que se orgulhe de sua trajetória em meio a tanta negligência? Parece que a invisibilidade desta categoria é inerente a sua condição de trabalho, seja ela formal ou informal. O trabalho desqualificado compartilha desta peculiaridade da invisibilidade. Souza (2009) destaca que muitas vezes os catadores são duplamente estigmatizados, quando, por exemplo, alguém desconhece o seu trabalho e não o difere de um morador de rua ou de um dependente químico.

O valor do trabalho digno torna-se uma constante busca por reconhecimento e fundamental para a construção de uma identidade. A esperança da mudança em busca de espaço e oportunidade de conhecimento se configura na luta por igualdade e dignidade (SOUZA, 2009). Quem conhece a própria trajetória e a do seu trabalho, pode ter a oportunidade e escolha de fugir da alienação imposta pelo capitalismo. A mola propulsora das mudanças sociais está no reconhecimento, estado este capaz de provocar conflitos, tramar lutas motivadas por grupos sociais em busca de legitimação e valorização. As lutas sociais são as práticas de experiências

individuais que se somam às necessidades de um coletivo na busca por direitos, conquistados pela união e somente praticados por grupos excluídos e estigmatizados (HONNETH, 2003). A Figura 13 traz essa reflexão:

Figura 13 - Reflexão sobre os conceitos trazidos



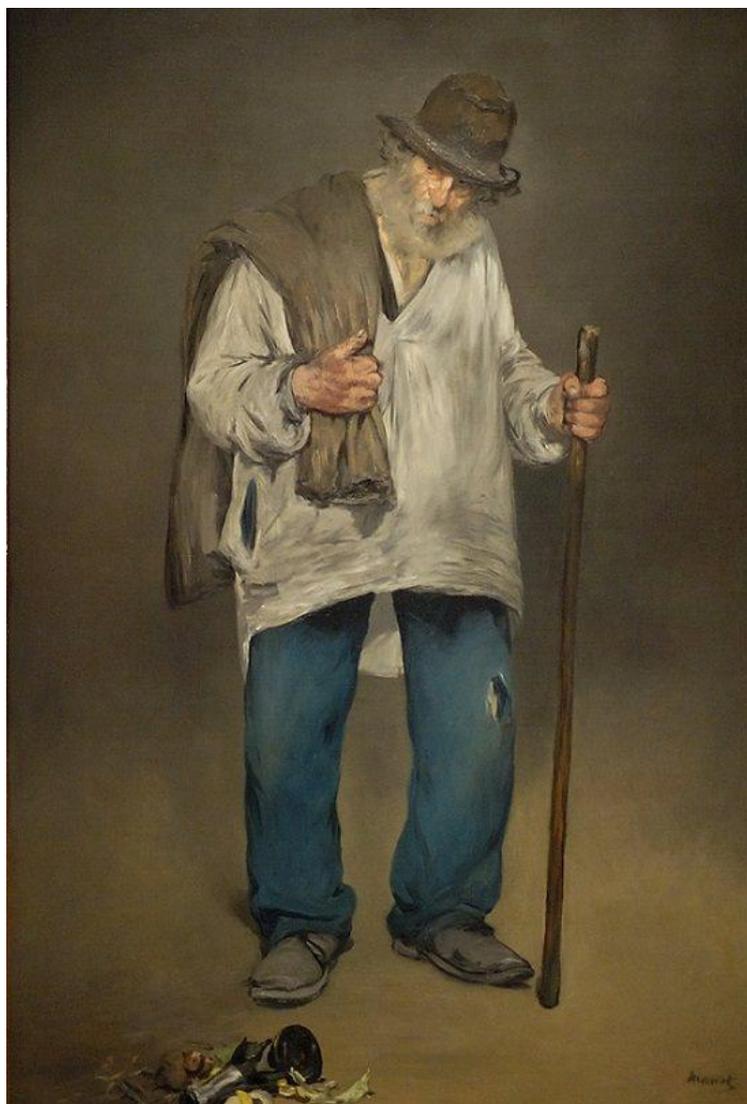
Fonte: Elaboração própria.

A memória, o reconhecimento e a identidade podem gerar visibilidade. A memória pode servir como base para uma (re)construção com vistas à restituição de um lugar de trabalho e de valorização dos catadores na busca por visibilidade e reconhecimento (GONZALEZ, 1984). Portanto, a memória se torna elemento constituinte da identidade, tanto no aspecto individual como no coletivo. Ela se torna fio condutor no processo de continuidade e de coesão de um determinado grupo, dando para este um lugar de legitimidade (POLLAK, 1992). Os grupos em questão, de catadores de resíduos sólidos, são grupos de resistência, grupos que compõem as memórias subterrâneas (POLLAK, 1989), aquelas memórias extraoficiais, que se contrapõem às memórias oficiais ou coletivas e constituídas pela elite.

A busca do sujeito por reconhecimento para encaixar-se em um *status*, ou seja, adequar-se a um determinado grupo, torna-se uma subordinação social, ocasionando sofrimento e um sentimento de injustiça (FRASER, 2007; HONNETH, 2004;). O “modelo de *status*” visa à superação desta necessidade de adequar-se a padrões motivados pelo medo da exclusão e da invisibilidade. Na busca pela visibilidade, não basta apenas reconhecer os sujeitos em suas identidades para incluí-los, há necessidade de respeitar as diferenças em busca de uma justiça social e não desvincular desta luta a busca por redistribuição de riquezas. A igualdade não pode então ser taxada dentro de um padrão normativo em busca da visibilidade dos sujeitos, mas como um caminho pelo respeito das individualidades, reconhecimento recíproco entre os sujeitos e a busca pela justiça social (FRASER, 2007).

Para a construção deste capítulo, diversos estudos, teses e artigos foram apreciados (CABRAL, 2015; EIGENHEER, 2009, 2015; IPEA, 2013, 2016; KUHN, 2016; NASCIMENTO, 2012; PINHEL, 2013; SCHWENGBER, 2015; SILVA, 2015; SOUZA, 2009) e algumas palavras estavam presentes em quase todos: desigualdade social, estigma, exclusão, exploração, invisibilidade e falta de reconhecimento. A partir de tais palavras-chaves, este capítulo foi construído buscando compreender em que momento elas estariam interligadas, relacionadas ou conectadas. Durante as leituras e o processo de escrita, pode-se perceber que a desigualdade social gera exclusão, estigma e invisibilidade, ao mesmo tempo em que está presente nas memórias e na trajetória dos catadores de resíduos sólidos. Da mesma maneira, a memória pode ser geradora da luta por reconhecimento e construção da identidade destes trabalhadores na busca por visibilidade do seu ofício. Por fim, todos esses conceitos levantados para a construção de um debate conjunto foram paulatinamente construindo significados para um caminho possível na elaboração do roteiro das entrevistas e na construção das categorias de análises da presente tese.

CAPÍTULO 3 - CAMINHOS METODOLÓGICOS



Fonte: “*Rag Picker*”, pintura de Edouard Manet, de 1869³².

³² Em 1869, Manet registra o “*Rag Picker*”, alguém que “não tinha valor” para a sociedade. Nesta obra, Manet estava questionando as tradições e regras do mundo da arte. No entanto, ao mesmo tempo, o “*Rag Picker*” era um símbolo de liberdade daqueles personagens que viviam em seus próprios termos, irrestritos pelas regras da sociedade.

Os caminhos metodológicos apresentam a trajetória e descrições acerca da coleta e análise dos dados, voltados para resolução de um problema de pesquisa visando o alcance dos objetivos propostos. A escolha do tema deste estudo está alinhada às relações da investigadora com sua trajetória acadêmica e de vida, conforme exposto no “Memorial da pesquisadora”. A memória, além de ser campo teórico de abordagem, tornou-se caminho condutor e construtor que guiou todos os passos da pesquisa, das relações com os entrevistados, das leituras e das observações. Sabe-se que para a realização de uma pesquisa se faz necessário traçar técnicas, detalhar ferramentas e aplicar metodologias de reconhecimento científico.

Neste capítulo de percurso metodológico, após a apresentação do desenho da pesquisa, propõe-se uma caminhada para além do mesmo. O desenho de pesquisa apresenta um parâmetro geral da construção da tese dando destaque para os autores que compuseram os capítulos 1 e 2 de referencial teórico. A subseção “Construindo um caminho” apresenta a escolha das técnicas de coleta dos dados e os momentos de imersão da pesquisadora: participação na Expocatadores 2016/2017, entrevista com os catadores do MNCR e do MESC, visita ao professor Emílio Eigenheer e visita aos *biffins* no “mercado de pulgas”, na França. A subseção “Marchemos juntos: caminhar é resistir” convida para uma caminhada lado a lado com a apresentação dos entrevistados, técnicas de análise e sistematização dos dados, percepções e desenvolvimento da pesquisa realizada. Por fim, faz-se a apresentação do “*Sonal 2.0.97*: uma ferramenta livre”, o *software* utilizado para a sistematização dos dados, tanto na construção das categorias quanto para a análise léxica.

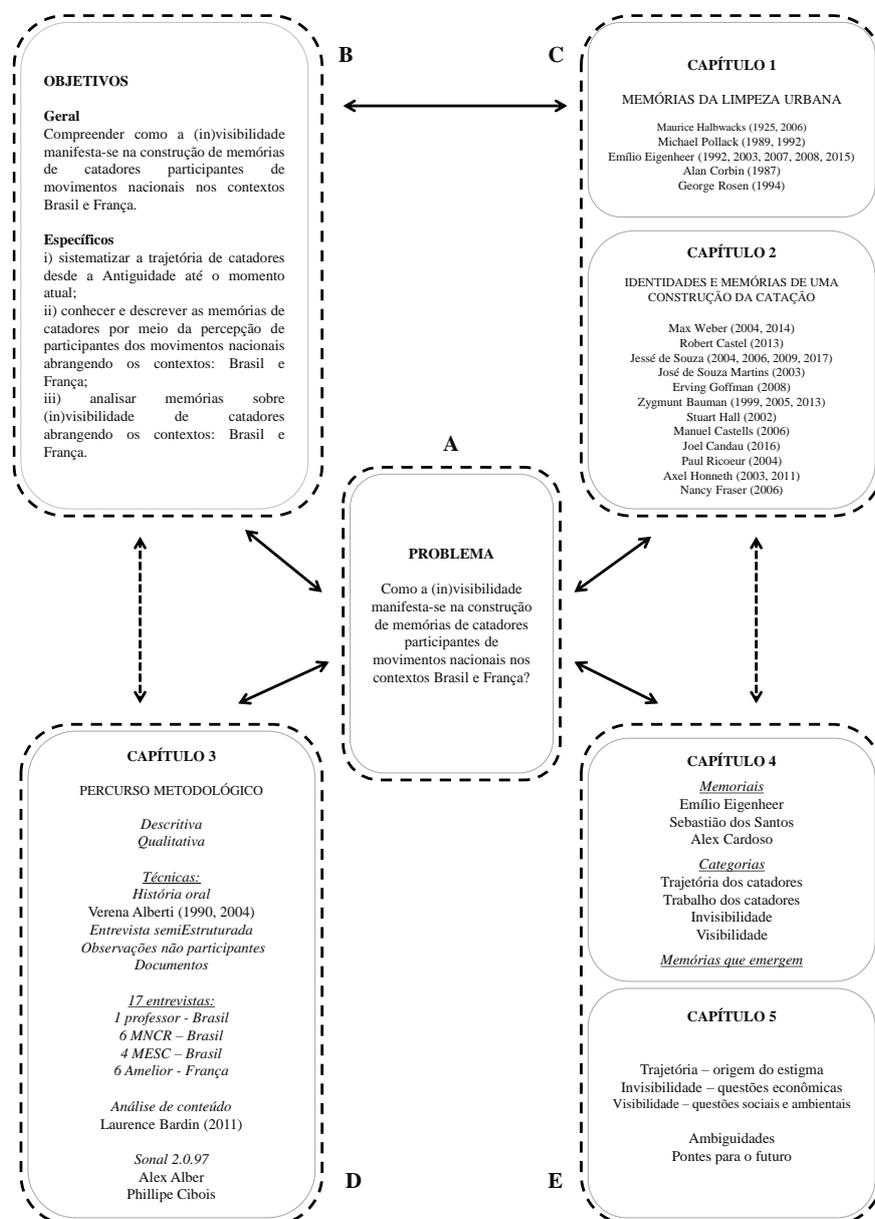
3.1 O DESENHO DA PESQUISA

O desenho da pesquisa refere-se à estrutura geral, ou ainda, ao plano de estudo dos capítulos construídos. Para compreender a trajetória do estudo em questão, optou-se pelo modelo interativo de projeto de estudos qualitativos de Maxwell (2012). Para Maxwell (2012, p.4), o desenho da pesquisa é algo dinâmico, construído primeiramente por um eixo central, o problema de pesquisa. É a partir dele que os objetivos, o referencial teórico e a metodologia são compostos. Neste modelo de organização, o desenho da pesquisa é composto por cinco eixos.

A Figura 14 demonstra que o problema de pesquisa (A) é eixo norteador de todos os outros. O eixo dos objetivos (B) traça as metas para responder tal problema e auxilia na escolha e construção da metodologia da pesquisa (D). Na metodologia deste estudo (D), é importante destacar que foram descritas as relações da pesquisadora com os participantes, catadores do

MNCR e MESC, e com os *biffins* da Associação Amelior; a apresentação do contexto onde realizou-se a pesquisa; a descrição das técnicas para coleta dos dados e por fim, as técnicas de análise com a apresentação do *software* livre utilizado, o *Sonal 2.0.97*. Já o eixo de estrutura conceitual (C) é base importante onde foram escolhidos os conceitos e autores para a execução das análises dos resultados e construção das considerações finais (E). No eixo de avanços e resultados (E) são compartilhadas reflexões a partir das análises, contemplando ou não os objetivos propostos, e respondendo à questão norteadora do estudo.

Figura 14 - Desenho da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do problema de pesquisa: “Como a (in)visibilidade manifesta-se na construção de memórias de catadores participantes de movimentos nacionais nos contextos Brasil e França?”, a primeira etapa de elaboração do estudo foi a construção e sistematização bibliográfica com o apoio de fontes secundárias como relatórios nacionais e internacionais, artigos, dissertações e teses. Os temas abordados estavam relacionados às memórias da limpeza urbana; memória, identidade, à questão social da desigualdade, da exclusão social, do estigma e da (in)visibilidade. Além das fontes descritivas, para a construção do referencial bibliográfico, foram empregadas fotografias e documentários já produzidos e disponíveis, que possibilitaram a exploração deste tema sob diversos enfoques e abordagens (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Esta tese se desenha na pesquisa qualitativa e possui um caráter descritivo. A pesquisa qualitativa aqui abordada trata de um estudo que se aproxima ao mundo externo à academia buscando alinhar abordagem teórica às práticas sociais, o que Flick (2018, p. 5) descreve como um modo ou meio de explicar os fenômenos sociais “de dentro”. O estudo descritivo tem por objetivo descrever fenômenos de uma determinada realidade, principalmente quando o pesquisador busca conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura ou, neste caso, à memória (TRIVIÑOS, 1987; MARCONI; LAKATOS, 2010). A pesquisa descritiva possibilita aprofundar um tema, retratando sua situação, o que está provocando certos comportamentos e ações, como tal comportamento vem se modificando ou prevalecendo em um determinado período ou sociedade. O objetivo tem foco em desvendar a relação entre os eventos, podendo indicar correlações entre variáveis (GIL, 2008). No caso desta pesquisa, o caráter descritivo se refere a conhecer as memórias de catadores buscando reconstruir por meio de suas falas, as trajetórias de vida e a (in)visibilidade de seu trabalho.

Optou-se pela pesquisa de natureza qualitativa, pois se trata de um tema que envolve questões muito particulares e subjetivas. O método qualitativo apoia-se nas ciências sociais na tentativa de apresentar a realidade de uma maneira que a mesma não consiga ser quantificada, trabalhando os significados, os motivos, as aspirações, as crenças, os valores e as atitudes (MARCONI; LAKATOS, 2010). Os fenômenos humanos são compreendidos como uma parte da realidade social, interpretando e dando significado às suas ações no seu agir e no pensar. A produção humana é um universo onde encontramos relações, representações e intencionalidades, as quais serão compreendidas a partir da pesquisa qualitativa (MINAYO, 2004). No caso dos catadores participantes deste estudo, a subjetividade presente em suas memórias subterrâneas auxilia na reflexão de sua trajetória de vida e de trabalho. Esta ação de oralidade possibilita a (re)construção de suas memórias com significado, reconhecimento e dignidade relacionada à atividade que exercem (POLLAK, 1989; MINAYO, 2004).

3.2 CONSTRUINDO UM CAMINHO

A caminhada se faz com um passo após o outro rumo ao ponto de chegada. Para a produção de um estudo não é diferente. Neste caso, a pesquisa tem como ponto de culminância compreender como a (in)visibilidade manifesta-se na construção de memórias de catadores participantes de movimentos nacionais nos contextos Brasil e França. Para esse fim, a escolha das técnicas guia a trajetória da pesquisa com a finalidade de resolver um problema e alcançar os objetivos propostos. Nesta seção, será apresentada inicialmente uma descrição das incursões da pesquisadora no campo empírico, onde são descritos os contatos com os sujeitos da pesquisa, disponibilizados em ordem cronológica. Para isso, utilizou-se como material de apoio o Caderno de Campo construído durante as visitas. O campo empírico desta pesquisa abrange, no Brasil, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), o Movimento Eu Sou Catador de Materiais Recicláveis (MESOC) e o Professor Doutor Emílio Eigenheer; e na França, os *biffins* da Associação Amélior. Em seguida, serão expostas as técnicas utilizadas, a sistematização dos dados coletados e, por fim, o modelo de análise.

3.2.1 *Expocatadores 2016/2017*

A Expocatadores é um evento produzido essencialmente por catadores e conta com o auxílio de alguns apoiadores. Considerado um dos principais eventos realizados com a temática de resíduos sólidos urbanos e de Educação Ambiental do Brasil, a Expocatadores é também um importante espaço de disseminação de conhecimento, exposição de projetos sociais, iniciativas empresariais e tecnologias que visam fortalecer a presença qualificada dos catadores de materiais recicláveis na cadeia da reciclagem. As oito edições da Expocatadores já reuniram mais de 30 mil pessoas entre catadores, palestrantes, expositores e visitantes vindos de todo o território brasileiro, das Américas Latina e Central, Europa, Ásia e África (MNCR, 2017).

Em outubro de 2016, a pesquisadora decidiu ir para a Expocatadores no mesmo ônibus que os catadores do Rio Grande do Sul, participantes do movimento nacional, realizaram a viagem. O MNCR realiza excursões, saindo de todos os estados, para os catadores e apoiadores que desejam participar do evento. Este recurso é subsidiado por patrocinadores e as cooperativas e associações decidem quais serão as lideranças, participantes e apoiadores que irão participar do evento. Os catadores são isentos de qualquer custo de viagem, hospedagem em hotel e alimentação. Já os apoiadores recebem a viagem de ônibus gratuita, porém sem os demais benefícios. Durante as 32 horas do trajeto Porto Alegre/Belo Horizonte, a pesquisadora

conversou com os participantes e confraternizou com os mesmos. Foi uma viagem muito cansativa. A chegada do ônibus foi na manhã do primeiro dia do evento. Todos estavam exaustos, sem dormir bem e sem a confirmação do hotel que iriam se hospedar. Na chegada ao evento, apesar de todo o cansaço, a alegria e o sentimento de representatividade era explícito em todos os participantes. Foram recebidos com festa por aqueles que já haviam chegado de diversos outros estados do Brasil. Na recepção, havia um café da manhã e um abraço caloroso dos companheiros de militância. Para muitos catadores era a primeira vez que participavam do evento e que saiam do estado. Foi realmente um momento muito bonito e que emocionou a todos.

A Expocatadores de 2016 foi realizada nos dias 28, 29 e 30 de novembro, no Centro Mineiro de Referência em Resíduos em Belo Horizonte, Minas Gerais. Na ocasião, foram aplicadas quatro entrevistas para esta pesquisa com lideranças do MNCR de quatro estados: Acre, Bahia, Espírito Santo e Tocantins. O contato com as catadoras entrevistadas foi efetuado durante o evento e conforme a conveniência de quem se dispusesse a participar. As entrevistas foram realizadas em uma área externa com o auxílio de um gravador. Neste mesmo evento, participaram os *biffins* da Associação Amelior, que receberam o livro “Recicladores de história, catadores de sorrisos”³³. A exposição fotográfica do livro também compôs a grade de programação do evento.

Figura 15 – Painel de Abertura da Expocatadores 2016



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A Expocatadores de 2016 foi um dos eventos mais bonitos e mais significativos presenciado pela pesquisadora. A participação dos catadores em todos os setores, nas falas, palestras, oficinas e apresentações artísticas transbordava alegria, comprometimento e

³³ O livro “Recicladores de histórias, catadores de sorrisos” é o produto da dissertação no Mestrado Profissional em Saúde e Desenvolvimento Humano da autora desta tese (SCHWENGBER et al, 2015).

protagonismo. Após o evento, a pesquisadora retornou para Porto Alegre por via aérea. Os catadores retornaram no mesmo ônibus, levando 28 horas de viagem.

Em 2017, a pesquisadora participou da Expocatadores realizada nos dias 11 e 12 de dezembro, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães em Brasília, Distrito Federal. Houve a tentativa de realizar as entrevistas com os catadores e com o coordenador do Movimento de Recicladores do Chile, um dos coordenadores da Rede Latino-Americana e Caribenha de Recicladores (REDLA). Porém, todas as tentativas não obtiveram sucesso. Os *biffins* não tiveram nenhuma representação da Associação Amelior e não participaram desta edição por falta de recursos financeiros.

Figura 16 – Painel de Abertura da Expocatadores 2017



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na Expocatadores 2017, a pesquisadora, com as demais integrantes da Apoena Socioambiental, teve a oportunidade de realizar uma roda de conversa sobre o tema “Lugar de fala” com 28 mulheres, lideranças femininas do MNCR de 11 estados brasileiros.

3.2.2 Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis – Brasil

O primeiro contato com o presidente do Movimento Nacional dos Catadores, Alex Cardoso, ocorreu em dezembro de 2016, na Expocatadores em Belo Horizonte, Minas Gerais. Estabeleceu-se uma parceria com o evento para a exposição de fotografias “Recicladores de história, catadores de sorrisos” (SCHWENGBER, 2015) e para a produção de outros eventos de debate em Porto Alegre sobre a temática de inclusão de catadores na prestação de serviços das coletas seletivas municipais³⁴.

³⁴ Em março de 2018, o MNCR em parceria com a Apoena Socioambiental e Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Porto Alegre realizaram o I Seminário de Coleta Seletiva Solidária: uma Tecnologia Social Inclusiva. Nos dois dias de evento participaram 142 pessoas (estudantes, catadores e sociedade civil).

Em junho de 2018, na cidade de Porto Alegre/RS, foram realizadas outras duas entrevistas: uma com o presidente do MNCR e outra com a representante do movimento feminino “Mulher bonita é mulher que luta”, uma frente do MNCR do Rio Grande do Sul. A entrevista com o presidente do MNCR foi realizada na casa do entrevistado, em cinco de agosto de 2018, no horário agendado por ele. Já a entrevista com a catadora MNCR2 foi realizada em seis de agosto de 2019 no escritório da Cooperativa ASCAT.

Figura 17 – Catadora MNCR2 triando



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A Cooperativa ASCAT foi fundada em 1996 como uma associação. Muitos catadores da ASCAT vieram das ilhas do Lago Guaíba, em Porto Alegre, e dois deles participaram do filme curta-metragem “Ilha das Flores”, de Jorge Furtado (Capítulo 1). A cooperativa está localizada no bairro Cavalhada e é uma das 17 unidades de triagem que realizam a coleta seletiva de Porto Alegre.

O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis surgiu em meados de 1999 com o 1º Encontro Nacional de Catadores de Papel. Porém, foi oficialmente fundado em junho de 2001, no 1º Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis em Brasília, evento que reuniu mais de 1.700 catadores de todo o Brasil. O Movimento apresenta como objetivo principal o de garantir o protagonismo popular dos catadores que se consideram oprimidos pelas estruturas do sistema social (MNCR, 2019). Segundo Alex Cardoso, aproximadamente 80 mil catadores participam do MNCR e estão distribuídos em todos os estados do Brasil³⁵.

³⁵ Dado do MNCR, porém apenas uma estimativa.

Ao escrever a presente tese, percebeu-se que um memorial do líder do MNCR iria enriquecer o estudo. Por isso, em setembro de 2019, foi solicitado ao Alex Cardoso que escrevesse seu memorial, o qual foi realizado com o auxílio da pesquisadora. O texto foi baseado na entrevista presencial e também na entrevista “E eu fiquei dentro de uma caixinha”, concedida pelo mesmo em 2005 ao Museu da Pessoa. O memorial foi revisado e aprovado por Alex Cardoso para publicação no capítulo 4 deste estudo.

3.2.3 Associação Amelior – França

O contato com os *biffins* da Associação Amelior teve início em março de 2017 por indicação do catador líder do MNCR, Alex Cardoso³⁶. Ele apresentou a página da associação em uma rede social³⁷ e o contato do presidente, Samuel Samzar Vao, que já havia visitado o Brasil na Expocatadores de 2016. Com o contato realizado pela página da associação, foi enviada uma mensagem apresentando a pesquisa e sondando o interesse da Amelior em participar do estudo. Samuel Vao mostrou-se interessado e levou a demanda para todos os associados. A partir do seu retorno positivo foi agendada uma visita presencial, em outubro de 2017, em seu espaço físico e em feiras realizadas naquele mês em Montreuil, França. Para além da visita, o coordenador dos *biffins* se disponibilizou em realizar as entrevistas com os associados, alegando que muitos não fariam participação no estudo caso tivessem que ser entrevistados por pessoas que eles considerassem estranhas.

No dia 08 de outubro de 2017, realizou-se uma visita presencial à Associação Amelior para conhecer o espaço de recepção, recuperação e loja de venda do material. Na ocasião, estiveram presentes Samuel Vao, presidente e coordenador, Bruno Pullrouge, voluntário e organizador das feiras e Gilberto Chagas, catador brasileiro, de Minas Gerais, que estava fazendo um intercâmbio de 30 dias na Associação. A visita teve a recepção de Bruno Pullrouge, professor de matemática, que mostrou as baias de recepção e avaliação dos materiais recebidos. Bruno Pullrouge é voluntário há quatro anos na associação e realiza a organização dos espaços da feira para os expositores, auxilia na divulgação e realiza a inscrição de novos associados. Os materiais são doados pela comunidade que entra em contato com a associação. A associação

³⁶ Dos quatro catadores entrevistados nos três movimentos pesquisados, só serão divulgados os nomes dos líderes de cada um deles. Os demais catadores permanecerão em sigilo por questões éticas e de respeito às suas trajetórias de vida.

³⁷ Utilizada pela Associação Amelior para registrar suas atividades, promover feiras e compartilhar ações. O link para acesso é: <https://www.facebook.com/AssociationAmelior/>

tem um caminhão que busca este material com dia e hora agendada com o morador. Os materiais chegam à associação e passam por uma triagem nas baias (Figura 18). Todo o material que tem recuperação e está em bom estado, pela avaliação dos associados, vai para a loja.

Figura 18 - Baias de pré-triagem, Associação Amelior



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A loja está localizada em um imóvel privado ocupado pelos associados (Figura 19). Após a ocupação, a Amelior entrou em contato com os órgãos gestores e solicitou concessão de uso. A prefeitura, por sua vez, entrou em contato com o dono do imóvel e construiu um termo de uso por cinco anos para a associação. Esta tem a responsabilidade de cuidar do espaço, pagar água, luz e impostos do imóvel, enquanto a prefeitura realiza o pagamento de um aluguel pelo uso do mesmo. Gilberto Chagas, catador de Minas Gerais, relatou como os materiais coletados pelos *biffins* estavam em excelente estado e que o movimento de venda da loja era dinâmico. Nos cabides da loja, muitas roupas que chegaram por doação tinham etiquetas e nunca foram usadas. Roupas que não apresentavam bom estado iam para a venda a quilo. Um quilo de roupa custava um euro. Durante as observações e conversas informais, vários moradores do bairro entravam para comprar livros, roupas e objetos de decoração. Samuel Vao apresentou brevemente o escritório e retornou para uma reunião de organização da feira, que seria em dois dias. A Associação Amelior tem associados que vão diariamente ao espaço para coletar, fazer a triagem, consertar os materiais, organizar e realizar vendas na loja.

Figura 19 - Fachada da loja da Associação Amelior



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Além dos associados, a Amelior inclui outros *biffins* promovendo os conhecidos “mercados de pulgas” em um terminal de ônibus localizado a uma quadra da loja. Este evento acontece mensalmente com agendamento autorizado pela prefeitura. O horário do “mercado de pulgas” é das 5h com término às 18h. Na feira, cerca de 130 *biffins* estavam expondo seus produtos no terminal de transporte. Samuel Vao havia iniciado a montagem do espaço às quatro horas, realizando as demarcações de cada participante com a ajuda de giz branco. Cada demarcação tinha um número de identificação e uma área de mais ou menos 1,5 x 2,5 metros. Bruno Pullrouge tinha em sua planilha o número de cada participante e os produtos de venda. Os organizadores e voluntários usavam coletes laranja com identificação da associação. Já os *biffins* associados que estavam expondo usavam coletes amarelos. Para expor na feira, cada *biffin* deveria fazer seu cadastro na associação (Figura 20). Os *biffins* não associados que apenas vendem na feira, não recebem os coletes de identificação.

Figura 20 – Mercado de pulgas



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Durante a feira, foram realizados registros fotográficos e filmagens da organização do espaço, para esta pesquisa, com certa distância para não constranger ou assustar os expositores.

Alguns *biffins* sentiram-se incomodados com a câmera, então, após realizar alguns registros, ela precisou ser guardada. Bruno Pullrouge justificou a situação, pois muitos *biffins* estão no país de maneira clandestina, refugiados de países vizinhos e não querem ser filmados ou fotografados. Também, muitos levam seus filhos para o espaço, e estes não estariam frequentando a escola. Os produtos vendidos na feira visivelmente eram de qualidade e valores inferiores aos expostos na loja da Associação Amelior.

Após a visita presencial, houve uma combinação com Samuel Vao para que o mesmo realizasse as entrevistas com os *biffins* que aceitassem participar do estudo, já que os mesmos tinham medo de conversar com quem não fosse da associação. Respeitando a situação de vida dos trabalhadores, uma cópia do roteiro ficou na Associação Amelior. Bruno Pullrouge e Samuel Vao ficaram responsáveis pela aplicação e envio dos áudios até janeiro de 2018. Porém, em dezembro de 2017, teve início um dos invernos mais rigorosos da Europa. Muitos *biffins* que moravam em carros abandonados e nas ruas estavam doentes e uma família havia falecido. As feiras tiveram que ser suspensas pela nevasca e pela falta de espaços abertos. Os integrantes da Amelior estavam muito envolvidos atendendo os refugiados e não puderam realizar as entrevistas.

Em abril de 2018, Samuel encaminhou a entrevista de cinco *biffins* e relatou a dificuldade em realizá-las. Estavam todos muito desmotivados, sem perspectivas e abandonados pelo poder público. As entrevistas foram realizadas por Samuel Vao, que preencheu o documento a próprio punho, fotografou-os e enviou por e-mail. Ele também fez questão de responder a entrevista encaminhando textos pelo aplicativo *WhatsApp*³⁸. Muitos responderam de maneira superficial e com medo, segundo ele. Apesar de todas as dificuldades de distância, idioma e adversidades, Samuel Vao pediu para que a participação da Associação Amelior permanecesse no estudo.

3.2.4 Movimento Eu Sou Catador – Brasil

Em novembro de 2017, foi realizado o primeiro contato com Sebastião dos Santos, o Tião, presidente do Movimento Eu Sou Catador de Materiais Recicláveis (MESC), utilizando o *WhatsApp*. Na ocasião, houve a possibilidade de conhecer a proposta do projeto de pesquisa, os objetivos e a metodologia de trabalho. O presidente da MESC aceitou o convite e se prontificou em indicar os outros três participantes para a entrevista. Ainda neste mesmo contato,

³⁸ Rede social de conversa por mensagem, ligações e vídeo chamada.

Tião relatou que o MESC se formou na Expocatadores de 2016, a partir de ideologias divergentes aos da Associação Nacional dos Catadores (ANCAT) que fizeram aliança com a AMBEV, CEMPRE e TETRA PARK por meio do Acordo Setorial/Logística Reversa. O representante do MESC relatou que essa aliança não beneficiou todos os catadores, apenas um pequeno grupo apoiado pela ANCAT, e que o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis não defendeu o pagamento pelos serviços prestados a toda a categoria. Ele trouxe diversas críticas à falta de inclusão dos catadores individuais nos movimentos que deveriam fomentar e apoiar seu trabalho, e ao poder público pelo abandono. Ao final da conversa, foi agendada a visita presencial para realização das entrevistas em maio de 2018.

Figura 21 – Entrevista com Tião



Foto: Acervo da pesquisadora.

Em maio de 2018, como combinado, dois dos vinte e um galpões de triagem oriundos do fechamento do “Lixão Jardim Gramacho”, em 2012, receberam a pesquisadora e sua orientadora para realização das entrevistas. Participaram quatro catadores: Tião e três mulheres. O complexo de associações de catadores está localizado na Rua Imperatriz, entre duas Feiras de Malhas na Avenida Washington Luiz, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro. A rua de acesso é estreita e quase imperceptível, parecendo um vão de estacionamento entre as duas feiras de malhas e roupas. Na ocasião da entrevista, trabalhavam no complexo de associações de catadores mais de 1.500 pessoas, porém a maioria havia sido dispensada após o almoço pela falta de materiais para triagem. Tião relatou que as associações não recebiam resíduos da coleta seletiva e que muitos catadores estavam voltando a trabalhar em lixões clandestinos próximos ao Jardim Gramacho. Na Associação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (ACAMJG), onde Tião é presidente, trabalham 25 pessoas. O espaço conta com esteira, três prensas, elevador de carga e um caminhão. Possuem escritório e um espaço do

projeto “Meninas Mães”. Na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (COOPERGRAMACHO) trabalham 48 pessoas, mas na data da entrevista estavam presentes apenas três catadoras. O espaço conta com esteira, duas prensas e um elevador de carga. Todas as entrevistas foram gravadas com autorização dos participantes.

Figura 22 – Visita a COOPERGRAMACHO



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O Movimento Eu sou Catador de Materiais Recicláveis (MESCC) surgiu em dezembro de 2016. Tem como objetivo fortalecer a categoria de catadores de material reciclável com intuito de melhorar a qualidade de vida, conscientizando a sociedade como um todo da necessidade da gestão integrada dos resíduos com a inclusão dos catadores. O movimento está presente em todos os estados brasileiros, porém, sua principal atuação encontra-se ainda restrita aos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Tem como frente principal a luta pela valorização e a inserção das cooperativas e associações de catadores na logística reversa de grandes empresas geradoras de embalagens, usando como referência a Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei 11. 305/2010).

Após a visita de entrevista com o líder do MESCC, durante o mês de setembro de 2019 foi solicitado ao Tião para que construísse um pequeno memorial (apresentado no Capítulo 4), o qual foi realizado com o auxílio da pesquisadora. Foram construídas duas versões do documento, que teve como apoio a biografia escrita por ele³⁹. O memorial foi revisado e aprovado por Tião para publicação neste estudo.

³⁹ O livro “Tião: do lixo ao Oscar” foi publicado pela Editora Leya em 2014.

3.2.4 Professor Emílio Eigenheer

Apesar de se autodenominar um “observador de resíduos”⁴⁰, Emílio Maciel Eigenheer foi muito mais do que um observador. A pesquisadora teve conhecimento da bibliografia do professor Eigenheer ainda durante o mestrado em Saúde e Desenvolvimento Humano na Universidade La Salle. Impossível não o citar. Sua obra *A limpeza urbana através dos tempos* (2009) é referência para introdução ao tema dos resíduos sólidos para aqueles que pesquisam a área e debatem a trajetória dos catadores. Eigenheer foi pioneiro, tanto na escrita quanto na execução de projetos de coleta seletiva no Brasil. Para a construção deste texto, realizou-se um contato com o professor pelo auxílio da professora Sueli Cabral, que desenvolveu um trabalho primoroso no doutorado com catadores e catadoras de Esteio/RS usando diversas bibliografias do professor Eigenheer (CABRAL, 2015).

O professor Emílio não tem perfil em redes sociais ou biografia de sua vida. Apresenta caráter reservado e muito cuidadoso com sua família. Residente em Niterói, no Rio de Janeiro, é professor aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor associado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. As trocas de *e-mails* tiveram início em 08 de junho de 2017. Dois dias depois, a pesquisadora recebeu seu retorno e o pedido do endereço postal para envio de alguns de seus livros. Foram recebidas três de suas obras *Coleta seletiva 30 anos – Niterói, Rio de Janeiro*, que conta a história da coleta seletiva no Rio de Janeiro e de como foi implementada; *Resíduos & Memória*, livro que contém os achados do projeto e de seu acervo, trazendo o lixo como objeto de memória e cultura; e *Lixo, vanitas e morte*, livro produto do seu doutorado. No total, foram 12 e-mails recebidos do professor Eigenheer, todos muito carinhosos, cheios de memórias e também de reflexões. São 34 anos de trabalho com os resíduos sólidos e coleta seletiva, porém, registrados somente em orientações de dissertações e teses, artigos, livros, projetos e duas entrevistas – uma em vídeo⁴¹ e outra para a Revista Brasil (2015)⁴².

Em um de seus *e-mails*, Eigenheer realizou um desabafo, colocando que sua trajetória acadêmica não permitiu que conseguisse apoio de órgãos de fomento e que a

⁴⁰ Há necessidade de esclarecer o uso da palavra “observador”. Observar parece um termo que remete à passividade. E a atuação do professor Eigenheer não foi em nenhum momento passiva. Ela foi precursora de diversos planos de gerenciamento de resíduos sólidos, estudos e possibilidades dentro da Educação Ambiental no Brasil nos últimos 34 anos.

⁴¹ Entrevista para a Sala de Convidados, em 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c6-prO1hV7E> (Bloco 1) e <https://www.youtube.com/watch?v=MAiVNKyUFNc&t=61s> (Bloco 2).

⁴² Entrevista para a Revista Brasileira, em 2015. Disponível em: <http://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista-brasileira-84.pdf>

interdisciplinaridade não foi valorizada em seu currículo: a Engenharia não reconhecia o seu trabalho e a Filosofia não era formação adequada para captar recursos e seguir pesquisando na área de resíduos sólidos. Os conflitos dentro do espaço de trabalho em relação à sua área de formação, as negativas de projetos e a falta de incentivos foram desmotivando sua atuação e o desejo de estar vinculado aos programas de pós-graduação e de pesquisa das universidades. Gentilmente, Eigenheer enviou um memorial (Capítulo 4), escrito em terceira pessoa, e autorizou sua publicação na tese. Como o tema principal do estudo em questão traz os catadores e a sua participação na coleta seletiva e reciclagem no Brasil e no mundo, ele finalizou o texto com seu posicionamento em relação ao trabalho prestado por estes profissionais.

Após contatos por e-mail e a construção de um memorial por meio eletrônico, foi agendada uma visita presencial para conhecer o professor Emílio Eigenheer. Atualmente, não realiza viagens de avião e não recebe visitas com frequência. No momento, estava envolvido com a coleta seletiva de Niterói e era voluntário técnico na cooperativa de coleta e triagem do bairro São Francisco.

Em maio de 2018, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, a visita foi realizada em sua residência. O professor recebeu a pesquisadora, abrindo uma exceção para apresentar sua casa, seus materiais pessoais e o “museu” com acervo reunido em mais de 30 anos de trabalho na gestão de resíduos sólidos. O professor apresentou sua casa e outro imóvel onde armazena todos os materiais oriundos do projeto *Resíduos & Memória* e dos anos de pesquisa. Após sua saída da Universidade Federal do Rio de Janeiro e falecimento de seus sogros, Emílio reformou a casa que era deles e construiu um verdadeiro museu com relíquias voltadas para quem se interessa pelo tema “lixo”.

Figura 23 – Visita ao professor Emílio Eigenheer



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O professor Eigenheer foi o coordenador do primeiro projeto de coleta seletiva do Brasil, em 1985 (EIGENHEER, 2007), o “Programa de Coleta de Lixo do Bairro São Francisco”, ainda coordenado e de responsabilidade técnica exercida por ele.

Na Figura 24, a primeira carroça utilizada para a coleta seletiva de resíduos sólidos urbanos no bairro São Francisco, Niterói, em 1985. Os materiais eram recolhidos no bairro e levados para a cooperativa de catadores para que fosse realizada a triagem e a venda dos resíduos. Com o intuito de envolver a população na separação e no descarte correto dos resíduos, atividades de Educação Ambiental e cartazes orientavam os moradores (EIGENHEER, 2007). A carroça, pioneira no Brasil, foi restaurada e está no centro da sala da casa do professor Eigenheer.

Figura 24 - Carroça utilizada para a coleta seletiva



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Em 1992, o professor Emílio iniciou o processo de “garimpagem” e armazenamento de livros, revistas, fotografias, cartões postais, discos, santinhos, moedas, selos e outros objetos que não se tratavam apenas de “lixo”, mas da memória cultural de um período e de uma população (EIGENHEER, 2007). O projeto *Resíduos & Memória* reuniu este “acervo curioso”, ou ainda, construiu um “museu do lixo”, desprezioso. A proposta era despertar nas pessoas e no país um sentimento de valorização e zelo pelos materiais culturais que a população tem em suas residências e que podem, quando não mais desejados, ser encaminhados para espaços de acervo e para os catadores, gerando trabalho e renda.

O acervo do projeto participou de exposições, foi inspiração para pesquisas e desenvolvimento de Educação Ambiental nas escolas (EIGENHEER, 2007). Hoje, todos estes materiais restaurados e catalogados estão no imóvel do professor Emílio e à disposição de quem queira conhecê-los e pesquisá-los. Na Figura 25, Eigenheer mostra as fotografias encontradas

na coleta seletiva. O professor tem em seu acervo discos, revistas, fotografias, cartões postais, moedas, selos, livros e diversos documentos, todos oriundos do “lixo”, armazenados de maneira cuidadosa e com identificação.

Figura 25 - Fotografias encontradas no “lixo”



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A entrevista realizada com o professor Eigenheer, um entusiasta e pioneiro da coleta seletiva solidária, foi um momento de grande aprendizagem. E não foi apenas por questões de publicações, pesquisas e dedicação acadêmica. A visita ao professor mostrou o quanto um pesquisador sério e comprometido pode ser um ser humano generoso, humilde e inspirador. Eigenheer é, sem dúvida, um dos maiores pesquisadores da trajetória da limpeza urbana e da relação “humanidade *versus* lixo”. Suas memórias são de extrema importância para compreender, além da abordagem teórica, sua atuação prática e seu propósito de trazer o “lixo” como lugar de memória.

3.2.5 Técnicas de pesquisa utilizadas

As técnicas utilizadas neste estudo foram a história oral, a entrevista semiestruturada, o informante principal da pesquisa, a observação não participante e os documentos, descritos detalhadamente a seguir.

a) História oral

A técnica para coleta de dados utilizada com os catadores do MESC, do MNCR e com o professor Emílio Eigenheer teve inspiração nos preceitos da história oral. A história oral é uma metodologia de pesquisa que surge após a Segunda Guerra Mundial, em meados do século

XX. A possibilidade de registrar histórias, utilizando um gravador de fitas, permitiu a construção de bancos de entrevistas com relatos do passado com o objetivo de validar experiências que não estavam registradas em documentos escritos, ou também, quando os documentos escritos apresentavam outra mensagem ou dimensão de valor subjetivo. As narrativas em história oral são representações do fato passado, ou seja, memórias passadas narradas em um tempo presente que podem dar novo sentido ao tema em pesquisa (ALBERTI, 2004).

Em muitos casos, é por meio da história oral que o pesquisador descobre a “vivacidade” das memórias passadas e a possibilidade de compreensão da experiência e da trajetória do entrevistado. O “vivido” pelo sujeito torna-se valorizado, compartilhado e conhecido. O fato deixa de ser apenas significado, transformando-se em acontecimento e ação. A memória resiste à alteridade e à mudança, tornando-se essencial para quem narra e para quem ouve. A história oral é uma ferramenta de investigação de como os fatos sociais se tornam coisas e como eles se solidificam e se tornam estáveis ao longo do tempo (POLLAK, 1989; ALBERTI, 2004).

Para além da narrativa, Pollak (1989, p. 8) apresenta a história oral como uma possibilidade de emersão do que ele chama de “memórias subterrâneas”, ou ainda “entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável”. A memória da limpeza urbana está muito presente para quem vive, pesquisa ou desempenha suas atividades na catação, sendo muitas vezes passadas de pais para os filhos. Todavia, ela está muito distante das lembranças da população em geral. A história oral, nesta tese, tornou-se desencadeadora de uma nova trajetória trazida pelos participantes. Serão eles que terão a oportunidade de reescrever seu percurso e o de seus antecessores, trazendo a (in)visibilidade como tema central.

Para guiar a história oral, utilizou-se a entrevista, que é uma técnica de interação social, com o objetivo de obter informações com apoio de um roteiro de entrevista estabelecido conforme objetivos a serem alcançados e itens a serem explicados. A escolha dos entrevistados justifica-se por seu alinhamento à pesquisa, fazendo sentido suas participações e contribuições. O termo entrevista está estruturado a partir de duas palavras “entre” e “vista”. “Entre” coloca a relação de lugar ou, ainda, o estado no espaço em que separa duas pessoas ou coisas. Já “vista” seria o ato de observar, ter atenção em relação a algo. Entrevista seria então um “ato de perceber realizado entre duas pessoas” (RICHARDSON, 1999, p. 208). Optou-se pela entrevista não estruturada, ou seja, em profundidade. A entrevista não estruturada é uma técnica de conversação guiada com base em um roteiro. Essa conversação desenvolve uma reflexão mais elaborada e detalhada do assunto pesquisado, deixando livre tanto o pesquisador quanto o entrevistado em evoluir em alguns temas de maior relevância e interesse (RICHADSON, 1999).

Por meio da entrevista, o pesquisador tem a oportunidade de vivenciar as experiências de seus entrevistados, observar os sentimentos presentes em cada resposta e perceber como cada entrevistado reage em cada pergunta realizada, se há interesse em desenvolver ou não aquele assunto (FLICK, 2018, p. 234). A organização e construção do roteiro de entrevistas é uma etapa de relevância para coleta de dados. O conhecimento profundo do tema a ser abordado e a clareza dos objetivos da pesquisa são norteadores (HAGUETTE, 2005). O agendamento prévio e elucidação da ação trazem tranquilidade e confiança ao entrevistado para tratar de temas tão profundos trazidos pela história oral (HANGUETTE, 2005; ALBERTI, 2004).

O roteiro da entrevista utilizado (APÊNDICE A) foi organizado em três partes, tendo inicialmente perguntas voltadas para construção de um perfil socioeconômico, em seguida questões relacionadas à trajetória individual de vida vinculada ao trabalho na catação e por fim, questões que abordaram a trajetória coletiva no movimento MESC ou MNCR. Com o professor Emílio Eigenheer, o roteiro (APÊNDICE B) utilizado estava baseado em sua trajetória acadêmica, de militância e em suas perspectivas futuras em relação ao trabalho dos catadores no Brasil. Participaram das entrevistas inspiradas em história oral os seis catadores do Movimento Eu Sou Catador, os quatro catadores do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis e o professor Emílio Eigenheer. As onze entrevistas foram gravadas utilizando-se um gravador de voz digital e todas tiveram o aceite e autorização de participação dos entrevistados, totalizando 10 horas e 32 minutos de fala.

b) Entrevista semiestruturada

A técnica da entrevista semiestruturada foi aplicada em cinco *biffins* e com o coordenador da Associação Amelior. Optou-se pela entrevista semiestruturada, pois a pesquisadora não apresentava nenhum vínculo de trabalho ou aproximação com os trabalhadores da França. Por sugestão do coordenador da associação, as entrevistas foram aplicadas por ele em dia e horário agendado na loja da Associação Amelior. Todos os participantes concordaram em realizar as entrevistas e estavam cientes do estudo. Salienta-se que muitos *biffins* são imigrantes ilegais e estavam com receios de represálias da polícia local. Passavam por um período conturbado com o governo francês em busca de abrigo, de reconhecimento e do direito de expor seu trabalho em feiras locais. Com isso, sentiam-se com medo de que as informações servissem para ajudar no encerramento dos “mercados de pulgas” ou na sua expulsão do país. Como combinado na visita, a entrevista foi realizada pelo coordenador da Associação Amelior que aplicou a técnica em cinco participantes que quiseram contribuir voluntariamente com o estudo. Em abril de 2018, Samuel Vao encaminhou por e-

mail as respostas dos *biffins* para a autora da pesquisa. Após aplicar as entrevistas, ele próprio também respondeu o roteiro em agosto de 2018 e encaminhou suas respostas por *WhatsApp*. Esta foi a única maneira possível de viabilizar a participação dos *biffins* no estudo.

A técnica da entrevista semiestruturada assemelha-se a uma conversa, porém com um roteiro de questões que orientam o pesquisador e o entrevistado (FLICK, 2018). Esta técnica tem como característica a aplicação de um roteiro de questionamentos que se apoiam em teorias, conceitos e hipóteses presentes na elaboração de cada estudo. O entrevistador realiza as perguntas com o intuito de permitir maior participação do entrevistado e com a possibilidade de realizar intervenções quando achar necessário. A entrevista semiestruturada aplicada com os *biffins* também seguiu um roteiro. As questões que compõem o roteiro da entrevista têm por objetivo desencadear reflexões e até mesmo a construção de novas hipóteses que resultam em textos capazes de descrever fenômenos sociais para explicação de uma pequena parte, ou a compreensão de sua totalidade (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para esta pesquisa, o roteiro utilizado (APÊNDICE C) foi organizado em três partes, tendo inicialmente perguntas voltadas para construção de um perfil socioeconômico, em seguida questões relacionadas à trajetória individual de vida vinculada ao trabalho no “mercado de pulgas” e, por fim, questões que abordaram a trajetória coletiva do movimento dos *biffins* na França. A construção do roteiro teve a preocupação de alinhá-lo aos objetivos do estudo e à resolução das hipóteses levantadas, com a possibilidade de respostas mais livres e não condicionadas a uma padronização de alternativas, ampliando as reflexões das análises (MARCONI; LAKATOS, 2010).

c) Informante principal da pesquisa

Apesar das relações de trabalho com cooperativas e associações de catadores na Região Metropolitana de Porto Alegre, a pesquisadora precisou de alguns contatos e informações dos demais catadores de outras regiões. Alex Cardoso, líder do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), é considerado o informante principal desta pesquisa, fazendo a indicação de contatos de outros integrantes do MNCR, do coordenador da Associação Amelior, na França, e auxiliando na revisão de alguns materiais produzidos a partir da sua entrevista. Foi também por meio deste informante principal que a pesquisadora participou da viagem de ônibus para a Expocatadores em 2016, e realizou as oficinas com as catadoras na Expocatadores 2017.

Segundo Yin (2015), o informante principal de uma pesquisa auxilia na relação entre pesquisador/entrevistados, na elucidação de dúvidas e se coloca com total disponibilidade, caso

seja necessário obter alguma informação para além daquelas levantadas durante as entrevistas e observações. Os contatos com o informante principal aconteceram durante os quatro anos do doutorado desta pesquisadora, seja por telefone e também pessoalmente quando fora necessário.

d) Observação não participante

Para acompanhar o trabalho realizado pelos *biffins* na França, bem como durante a visita ao professor Emílio Eigenheer e durante as visitas nas cooperativas do Brasil foram realizadas observações não participantes. A observação não participante é aquela realizada pelo pesquisador onde não há intervenção durante a visita. O pesquisador tem papel de espectador do sujeito a ser observado sem nenhuma interação, estando os sujeitos cientes da presença do pesquisador (GIL, 2008; MARCONI; LAKATOS, 2010, FLICK, 2018). Na observação não participante, o pesquisador tem a oportunidade de reconhecer o espaço, acompanhar as ações no contexto, sem despertar desconforto e constrangimento, respeitando os atores envolvidos na pesquisa (CRESWELL, 2010).

A observação não participante possibilitou conhecer *in loco* como é realizado o “mercado de pulgas”, a loja de vendas e a organização da Associação Amelior. Já com os catadores no Brasil, foram analisados cadernos de campo das visitas realizadas durante o agendamento de entrevistas nas associações do Jardim Gramacho e na Cooperativa ASCAT (em Porto Alegre). A observação não participante ocorreu também em dois eventos organizados pelos catadores (Expocatadores 2016/2017) e na casa do professor Emílio Eigenheer, em Niterói, no Rio de Janeiro. Na França, a observação não participante ocorreu durante os dias 08, 10 e 11 de outubro de 2017 e perfaz um total de 11 horas. No Brasil, a observação não participante ocorreu em cinco momentos: na Expocatadores 2016 (9 horas), e Expocatadores 2017 (13 horas), na casa do professor Emílio Eigenheer no dia 16 de maio de 2018 (3 horas e 35min), no dia 17 de maio de 2018 no Jardim Gramacho (4 horas e 45 min) e na Cooperativa ASCAT no dia 6 de agosto de 2018 (3 horas e 20min).

e) Documentos

A pesquisa documental é uma técnica que analisa os documentos disponíveis, de acordo com os objetivos da pesquisa e com uma perspectiva mais atenta. Os documentos podem ser relatórios, reportagens, cartas, imagens, entrevistas e materiais de divulgação (GIL, 2008; FLICK, 2018). Para Cellard (2008, p.297), os documentos representam um “vestígio do passado” e servem como um instrumento capaz de registrar, provar ou comprovar fatos ou acontecimentos em um dado período da sociedade. Os documentos textuais, mas também de

natureza iconográfica e cinematográfica, contribuem para testemunhar fatos presentes e acessar acontecimentos passados (CELLARD, 2008). Neste estudo, foram utilizados os documentos com dados secundários: reportagens com a participação de catadores e *biffins*, entrevistas com os representantes do MNCR e MESC, um relatório e um livro com a bibliografia do representante do MESC, os quais são apresentados no Quadro X:

Quadro 2 – Documentos utilizados

MATERIAL	TÍTULO	ANO	FONTE / AUTOR
Livro	Tião do lixo ao Oscar	2014	Editores Leya / Tião Santos
Relatório	Todos Somos Porto Alegre.	2016	Prefeitura Municipal de Porto Alegre
Entrevistas publicadas	“E eu fiquei dentro de uma caixinha” – a história de Alex Cardoso.	2005	Museu da Pessoa
	Reciclagem de resíduos sólidos: a propaganda é bonita, mas o processo explora os catadores.	2014	Instituto Humanitas – Unisinos (IHU)
	Tião Santos atua pela conscientização ambiental e reciclagem.	2014	Revista Veja / Thaís Meinicke
	“Vai ter catador doutor, sim senhor”: como Alex chegou à UFRGS depois de 20 anos sem estudar.	2018	Sul 21/ Luís Eduardo Gomes
Reportagens publicadas	“Acham que a gente é lixo”: a rede invisível de catadores que processa tudo o que é reciclado em SP.	2017	BBC Brasil/ Letícia Mori
	Para coordenador de movimento, lei tirou catadores da invisibilidade.	2017	Folha de São Paulo / Galeno Lima
	Le marché des biffins de Montreuil vu par le Parisien.	2019	Blog Amelior
	Les biffins retrouvent droit de cité.	2019	Le Parisien / Elodie Soulié

Fonte: Elaborado pela autora

3.3 MARCHEMOS JUNTOS: CAMINHAR É RESISTIR ⁴³

A caminhada se deu ao lado dos 17 participantes, os quais figuram como entrevistados. Foram três anos de acompanhamento tendo como meta a elaboração desta tese. Além disso, cada um dos participantes foi considerado como representante de uma grande marcha, a marcha de resistência de trabalhadores do “lixo”, ou como diz o professor Eigenheer, “dos restos da sociedade” (EIGENHEER, 2009).

Os catadores escolhidos para participar do estudo estavam organizados da seguinte maneira: dez catadores de movimentos sociais no Brasil, sendo representados por seis

⁴³ Parte da letra do “Xote da Marcha do Povo”, hino do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR).

trabalhadores do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e quatro do Movimento Eu Sou Catador de Materiais Recicláveis (MESC). Em Montreuil, na França, seis *biffins* participantes da Associação Amelior. Além destes, foi realizada uma entrevista com o professor Emílio Eigenheer. As entrevistas aplicadas no Brasil ocorreram de maneira presencial e foram realizadas pela pesquisadora, enquanto as aplicadas com os *biffins* deram-se por meio eletrônico e foram realizadas pelo coordenador da Associação Amelior.

Na Figura 26 constam dados dos participantes da pesquisa, organizados de acordo com o movimento que representam. Primeiramente o professor Emílio Eigenheer, representado pelo uróboro, símbolo do eterno retorno, da imortalidade e que deu origem ao símbolo da reciclagem⁴⁴. Este símbolo é muito utilizado nas bibliografias do professor Eigenheer. Em seguida, os dois movimentos de catadores no Brasil e por fim, o movimento dos *biffins* na França. Todos identificados com seu respectivo logotipo, país de origem, ano de fundação, quantidade de catadores ou *biffins* integrantes e participantes do estudo.

Figura 26 – Participantes nos contextos Brasil e França



Fonte: Elaborado pela autora

Conforme apresentado na Figura 26, o MNCR foi fundado no Brasil, em 2001, e conta com cerca de 80 mil catadores participantes em todos os estados. O MESC foi fundado em 2016, no Brasil, com atuação principalmente nos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, tendo cerca de 2.200 integrantes. E por fim, na França, a Associação Amelior foi fundada em 2012 e conta com aproximadamente 1.200 *biffins* associados em Paris e Montreuil.

O perfil dos participantes do estudo foi inserido na base de dados do *software Sonal*, de acordo com as questões levantadas nas entrevistas (Tabela 1).

⁴⁴ A origem do símbolo uróboro está descrita no livro “Reciclagem: mito e realidade” (EIGENHEER; FERREIRA; ADLER, 2005, p.25).

Tabela 1 – Perfil dos participantes do estudo

ENTREVISTADO	SEXO	IDADE	TEMPO DE TRABALHO	ESTADO CIVIL	FILHOS	ESCOLARIDADE	ORIGEM
Amelior1	M	65 anos	não lembra	casado	3	Médio Comp.	Portugal
Amelior2	M	35 anos	5 anos	solteiro	0	Médio Comp.	Argélia
Amelior3	M	68 anos	30 anos	casado	SI	SI	França
Amelior4	M	49 anos	2 anos	solteiro	1	Grad. Comp.	França
Amelior5	M	26 anos	não lembra	solteiro	0	Grad. Comp.	Colômbia
AmeliorSamuel	M	38 anos	6 anos	solteiro	0	Grad. Comp.	França
MESC1	F	41 anos	24 anos	casado	6	Fund. Inc.	Rio de Janeiro
MESC2	F	61 anos	40 anos	viúva	9	Fund. Inc.	Rio de Janeiro
MESC3	F	50 anos	38 anos	viúva	7	Fund. Inc.	Rio de Janeiro
MESCTiao	M	39 anos	30 anos	casado	2	Grad. Inc.	Rio de Janeiro
MNCR1	F	52 anos	30 anos	casada	2	Médio Comp.	Tocantins
MNCR2	F	54 anos	24 anos	solteira	4	Fund.Inc.	Rio Grande do Sul
MNCR3	F	57 anos	30 anos	solteira	1	Fund.Comp.	Espírito Santo
MNCR4	F	54 anos	6 anos	divorciada	5	Fund.Inc.	Acre
MNCR5	F	38 anos	32 anos	solteira	0	Fund.Inc.	Bahia
MNCRAlex	M	38 anos	30 anos	solteiro	5	Grad. Inc.	Rio Grande do Sul

Fonte: Elaborado pela autora.

Os entrevistados foram identificados no *software Sonal* de acordo com a participação no movimento Amelior, MESC e MNCR. Cada participante recebeu uma identificação pelo nome do movimento ao qual pertence, seguido de um número, como por exemplo: “Amelior1”. Os coordenadores de cada movimento tiveram identificação explícita por conhecimento notório de sua militância e liderança. Alguns dados não foram informados durante a aplicação dos questionários e receberam a identificação de “SI” (sem informação). Em relação ao sexo dos participantes, identificou-se como “M” para participantes do sexo masculino e como “F” para participantes do sexo feminino. Na escolaridade, surgiram os seguintes dados: ensino fundamental incompleto (Fund. Inc.), ensino fundamental completo (Fund. Comp.), ensino médio completo (Médio Comp.), ensino superior graduação incompleta (Grad. Inc.) e ensino superior graduação completa (Grad. Comp.).

3.3.1 Sistematização dos dados coletados

As técnicas acima descritas foram utilizadas no intuito de atingir o objetivo geral deste estudo. Para melhor compreensão, o Quadro 3 apresenta as técnicas utilizadas, os tipos de dados coletados, sua organização quanto ao contexto e sistematização. Salienta-se que foram realizadas 17 entrevistas, sendo onze com inspiração na história oral e seis por meio de entrevista semiestruturada.

Quadro 3 – Sistematização dos dados coletados

TÉCNICA	TIPO DE DADO	CONTEXTO	QTD	TOTAL	SISTEMATIZAÇÃO
Entrevista	Inspiradas na História oral	MESC	4 entrevistas 2h 54min	11 entrevistas 10h 32min	58 páginas de transcrição
		MNCR	6 entrevistas 4h 22min		
		Professor Emílio Eigenheer	1 entrevista 3h 13min		
	Semiestruturada	Associação Amelior	6 entrevistas ausente	6 entrevistas ausente	7 páginas
Observação	Observação não participante	MESC	2 visitas 4h 45min	10 visitas 44h 40min	28 páginas de caderno de campo
		MNCR	4 visitas 25h 20min		
		Casa do Professor Emílio Eigenheer	1 visita 3h 35min		
		Associação Amelior	3 visitas 1h		
Documento	Livro	Brasil	1 biografia	1 biografia	256 páginas
	Relatório de Programa	Brasil	1 relatório	1 relatório	96 páginas
	Entrevistas/ Reportagens	Brasil	4 matérias	6 matérias	34 páginas
		França	2 matérias		

Fonte: Elaborado pela autora.

Todas as 17 entrevistas - catadores, *biffins* e professor Emílio Eigenheer - ocorreram mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE D). As entrevistas provenientes da aplicação da técnica inspirada em história oral foram transcritas na íntegra pela pesquisadora. As entrevistas semiestruturadas aplicadas na França foram traduzidas e transcritas, porém muitos apresentaram respostas curtas e tiveram como apoio a observação não participante. O método de transcrição consistiu em transpor as informações orais em informações escritas (MANZINI, 2006).

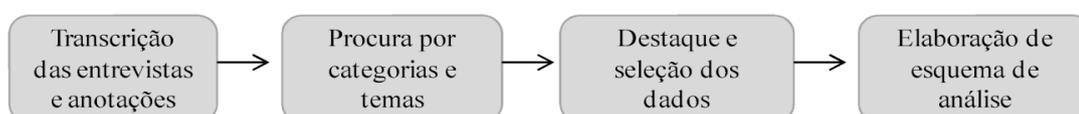
A transcrição também é um momento onde o pesquisador realiza uma pré-análise, ouvindo o material de maneira mais seletiva e refletindo sobre possíveis categorias. Existem três tipos de transcrição: a transcrição literal, transcrição adaptada e transcrição formal. Na primeira, todos os aspectos da fala dos entrevistados são transcritos com fidelidade, incluindo murmúrios, gírias e vícios de fala, como “né” e “uhum”. Na transcrição adaptada, são retirados os vícios de fala, as palavras que se repetem e o texto é transcrito de maneira mais “limpa” e objetiva. Já na transcrição formal, o texto transcrito recebe a correção dos erros de concordância

e são realizadas melhorias nas frases sem perder a coerência do que foi dito pelo entrevistado (ALBERTI, 2004; MANZINI, 2006). Optou-se pelo tipo de transcrição literal, valorizando a fala dos entrevistados. As análises de categorias e a análise léxica foram sistematizadas utilizando-se o *Sonal 2.0.97*, um *software* livre capaz de analisar categorias construídas pelo usuário. O uso do *Sonal 2.0.97* será apresentado na subseção 3.4 deste capítulo.

3.3.2 Análise de conteúdo

Após a realização das entrevistas, realizou-se a análise das informações, conforme proposto por Nigel Fielding (1993):

Figura 27 – Análise das informações



Fonte: Baseado em Fielding (1993) e Richardson (1999).

A análise de conteúdo acerca das categorias em destaque é uma técnica de pesquisa para descrição objetiva, sistemática e que apresenta indicadores confiáveis na busca por respostas (BARDIN, 2011). Ela permite uma análise rigorosa do material coletado durante o estudo para compreender melhor o discurso, contando com características gramaticais, ideológicas, cognitivas e léxicas (RICHADSON, 1999). Para Bardin (2011), a análise de conteúdo busca analisar e elucidar a mensagem presente nas “entrelinhas”, ou seja, aquilo que não é dito literalmente com possibilidade de interpretação, as variáveis inferidas.

Após a transcrição das entrevistas, organizaram-se as categorias que foram inspiradas nos dados sistematizados e na abordagem teórica da pesquisa. Seguindo a proposta de Bardin (2011), esta técnica foi composta de três etapas que se organizam cronologicamente:

- a) pré-análise: etapa flexível e que recomenda uma leitura flutuante, a formulação de indicadores, regras de recorte, formulação das hipóteses e dos objetivos que pudessem orientar a análise;
- b) exploração do material: com a codificação dos dados, classificação e categorização;
- c) tratamento dos resultados: interpretação e inferências.

Os critérios de categorização foram semânticos, analisados por temas e léxicos, pela prevalência de palavras e expressões. Cada categoria seguiu o modelo de características como: a) exclusividade e concretude, em que nenhum tema ocupa duas categorias, não permitindo ambiguidade de interpretações; b) homogeneidade, na qual as categorias baseiam-se no mesmo

princípio de classificação e exclusão mútua; c) objetividade, com variáveis e indicadores bem definidos; e d) produtividade, para trazer resultados abundantes, novas descobertas e dados com maior exatidão possível (BARDIN, 2011, p. 150).

A partir da conexão entre abordagens teóricas e a pesquisa de campo, foram definidas quatro categorias, sendo que foram precedidas por um breve memorial de três pessoas que são notoriamente representativas ao campo da gestão de resíduos sólidos. O professor Emílio Eigenheer, professor, doutor em Educação, pesquisador e técnico na área de resíduos sólidos. O líder do MESC, Sebastião dos Santos, o Tião, protagonista do documentário “Lixo Extraordinário”. E o líder do MNCR, Alex Cardoso, catador desde a infância, estudante de Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As categorias de análise são denominadas conforme mostra o Quadro 4:

Quadro 4 – Categorias de análise

CATEGORIA	ABORDAGEM TEÓRICA/ASSUNTO
Trajetória dos catadores	Trajetória
Trabalho dos catadores	Trabalho
Memórias da Invisibilidade	Estigma
	Exclusão
Memórias da Visibilidade	Identidade
	Reconhecimento

Fonte: Elaborado pela autora

Para além das categorias, realizou-se uma análise léxica com as palavras de maior ocorrência. A análise léxica é um complemento da análise de conteúdo, pois confirma ou contraria as tendências sugeridas pelos agrupamentos com palavras que podem auxiliar na construção de categorias (KRONBERGER; WAGNER, 2002). A análise por categoria e a análise léxica são ferramentas disponíveis pelo *software Sonal 2.0.97*, apresentado a seguir.

3.4 SONAL 2.0.97: UMA FERRAMENTA LIVRE

As entrevistas foram analisadas utilizando *Sonal 2.0.97*, um *software* livre desenvolvido em 2009, pelos sociólogos franceses Alex Alber (Université de Tours) e Phillipe Cibois (Université Versailles Saint-Quentin), porém pouco difundido no Brasil. Esta ferramenta permite que o pesquisador colete, organize e construa categorias de análise de arquivos de texto, áudio e vídeo. O *Sonal* armazena os arquivos em um projeto gráfico em diferentes partes

denominadas “trechos” ou “nós” de suas gravações ou textos, que são destacadas por cores referentes à temática definida pelo pesquisador e agrupada formando gráficos (SOUZA, 2015).

O *Sonal* foi construído para que os materiais primários da pesquisa pudessem ser decodificados antes mesmos das transcrições, otimizando os resultados. O objetivo do *software* não é transcrever palavra por palavra como feito habitualmente, mas sim, dar ênfase aos trechos importantes e chaves de uma entrevista, fazendo com que cada trecho receba uma cor para codificação e tornando-se um material “áudio-textual sincronizado” (ALBER; CIBOIS, 2018).

O “Manual de Instruções do *Sonal*”⁴⁵ foi traduzido para o português por Henrique Souza (2015) e incluído na plataforma de *download* do *software*. Além do uso do manual, Souza prestou algumas assessorias via *WhatsApp*, esclarecendo algumas dúvidas e auxiliando na tradução do programa. O *Sonal* possui diversas ferramentas de uso. Mas, seguindo o objetivo das análises das entrevistas, serão descritos quatro destaques de sua utilização para construção das categorias e apresentação dos resultados.

3.4.1 Inclusão das entrevistas

As entrevistas geraram três produtos para inclusão no *software*: fotografias com as transcrições das entrevistas enviadas pela Associação Amelior, transcrições em arquivo *Word* das entrevistas realizadas na Expocatadores 2016 e os áudios das entrevistas realizadas em 2018. Um dos diferenciais do *Sonal* é justamente a capacidade de analisar diversos produtos em um só programa. Além da inclusão dos múltiplos tipos de arquivos, o *Sonal* consegue separar as entrevistas por famílias, como por exemplo: Movimento Eu Sou Catador de Materiais Recicláveis, Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis e Associação Amelior (Figura 28).

⁴⁵ O Manual de Instruções do *Sonal* foi incluído na plataforma oficial de *download* do *software* em 2018 e já pode ser utilizado para facilitar o uso da ferramenta. O link de acesso é: <http://www.sonal-info.com/sites/all/exec/ManualDeInstrucoesSonal.pdf>

Figura 28 – Inclusão dos produtos da pesquisa no Sonal



Fonte: Elaborado pela autora

Cada entrevistado apresenta, à esquerda da Figura 29, uma ficha de acompanhamento e identificação com perfil socioeconômico. No acompanhamento, consta o tempo de duração da entrevista quando áudio, a porcentagem de categorias já identificadas e o campo de observações. O perfil socioeconômico pode ser elaborado pelo pesquisador, que acrescenta os itens conforme necessidade e tipo de pesquisa.

Figura 29 – Identificação das entrevistas



Fonte: Elaborado pela autora

Nas observações, foram colocados: a data, o local da entrevista e a cooperativa a qual pertencia o catador entrevistado. No ícone “Base de dados” (Figura 30), o perfil socioeconômico cadastrado gera um gráfico ou tabela com as informações inseridas de todos os entrevistados, ferramenta que pode ser utilizada para as análises.

Figura 30 – Base de dados

	sexo	idade	Tempo de trabalho	Estado civil	Filhos	Casa própria	Escolaridade	Movimento	
1	ElifirAmelco1	M	65	não lembra	casado	3	Não	Méde Comp.	Amelor
2	ElifirAmelco2	M	35	5 anos	solteiro	0	Não	Méde Comp.	Amelor
3	ElifirAmelco3	M	66	30 anos	casado	Sem informação	Sem informação	Sem informação	Amelor
4	ElifirAmelco4	M	49	2 anos	solteiro	1	Sim	Gradação Comp.	Amelor
5	ElifirAmelco5	M	26	não lembra	solteiro	0	Sim	Gradação Comp.	Amelor
6	ElifirAmelco6	M	38	8 anos	solteiro	0	Sim	Gradação Comp.	Amelor
7	MESC1	F	41	24 anos	casado	6	Sim	Fundamental Inc.	Eu sou catador
8	MESC2	F	61	40 anos	vívia	9	Sim	Fundamental Inc.	Eu sou catador
9	MESC3	F	50	38 anos	vívia	7	Sim	Fundamental Inc.	Eu sou catador
10	MESC7ao	M	39	30 anos	casado	2	Sim	Gradação Inc.	Eu sou catador
11	MNCR-1	F	52	30 anos	casada	2	Sim	Méde Comp.	MNCR
12	MNCR-2	F	54	24 anos	solteira	4	Sim	Fundamental Inc.	MNCR
13	MNCR-3	F	57	30 anos	solteira	1	Sem informação	Fundamental Comp.	MNCR
14	MNCR-4	F	54	8 anos	divorçada	5	Sim	Fundamental Inc.	MNCR
15	MNCR-5	F	38	32 anos	solteira	0	Não	Fundamental Inc.	MNCR
16	MNCR6tes	M	38	30 anos	solteiro	5	Sim	Gradação Inc.	MNCR
17	Ativar que a parte é lio	---	---	---	---	---	---	---	---
18	Montreux bouvalles	---	---	---	---	---	---	---	---
19	Lei lio catadores da invisibi	---	---	---	---	---	---	---	---
20	O processo implor o catado	---	---	---	---	---	---	---	---
21	País lio bñino	---	---	---	---	---	---	---	---
22	Museu da pessoa Alex	---	---	---	---	---	---	---	---
23	Vai lio catador doutor	---	---	---	---	---	---	---	---
24	Tão lio lio lio lio lio lio lio	---	---	---	---	---	---	---	---

Fonte: Elaborado pela autora

Para este estudo, a base de dados foi construída com as seguintes informações: sexo, idade, estado civil, tempo de trabalho na catação, moradia própria, escolaridade e a qual movimento pertencia o entrevistado.

3.4.2 Destaque de trechos e categorias por cores

O *Sonal* tem como objetivo destacar os trechos das entrevistas com recursos visuais. Nas entrevistas em áudio, o texto é anexado nos trechos e, em seguida, categorizado por cores. Nas entrevistas em *Word*, as categorias podem ser acrescentadas diretamente a cada divisão de trecho.

Figura 31– Categorias em destaque utilizando cores



Fonte: Elaborado pela autora

As categorias também podem ser divididas em famílias, como mostra a Figura 31: dados gerais, memória e base teórica. O recurso de uso de cores para categorização auxilia no momento de busca de uma categoria específica. Outra vantagem do *software* é que ao selecionar

uma categoria, pode-se analisá-la sem interferência das outras, tanto em relação ao trecho das falas quanto à análise léxica.

3.4.3 Seleção de categorias para análises

As categorias podem ser destacadas nos trechos de áudio e dos textos anexados no *Sonal*. Após a construção das categorias, nomeia-se cada uma delas e escolhe-se uma cor de identificação. A categoria estará em destaque pela sua cor correspondente. As categorias construídas a partir das análises foram classificadas em primárias e secundárias. Por serem diálogos mais subjetivos e que traziam diversas possibilidades de análise, cada trecho pode receber de um a quatro cores correspondentes às categorias.

O *Sonal* possibilitou uma pré-seleção para auxiliar no encontro do trecho a ser analisado, conforme mostra a Figura 32. A partir da seleção da categoria, uma nova leitura era necessária para a análise em profundidade.

Figura 32 – Seleção de categorias

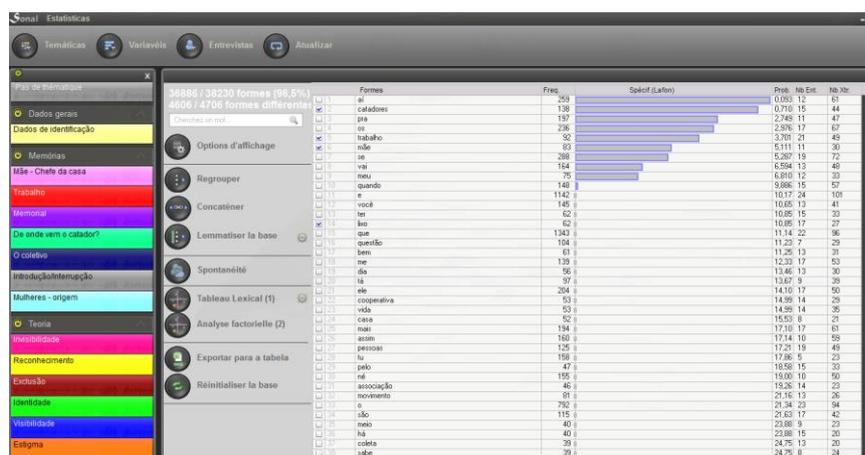


Fonte: Elaborado pela autora

3.4.4 Análise léxica das entrevistas

A análise léxica das entrevistas pode ser feita, de modo geral, analisando todos os entrevistados, com uma família (um movimento), por categorias ou ainda, individual, com cada sujeito participante do estudo. Ela é realizada com base nos trechos descritos nas caixas de texto onde estão localizadas as transcrições (Figura 33). Optou-se em realizar a análise léxica de todos os entrevistados, das famílias (movimento) e das categorias.

Figura 33 – Análise léxica



Fonte: Elaborado pela autora

3.4.5 Considerações do uso do Sonal

O *Sonal* ainda é uma ferramenta pouco utilizada, o que dificulta encontrar publicações que possam dar apoio e orientação sobre sua performance, tendo somente o manual elaborado por Souza (2015). Destaco alguns pontos positivos do seu uso como:

- ser um *Software* livre e de fácil acesso;
- a possibilidade de incluir arquivos com diferentes extensões como documentos em *Word*, vídeos e áudios, a serem analisados em um mesmo *software*;
- a possibilidade de criar categorias auxiliando o pesquisador a encontrar trechos a serem avaliados;
- registrar o tempo cronológico para cada categoria, comparar o tempo de dedicação empregado em uma dada categoria em relação à outra;
- visualizar a síntese dos trechos destacados;
- visualizar o todo com a dedicação dos tempos das falas para cada categoria;
- o *Sonal* salva automaticamente cada ação realizada.

Além dos pontos positivos, destaco os pontos frágeis deste instrumento:

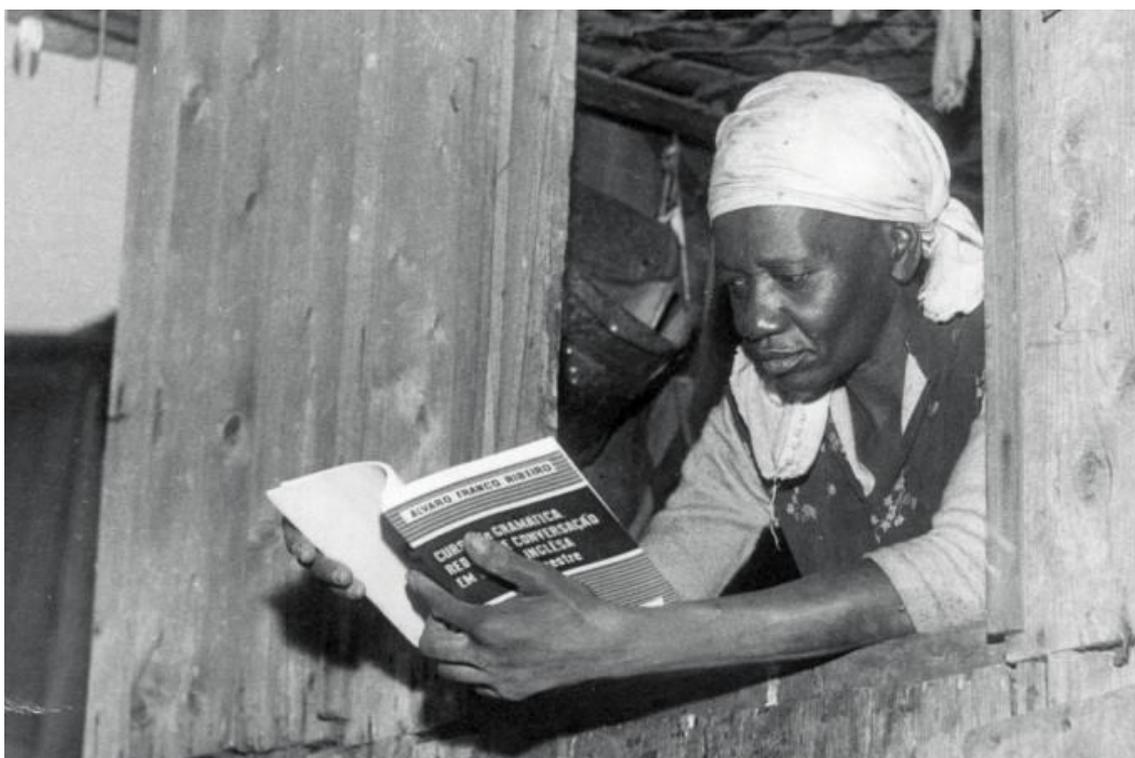
- apesar da tradução do sistema estar disponível por Souza (2015), muitas ações são em Francês, e isso pode atrapalhar os usuários;
- a pouca utilização deste *software* em pesquisas que orientarem ou apresentem seu uso;

- c) a inclusão de trechos é bastante cansativa, e para salvar trechos curtos o trabalho torna-se quase improdutivo;
- d) a partir do momento em que o pesquisador fragmenta um áudio em trechos, o *Sonal* não esquece, mesmo retirando o mesmo do sistema e o acrescentando novamente. A sugestão é: antes de fragmentar o áudio, tenha suas categorias já construídas.

A opção em usar o *Sonal* foi justamente para facilitar o encontro das categorias destacando-as. Para isso, esta ferramenta cumpriu com sua finalidade, porém, cada trecho em destaque teve que receber de uma a quatro cores, pois a autora já havia realizado uma pré-fragmentação de alguns áudios antes de determinar todas as categorias. O *Sonal* é uma ferramenta nova que ainda pode surpreender em relação as suas habilidades de análises e seu uso será importante em pesquisas futuras.

O próximo capítulo desta tese apresenta os memoriais e as análises dos dados.

CAPÍTULO 4 - CATADORES E *BIFFINS*: MEMÓRIAS EM ANÁLISE



Fonte: Editora Malê/Divulgação

*“[...] quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho impressão que sou objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”*⁴⁶

(JESUS, 2014, p.37)

Neste capítulo, o apanhado teórico e o campo empírico aproximam-se na busca por compreender possíveis relações entre a (in)visibilidade na construção de memórias dos

⁴⁶ Carolina Maria de Jesus, negra, catadora de papel e favelada, nasceu em 14 de março de 1914 em Sacramento, Minas Gerais, filha de pais analfabetos. Saiu de uma comunidade rural e foi para a cidade de São Paulo em busca de trabalho. Em 1960 lançou o livro “Quarto de Despejo”, uma publicação do seu diário, o diário de uma favelada. Nesta obra, a escritora conta seus dias de miséria e exclusão na favela Canindé, São Paulo.

catadores e dos *biffins*. Primeiramente, serão apresentados os memoriais de três participantes do estudo em formato de relatos. Os memoriais de Emílio Eigenheer, Professor e Doutor em Educação, Sebastião Carlos dos Santos, líder do MESC, e Alexandro Cardoso, líder do MNCR representam a memória do trabalho, da pesquisa, do movimento social e da gestão de resíduos sólidos no Brasil. Em seguida, são apresentadas as análises de cinco categorias, a partir da produção dos Capítulos 1 e 2 desta tese, com base nos temas: a trajetória da limpeza urbana, o trabalho dos catadores e *biffins*, o estigma, a exclusão, a identidade, o reconhecimento e, por fim, as necessidades apresentadas por eles para continuidade do seu trabalho. As categorias foram organizadas tendo como título de apresentação os excertos dos entrevistados, frases de significado e de impacto presentes nas suas entrevistas.

4.1 MEMÓRIAS

Neste subcapítulo, em formato de relatos, serão apresentados os memoriais de três referências na trajetória da coleta seletiva, da gestão dos resíduos sólidos e do trabalho dos catadores no Brasil. O primeiro memorial é do Professor Emílio Eigenheer, Filósofo e Doutor em Educação. Em seguida, o memorial de Sebastião dos Santos, construído a partir de sua biografia, revisado e autorizado por ele para esta pesquisa. Tião, como é conhecido, é catador desde os seus 12 anos e líder do Movimento Eu Sou Catador de Materiais Recicláveis (MESC). E por fim, o memorial do líder e um dos fundadores do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), Alex Cardoso. Os memoriais foram construídos por cada um deles com o apoio e auxílio da pesquisadora.

*4.1.1 Memórias de um observador de resíduos: o memorial do Professor Emílio Maciel Eigenheer*⁴⁷

Emílio Maciel Eigenheer nasceu em 16 de novembro de 1947, em Ourinhos, SP. Seu pai, comerciário, era filho de imigrantes suíços e alemães. Depois de deixar, em 1953, o Jardim de Infância da Igreja Metodista, iniciou o primário em Ourinhos, no Grupo Escolar Jacinto Ferreira de Sá. Concluiu o quinto ano primário (uma opção na época e que funcionava com Admissão ao Ginásio) em São Paulo, no Grupo Escolar Alfredo Bresser, em 1959. No ano

⁴⁷ Escrito em terceira pessoa, por opção do Professor Emílio Eigenheer.

seguinte, começou o ginásio na capital, no Ginásio Castro Alves. Dois anos depois, em 1962, transferiu-se para o internato do Instituto José Manuel da Conceição (JMC), em Jandira, SP, onde permaneceu até 1966. Concluiu o secundário em 1967, no Colégio Estadual Antonio Raposo Tavares, em Osasco. Fundado em 1928 por missionários americanos ligados ao Colégio Mackenzie, o JMC tinha como uma de suas finalidades preparar adequadamente os futuros alunos dos seminários protestantes, notadamente presbiterianos.

Em 1967 frequentou também o cursinho vestibular da USP. No mesmo ano conheceu, em Atibaia, SP, Stela Cristina Mafra Fernandes, natural de Niterói - RJ, com quem viria a se casar. Decidiu estudar no Rio de Janeiro, iniciando em 1968 o curso de Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1971 casou-se em Niterói, e deu início à carreira docente como professor de Filosofia do Centro Educacional de Niterói (CEN), escola experimental onde permaneceu até 1978. Entre 1972 e 1973 frequentou o mestrado de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica PUC/RJ. Em setembro de 1975 tornou-se professor de Filosofia da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Fundação Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Educação e Cultura (CDRH), da Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro. A FFP está hoje incorporada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é professor associado desta universidade.

A primeira viagem à Europa, feita em 1974 em companhia da esposa, foi possibilitada pelo CEN, visando o estudo da língua alemã, além de visitas a escolas experimentais em diversas cidades. Naquela ocasião teve contato com as universidades de Waldorfschule, em Wanneeikel, e com a Gesamtschule, em Hamburg e Berlin. Fez cursos de língua alemã no Goethe Institut.

Em 1977 ingressou em um segundo mestrado do Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas (FGV/RJ). Ainda em 1977, tornou-se professor de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde se aposentou em fevereiro de 2006 como professor adjunto. Sua trajetória acadêmica foi marcada inicialmente pela preocupação com a teoria do conhecimento e a lógica matemática.

Em 1982, interrompendo o mestrado, voltou à Alemanha com a esposa, que ganhara uma bolsa de estudos da Fundação Konrad Adenauer, e a filha primogênita, com um ano de idade. Frequentou cursos de língua alemã no Goethe Institut e cursos na Universidade de Mannheim. Durante a viagem entrou em contato com a filosofia cética e a questão ambiental, principalmente no que se refere à coleta seletiva de lixo. O contato com o ceticismo provocou dois efeitos: de um lado, tornou-o precavido quanto a posições dogmáticas; de outro, reacendeu o interesse por aspectos práticos da vida cotidiana. A partir de 1983, inspirado pela leitura de

céticos gregos e pela experiência vivida na então Alemanha Ocidental, seu interesse voltou-se para a questão ambiental, sobretudo pelos resíduos sólidos urbanos e sua relação filosófica com a finitude. Não é, pois, de se admirar o estranhamento e mesmo a incompreensão de muitos quanto ao fato de um professor de Filosofia se dedicar ao tema, inclusive em seus aspectos operacionais. Sua preocupação com os resíduos sólidos se deu a partir da conjugação de dois fatos ocorridos durante este período:

- a crise pirrônica advinda da leitura da obra do cético Sexto Empírico, na bela e limpa Heidelberg;

- a experiência, como cidadão comum, com práticas bem organizadas de coleta seletiva que se desenvolviam na Alemanha.

Em 1983, de volta ao Brasil, se dedicou aos estudos céticos e publicou, pela UFF, uma coletânea de artigos de Richard Popkin, considerado então o maior estudioso do ceticismo.

Em 1984 iniciou os preparativos para a implantação de um projeto pioneiro no Brasil de coleta seletiva no bairro de São Francisco, Niterói, RJ, onde mora até hoje. O trabalho, com apoio do órgão de cooperação técnica do governo alemão (GTZ), e participação da Universidade Federal Fluminense, do Centro Comunitário de São Francisco (CCSF), Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB), Prefeitura Municipal de Niterói (PMN) e FEEMA, começou em abril de 1985. Em razão do envolvimento com vários outros projetos de coleta seletiva em unidades militares, condomínios verticais, presídios, favelas, entre outros, só concluiria seu mestrado na FGV em 1989. A dissertação tratou da experiência de coleta seletiva de São Francisco. Dedicou-se então à questão dos resíduos sólidos, não apenas em seus aspectos operacionais e educacionais, mas também filosóficos e teológicos. Ingressou no doutorado em 1995, e parte do trabalho foi desenvolvida na Universidade de Tübingen/Alemanha. A tese que defendeu em 1999 no Curso de Doutorado em Educação da UFF, intitulada “Lixo e Vanitas: considerações de um observador de resíduos”, reflete essas preocupações.

Através desses trabalhos, curiosamente, acabou se defrontando com importantes temas filosóficos e religiosos, como a morte, a finitude e a degenerescência. A área técnica, especificamente da Engenharia Sanitária, recebeu suas iniciativas – vindas, portanto, de um professor de Filosofia – com maior naturalidade do que a área das Ciências Humanas que, em parte, desdenhava sua preocupação principalmente por seu caráter operacional. “Filósofo do lixo” podia tanto ser uma denominação pejorativa, como uma maneira até carinhosa de manifestar certo estranhamento. A vertente operacional se desdobrou também por meio de consultorias a ONGs, prefeituras, órgãos estaduais e federais. Nos estudos de caráter histórico

sobre limpeza urbana, foi iniciada uma linha de trabalho pouco desenvolvida e com restrita publicação mesmo no exterior. Os estudos sociais se direcionaram para pesquisas de temas voltados para tabus e interdições ligados aos resíduos e questões relativas à Educação Ambiental.

Nesse momento, esses temas não constituem como assuntos relevantes para as Ciências Sociais e ainda menos para a Filosofia, a despeito de sua importância econômica, social e ambiental, entre outros aspectos. Como desconhecer esta produção que a todos envolve diariamente, e que é questão básica para a vida nas cidades? Essa tentativa de afastamento e de não visibilidade pode ser verificada até mesmo nas Artes. Na pintura, por exemplo, raramente são retratados os resíduos, ainda que lá devam estar. Ruas, praças, oficinas, ateliers aparecem limpos, com poucas exceções. Outra questão de interesse foram as leituras bíblicas, como o relato da multiplicação e distribuição dos pães e peixes, tal como registrado na célebre passagem de João 6.12, onde é ordenado: recolhei as sobras para que nada se perca. Nesta tradição, o discurso de salvar a Terra por esforço humano não surte muito efeito. Há nela um pessimismo sobre o sucesso de tal empreitada no contexto do mal original. Porém, mesmo diante de tais dificuldades, essa tradição oferece elementos interessantes de convencimento que devem ser usados.

No doutorado, estabelecer esta relação entre o lixo e a morte foi decisivo para avaliar as históricas dificuldades de nos voltarmos para ele, quando, desde cedo, aprendemos a nos afastar e a desqualificar os que com ele lidam, mesmo que em nosso benefício. Porém, não por ironia, podemos dizer que nosso corpo, nossos restos mortais são submetidos, na atualidade, a processos similares aos do lixo que produzimos: acondicionamos o lixo para ser coletado como acondicionamos nossos restos mortais para que sejam levados pelo serviço funerário. Depois aterramos e enterramos: incineramos e cremamos, procuramos reutilizar o lixo assim como nossos órgãos pela doação. Nesta reflexão, propôs também uma forma pedagógica de se lidar com o problema, o que chamou de “pedagogia da degenerescência”, que vai de encontro às tradicionais formas de se esconder e evitar o lixo.

Quem trabalha com coleta seletiva sabe que é muito mais fácil incentivar a separação dos materiais recicláveis industrialmente (papéis, vidros, plásticos, metais) do que a matéria orgânica visando a compostagem. Os recicláveis citados não passam pela putrefação, não cheiram mal. Já a matéria orgânica, sim. Até mesmo a compostagem doméstica dos restos orgânicos que eram depositados no fundo do quintal para serem usados posteriormente nas hortas e pomares, prática comum até passado recente, perdeu seu espaço. Nos jardins gramados

e ornamentados de hoje não há quase lugar para os restos (orgânicos), muito menos nos edifícios que dominam os grandes centros.

Emílio criou em 1991 o Centro de Informação sobre Resíduos Sólidos (CIRS) da UFF, que desenvolvia atividades de pesquisa, assessoria e divulgação na área de resíduos sólidos, tanto em seus aspectos operacionais como culturais, sociais e históricos. O CIRS teve seu funcionamento encerrado no ano de 2012. Na universidade, trabalhou integrando atividades de ensino-pesquisa-extensão. Na UERJ, essa integração se deu na extensão com o projeto “Lixo e limpeza urbana: entender para educar”, uma forma de conscientização ambiental na UERJ que resultou na criação de um site direcionado principalmente a professores. Nessa pesquisa desenvolveu também um projeto de estudo comparado entre materiais didáticos voltados para a temática da coleta seletiva do Brasil e da Alemanha. No ensino, a temática é apresentada na disciplina História das Tecnologias, e essas inter-relações permitem a inserção de alunos e bolsistas no trabalho.

Na pós-graduação, por se tratar de uma matéria interdisciplinar, atuou nos últimos anos em um programa interdisciplinar de Ciências Ambientais da UFF. Sua produção acadêmica reflete também o caráter interdisciplinar mediante parceria com docentes de medicina, química, engenharia, educação, entre outras áreas. Mesmo que algumas de suas publicações possam parecer fora do contexto dos resíduos sólidos, se constituem em importantes obras, resultantes de projetos que envolviam o tema resíduos e memórias. Exemplo disto são os livros “Lourenço de Araújo: Poeta e Boêmio”, que se desdobrou em duas exposições; “Max de Vasconcelos: o poeta da agonia” e ainda “Café: Paris: os precursores”, uma parceria com Maria José da Silva Fernandes. A linha de pesquisa chamada “Resíduos & Memória” contou com apoio e financiamento do CNPq, e o projeto teve como foco chamar atenção para a imensa riqueza de materiais culturais diariamente descartados através do lixo e também de como evitar esta prática. Essa ação possibilitou um trabalho conjunto com o Centro de Memória Fluminense, da UFF. Os três livros citados são fruto de acervo recolhido pela coleta seletiva de lixo no bairro de São Francisco.

O projeto “Resíduos & Memória” surgiu quando se percebeu que, entre os materiais recicláveis recolhidos pela coleta seletiva no bairro de São Francisco, chegava uma significativa quantidade de livros, revistas, postais, partituras, fotos, moedas, selos, etc. Uma avaliação mais atenta mostrou que inúmeras peças eram de valor cultural e poderiam ser recolocadas em circulação. Muitos livros chegavam atacados por cupins, traças e baratas. Há um ritual utilizado por muitos para se jogar fora um livro. Primeiro, tira-se da vista o que não mais se deseja. Como não devem ser simplesmente jogados, são depositados em caixas ou em armários de garagens

e quartos de despejo. Quando, finalmente, a umidade e os insetos os atacam, sentem-se como que autorizados a jogá-los fora. Como o pão, que pela tradição deve ser beijado antes de ser jogado, os livros guardam, igualmente, um aspecto de sacralidade. Dois fatores, porém, favorecem o descarte imediato desses materiais, a saber: mudança para domicílios menores e morte – neste caso, quando familiares, ainda sob forte comoção, se encarregam de se desfazer dos pertences do falecido, como colchão, roupas e outros objetos pessoais.

Certamente joias, móveis e bens reconhecidamente valiosos são vendidos, doados ou tomados como herança. Mas nem sempre se avalia a importância de pequenos acervos, raramente organizados, esquecidos em armários, caixas e gavetas. Os grandes e conhecidos acervos particulares, com visibilidade pública, acabam sendo doados ou vendidos, inclusive para instituições culturais, que, sem exceção, sobrevivem deles. Parte considerável dos pequenos acervos de cidadãos comuns se perde. A coleta seletiva possibilita uma avaliação do que chega. Pessoas dispostas a se desfazer de livros, revistas, moedas, entre outros materiais, encontram, assim, um local adequado para direcioná-los. Esses materiais não precisam ser necessariamente raros para serem realocados. Muitos podem ser vendidos a sebos, bazares, ou brechós. O que não pode ser resgatado como bem cultural é destinado à reciclagem.

Outra etapa importante do projeto era treinar os triadores de programas de coleta seletiva e educar as pessoas a não jogarem ou queimarem objetos de valor cultural, passo importante na preservação da memória familiar, local, nacional e até internacional. Entretanto, há aqui também tabus a serem superados: o de rasgar fotos que serão descartadas é um deles. Emílio pertenceu ao Conselho Penitenciário do Estado do Rio de Janeiro, entre 1987 e 1990. Coordena até hoje o Programa de Coleta Seletiva de Lixo no bairro de São Francisco, considerado a primeira experiência brasileira nesta área. Foi consultor de várias prefeituras brasileiras para a implantação de projetos de coleta seletiva: Vitória, Limeira, São Paulo, Niterói, entre outras. Foi consultor da Secretaria do Meio Ambiente do Governo Federal. Teve seus projetos apoiados por inúmeras agências do exterior como a GTZ-Alemanha, Doen-Holanda, GTM-Suíça, e no Brasil pela FAPERJ, CNPq, Finep e Vitae. Eigenheer concluiu seu Pós-doutorado sobre resíduos militares em 2016, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME).

Para o professor Emílio, em relação aos catadores, por definição, não são e nem serão importantes para a coleta seletiva. Aproveitá-los na triagem e mesmo na coleta dos materiais segregados é outra questão. A proposta de aproveitá-los através de cooperativas ainda não foi bem avaliada. Em sua trajetória, Emílio coloca que encontrou inúmeras cooperativas onde não havia “ex-catadores”. Os que lá estavam, voltaram para as ruas. No Rio de Janeiro, uma

tentativa da COMLURB de estabelecer cooperativas de resíduos sólidos pós-consumo com a inserção de catadores de rua foi um imenso fracasso. As cooperativas de triagem e mesmo as que participam da coleta seletiva não se sustentam sem subsídios do poder público. Eigenheer afirma que “não temos o hábito de avaliar o que não deu certo”. A mesma experiência ocorreu com as Usinas de Triagem (inclusive com ex-catadores) conhecidas como as "cooperativas de catadores".

Porém, como a coleta seletiva é muito cara e as atuais cooperativas não conseguem expandi-la, Emilio destaca que por muito tempo os catadores seguirão atuando nas ruas como sempre fizeram, dando sua contribuição (sem custos) para a reciclagem de parte dos resíduos domésticos. Neste aspecto, a contribuição deles é decisiva, e finaliza: “os catadores, infelizmente, são ameaçados tanto pela discriminação como também pela glamorização de seu trabalho”.

4.1.2 Memórias de Tião dos Santos: Difícil foi não virar lixo

Meu nome é Sebastião Carlos dos Santos, conhecido como Tião. Nasci em 20 de janeiro de 1979, dia de São Sebastião, na cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Apesar de nascer no Rio de Janeiro, minha família é de Pernambuco e mudou-se em busca de melhores oportunidades de trabalho. Sou o sétimo filho de Gerusa e José Carlos, de uma família de oito filhos. Todos nós somos catadores de materiais recicláveis. Meu pai trabalhava no cais do porto em Recife e devido a uma crise portuária em 1982, meu pai ficou desempregado e se tornou alcoólatra. Minha mãe acabou assumindo o papel de mãe e pai de todos os filhos.

Minha mãe fazia faxina na casa de algumas pessoas, ela era diarista. Porém, com oito filhos e com o marido desempregado, minha mãe precisava de outro trabalho. Um dia, uma amiga a convidou para trabalhar à noite em um local que não era muito agradável. Primeiro, minha mãe ficou um pouco desconfiada achando que era uma coisa de prostituição, mas depois ela percebeu que não é nada disso. Era na verdade um trabalho no lixão. Não era um dos melhores lugares, mas era uma coisa honesta e digna. Então ela foi. Consequentemente, conforme nós fomos crescendo e a necessidade aumentando, minha mãe foi levando meus irmãos mais velhos.

Eu conheci o lixão aos oito anos de idade, mas ia lá só para brincar e levar almoço para minha mãe e irmãos depois do colégio. Eu era uma das poucas crianças do lixão que ainda estudava. Na escola, gostava e era um aluno até “razoável”. Mas em 1992, depois de uma reportagem que minha mãe deu no Globo Repórter, a escola ficou difícil. Virei motivo de piada.

Sofria muito *bullying*. Me chamavam de “filho da lixeira”, de “rampeiro”, de “xepeiro”. Então, com 13 anos, abandonei a escola antes mesmo de concluir o ensino fundamental e fui trabalhar no lixão com meus irmãos.

Eu trabalhei dos 13 até os 16 anos no lixão. Quando eu estava com 16 anos, foi proibido o trabalho de criança, adolescentes e moradia dentro do Jardim Gramacho. Uma empresa privada assumiu a organização do lixão e criaram-se algumas regras. Então eu saí do lixão e continuei trabalhando porque precisava ajudar em casa. Fui matador de galinha, foi açougueiro, foi auxiliar instalação de ar condicionado, e por último, meu trabalho foi de vender botijão de gás nas comunidades do Rio de Janeiro. Naquela época podia fazer isso. Neste mesmo período, comecei a ter uma vida conturbada do ponto de vista pessoal. Conhecendo as comunidades, me envolvi com grupos de jovens que iam aos bailes funk para brigar. As brigas eram a oportunidade que tínhamos de expulsar de dentro toda a angústia, todo tipo de repressão que espremiávamos bem espremida para caber sem sufocar. Era uma maneira de colocar para fora toda a raiva que eu sentia. Porém, comecei a ver amigos meus e pessoas bem próximas morrendo pelo tráfico de drogas e pelas confusões. Decidi tomar outro rumo na minha vida.

Com 18 anos, fui servir o quartel e fazer aquele monte de exames. Com todas as minhas idas para fazer estes exames, fui mandado embora do meu trabalho. E, em seguida, dispensado do quartel. Agora já com 18 anos, acabei voltando para o lixão. Quando eu voltei, minha mãe já tinha criado a primeira cooperativa, a CooperGramacho. Ela e junto com o pessoal me convenceram a voltar para a cooperativa e trabalhar com eles. Comecei meus trabalhos inspirado na força de minha mãe e com a herança da liderança de meu avô materno. Esta cooperativa foi a minha escola. Comecei a fazer diversos cursos de capacitação na área de cooperativismo. Esses cursos permitiram que eu conhecesse melhor os princípios e o funcionamento das cooperativas e associações e tivesse uma melhor participação.

Ainda quando estava na CooperGramacho, em 1999, participei do curso “Jovens Lideranças”, organizado por uma ONG, onde tive a oportunidade de conhecer jovens militantes de outros movimentos sociais urbanos da cidade do Rio de Janeiro. Em 2001, foi um ano muito importante na minha vida, o nascimento da minha primeira filha, fruto do meu casamento ocorrido no ano anterior. Em 2002, participei do I Encontro Latino-Americano de Catadores, em Caxias do Sul, e do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Neste encontro conheço pessoas envolvidas com os movimentos altermundialistas, militantes da economia solidária e catadores que vinham construindo o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis. Em 2004, fundamos a Associação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (ACAMJG) junto com outros catadores do lixão. Essa associação tinha por

objetivo formar uma instituição onde que, independente dos catadores trabalharem na associação ou no lixão, eles estariam sendo representados.

Em 2007, acabei perdendo meu pai que morreu por tuberculose, um momento muito difícil na minha vida. Apesar de termos um relacionamento conturbado pelo seu alcoolismo e pelas constantes situações de violência doméstica, com o passar do tempo e com o nascimento da minha filha, minha relação com ela foi melhorando. No final de 2007, conheço o Vik Muniz, e começa uma nova fase na minha vida. Neste mesmo ano, ele deu início ao trabalho do "Lixo Extraordinário". No começo eram só as fotos e depois surgiu a ideia de produzir um documentário, lançado em 2010. Ainda em 2010, ganhamos o primeiro prêmio internacional, e em 2011, "Lixo Extraordinário" foi indicado ao Oscar.

Em 2014, por convite da editora escrevi a biografia "Tião, do lixo ao Oscar". Durante um ano e quatro meses, dediquei meu tempo para contar a trajetória da minha vida e do meu trabalho. Escrever o livro foi uma ideia da editora, mas foi muito importante para mim. O livro mexeu com muitas histórias que eu achei que estavam resolvidas. Fantasmas que eu achei que já tinham sido enterrados foram exorcizados depois do livro. Foram resgatadas as histórias, o relacionamento com meu pai bem no momento que eu o tinha perdido. A vida com meu pai foi muito melhor depois das bobagens que eu fiz. Eu consegui entender meu pai. Então eu chorava mais que escrevia. Foi meio que um divã, mas foi libertador.

Em 2016, acreditando no protagonismo dos catadores, sejam eles individuais ou coletivos, crio o Movimento Eu Sou Catador de Materiais Recicláveis. Este movimento busca a inclusão dos catadores em contratos de prestação de serviços com o poder público e também com empresas frente à logística reversa. Sigo no Jardim Gramacho, realizando palestras e formações na área da gestão de resíduos sólidos.

Finalizando este memorial para minha amiga, quero deixar uma mensagem de futuro. O que eu penso do futuro em relação à reciclagem é que ela tende a cada dia se perpetuar e se desenvolver cada vez mais em relação à questão da diminuição do quantitativo de resíduos. Porém, seria leviano da minha parte, até porque isso tem tudo a ver com a minha história, achar que não existe interesse ou especulações do mercado financeiro em relação à questão da reciclagem.

Hoje a reciclagem é o mecanismo de geração de trabalho e renda, mas também tem uma questão econômica. O maior risco, não é a questão da implementação da reciclagem, porque ela vai acontecer, é o futuro. A minha maior dúvida é se a reciclagem no Brasil vai acontecer respeitando o protagonismo dos catadores de materiais recicláveis. Porque como diz uma frase do movimento dos catadores: "Coleta seletiva sem catador é lixo!". Não adianta você

implementar um sistema de coleta seletiva e excluir aqueles que historicamente estavam excluídos. O catador se torna catador por questões econômicas e não ambientais. Ele se torna catador pela exclusão social, pela exclusão econômica, pela fome e pela pobreza que existe na reciclagem no Brasil. Criar um sistema de reciclagem sem respeitar a maior questão social de inclusão social de catadores, sem respeitar o protagonismo do catador na reciclagem, sem reconhecer que hoje 90% do material reciclável que chega na indústria passa pela mão do catador, seria a falácia da categoria dos catadores.

É importante que as cooperativas se atentem. Isso vale para que os direitos sejam garantidos, não sei se em sua totalidade, mas muitos direitos que foram adquiridos nesses anos de luta precisam se transformar em prática. Esses direitos precisam se transformar em melhorias de qualidade de vida para os catadores, para os verdadeiros protagonistas dessa história. Agora, precisa também que as cooperativas se profissionalizem como prestadoras de serviços ambientais, de manejo de resíduos urbanos, de logística reversa para que as mesmas possam ter seus direitos reconhecidos e a obtenham a valorização do seu trabalho. Isso precisa estar garantido no pagamento dos serviços ambientais prestados. Nós precisamos ser pagos!

4.1.3 Memórias de Alex Cardoso: Do Lixo à “Bixo”⁴⁸

Meu nome é Alexandro Cardoso, conhecido por Alex Cardoso. Nasci em Passo Fundo, interior do Rio Grande do Sul, no dia 23 de janeiro de 1980. Com três meses, vim para Porto Alegre juntamente com meus pais e um irmão um ano mais velho. Viemos para a capital porque meus pais não tinham trabalho, e logo que chegaram, começaram a trabalhar como catadores de rua na região central. Por não ter ninguém para cuidar das crianças, meus pais nos levavam juntos no carrinho de coleta. No Rio Grande do Sul, há mudanças rápidas de temperatura, principalmente à noite, justamente quando meus pais iam catar, pois sem ter pontos de coleta, parcerias para lhes entregar os recicláveis, teriam que inicialmente tentar a sorte, compor e cristalizar parcerias que pudessem lhes apoiar, considerando que na época (de muita pobreza e fome), havia como hoje, grande disputa de materiais.

Por eu ser o menor, e inclusive nasci com apenas seis meses de gestação e poucos quilos. Minha mãe, colocava-me numa caixinha de papelão para me proteger do vento, frio ou outras presentes adversidades. Meu início de vida revê grande ligação (umbilical, vital) com o papelão,

⁴⁸ “Bixo” se refere à entrada de Alex na Universidade.

com os recicláveis. Com a proteção da caixa de papelão, minha casa, protegido, dormia. Certa noite, uma daquelas de grande sorte, meus pais conseguiram catar uma quantidade maior que o normal de papelão, enchendo muito bem o carrinho e conseqüentemente, alguns estruturais problemas, como a fome, seriam então resolvidos. Minha mãe com todo cuidado, organizou como de costume minha caixinha de papelão, me acomodou sobre o carrinho, no alto. Após, iniciaram a caminhada de volta para casa. No caminho, pela Avenida Borges de Medeiros, primeiro passando o Viaduto Otávio Rocha, cartão postal de Porto Alegre, junto à Avenida Duque de Caxias, literalmente descendo a Borges (450 metros de descida), com carga cheia, o cuidado é redobrado, justamente pelo carrinho estar mais pesado, precisando então que um puxe (meu pai) na frente do carrinho e a outra (minha mãe) empurre, enquanto eu, protegido, dentro da minha caixa de papelão, dormindo.

No final da descida, encontra-se outro viaduto, desta vez sobre o Lago Verde e Ponte de Pedra, também cartões postais de Porto Alegre. Papai pegou velocidade para subir a lomba, mamãe atrás empurrando, e um vento forte se iniciou bem na subida do viaduto, um papelão caiu do carrinho, mamãe por estar atrás viu o papelão cair e avisou meu Pai: “Cardoso, caiu alguns papelões”, avisando que iria pegar. Meu pai respondeu: “ah, mas a gente está com o carrinho cheio, vamos apurar isso que está bom. Só uma caixa, não vai fazer diferença”. Mas minha mãe, insatisfeita, voltou para recolher as caixas. Chegando para juntar, ela viu que uma das caixas era a minha, comigo dormindo dentro. Não havia chorado e o vento e outros papelões amorteceram a queda. Eu tinha caído de cima do carrinho e continuava dormindo. Minha mãe, feliz, “me recolheu” de volta, emocionada informou meu pai. Esta é uma presente e viva história, a qual compõe fortemente minha identidade de vida, me liga a um passado presente, atemporal, o qual infelizmente nunca mais escutarei de meu pai, falecido há 3 anos, mas minha mãe, a cada oportunidade, orgulhosa, relata.

Morei até os sete em Porto Alegre, na beira do Lago Guaíba, atrás do estádio do Internacional. Na época, havia um dique, uma rua de terra com seis metros de altura que separa as águas do lago da cidade, como uma contenção para que a água não invada a cidade em dias de fortes chuvas. Por cima passam carros, caminhões, ou seja, é também neste caso, uma rua, atualmente conhecida por Avenida Beira Rio. Morávamos entre o dique e as águas do Lago Guaíba. Em tempos de tempestade, quando chovia forte, a enchente levava todas as nossas coisas embora, às vezes mal dava para nos salvar. Era terrível, quando chovia. Não podíamos dormir e nem mesmo ficar em nossa própria casa. É por isso que atualmente não tenho memórias materiais, fotos e outros objetos da infância, praticamente perdi tudo, a cada grande chuva, um novo recomeço.

Uma infância difícil, conciliada com o trabalho, necessário como um fato decisivo de vida ou de morte. Meus pais na catação, nós pequenos. Quando eu tinha dois anos, nasceu outra mana, e dois anos depois, mais outra. Passar fome uma vez, é violento. Entretanto, conviver com ela é desumano, tal o nível elevado desta violência. Nossa habitação era uma casa descartável, construída de papelão, de bambu, compensado, lona preta, de qualquer maneira, amarrada no arame, palha e outras coisas que meus pais encontravam. Não tínhamos muitos eletrodomésticos, porque a água (enchente) sempre os destruía ou levava.

Aos sete anos, retornei a Passo Fundo para estudar e morar com minha avó paterna. A vila onde morávamos era muito violenta. Meus pais, pelo medo, nos levavam juntos o tempo todo. Havia muita pobreza, miséria, doenças. Infelizmente, era comum crianças morrerem de “dor de barriga”. Não tínhamos luz, tínhamos velas e lampião. Não tínhamos água encanada, eram baldes e bombonas. Nem banheiro na casa, era tudo feito numa casinha com um buraco no chão. Moscas, mal cheiro, animais como ratos e baratas eram parte do cotidiano. Todos os dias, no contraturno da escola, trabalhávamos. Na época já existia muita briga, porque não se reciclava todos os materiais, muitos “cata”. A única coisa que se recolhia era papel branco, papel misto, aqueles copinhos de cafezinho, o PS⁴⁹ e o papelão. O resto, todos os tipos de plástico não se reciclavam. Então era pouco material para muito catador. Tínhamos que ir sempre junto para conseguir segurar o máximo de material para coletar, separar e vender.

Em 1989, meu pai começou a trabalhar numa empresa multinacional, a Semeato, fabricante de máquinas agrícolas. Por ser bom profissional, de montador I, logo se tornou montador III, profissional de primeira linha. Ficou 16 anos nesta empresa. Com esse trabalho, começamos a viver melhor, já conseguíamos comer carne. Nesta época, minha mãe começou a trabalhar como camelô. Mesmo assim, tínhamos que trabalhar, pois logo, meus pais tiveram mais três novos filhos, completando sete filhos, três gurus e quatro gurias.

Aos 11 anos comecei a trabalhar cortando grama, varrendo pátio e lavando a louça para vizinhos. Era outra maneira de conquistar dinheiro, pois a catação estava difícil. O pagamento pelos serviços era além de algum dinheiro, doces: iogurte, bala, banana. Banana era comida coisa chique. Dos 11 até os meus 14 anos, eu ia no farol pedir dinheiro. Uma vez, em duas semanas, eu e minhas duas irmãs, ganhamos no farol mais dinheiro do que o salário do mês do meu pai. Depois dos 14, tornei-me adulto, larguei os estudos e comecei a frequentar bares noturnos, então outros problemas iniciaram. Minhas amizades e eu vivíamos de brigas de rua,

⁴⁹ Poliestireno, tipo de plástico.

violência. Depois veio as drogas. Nunca cheguei a me envolver com venda, mas eu sempre estava junto com a galera que usava. Era muita festa, muita droga, muita orgia, muita bagunça.

Neste período eu estava muito ligado à dança. Sempre gostei de *hip-hop*. Participava de rodas de dança e as gurias geralmente iam para assistir. Nesta época comecei a namorar, logo fui pai, aos 16 anos. Quando a Alexandra nasceu, larguei a noite, a música, as festas. Não podia mais. Meu pai conversou seriamente comigo. Acredito que aquela conversa foi a primeira, a decisiva de minha vida: "meu filho, é assim, eu fui novo, eu fui jovem, namorei cedo, tive filho, te avisei para ti não ter, agora tu vais cuidar dela." Buscando fugir daquela vida, fomos eu, minha companheira e nossa filha morar na casa da sogra, em Caxias do Sul.

Comecei a trabalhar de servente na construção civil. Aquilo não era vida. Acordava às cinco horas da manhã, ia dormir a uma da manhã todos os dias. Revirando concreto o dia todo para levantar aqueles arranha-céus. Muito ruim. Para aguentar, tomava um copo de cachaça. Inicialmente era ruim, repugnante, entretanto logo a cachaça ficou doce, ganhou sabor e importância na minha vida. Com ela eu relaxava, ficava tranquilo e conseguia descansar melhor. Por haver muita restrição na casa da mãe dela, decidi mudar-me para Porto Alegre.

Eu já estava com 17 anos, havia ficado um ano morando em Caxias do Sul. Ao chegar em Porto Alegre, iniciei meu trabalho na Associação dos Catadores da Cavalhada, junto com minha família, uma família de catadores. Acabei gostando, religando ao meu brevíssimo passado. Por ser de menor, não podia me associar, nem trabalhar, tinha que me esconder quando chegavam visitas na associação. Depois de um certo tempo, já trabalhava muito mais que os próprios associados, quando completei 18 anos e entrei como associado.

Em 2001, fui participar do 1º Congresso Nacional dos Catadores, em Brasília, onde foi fundado o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. De lá pra cá, comecei a minha militância pela categoria. Foram vários encontros, seminários, debates, viagens nacionais e internacionais. Constituímos um dos maiores movimentos sociais urbanos, de grande importância ambiental, economia e social.

Tive mais três filhos, sendo uma guria e dois gurus, gêmeos, nascidos em 2003. Apesar de estar sempre ocupado em espaços de debate, aos quais me exigiam amplo conhecimento, tive novamente interesse pelos estudos, primeiramente da profissão e logo, em retornar aos bancos escolares, pois não aguentava mais responder que tinha apenas a quinta série fundamental, ou ensino fundamental incompleto.

Em 2014, depois de 20 anos sem estudar, postergando ano a ano, entrei na escola decidido a estudar, contei minha história à professora, diretora da escola, e ela aceitou minha entrada naquela noite mesmo, com o compromisso de depois enviar os documentos escolares

comprovações. Foram quatro anos de Educação de Jovens e Adultos até formar no ensino médio, depois fiz um cursinho popular pré-vestibular. Inúmeros professores, colegas, amizades e ricas histórias, conciliei minha agenda de trabalho, minha agenda social e principalmente priorizei minha agenda de estudos. Passei no vestibular da UFRGS, de primeira, em 2018 e criei a *hashtag* #vaitecatadordoutor. Hoje estou no quarto semestre de Ciências Sociais.

Do lixo ao “bixo” remete a uma rica história, a trajetória da minha vida, a qual tenho talvez a mais forte identidade que construí ao longo destes milhares de momentos bons e difíceis etapas que passei. De catador de materiais recicláveis pela obrigação e necessidade, ao amor pelo trabalho, até ser hoje um estudante universitário que mesmo um dia sendo doutor, jamais deixará de ser catador.

A seguir são apresentadas as categorias e suas análises.

4.2 TRAJETÓRIA: “A FAMÍLIA SE TORNOU UMA FAMÍLIA DE CATADORES”

A trajetória do trabalho realizado pelos catadores e pelos *biffins* é retratada desde a Antiguidade até os dias atuais. Primeiramente, a coleta dos materiais estava restrita aos excrementos, em seguida, aos trapos e aos ossos, até chegar aos resíduos sólidos urbanos, ou ainda, aos objetos em desuso (EIGENHEER, 2009; GAGNEBIN, 2009). A urbanização e o êxodo rural foram apontados como fatores que contribuíram para o aumento da formação de vilas, das periferias e para o aumento dos trabalhadores na catação, pela necessidade de encontrar renda e manter-se no novo espaço (EIGENHEER, 2009; ROSEN, 1994).

Em relação à trajetória do trabalho realizado pelos catadores brasileiros, foi relatado que:

No Brasil existia os tigres⁵⁰, mas aí os tigres desaparece [...] você vê que o que acontece pós tigre. Tem o saneamento né, feito pelo Estado. E aí o tigre não é mais valorizado por que é contratado, tem uma empresa alemã que assume o saneamento de esgoto no Brasil, 174 anos depois são os negros que começa a catar os materiais recicláveis porque são negros né, porque são preto e pobre. (Tião, líder do MESC, 39 anos).

As evidências mostram que o excerto do líder do MESC está alinhado aos diversos textos escritos e publicados por Eigenheer (1992; 2003; 2005; 2007; 2009; 2015). Os tigres, escravos responsáveis pelo recolhimento dos excrementos e despejo em zonas de periferia,

⁵⁰ Todos os grifos presentes nas falas dos entrevistados foram feitos pela autora para ressaltar pontos importantes observados nos relatos.

riachos ou nas praias, foram os primeiros trabalhadores brasileiros a desempenharem a função de “sumir” com os “restos da sociedade” (EIGENHEER, 2009). Em 1876, a empresa francesa Aleixo Gary iniciava uma força tarefa para a limpeza urbana no Rio de Janeiro, primeira cidade a realizar este serviço (EIGENHEER, 1992; 2009). No excerto acima citado, a empresa que assume o serviço de limpeza urbana era alemã e não francesa. Muitas vezes, a memória prega peças. Em alguns momentos, situações que o sujeito acredita ter vivido ou lugares que lembra ter visitado podem ser o que Pollak chama de aqueles “vividos por tabela” (POLLAK, 1992, p.2). O líder do MESC apresenta outra questão muito significativa para a trajetória dos catadores, a escravidão:

*[...] a trajetória do catador aqui (no Brasil), ela vem e me desculpe dizer, vou ligar ela totalmente à escravidão. Minha mãe é negra e em seus 64 anos ela vai fazer isso praticamente, ela vai fazer saneamento como os negros tigras faziam só que era coco e xixi e as comidas que era aquilo que era o lixo na época. Só que agora você tem o novo lixo. E quem vai catar esse somos nós, tudo isso porque você tem uma escravidão e uma lei áurea que te deixa livre dos açoites e da senzala e que te prende na miséria da favela. E você tem uma sociedade que vira e diz quando vê um cara negro morrer que: “bandido bom é bandido morto”, mas **ninguém quer discutir origem**. No Brasil não se discute a origem, as pessoas são adeptas a soluções fáceis sem discussão então: Qual bandido bom é bandido morto?(Tião, 39 anos).*

Dados do Ipea (2013) apontam que 66% dos catadores no Brasil são negros. Em regiões como no Norte (82%) e no Nordeste (78%), a profissão é exercida quase que totalmente por negros. O relatório aponta ainda que 68% dos catadores são do sexo masculino, destes em sua maioria jovens com idade entre 18 a 36 anos (IPEA, 2013). Após a escravidão, muitos negros libertos foram abandonados, abrigando-se em periferias e nos aglomerados urbanos (EIGENHEER, 2009; ROSEN, 1992). Com isso, a alternativa para sobrevivência era seguir realizando serviços considerados desqualificados como os manuais, de manutenção, de cuidados, ainda servindo à classe dominante. Trabalhar com os “restos da sociedade” (EIGENHEER, 2009), ação atribuída aos escravizados considerados rebeldes, vadios ou velhos, se tornou uma atividade para negros, excluídos e pobres. O trabalho desqualificado, herança da desigualdade social, formou o que Souza (2009) chama de “ralé brasileira”. Esta “ralé” surge na libertação dos escravos: negros, mulatos e mestiços que, aos serem libertos, eram abandonados ou ainda seguiam realizando serviços por um prato de comida e um abrigo continuando a sofrer a exploração e desvalorização do seu trabalho (SOUZA, 2017).

Além da origem do trabalho dos catadores brasileiros apresentada pelo líder do MESC, outra abordagem também é considerada:

[...] se tu pegar uma lógica de compreender a questão de onde nasce os bolsões de miséria, as favelas não sei o que, e tal, onde nasce os catadores? [...] Os catadores saem do campo, vem para cidade e começam a não ter um lugar para trabalhar, aquela coisa toda né, justamente os agricultores. Então, os agricultores começam a trabalhar como catadores. Pegando aqui – Região Metropolitana de Porto Alegre, tem os catadores que saem da zona rural e vem trabalhar nos calçados, né. Depois, nasce alguma Coolabore⁵¹, é um exemplo disso. (Alex, líder do MNCR, 38 anos).

Neste excerto da entrevista, o representante do MNCR relata uma origem um pouco diferente da apresentada pelo líder do MESC: o êxodo rural. Para ele, o aglomerado urbano se forma a partir da imigração dos agricultores das zonas rurais em busca de trabalho nas grandes indústrias de calçados. A partir da década de 1970, as indústrias calçadista e metalúrgica se tornaram espaços de trabalho e renda para muitos homens e mulheres que queriam deixar o campo e morar nas cidades próximas à capital⁵². Porém, a partir de 1990, a crise do calçado e das metalúrgicas, devido à concorrência chinesa, resultou na falência e no desemprego em massa. Esta é uma realidade na maioria das cooperativas e associações de catadores da Região Metropolitana de Porto Alegre. O relatório do projeto Caminho das Águas (2013) e o estudo de Pasqualetto (2018) apontam que o perfil dos catadores do Vale dos Sinos e Região Metropolitana de Porto Alegre é, em sua maioria, formado por descendentes de imigrantes alemães e italianos que saíram da zona rural para trabalhar nas cidades próximas de Porto Alegre. No Sul, 34% dos catadores são negros, região com menor incidência no país (IPEA, 2013). Nos dois relatos podemos observar que ambas as trajetórias de origem do trabalho realizado pelos catadores estão associadas à exclusão e à exploração. As evidências mostram que o entendimento do líder do MESC está relacionado à sua trajetória de vida e à realidade presente no Rio de Janeiro, alinhado à questão histórica da discriminação racial, ao trabalho desqualificado e à escravidão. Porém, no Rio Grande do Sul, o líder do MNCR apresenta uma abordagem mais recente da trajetória dos catadores como uma nova maneira de sobreviver, por meio da formação de coletivos de trabalho, nas grandes cidades a partir do êxodo rural.

Sobre a trajetória do tipo de material coletado pelos catadores, as evidências apresentam dados interessantes. Além da construção de memórias em relação à origem de seu trabalho, o material coletado pelos catadores também foi mudando com o passar do tempo. Muitos anos após os tigres, o catador, trabalhando já nas regiões urbanas, tinha como matéria-prima de coleta, triagem e venda: ossos, panos e sucatas. Esta realidade é descrita por Jesus (2014) nos

⁵¹ Coolabore é uma cooperativa de coleta, triagem e venda de resíduos onde a maioria dos seus cooperados é oriunda do fechamento de grandes fábricas de calçados, nos anos 1990 (PASQUALETO, 2018).

⁵² Trajetória também vivida pelos pais da pesquisadora e relatada em seu memorial.

anos 50, quando relata em seu diário o dia-a-dia de uma catadora de papel. A autora andava pelo centro da cidade em busca de papel e tecido para vender no ferro velho. Esta realidade pode ser constatada a partir dos excertos a seguir:

*Eles (os pais) **catavam osso**, eu também catei osso quando eu era pequena. **Oso, pano, tecido** e era isso. Quando eu era pequena, a minha mãe ficava em casa e eu, com as crianças, saíamos e **catávamos osso, vidro e a gente vendia tudo**. A mãe só tinha fogão à lenha e a gente morava na parte de cidade e não tinha mato, então a gente tinha que garantir a lenha para mãe. Então a gente saía de manhã, aí catava, vendia, aí quando vinha para casa, já trazia a lenha para mãe. Aí já levava a lenha para ela. **A gente recolhia e entregava no ferro velho todo dia**. Todo dia a gente ia pegar, catando na rua assim... no lixo. (MNCR2, 54 anos).*

*O catador vai dizer que o catador surgiu do **catador de ferro velho, catador de osso, de vidro e depois do papelão. Plástico não existia**. E aí, depois para os metais e depois começa o papel em geral e depois o plástico. E onde está escrito isso? Tem que olhar lugares porque eu li muito e **tampouco me preocupava da questão de onde que surgiu**. (Alex, 38 anos).*

Os relatos do catador MNCR2 e do líder do MNCR exemplificam muito bem a realidade dos objetos recolhidos no início dos anos 1980. Antes da intensificação da produção e venda das embalagens plásticas, os resíduos urbanos eram reduzidos em apenas cinco materiais: papel, tecido, osso, vidro e sucata. O incentivo ao uso do plástico, hoje o maior em volume na coleta pelas variações em sua produção, teve início no final dos anos 1980. A indústria descobriu uma grande riqueza na produção das embalagens, e assim os catadores descobriram uma nova fonte de renda a partir da sua venda (DEMAJOROVIC; LIMA, 2013; EIGENHEER, 2009). Não havia nenhuma preocupação com as consequências futuras desse consumo, e mesmo com o início dos programas de coleta seletiva em algumas cidades, o seu uso era superior a sua reciclagem (EIGENHEER, 2009; PINHEL, 2013). O lixo era ainda considerado objeto estranho, conforme os relatos:

O que a gente achava que é lixo, né, hoje é matéria-prima. Mas assim, tá tendo mais movimento por causa do planeta, né? As pessoas tão entendendo mais, mas antes nós não sabia. (MNCRI, 52 anos).

No início não gostei. O início não foi muito bom, porque quem trabalha de catador de rua, ele vai para a rua escolhe o material que quer trazer... e assim não a gente tinha que escolher o que vinha e o primeiro mês que a gente trabalhou aqui deu nove reais o mês inteiro, isso foi 96. Porque a maioria do pessoal só trabalhava com um tipo de material, era só papel e plástico. A gente não trabalhava com vários tipos de plástico. Era só papel, era papelão e jornal era isso que a gente saía para rua para catar... aí depois quando veio para cá aí muita coisa mudou aí o pessoal também ia no banco pegava só papel limpo [...] Eles (a prefeitura de Porto Alegre) tentaram capacitar a gente, mas não sabiam... eles também não sabia o que estava

fazendo. Eles vieram montaram aqui fizeram a capacitação lá em cima, sem material. Aí como é que a gente ia saber aí foi bem difícil. (MNCR2, 54 anos).

A gente olhava, assim, na época era lixo mesmo, aquele monte de lixo, alguns sucateiros a gente via, e pensava: “Meu deus, como é que vai ficar se ninguém cuidar desse monte de lixo?” [...] Aí eu peguei e voltei pra casa, voltei feliz, e falei: “Vamos trabalhar com a reciclagem”, e foi aí que eu aprendi a falar o nome de reciclagem, né?(MNCR3, 57 anos).

Nos excertos acima, as catadoras MNCR1, MNCR2 e MNCR3 narram como eram suas impressões em relação ao material coletado nos anos 1990. O “lixo” deixa de ser algo sem valor e se torna matéria-prima a partir da sua coleta e segregação, tornando-se lucrativo e fomentando a indústria produtiva (CAREGAL, 1992). A catadora MNCR2 apresenta as dificuldades do trabalho coletivo a partir da formação dos primeiros galpões de reciclagem em Porto Alegre. Ainda, narra como o poder público não estava preparado para realizar formações que pudessem auxiliar no trabalho realizado pelos catadores em apoio à coleta seletiva. Muitos materiais, mesmo tendo a possibilidade de venda, não eram considerados por eles lucrativos e eram descartados.

O conhecimento dos catadores não acompanhava a evolução das embalagens. O foco da triagem e venda se restringia aos materiais conhecidos como papel, papelão, jornais, vidros e alguns plásticos. A catadora MNCR3 relata sua preocupação quando viu pela primeira vez os catadores no aterro da sua cidade e percebeu que no “lixo” havia riqueza e a possibilidade de organização para formar uma cooperativa de reciclagem. A sociedade de produção e de consumo tornou-se um mecanismo de produção em massa de resíduos que necessitava de destinação: seja para os aterros, lixões ou para a reciclagem. Os produtos adquiridos, após seu uso, acabavam caindo em alguns destes destinos causando grande impacto econômico e ambiental (EIGENHEER, 2003).

Sobre a trajetória de cada um dos catadores entrevistados dos dois movimentos: MNCR e MESC, uma questão chama a atenção: a origem do início do seu trabalho na catação. Quem lhe inspirou ou, ainda, o que levou cada um a iniciar sua profissão como catador? Os seguintes excertos apresentam a trajetória dos catadores entrevistados:

Dos 8 aos 12 anos eu ia ao aterro basicamente para brincar. Com o tempo, minha família toda estava trabalhando no aterro. É assim que funciona: família de catador trabalha sempre junta, dividindo riscos e responsabilidades, da rua e da casa. ([Tião] SANTOS, 2014, p. 41).

Minha mãe sempre trabalhou e criou a gente no aterro. Ela criou sete filhos no aterro do Jardim Gramacho e criou sozinha, sem marido, e nem precisou de marido. Eu comecei a trabalhar (no Jardim Gramacho) - depois que ganhei

meu filho com 17 anos. Aí comecei a trabalhar para sustentar ele no aterro. Eu tenho 41 anos. (MESC1, 41 anos).

Minha família toda trabalhava aqui, minha mãe, minhas irmãs. Minha mãe sempre catou no CAJU [...] Quando a **minha mãe catava** eu era criança não entendia muito das coisas, né, às vezes eu acompanhava elas vezes não, mas eu sei que ela me criou com a reciclagem. (MESC2, 51anos).

Eu vim para Jardim Gramacho com 12 anos de idade. **Primeiro a minha mãe e a minha vó começaram lá do CAJU**, depois do CAJU, no bairro Petrópolis, Xangô. Aqui no Jardim Gramacho com 12 anos de idade. Já fui trabalhar na rampa desde os meus 12 anos eu tô com 50 anos [...] nós ficamos porque não tinha outra opção, entendeu, não tinha outra opção, ou você vinha ou ficava parada. Eu criei meus filhos tudo aqui eu tenho quatro filhos, todos eles estão criado hoje, mas eu trabalhei em cima da rampa sol e chuva viúva o pai deles morreu. (MESC3, 50 anos).

Eu cheguei aqui em Porto Alegre com 17 anos. Aí, quando eu cheguei aqui, já tinha um grupo de catadores organizado aqui. Aí, eu acabei indo lá, **porque a minha família trabalhava, uma boa parte, trabalhava lá**. A maioria da minha família que vieram de lá, de Passo Fundo, vieram pra cá e trabalho que tem era catar. **Então, a família se tornou uma família de catadores**. E eu acabei entrando pra ajudar [...] Acabei gostando, acabei trabalhando junto. ([Alex]MUSEU PESSOA, 2005).

Era agricultora, só que quando vem pra rua, pra cidade e não tem formação, uma pessoa que não tá capacitada pra um escritório, **faz qualquer coisa né [...]** Quando a gente tem criança, a **gente tenta se manter sem faltar dinheiro pra comprar o pão, pra comprar o café, a comida, o gás [...]** **precisei ir catar na rua**. (MNCR1, 52 anos).

Faz 24 anos, sempre aqui nesse espaço, já dentro do galpão. Eu nunca trabalhei na rua. **Meus pais trabalhavam com isso minha mãe, meus irmãos**, só eu que trabalhava de auxiliar de cozinha, e quando às vezes eu perdia o emprego eu voltava, mas eu fazia a separação em casa daí os meus irmãos traziam e a gente separava [...] **Os guris buscavam e a gente separava em casa, só as mulheres separavam**. (MNCR2, 54 anos).

Eu comecei com sete anos dentro do lixão pra catar alimento. Comecei indo buscar o alimento, e depois eu vi que eu poderia sobreviver também de lá [...] E aí eu via os colegas vindo com Danone, com cada coisa gostosa, do lixão, e eu disse: “Eu vou lá!” [...] Eu já fui vítima do gás carbono [...] isso eu tinha 13 anos de idade, trabalhava à noite, e aí eu me queimei desse jeito, mas enfim, continuei trabalhando lá mesmo [...] Fiz o tratamento, depois voltei pro lixão e fiquei catando a minha vida toda, e ainda tô na catação. (MNCR5, 38 anos).

Chama a atenção que o trabalho na catação apresenta como origem de muitos entrevistados a sua relação familiar e principalmente, inspirados na figura materna. Muitos iniciaram o trabalho catando em lixões ou na rua quando ainda eram crianças. A maioria das mulheres entrevistadas criou seus filhos sem a presença do pai e tiveram o sustento de sua família oriundo do trabalho com triagem e venda de materiais recicláveis. O trabalho na catação

pode ser a única opção dentro de um espaço hostil como em periferias, vilas construídas próximas ao lixão e quando a exclusão obriga a “aceitar qualquer coisa” – fala da MNCR1. O trabalho desqualificado tem a dinâmica de transcender gerações pelo suprimento das necessidades básicas (CATTANI, 2009). A iniciação no trabalho desde a infância muitas vezes torna-se tentativa da “busca por dignidade” e pela sobrevivência. No Brasil, 40,5% dos lares são chefiados por mulheres e destas, 56% são negras (IPEA, 2017). As mulheres catadoras, não tendo auxílio na criação dos filhos e sem o apoio do poder público, apresentam como única maneira de não deixá-los sozinhos, a opção de carregá-los junto ou ainda, ensinar-lhes um ofício. Estar incluído em um trabalho, contribuindo com a renda familiar, afasta as crianças e adolescentes de outras opções relacionadas à delinquência (SOUZA, 2009).

Uma pesquisa da UNICEF realizada em 1998 já apontava que 45 mil crianças de famílias brasileiras trabalhavam com catação de resíduos sólidos. Elas trabalhavam, para complementação da renda familiar, nas ruas e nos lixões a céu aberto. Destas 45 mil crianças, 30% não frequentavam a escola por sentirem o preconceito dos demais colegas, por exaustão após a jornada de trabalho e ainda, por acreditarem que a escola não era um espaço importante (OLIVEIRA, 2011). Para Souza (2009), a educação, na visão da “ralé”, é algo muito relacionado à memória do fracasso escolar: as diversas tentativas de sucesso, a falta de apoio dos pais pela ausência do conhecimento cognitivo, a falta de relação estabelecida entre a educação com o sucesso no trabalho. Muitas vezes, falar para um filho que a escola é espaço de formação imprescindível para o futuro é apenas da “boca pra fora”, não se faz pelo exemplo (SOUZA, 2009, p.53). No perfil dos catadores entrevistados para este estudo, dos dez catadores brasileiros participantes, uma catadora apresenta o ensino médio completo e dois catadores, os líderes de cada um dos movimentos, estão cursando a graduação. Segundo dados do IPEA (2013), 24,5% dos catadores brasileiros estudaram até o ensino fundamental incompleto e 20,5% são analfabetos, ou seja, não escrevem nem mesmo seus nomes. Portanto, a educação para os catadores acaba não sendo prioridade, pois há a necessidade de colocar comida na mesa, ajudar a família, pagar as contas e sobreviver. A entrada na catação por meio da família se torna algo natural e involuntário resultando na única alternativa em um momento de vulnerabilidade econômica.

Em relação aos *biffins*, o coordenador e representante da Associação Amelior relata o que sabe sobre a trajetória do trabalho realizado:

Os biffines sempre existiram em Paris, era o chiffonier de negócios, reconhecido como um dos primeiros negócios da França ainda com o Rei St. Louis por volta de 1270. Eles eram numerosos e muito úteis no

desenvolvimento de impressão, a partir de matéria têxtil dos trapos era feito o papel. Em seguida, na Segunda Revolução Industrial eles formaram todos os mercados de pulgas, o desenvolvimento da indústria de matérias primas secundárias e também foram importantes na descoberta da celulose para fazer papel. Depois com a formação dos municípios, entre 1883-1884, na preocupação dos prefeitos com o lixo e com a limpeza urbana. O chiffonnier desapareceu na década de 1960 em favor de empresas privadas que enterram e incineraram como é até hoje!(Samuel, Coordenador da Associação Amelior, 38 anos).

Ao trazer esta narrativa, o coordenador da Amelior demonstra conhecer a trajetória dos *biffins* na França. Inicialmente, como *chiffonniers*, eram catadores de trapos responsáveis pela extração da celulose para produção do papel, em seguida como um dos primeiros profissionais reconhecidos pelo rei. O trabalho destes profissionais fomentou a indústria das impressões e por fim, o papel fundamental dos *chiffonniers* na limpeza urbana, recolhendo os trapos e ossos das ruas da cidade (GAGNEBIN, 2009). Além da trajetória do trabalho realizado, Samuel ainda relata o período no qual os *biffins* foram dominados pela indústria privada e pela incineração dos resíduos sólidos urbanos. O mercado de pulgas, um espaço de comércio que ainda sobrevive após esta reorganização dos *biffins*, se torna um local de resistência da memória dos primeiros catadores da França. Sobre o ingresso no trabalho dos *biffins*:

Por não conseguir trabalho, decidi sair do meu país onde trabalhava como chefe de obras em um departamento público. Chegando na França, iniciei o trabalho como biffin há 23 anos como uma oportunidade para pagar as contas, na verdade foi uma saída pela tangente. (Biffin1).

Trabalho há cinco anos com reciclagem. Fui obrigado a fazer isso, eu não tinha mais o que comer. Antes eu trabalhava na construção civil e, como biffin, consigo pelo menos pagar minhas conta. (Biffin2).

Estava há muito tempo desempregado. Na Associação Amelior, comecei como voluntário. (Biffin3).

Como biffin, descobri uma maneira de ganhar dinheiro, eu não tinha onde trabalhar. (Biffin5).

Ao contrário dos catadores, os *biffins* iniciam seu trabalho na catação sem nenhuma referência familiar. Porém, o que origina seu ingresso no trabalho com a reciclagem tem a mesma motivação: sobreviver. Nas falas, todos os excertos remetem ao desemprego e à falta de oportunidades, apresentando a catação como única saída para uma situação de desespero. O trabalho, ou a falta dele, é um dos principais elementos da desigualdade social. O valor do trabalho torna-se uma constante tentativa de reconhecimento e visibilidade, principalmente quando é por ele que o sujeito busca sua dignidade ao conseguir comer e ter um lugar para morar (SOUZA, 2009). Percebe-se que os relatos do conhecimento histórico sobre a trajetória

do trabalho realizado tanto pelos catadores no Brasil quanto pelos *biffins* na França são feitos apenas pelos líderes de cada um dos movimentos. Tião apresenta a trajetória com o trabalho realizado pelos tigres, os escravizados. Alex fala sobre a formação das cooperativas de catadores da Região Metropolitana de Porto Alegre após o êxodo rural, e Samuel tem em seu discurso a memória dos *chiffonniers*, os trapeiros, e em seguida sobre o surgimento dos *biffins*. Chama a atenção que os dois representantes dos movimentos brasileiros que estão cursando o ensino superior conhecem a trajetória dos catadores. O coordenador dos *biffins* possui o ensino superior e também relata seu conhecimento em relação à trajetória dos trapeiros. Isso pode evidenciar a importância da educação para compreensão dos direitos e para o fortalecimento da classe na busca por visibilidade.

Mas será que todos os catadores conhecem a trajetória do seu trabalho? Isso pode ser evidenciado na fala dos entrevistados MESC3 e Biffin1:

A história do catador, isso aí eu não sei não só da minha família mesmo. Não sei responder... Acho que era diferente, sei lá, e se tivesse catador ia ser muito diferente do que agora. Será que existia catador, lixão? Não sei. Não sei... Nem faço ideia. (MESC3, 50 anos).

Não conheço a história dos biffines, mas as pessoas que eu sempre lembro são o Samuel e a Associação como espaço de luta. (Biffin1, 65 anos).

A catadora MESC3 trabalha há mais de 38 anos catando e vendendo resíduos sólidos urbanos. Iniciou seu trabalho aos 12 anos no lixão do Jardim Gramacho, ao lado de sua mãe. Em seu relato, coloca em dúvida se existiam catadores antes de sua família iniciar o trabalho no lixão. Ficou surpresa em pensar que poderiam existir catadores antes de seus pais. O *biffin1* trabalha há 23 anos no mercado de pulgas e também relata que não conhece a trajetória dos *biffins*. Ambos exemplificam o que os demais catadores e *biffins* de bases, integrantes dos três movimentos, responderam ao serem questionados sobre o que sabiam em relação ao trabalho na catação antes deles se tornarem profissionais desta área. A falta de conhecimento sobre a origem do seu trabalho e sobre a trajetória do seu grupo podem produzir um sentimento de invisibilidade e da ausência de importância de sua função para o mundo, não buscando em nossas memórias o “por que fazemos o que fazemos?” (SOUZA, 2009). De onde surgiu esta tarefa? Como se passa de geração para geração tal conhecimento de como triar, de como restaurar, de como ser um catador ou um *biffin*?

A memória da trajetória do trabalho realizado pelos catadores e *biffins* é fio condutor para que tal profissão não se perca na desvalorização e no esquecimento. O trabalho dos catadores e dos *biffins* foi de grande importância para a limpeza urbana e para a saúde pública

durante toda a história da humanidade (EIGENHEER, 2009; GAGNEBIN, 2009; ROSEN, 1994). Com a revolução da indústria das embalagens e do apelo ao consumismo, o trabalho realizado por estes profissionais minimiza o impacto devastador praticado ao meio ambiente (PINHEL, 2013). No Brasil, cerca de 90% de todo o material que chega a ser reciclado passa pelas mãos dos catadores, individuais ou coletivos (IPEA, 2017). E na França, a cada mercado de pulgas, cinco toneladas de produtos de segunda mão são vendidas (BLOG AMELIOR, 2019). Sua profissão foi transformando-se com os passar dos séculos em função da evolução da indústria e da maneira como a população se relaciona com os “restos da sociedade” (EIGENHEER, 2009). Porém, compreende-se que se os catadores e os *biffins* não conhecerem o seu passado e a sua trajetória de trabalho, não terão como modificar o futuro ou ainda, fazer uma reflexão sobre as situações de exploração, exclusão e desvalorização vividas até os dias atuais.

4.3 TRABALHO: “COMPRA-SE RECICLAGEM”

O trabalho realizado pelos mais de 800 mil catadores no Brasil (IPEA, 2016) está amparada na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), sob número 5.192, do Ministério do Trabalho (BRASIL, 2017). As funções do profissional catador são: coleta, triagem, prensagem e venda dos resíduos sólidos urbanos. Os catadores podem estar organizados em cooperativas, associações ou ainda, podem trabalhar de maneira individual, sendo conhecidos como carroceiros, carrinheiros ou “burro sem rabo” (EIGENHEER, 2009; NASCIMENTO, 2012). Em cada estado do Brasil, existem peculiaridades em relação à execução do trabalho, à maneira como se organizam e aos materiais que coletam. Apenas 1.227 dos municípios brasileiros, cerca de 22%, realizam a coleta seletiva. Destes, 50% são realizadas com o apoio dos catadores (CEMPRE, 2018). O líder do MNCR e a catadora MNCR1 evidenciam a importância do protagonismo dos catadores na coleta seletiva:

[...] se tu é um catador, tu olha o resíduo como teu bem. Agora se tu é um escravo de uma empresa, se tu ganha o salário, que se tu levar essa garrafa importa, se não levar não importa [...] o catador para o caminhão para pegar uma caixa de papelão e o cara da empresa não [...] essa é a questão maior ainda, ela trata como lixo, ela fala com a sociedade como um lixo, ela não faz questão nenhuma que a pessoa, a cidade separe então é uma forma do catador estar incluído na teoria né?(Alex, 38 anos).

O papel da mulher é representar, vai pras reuniões e diz que nós somos capazes, e dizer pras autoridades: “Ah, porque os catadores querem lixo!”.

Não, nós não somos catadores de lixo. É um profissional, e o resíduo que gera nossa casa, ele não é lixo, é matéria-prima”. (MNCR1, 52 anos).

[...] existem dois processos de reciclagem: uma que é inclusiva, e aí tem o catador como protagonista e tem uma outra que trabalha na parte da exclusão. Essa aqui em geral tem o catador como mero participante, ele está triando material, é exemplo Porto Alegre que tá excluindo. (Alex, 38 anos).

No Brasil, 36% da coleta seletiva é realizada por empresas privadas e 39% pelas prefeituras municipais (CEMPRE, 2018). Alex relata o que ele acredita ser um dos maiores problemas relacionados à coleta seletiva privada: o desinteresse da empresa pelo resíduo que é coletado. Em Porto Alegre, cidade onde ele reside, a coleta seletiva apresenta a seguinte organização: o material é coletado por uma cooperativa, que é na verdade uma empresa, em dias específicos, conforme calendário municipal. O material coletado é entregue nas Unidades de Triagem (UT's), formadas por cooperativas ou associações de catadores. Uma cooperativa (empresa) coleta e outras 19 Unidades de Triagem separam e vendem os materiais. Porto Alegre gera cerca de 1.600 toneladas de resíduos/dia e destina apenas 3% de seus resíduos sólidos urbanos para as UT's. O restante é encaminhado para o Aterro Sanitário de Minas do Leão, custando para a prefeitura R\$ 80,00 a tonelada. As 19 UT's recebem mensalmente um valor entre R\$ 2.500,00 a R\$ 4.000,00 para custear a manutenção e o funcionamento do galpão (TODOS SOMOS PORTO ALEGRE, 2016). O programa “Todos Somos Porto Alegre”, com o objetivo de melhorar a coleta seletiva na cidade realizando reformas em galpões e formações com catadores, teve uma de suas ações considerada mais polêmica: retirar os carrinheiros das ruas da capital. A “Lei das Carroças”, como é conhecida, Lei de nº 10.531/2008, instituiu no município um Programa de Redução Gradativa do Número de Veículos de Tração Animal e de Veículos de Tração Humana. Muitas pessoas reclamavam que os catadores individuais rasgavam sacolas, dormiam nos containers coletores, roubavam os resíduos antes mesmo da passagem do caminhão da cooperativa (empresa) contratada pela prefeitura para a coleta dos materiais. E ainda, que os animais eram maltratados e que veículos de tração animal ou humana eram considerados uma violência para ambos. Segundo o MNCR (2009), programa não atingiu suas metas e muito menos retirou os catadores individuais de circulação. A “Lei das Carroças” teve sua execução suspensa até março de 2020⁵³. O líder do MNCR apresenta um ponto muito importante entre os catadores, sejam eles coletivos ou individuais:

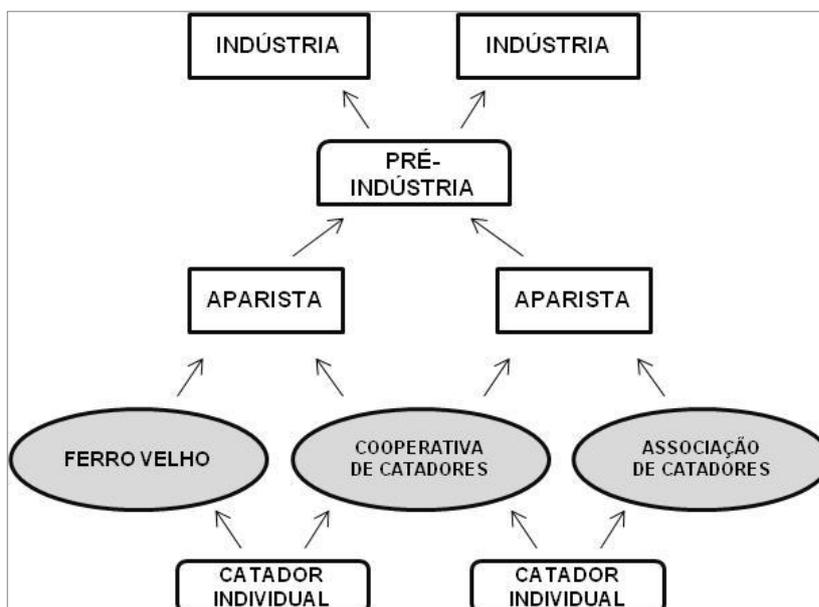
⁵³ Em 09 de março de 2017, uma manifestação organizada pelo MNCR realizou uma caminhada até a Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre para que a Lei nº 10.531/2008 fosse arquivada e os carroceiros pudessem realizar seu trabalho. Na plenária, foi acordado que as carroças iriam circular em Porto Alegre até março de 2010. A pesquisadora esteve presente no ato.

Nesse caso aqui sobre os catadores de rua, em quase todos os casos que a empresa faz a coleta, os catadores de rua assumem. Por que isso? É uma questão importante. Porque que quando a empresa assume, os catadores de rua tomam conta? Na rua tem uma questão que é chamada, que é uma questão muito mais forte que qualquer outro espaço, que é a ética. Povo tem acordo de não mexer um com outro catador. Olha isso em qualquer lugar do mundo [...] por que isso ocorre? - Por causa, por rua, por espaço, por pessoa, o nível de prioridade de quem chegou primeiro, não importa quais são as formas [...] tu não faz isso, porque na rua o processo de ligação solidária é muito grande das pessoas, porque as pessoas precisam um dos outros para sobreviver. (Alex, 38 anos).

Segundo o entrevistado, há uma relação de respeito e sobrevivência conhecida como a ética da solidariedade. Quando um município tem sua coleta seletiva com a inclusão dos catadores durante todo o processo, há uma relação de respeito com o catador, melhor efetividade na coleta e triagem dos resíduos recicláveis. Os catadores veem o material como “um bem”, a fonte de sua renda e por isso, cada sacola recolhida nas ruas faz diferença, é lucrativo e pode melhorar sua condição financeira. O que é considerado um bem para uns, pode ser um mal para outros. O lixo é algo ainda presente no imaginário da sociedade como algo sujo, mal cheiroso, que necessita desaparecer dos olhos (EIGENHEER, 2009). Há uma relação de desprezo e desinformação por parte da população que ainda não compreende o valor econômico presente neste material. Esta aversão aponta aspectos da invisibilidade (SOUZA, 2009). O trabalho quando realizado pelos catadores ganha maior engajamento e a relação com a população para a conscientização é fundamental. Já para as empresas privadas, é indiferente coletar, separar ou enterrar os resíduos. Muitas vezes, a Educação Ambiental não é realizada justamente para que a empresa lucre ainda mais com transporte e comissões em parcerias com aterros sanitários (CAREGAL, 1992; EIGENHEER, 2009).

A coleta seletiva apresenta duas vertentes: a coleta seletiva comum e a coleta seletiva solidária. A primeira pode ser realizada inteiramente por empresas privadas ou ainda, contratar o catador apenas para realizar a triagem e venda, a exemplo de Porto Alegre. Já na coleta seletiva solidária, o catador é protagonista do processo: realiza ações de Educação Ambiental e comunicação com a comunidade, coleta, tria e vende seus resíduos. Neste segundo processo, o catador está à frente de todas as ações (EIGENHEER, 2009; PINHEL, 2013; SCHWENGBER, 2015). Após o processo de coleta e triagem, Alex relata mais uma dificuldade relacionada à venda dos resíduos sólidos. Primeiro, o modelo de venda comum, conforme apresentado na Figura 34:

Figura 34 – Modelo de venda comum



Fonte: Elaborado a partir da fala do catador MNCRAlex.

A explicação da Figura 34 é realizada pelo próprio líder do MNCR, a seguir:

Primeiro que o aparista e a indústria tem uma relação de anos. Isso é bem importante. Na lógica, tem o catador individual que se organiza e vende para cooperativa. O ferro velho está no mesmo nível da cooperativa. O aparista é o que compra dos ferros velhos e que compra também de várias cooperativas então ele concentra o material. O aparista vende para pré-indústria. Que vai transformar em um tipo de produto e que vai vender para uma indústria e as pré-indústrias vão fazer o flake. O flake é pequenos pedacinhos da matéria-prima, que vai dentro de bag, vendidos para indústria que vão transformar em tecido, vaso, produtos em geral. Nessa lógica aqui dos ferros velhos, no caso, para vencer o aparista, para criar uma forma de ganho solidário, os catadores começaram a organizar as redes de comercialização ou as cooperativas de segundo grau, para superar o aparista e aí poder vender na pré-indústria. (Alex, 38 anos).

Observa-se que o modelo de venda apresentado caracteriza uma relação de exploração e invisibilidade, visto que o resíduo triado pelos catadores é vendido para atravessadores até chegar à indústria da reciclagem. O catador é a base do processo e quem fomenta a cadeia produtiva da reciclagem, porém é o sujeito que mais perde. Existe um ciclo perverso e estruturado na trajetória da venda dos materiais. Muitas vezes, este processo nem é questionado pelos trabalhadores. O trabalho desqualificado alinhado à falta de informação estimula esta relação de exploração e invisibilidade. O pensamento conformista e o sentimento de insignificância de sua vida perante a grande indústria incentiva e legitima a desigualdade por meio do mérito: “ele concentra o material”, “tem capital”, “tem conhecimento”, “tem estrutura”. (SOUZA, 2009).

Os catadores não têm capital para concentração de materiais na busca por melhores preços de venda. A indústria e alguns empresários é que, muitas vezes, a partir da exploração do trabalho desqualificado conseguem concentrar riqueza e dominar o mercado de compra e venda dos resíduos sólidos (CASTEL, 2013). Não se pode esquecer que tais materiais são insumos importantes na indústria do plástico, do papel, do alumínio, entre outras. Os resíduos sólidos urbanos geram anualmente, para o Brasil, cerca de R\$ 9,3 bilhões no ciclo da reciclagem, dos quais, pouco mais de 25% ficam para os catadores, e os dados também apontam que atualmente são enterrados cerca de R\$ 8 bilhões/ano de resíduos que poderiam retornar à cadeia produtiva (CEMPRE, 2018; IPEA, 2012; 2013; TODOS SOMOS PORTO ALEGRE, 2016).

*Todos os resíduos sólidos são commodities importantes. Os resíduos sólidos não nascem do nada né? Eles são frutos da transformação da natureza. Então eles são transformados na matéria 1, digamos natural, para o 2 e no processo muito rápido eles são transformados em resíduos e os resíduos fazem parte da natureza, eles não estão fora, eles estão dentro. E aí nessa lógica de transformar esses resíduos em matéria-prima, tem **uma parcela dos resíduos que são transformados em matéria-prima e que geram muito lucro, de muito lucro**. E há uma outra parcela que é maior, que gera muito lucro, é quando colocam o material ou **resíduo no lixão** e as pessoas têm uma ideia que acabou, mas não. **Tem muita gente que lucra com isso e por isso que ainda tem lixão** (Alex, 38 anos).*

A lucratividade com o “lixo” não é algo recente. A primeira empresa a se instalar no Brasil, a Aleixo Gary em 1876, lucrava alto com o total apoio do poder público. Infelizmente, parece que a falta de normas ou leis que tratavam o lixo construíram um verdadeiro império de corrupção, conhecido como “*a máfia do lixo*”. O que não se recebe em venda de material, se ganha com seu transporte e para enterrar. É realmente uma mina de dinheiro. Eigenheer, em entrevista, descreve a realidade presenciada no Rio de Janeiro:

*A prefeitura do Rio de Janeiro gasta quase 15% com lixo e daí preste atenção, **os maiores focos de corrupção municipal estão no lixo**. Porque você tem 50 ou 60 % para outras pastas, aí sobra 40% do orçamento. **Destes, 15% vai para o lixo!** Não tem como você tirar da educação que já é precária. E aí nós ficamos com **os mitos e fazendo de conta dizendo que reciclagem dá lucro e reciclagem não dá lucro em nenhum lugar no mundo. Não pra catador**. O que tu faz para reciclar é muito mais uma perspectiva ambiental. (Professor Emílio Eigenheer, 72 anos).*

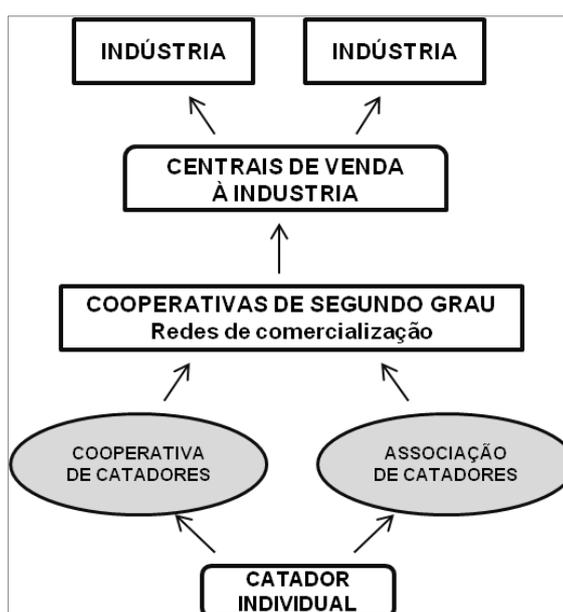
Para o professor Emílio Eigenheer, a reciclagem não é lucrativa para os catadores, pois estamos em um sistema que explora. Dados do Ipea (2016) apontam que os catadores ficam apenas com 1/3 da economia total relacionada à cadeia da reciclagem. A participação dos sujeitos em trabalhos precarizados proporciona esta falsa sensação de inclusão, em que o

“patrão” se mantém no conforto com ampla qualidade de vida, enquanto a “ralé” busca a sobrevivência, a nova cara da desigualdade social (MARTINS, 2003; SOUZA, 2009). Em busca de visibilidade, a Reciclagem Popular é defendida como uma alternativa no protagonismo dos catadores, melhoria no trabalho e na renda:

*A Reciclagem Popular busca ampliar a categoria de base e diminuir a cadeia de exploração. A organização de novas redes faz com que essa indústria seja excluída. Isso só vai acontecer a partir dos contratos realizados com as prefeituras ou do próprio reconhecimento do trabalho. **Que é reconhecimento e valorização.** (Alex, 38 anos).*

A Reciclagem Popular visa o domínio da cadeia produtiva da reciclagem a partir da participação dos catadores. Ela coloca o trabalhador como negociador com poder de barganha e decisão de venda em busca de um melhor preço, eliminando os atravessadores (aparistas, ferro velho). O modelo de venda da Reciclagem Popular é apresentado por Alex na Figura 35:

Figura 35 – Modelo de venda “Reciclagem Popular”



Fonte: Elaborado a partir da fala do catador MNCRAlex.

Neste modelo, para substituir os aparistas, são incentivadas a formação de cooperativas de segundo grau, conhecidas como redes de comercialização de catadores. As cooperativas de segundo grau, com capacidade de armazenamento de materiais e com capital de giro, poderiam beneficiar o material e ainda vender diretamente das centrais de venda à indústria. Com isso, o valor de venda do material seria maior, as cooperativas estariam à frente do processo e ainda com poder de venda no mercado. O Programa Federal Cataforte foi um dos exemplos de fomento à rede de comercialização de materiais recicláveis. O programa teve início em 2009 e executou três fases: o Cataforte I, com formação de catadores em assuntos como economia

solidária, gestão e cooperativismo; o Cataforte II, que tinha como objetivo fortalecer a logística dos galpões de reciclagem; e por fim, o Cataforte III, para formar e fortalecer 33 redes de empreendimentos de catadores de materiais recicláveis em todo o país (CEADEC, 2019). No Brasil, 30% dos catadores estão vinculados às associações e cooperativas de reciclagem (IPEA, 2013). Por meio da Reciclagem Popular, os catadores individuais poderiam realizar suas vendas para as cooperativas de triagem e não se tornarem reféns dos atravessadores. Esse modelo apresentado pelo líder do MNCR poderia dar visibilidade e valorização ao trabalho realizado pelos catadores, diminuindo uma histórica situação de exploração.

Com relação ao contexto da França, os *biffins* realizam vendas de produtos de segunda mão nos mercados de pulgas. O processo de restauração e venda é algo realizado desde o século VII, fazendo parte da cultura local (RULLAC, et al., 2012). O coordenador da Associação Amelior relata como ocorre a organização do mercado de pulgas:

Os mercados de pulgas são autogerenciados: os biffines organizam tudo! Os biffines chegam e se organizam - são associados e recebem um cartão individual de adesão e um colete amarelo de segurança com os logotipos da Amelior. Cada lugar tem um preço. O preço dos lugares está disponível para todos - 2 euros o primeiro metro, 5 euros os dois metros, 10 euros os 3 metros e para que todos sejam um valor acessível, o espaço de 4 metros custa 20 euros. Temos 200 lugares. Nós pagamos para cerca de 10 pessoas por aproximadamente 70 horas de trabalho no total. Essas pessoas classificam os recicláveis e reutilizáveis, deixam o espaço limpo e recebem cerca de 600 euros por mercado. Para a equipe de gestão, eles recebem cerca de 700 euros de compensação. Na loja, há dois tipos de vendas: os objetos trazidos pelos biffines que são cerca de 80% das vendas da loja. Nesses objetos, a associação ganha 50% de dinheiro de vendas. Este valor é colocado no banco para em seguida, decidir qual investimento pode ser feito para o coletivo. Com os outros 50% das vendas [são destinados] para o benefício dos biffines, trabalhadores que realizam tarefas da Amelior. Contando nossas horas de trabalho (tipo de desenvolvimento de coleções e vendas da loja, sucata e metais, papel e cartão, venda de têxtil em tonelada, acondicionamento, design gráfico, reuniões, administração, contabilidade, coleta, etc) divide os 50% das vendas de objetos da Associação pelo número de horas de trabalho e é um salário por horário igual para todos. Trabalhamos juntos de maneira cooperativa! Tudo é pago pela organização com o dinheiro ganho através da organização do mercado de trabalho, os benefícios de usar a venda de garagem e as vendas do mercado de pulgas. (Samuel, 39 anos).

Os *biffins* da Associação Amelior resistem à política higienista e à falta de apoio do poder público francês. Mais de 1.900 *bifinns* dependem do mercado de pulgas para sobreviver. Com idade acima de 50 anos, em sua maioria imigrantes e refugiados (ADIE, 2008; RULLAC, et al. 2012), a organização das vendas e da gestão da associação podem ser consideradas como fatores que fortalecem o trabalho. O mercado de pulgas, assim como as associações e cooperativas brasileiras, são espaços de inclusão para o trabalho de pessoas associadas ao

“refugio da globalização” (BAUMAN, 1999). Para a sociedade e para o poder público não há nenhum sentimento de responsabilidade pela situação em que esses trabalhadores se encontram. Há apenas a constatação de da exclusão dos mesmos e a culpabilização pela própria desgraça, entendidas como um “dano colateral” (BAUMAN, 1999). A invisibilidade não está presente apenas no ato de não enxergar o outro, mas em ignorar a sua presença, determinando que a mesma não é relevante e que o estigma que o sujeito carrega é culpa dele mesmo (SOUZA, 2009). A autogestão, um dos preceitos da Economia Solidária (SINGER, 2002) é um modelo inspirado nas organizações de cooperativas brasileiras (ADIE, 2008). A organização dos *biffins* mostra que a autogestão possibilita autonomia no trabalho e o resgate da autoestima, muitas vezes perdida. A autogestão pode, ainda, ser considerada um caminho para a valorização, o reconhecimento e a visibilidade. A maneira encontrada para a gestão do mercado de pulgas e da loja de produtos da Amelior tornou-se garantia de manutenção das feiras e credibilidade na autorização junto ao poder público para que o mercado de pulgas resista às tentativas de extinção.

Assim como os *biffins*, as catadoras MNCR2, MESC1 e o líder do MESC destacam algumas vantagens em relação ao trabalho na catação, seja individual ou coletivo:

Mas o que tem de bom aqui, de trabalhar aqui é que tu não tem patrão para ficar enchendo teu saco, tá incomodando, exigindo muita coisa né. Eu sei meu trabalho, ninguém precisa me dizer. (MNCR2).

Nunca quis procurar outra coisa, sempre gostei de trabalhar. [...] na cooperativa o material vem pra gente e a gente tem que só tem que selecionar. Lá - no aterro- não, o trator vinha e a gente tinha que catar tudo misturado, colocar na lona, depois descer, colocar no caminhão. O primeiro dia que eu subi, eu não queria nem catar, eu fiquei sentada olhando os ububu. Era muito urubu. Duvido que eu vou nesse lixo aí, mas aí... a reciclagem é uma coisa que você aprende rápido, vai olhando, quem tem força de vontade aprende rápido, não é bicho de sete cabeças. Na cooperativa é mais limpo, mais organizado. Na rampa era você por si e Deus por todos. Já vi gente morrer. (MESC 1).

Com o tempo, contrariando todas as expectativas, aquele espaço marginalizado, que num primeiro momento exclui quem faz parte dele, que parece reduzir as pessoas a algo menor, acabou devolvendo á minha família a dignidade que ela tinha perdido. É estranho dizer isso, e mais estranho ainda pensar que um lugar como o lixo possa incluir, mas foi exatamente isso o que fez com a minha família. ([Tião] SANTOS, 2014, p. 40).

O trabalho realizado pelos catadores desde a sua organização, defendida pelo MNCR, tem como preceitos o trabalho associado e a autogestão, oriundos da Economia Solidária (SINGER, 2002). Este movimento econômico, mas também social e político, tem como

premissas: a participação popular na tomada de decisão, a democratização econômica a partir do engajamento coletivo e inclusão de sujeitos que estavam trabalhando solitariamente, a igualdade de oportunidades e a luta por justiça social (IPEA, 2017). A catadora MNCR2 no excerto acima salienta o sentimento de satisfação e a importância da autonomia; já MESC1 destaca a facilidade em aprender o ofício. Um ponto abordado pelo líder do MESC foi que, “contrariando as expectativas”, o lixo inclui e dá a sensação de dignidade. Para Souza (2009), a dignidade muitas vezes se resume na necessidade de escapar da delinquência. Estar no mundo sem um trabalho é sinônimo de “vadio”. Nesta situação, qualquer trabalho serve. Melhor ter um trabalho ruim do que não trabalhar. A inclusão do sujeito em um trabalho desqualificado seguidamente pode estar relacionada à “sutileza da desigualdade social estruturada” (MARTINS, 2003). As condições do trabalho precário, com pouco ou nenhum reconhecimento, são também caracterizadas como “economia marginal”. As cooperativas e associações tornam-se espaços que reúnem catadores para que os mesmos busquem a inclusão de sua atividade nos serviços de limpeza pública das cidades (OLIVEIRA, et al., 2012). Mas a invisibilidade do seu trabalho seria diferente se de fato os catadores fossem pagos pelos serviços prestados, de maneira digna, como apresentam os seguintes excertos:

[...] não tem como uma cooperativa fazer o processo social de inclusão da cidade. Não é só na questão social, porque se a cooperativa começa a funcionar somente pelo social ela quebra. Precisa de investimento socioeconômico e precisa ser tratada assim, como econômico. (Alex, 38 anos).

Tem uma questão econômica que as pessoas não colocam, por exemplo, as pessoas tratam a questão da coleta seletiva e a reciclagem só com foco ambiental, mas existe a questão econômica muito forte nisso e é o que acaba sendo o primeiro contato para catador. Quando a gente foi trabalhar no lixão, a minha mãe, a minha vó, foi trabalhar no lixão não para salvar o planeta. (Tião, 39 anos).

A questão econômica que envolve o trabalho realizado pelos catadores preocupa os líderes dos movimentos brasileiros. As cooperativas e associações de triagem ainda são vistas como espaços de inclusão social, muitas vezes pelo estigma histórico de um trabalho desqualificado que “qualquer um faz”. A viabilidade da exploração econômica da cadeia da reciclagem surge pelo aumento considerável de consumo nos centros urbanos (IPEA, 2013; PINHEL, 2013). A base da cadeia deste processo que envolve questões ambientais é a que menos lucra. Nos excertos dos líderes dos movimentos MNCR e MESC, as cooperativas e associações de catadores não podem ser mantidas apenas pelo discurso ambiental, elas merecem uma atenção econômica, de valorização pelos serviços prestados. A invisibilidade econômica

presente no trabalho realizado pelos catadores é constatada pela distribuição de renda, quando apenas 1/3 do valor de venda dos materiais fica para os catadores, ou ainda, quando contratos milionários são estabelecidos com empresas privadas para gestão dos resíduos, enquanto cooperativas recebem convênios simbólicos no valor de R\$ 4mil reais por mês para triagem dos materiais, como, por exemplo, Porto Alegre (IPEA, 2016; TODOS SOMOS PORTO ALEGRE, 2016).

Após séculos de serviços prestados de maneira gratuita, desvalorizada e explorada, o que estes profissionais desejam é o recebimento de forma digna pelo trabalho que realizam, como afirma MNCR5: “As cooperativas têm que ser pagas pelo que faz”. E conforme exposto nos excertos a seguir:

A gente precisa criar uma coisa no Brasil chamado pagamento dos serviços prestados como crédito de logística reversa. Se a nossa seção reciclou 200 toneladas de PET e tem uma empresa que não chegou ao seu patamar de 22%, ela pode comprar os PETs que a gente tem para vender como se fosse os créditos de carbono, como se fosse os créditos do Protocolo de Kyoto! É isso!(Tião, 39 anos).

*Era bom, não vou dizer que não, era bom, era bom sim e vou te dizer por causa de quê, **um pouco era bom e um pouco era ruim**. Era ruim porque lá em cima a gente pegava sol ou chuva e tudo a gente encarava né. **E os perigos que tinham lá em cima de acidente de morte, de agulha, muito risco a gente corria lá em cima. Já teve gente que já foi a óbito**. Tem gente que já morreu né e nós não tinha uma garantia né lá em cima não é a mesma garantia que a gente tem aqui né porque a gente era sozinha. Trabalhava para si mesmo né. **Mas hoje em dia nós ainda não temos garantia**. (MESC2, 61 anos).*

*Mas assim, **ainda não foi bem, bem visto que é um trabalho que a natureza ganha mais** do que nós, que aquele material, que nós junta ele, não vai pro aterro. **Se nós fosse remunerada pelo serviço prestado... mas não somos**. (MNCR1, 52 anos).*

No Brasil, a coleta seletiva realizada pelos catadores não é realidade na maioria das cidades que dispõe deste serviço de limpeza pública. As empresas privadas recebem os maiores contratos e de mesma maneira, catadores individuais seguem catando nas ruas pela sua sobrevivência (PINHEL, 2013). A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei de nº 12.305/2010, foi um marco regulatório em relação ao gerenciamento de resíduos no Brasil. Tramitou por mais de 20 anos no Congresso Nacional até a sua publicação. Além de todas as normas técnicas, a PNRS apresenta uma visão socioambiental do processo de gestão de resíduos, a inclusão dos catadores. A lei menciona em 12 pontos específicos a participação dos catadores, conforme apresenta o Quadro 5:

Quadro 5 – Participação dos catadores na PNRS

POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS – LEI 12.305/2010	
ARTIGO	PARTICIPAÇÃO DOS CATADORES
6º	Princípios da Política Nacional de Resíduos Sólidos: XII - integração dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos;
8º	Instrumentos da Política Nacional de Resíduos Sólidos: IV - o incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis;
15º	Conteúdo previsto no Plano Nacional de Resíduos Sólidos: V - metas para a eliminação e recuperação de lixões, associadas à inclusão social e à emancipação econômica de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis;
17º	Conteúdo previsto no Plano Estadual de Resíduos Sólidos: V - metas para a eliminação e recuperação de lixões, associadas à inclusão social e à emancipação econômica de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis;
18º	No Plano Municipal de Gestão de Resíduos Sólidos está prevista prioridade para: II - implantarem a coleta seletiva com a participação de cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda.
19º	Conteúdo mínimo no Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos: XI - programas e ações para a participação dos grupos interessados, em especial das cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda, se houver;
21º	Serão estabelecidos em regulamento para o Plano Municipal de Gestão de Resíduos: I - normas sobre a exigibilidade e o conteúdo do plano de gerenciamento de resíduos sólidos relativo à atuação de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis;
33º	Planos de Logística Reversa de embalagens devem: III - atuar em parceria com cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis;
36º	Em programas de logística reversa, acordo setorial e coleta seletiva: [...] o titular dos serviços públicos de limpeza urbana e de manejo de resíduos sólidos priorizará a organização e o funcionamento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda, bem como sua contratação.
42º	O poder público poderá instituir medidas indutoras e linhas de financiamento para atender, prioritariamente, às iniciativas de: III - implantação de infraestrutura física e aquisição de equipamentos para cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda;
44º	Sobre incentivos fiscais, financeiros ou creditícios: II - projetos relacionados à responsabilidade pelo ciclo de vida dos produtos, prioritariamente em parceria com cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda;
50º	A inexistência do regulamento previsto no § 3º do art. 21 não obsta a atuação, nos termos desta Lei, das cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis.

Fonte: Elaboração própria, a partir da Lei 12.305/2010 (BRASIL, 2017, grifos nossos).

A inclusão dos catadores em políticas públicas e prestação de serviços relacionados à limpeza urbana surge perante lei nacional em 2010, com a PNRS. Uma legislação que coloca os catadores como profissionais habilitados para fazer algo que historicamente já era realizado por eles. Existiam organizações de catadores antes de 2010? Sabe-se que sim (EIGENHEER, 2009). Em seu memorial, Eigenheer diz que os catadores são vítimas duplamente: seja da discriminação, seja da glamorização de seu trabalho. Se por um lado são vistos por meio de uma política pública (PNRS) que os incluem na prestação de serviços nas gestões públicas, por outro, sua mão de obra é barata e realizada de forma exploratória, ainda sem o pagamento justo pelos serviços prestados. Há uma ambiguidade nas políticas públicas de inclusão do trabalho dos catadores, pois elas os colocam como protagonista do processo - pelo menos no papel, mas os tornam invisíveis pela falta de reconhecimento e remuneração de seu trabalho de forma digna. Incluí-los na coleta seletiva só se tornou realidade a partir de uma obrigatoriedade e não de uma tentativa de diminuir tal desigualdade social, visando melhor qualidade de vida e de renda a estes profissionais. Considerar e valorizar o ofício realizado por eles só foi justificado após construção de normas para sua participação, que até hoje não se concretizou em mais de 50% das cidades que implementaram a coleta seletiva (CEMPRE, 2018). É a legitimação da invisibilidade destes trabalhadores perante a lei e perante a sociedade. Castel (2013) aponta para esta sutil desigualdade da participação dos sujeitos no acesso às políticas públicas que deveriam protegê-los e promover sua inclusão, porém muitas vezes são construídas apenas para “fazer de conta” que o sistema inclui e que há uma tentativa de promover a igualdade de oportunidades. A indiferença presente nessas relações é conveniente para quem se encontra no topo da pirâmide da estratificação social (GOFFMAN, 2008; WEBER, 2004). Conhecer as leis que amparam o trabalho dos catadores é fundamental para a luta por uma coleta seletiva solidária, como relata o líder do MESC:

[...] o maior desafio aqui dentro não foi brigar com poder público pelos nossos direitos, foi brigar com catador para que ele entendesse que ele era portador dos direitos e não só por ser catador, por ser cidadão brasileiro. Esse é o grande desafio, os catadores se sentem como lixo, uma grande maioria ainda. (Tião, 39 anos).

No excerto do líder do MESC, percebe-se o quanto as leis de amparo e de apoio ao trabalho realizado pelos catadores muitas vezes estão distantes do conhecimento e entendimento destes profissionais. Os desafios de não se sentirem “como lixo” podem estar associados à invisibilidade na atuação, na cobrança pela implementação da PNRS e de sua inclusão, na contratação de cooperativas e associações de catadores nas cidades onde empresas

privadas recebem os melhores contratos. O relatório do IPEA (2016) aponta a falta de transparência na maioria dos contratos de prestação de serviço da limpeza urbana nos 1.055 municípios que apresentam coleta seletiva. Tais dados nem são abertos para que se possa compreender o tamanho do problema e, para a prestação de serviço privada, “quanto mais lixo, mais dinheiro”, quanto mais se enterra, mais se lucra (IPEA, 2016). As evidências mostram que a lei da PNRS tem em seus artigos normas que fomentam a participação dos catadores, mas a prática exercida é outra. Sancionar uma lei nacional que integra o catador e, mesmo assim, esta norma ser ignorada pelo poder público é o que Honneth (2004) chama de “desprezo social”, quando o reconhecimento é negado ao sujeito, lhe causando um sentimento de deslocamento e insignificância. Buscar que seus direitos sejam colocados em prática, tornando-se um sujeito visível, só é possível quando o mesmo percebe a injustiça que lhe é feita, sob a negação de sua existência perante a sociedade. O trabalho é o eixo central na discussão da desigualdade social, ainda mais se tratando de um trabalho considerado desqualificado e desvalorizado. O trabalho poderia ser porta de visibilidade. Conhecer os direitos que respaldam a atuação dos catadores deveria ser obrigatório para que não houvesse tanta exploração. Porém, há o interesse de que as informações não cheguem até a ralé e, para eles, entre o trabalho e a educação, a dignidade e a sobrevivência estão presentes no trabalho (CASTEL, 2013; MARTINS, 2003; SOUZA, 2009).

4.4 MEMÓRIAS DA INVISIBILIDADE: “A GENTE TEM QUE SER CONHECIDO COMO ALGUÉM”

Trabalhar com os restos da sociedade era tarefa estigmatizada devido à origem de quem realizava esta função: prostitutas, presos, escravos e vadios (EIGENHEER, 2009). Porém, na relação sujeito e natureza, seja pelo hábito da caça, por suas necessidades fisiológicas, pela construção de suas casas, pelo consumo e descarte, enfim, os resíduos são uma realidade, e no final, tudo acaba em “lixo”. Esta relação histórica e necessária para a existência dos seres humanos conserva alguns tabus difíceis de serem compreendidos (CARREGAL, 1992; EIGENHEER, 2009). Se o lixo é algo frequentemente presente na história da humanidade, por que a sociedade ainda não compreendeu que, armazená-lo, manuseá-lo e descartá-lo é algo natural? No século XXI, não se trata mais de dejetos ou imundices, mas de resíduos que são insumos para produção de outros produtos, sejam os resíduos orgânicos que viram adubos, ou ainda os resíduos sólidos urbanos, matéria-prima para a indústria da reciclagem. O único

resíduo que tem como destino o aterro sanitário são os rejeitos, o lixo de fato (IPEA, 2012; NASCIMENTO, 2012; PINHEL, 2013).

Mas os profissionais catadores trabalham com resíduos recicláveis ou com rejeitos? Nesta categoria retomaremos os temas considerados pela pesquisadora como construtores da invisibilidade: a desigualdade social, o estigma e a exclusão social. O estigma presente no trabalho realizado pelos catadores pode ser observado nos excertos:

Acontece que já no início da conversa, a repórter começou a insinuar coisas como “as mulheres daqui cheiram a lixo”, “quem trabalha no aterro é bandido”, e minha mãe não gostou nem um pouco daquele tom:

*- Olha aqui, minha filha, eu trabalho no lixo sim. Mas os meus filhos vão ao colégio, tomam leite de manhã, se alimenta igual seus filhos. [...] **O nosso trabalho pode ser feio, mas nós ganhamos bem. Você tem razão, muitas moças se descuidam, se drogam, bebem, mas eu tomo banho, uso desodorante, faço compras.** ([Tião] SANTOS, 2014, p. 61).*

*Eu saí da escola justamente após uma sexta-feira, depois da minha mãe ter dado entrevista para o Globo Repórter. Na segunda, essa coisa do bullying, porque todo mundo faz bullying, mas é ruim quando o bullying é com você. Depois que eu virei este alvo do **bullying: chepeiro, filho da rampeira, catador de lixo** e blá blá, eu **acabei saindo do colégio com 16 anos de idade.** (Tião, 39 anos).*

*Não é o teu caráter, tua atividade então **por ser catador automaticamente já tem o nível de exclusão** das pessoas e de **preconceito** muito grande em relação. **Porque tudo que é ruim, feio e sujo, é nojento.** Então está muito relacionado a isso e é muito difícil desconstruir isso no imaginário das pessoas. As pessoas, elas nascem e são criadas digamos assim com histórias. **E uma das histórias é: senão fizer isso tu vai virar aquilo ali, se não fizer isso, se não estudar... Se tu não vai comer tudo, o velho do saco vai te pegar.** Ah, tem um barbudo, sujo, com saco nas costas que vai te roubar. **Esse homem barbudo e sujo com saco nas costas é o catador.** Cria-se um imaginário desde criança que é **construída esta ideia e tem relação com a identidade do catador.** Aí tu desconstruir isso a vida inteira, olhando isso como mal, como sujo, é muito difícil. (Alex, 38 anos).*

*[...] eu comecei a trabalhar, aí pra escola não tive tempo mais. Não tive tempo mais de estudar, porque **eu ia pra escola e me sentia excluída**, por causa do **fedor do chorume**, que fica impregnado no nosso corpo. Às vezes a gente não sente, porque a gente termina se adaptando, mas **as outras pessoas sentem**, ainda mais criancinha. Não tomava banho direito, não se asseava direito. Aí eu ia pra escola, me chamavam de **“fedendo de lixo”**, de **“cata-lixo”**, e eu metia o pau nos meninos e me mandava pro lixão de novo. E aí eu não tive oportunidade de estudar também por isso, e levei minha vida. (MNCR5, 38 anos).*

A catadora MESC2 nos leva para conhecer os espaços da cooperativa. Após o fechamento do Aterro do Jardim Gramacho, foram construídas onze cooperativas. Porém, MESC2 relata que muitos catadores não conseguiram se encaixar no mercado formal de trabalho. Eles ainda trabalham em lixões

clandestinos nas redondezas. “É difícil sair do lixão” diz ela. (Caderno de Campo, 15/05/2018).

Os excertos do líder do MESC relatam o estigma do trabalho realizado pelos catadores vivido por ele durante sua adolescência, e por sua mãe. Frases como “chepeiro, filho da rampeira, filho da lixeira, catador de lixo” estão presentes até hoje em sua memória. Situações como essas, vividas pelo sujeito, além de proporcionar um sentimento de vergonha e humilhação, impacta diretamente nas escolhas de sua vida, como por exemplo, o abandono escolar, também ocorrido com a catadora MNCR5. O estigma marcou suas vidas de uma maneira muito cruel. No excerto do líder do MNCR fica clara a relação de estigma, preconceito e exclusão presentes no trabalho dos catadores, o “imaginário”, a “relação com a identidade do catador”. Para Goffman (2008), o estigma é considerado um atributo depreciativo, um rótulo ou estereótipo vinculado a um defeito, uma fragilidade, uma desvantagem ou ainda uma falha. O estigma aponta para uma situação adversa, de inferioridade ou ainda, que simboliza uma exclusão social, econômica ou cultural (GOFFMAN, 2008; SOUZA, 2009). Durante o documentário “Estamira” (documentário de 2005, trecho 1:52:40’), a catadora diz que “tudo que é imaginário, tem, existe, é. Sabia que tudo que é imaginável existe, e é, e tem? Pois é”. Nesta fala, Estamira que era considerada louca, a partir de seus “devaneios”, consegue trazer uma reflexão sobre o que é o imaginário, o que se imagina, o que é criado. As memórias que constroem o estigma, permanecem na sociedade e acabam se tornando realidade, uma verdade que resulta em desvalorização e manutenção dos sujeitos excluídos.

O líder do MNCR complementa esta relação de inferioridade em relação ao trabalho:

*Na verdade **todas as situações te colocam mal**. É que a situação começa desde **onde tu mora, onde tu vive, com quem tu te relaciona**. Então, tu chegar num local que é prático para qualquer lugar, **que te perguntam qual é a tua profissão, elas vão te colocar como mal** porque é questão de inferiorizar as outras pessoas pela relação de trabalho. **O trabalho diz quem tu és, é quase isso**. (Alex, 39 anos).*

O trabalho considerado desqualificado aponta para uma exclusão social e econômica vivida por estes trabalhadores. Seria a nova desigualdade social que inclui os sujeitos, porém os explora, estigmatiza e considera tais funções como as últimas na base da pirâmide do *status* profissional (MARTINS, 2003). A dissonância entre a identidade social real e a identidade social virtual forma o estigma. Desta maneira, o estigma referente ao trabalho realizado pelos catadores pode estar relacionado à prestação de serviços para a limpeza urbana (sua identidade social real) e ao imaginário da sociedade que carrega em sua memória a relação histórica da

execução do seu trabalho: profissão com origem escravista, que tem como matéria-prima os “restos da sociedade” (EIGENHEER, 2009), que não necessita de estudo ou formação, que tem como trabalhadores vadios, bêbados e sujos e que pode ser o estopim do estigma e da invisibilidade (GOFFMAN, 2008; SOUZA, 2009).

O estigma vivido pelos catadores está na raiz de sua origem: o preconceito e a punição. Eram as prostitutas, os escravos rebeldes e os presos que realizavam o recolhimento dos dejetos produzidos pela sociedade (EIGENHEER, 2009). Um serviço considerado imundo e de baixo escalão, aplicado como castigo e humilhação para que os escravizados que realizassem esta tarefa tivessem um sentimento de invisibilidade, de ausência de serventia para qualquer outra atividade (GILL, 2007). No excerto “o trabalho diz quem tu és”, relaciona-se à valorização de certas classes, *status*, profissões observadas por Weber (2016). Algumas profissões apresentam grande *status* como os médicos, advogados, juízes, jogadores de futebol e o montante pago pela sua atividade é contabilizado pelo reconhecimento social (SOUZA, 2009; WEBER, 2016). O trabalho desqualificado carrega o estigma do fracasso e da exclusão, fortalecendo a meritocracia. Esse mito só faz com que a “ralé” acredite em uma vida de privações, que mereça atuar em trabalhos desqualificados e que é natural a restrição nos acessos aos serviços públicos, pois faz parte de seu destino (SOUZA, 2009). Outro ponto importante presente na estigmatização é que, muitas vezes, identifica o próprio sujeito como o único culpado de estar vivendo uma situação de fracasso ou exclusão. A sociedade faz questão de fomentar movimentos de meritocracia, alegando a falta de “esforço” da “ralé” para sair de alguma situação adversa. Há ainda uma necessidade de escolher certas profissões, tarefas e atividades, elencando quem deve ganhar mais *status*, prestígio, dinheiro e poder. Para manutenção deste modelo de sociedade, haverá de existir os sujeitos estigmatizados para que outros sejam exaltados e para que se tenha alguém para culpar e apontar como “o que é ruim”. Estigmatizar a pobreza também faz com que a mesma seja criminalizada para que a classe média siga gozando de seus privilégios (SOUZA, 2009; 2017).

Portanto, as evidências mostram que o estigma está presente na atividade de trabalho exercida pelos catadores desde a sua origem até os dias atuais, para que haja uma manutenção da exclusão e das funções consideradas desqualificadas. Este estigma segue presente nas memórias dos catadores que veem seu trabalho sendo associado ao sujo, ao nojento, ao mal e ao desvalorizado, onde “se não estudar, será o próximo velho do saco”. A memória social na construção do imaginário e da identidade do catador o coloca como um sujeito fracassado, sujo, símbolo da “figura da desordem” e que se mantém até os dias de hoje, após anos de sua formalização e organização. Esta memória, que evoca a origem dos mitos e as verdades sociais

aceitas pela classe dominante e que cria um processo seletivo derivado de sua constituição própria de valores, invisibiliza as memórias subterrâneas dos grupos explorados e estigmatizados (POLLAK, 1992; SANTOS, 2012). Há na verdade um estigma estrutural de profissões desqualificadas e que carregam seus rótulos para que outras profissões sejam valorizadas.

No excerto do líder do MESC, ser pobre é um defeito atribuído ao próprio sujeito, como uma culpabilização pelo seu fracasso:

*Quando você cria uma sociedade dizendo para ela **que ser pobre é quase que sua culpa, culpa dela mesmo** e onde **ser pobre é um defeito seu**, e onde ser rico é ser soberbo, é ser corrupto e também não deixa de ser corrupção uma coisa, o racismo da parte mais pobre. Você tem uma galera que almeja isso aí e que acha que quando você almeja um local de status. **E aí você chega nesse local, o que ficou para trás é passado e tem que ser apagado**. Por exemplo, uma vez eu vi um cara aqui dizer: “esse maluco aí é maior conversinha, irmão”, e eu fazendo visita com as pessoas no auge do sucesso, aqui na comunidade tentando fazer benefício, com os cara da lata de Coca-Cola e ele falando: “**já, já ele vai desaparecer, nunca mais vai tá aqui**”, eu ouvindo ele falando. Passou-se meses quando um dia, eu fazendo a mesma coisa, aí com as autoridades fazendo visita, mostrando a questão social e ambiental da comunidade. E aí o cara, esse mesmo cara falou assim: “**vai se maluco aí, a maior doido mano, continua aqui fazendo esse bagulho desse trabalho dele. Se eu tivesse tido a oportunidade dele, já teria metido o pé daqui há muito tempo**”, ou seja, era um desejo dele, não meu. E ele tava me julgando pelo desejo dele e não pelo meu. A gente também tem isso, entendeu? (Tião, 39 anos).*

Muitas vezes, os próprios catadores não reconhecem o trabalho que realizam como algo digno e importante. Eles possuem uma memória social da construção do estigma que define sua condição de imobilidade social e que impõe lugares e papéis sociais. Esta memória social reflete no senso comum, nas memórias do coletivo (SANTOS, 2012). O estigma cria estereótipos e pode servir como um determinante de imobilidade social, reforçando lugares, para que os sujeitos estigmatizados saibam onde devam estar e permanecer fortalecendo as desigualdades sociais (WEBER, 2016). Esta construção do estigma se dá de maneira sutil, justamente para que as tentativas de mudança ou reversão sejam negadas ou que não pareçam possíveis. Há diversas justificativas para que a sociedade dominante siga deslocando os sujeitos estigmatizados, determinando seus direitos, acesso a políticas públicas, onde devem morar e ainda, em que locais devem trabalhar (BAUMAN, 1999). A culpa por ser pobre e ser catador é estigma forjado para que a sociedade dominante continue determinando o que é ou não correto, quem e o quê são sinônimos de sucesso, quem tem capacidade e deve receber para fazer o gerenciamento dos resíduos (CABRAL, 2015; GOFFMAN, 2008).

Outro ponto importante no excerto do líder do MESC é o quanto a sociedade projeta suas frustrações e os desejos mais sombrios em uma classe já estigmatizada. A memória individual é uma memória constituída socialmente. Entretanto, a memória social é a manifestação coletiva da memória de uma sociedade ou de um grupo social (HALBWACHS, 1925; SANTOS, 2012). Mesmo pertencendo a um grupo estigmatizado e excluído, a memória coletiva pode fazer com que o sujeito acredite que seu trabalho é ruim, seu bairro é ruim e que sua vida é um fracasso. No momento em que o desejo expressado pelo vizinho do líder o MESC, de “se eu tivesse tido a oportunidade dele, já teria metido o pé daqui há muito tempo”, é exposto, fica claro que muitas vezes não se trata de uma vontade do sujeito, mas sim de um desejo construído socialmente a partir da memória social do estigma de ser pobre, morador da favela e catador. Portanto, as evidências mostram que a sociedade dominante constrói estigmas que permanecem presentes na memória da sociedade, fomentando o sentimento de culpa e de exclusão das camadas mais vulneráveis. A manutenção do estigma permite que haja uma imobilidade entre as camadas da estratificação social com a distribuição de papéis: “ser pobre é culpa sua”, “ser rico é ser soberbo”, é ignorar sua própria trajetória na tentativa de fugir dos rótulos.

Além da atividade realizada pelos catadores, outro indicativo para o estigma que acompanha a trajetória de trabalho destes profissionais está na matéria-prima que eles manuseiam, o “lixo”. Sabe-se que lixo é o rejeito. Os catadores utilizam apenas os resíduos sólidos. Mas esta segregação ainda não é percebida pela população, e muitas vezes, nem mesmo pelos próprios catadores, como presente nos excertos a seguir:

*Tem umas pessoas que tem né, **preconceito do lixo**, mas é porque as pessoas né, sei lá. Porque todo mundo trata a gente muito bem [...] Mas já teve né, gente que nunca dependeu, que nunca precisou, de olhar a gente com pouco caso, de olhar a gente assim com aquele ar de superior, né? (MESC2, 61 anos).*

*Sofri muita violência, de agressão de marido e racismo e pessoas que tem, que ficavam chamando a gente de lixeiro, de lixo, essas coisas assim, **preconceito, né?** (MNCR3, 57 anos).*

*Depois da eco-92, quando **você traz o homem para o centro** e aí você vai discutir a questão do lixão com foco na questão social e se descobre catadores de materiais recicláveis aí as pessoas tomam susto e a gente tem por mania repudiar aquilo que a gente acha **porque que eu falei para o Jô que eu não era catador de lixo? Porque se ele não tem valor quem trabalha com lixo não tem valor nenhum.** (Tião, 39 anos).*

O preconceito exposto nos excertos das catadoras MESC2 e MNCR3 está relacionado ao material de trabalho dos catadores, o lixo. O lixo é caracterizado como algo inútil,

indesejável e descartável, oriundo das diversas atividades humanas e também conhecido como rejeito (D'ALMEIDA; VILHENA, 1995). O líder do MESC deixa bem claro em sua entrevista com Jô Soares⁵⁴ que não era catador de lixo, “lixo não tem valor nenhum”. O resíduo é o material oriundo de atividades humanas em seu estado sólido e é classificado quanto às características físicas (secos e molhados) ou químicas (orgânicos e inorgânicos). A matéria-prima de trabalho dos catadores são os resíduos urbanos secos, os resíduos recicláveis e não o lixo (BRASIL, 2010). Eigenheer (1992; 2003; 2009; 2015) aponta uma semelhança no comportamento da sociedade quando se trata de lixo e de morte. Há uma resistência em se falar de finitudes e de ciclos. O lixo tem um processo de fim, não tem serventia e acaba por ser enterrado, se tornando invisível. Carrega o estigma da sujeira, da imundície e da morte. Já o resíduo, este pode ser incorporado no ciclo da cadeia produtiva da reciclagem, tornando-se novamente um produto. O vidro apresenta um ciclo infinito de sua reciclagem na cadeia produtiva (DEMAJOROVICK; LIMA, 2013; EIGENHEER, 2003). Consequentemente, as evidências apontam para uma confusão em relação à matéria-prima de trabalho dos catadores. O estigma do lixo como algo ruim, mal cheiroso, imundice e restos que ninguém mais quer, é uma visão errônea do que de fato os catadores realizam: a inserção de produtos na cadeia produtiva da reciclagem. Tal ação realizada por estes trabalhadores representa, segundo dados do IBGE (2012), a economia de 77.683 MWh/ano, mais de um milhão de m³ de água/ano, 54.827 barris de petróleo, 316.908 árvores, 1.641 toneladas de bauxita, 2.512 toneladas minério de ferro e 342 toneladas de carvão mineral (RIBEIRO, et al., 2014). Estes números impressionam, ainda mais quando se sabe que, no Brasil, apenas 13% dos resíduos são reciclados (IPEA, 2017). Isso se deve à má separação dos resíduos pela sociedade que misturando materiais, transformam orgânicos e recicláveis em lixo. O estigma e a falta de informação atrapalham o processo econômico, ambiental e social na gestão dos resíduos sólidos, por isso, quando o líder do MESC faz a correção “não somos catadores de lixo, somos catadores de resíduos sólidos, lixo não tem valor nenhum”, ele está justamente trazendo para visibilidade a sua profissão e a matéria-prima do seu trabalho.

O lixo, considerado rejeito, tem valor econômico para as grandes empresas que lucram pelas toneladas que enterram. Normalmente são os maiores contratos de prestação de serviços dos municípios brasileiros (IPEA, 2017). E por que este estigma não está colocado sobre elas que realmente trabalham com o lixo? Há uma inversão na valorização e no estigma que não

⁵⁴ Jô Soares, humorista e apresentador de televisão, entrevistou Tião dos Santos em seu programa, em abril de 2011. Na ocasião, Tião relatou sua participação no documentário “Lixo Extraordinário”.

condiz com a trajetória do lixo. As embalagens, vidros, plásticos, sucatas, papel e alumínio, materiais limpos, produtos que são vendidos em espaços como supermercados, lojas, comércio, colocados em destaque nas prateleiras e expositores, passam pela mão do consumidor e no momento do seu descarte, se tornam a própria imundice, algo repugnante e sem valor. E o verdadeiro lixo, restos de comida, papel higiênico, fraldas e absorventes ganham valor de destaque custando, por exemplo, R\$90,00 a tonelada para desaparecerem dos olhos da população, como faziam os tigres com os dejetos humanos (EIGENHEER, 2009; TODOS SOMOS PORTO ALEGRE, 2016).

O estigma está presente até mesmo na falta de reconhecimento do trabalho realizado há séculos pelos *biffins*, como relata o coordenador da Associação Amelior:

Hoje os biffins não são reconhecidos e os mercados de pulgas que eles inventaram são proibidos. Os próprios mercados de pulgas estão atualmente desaparecendo. No entanto os biffins são capazes de trabalhar e atingir os objetivos de regulação como os municípios e empresas privadas exigem, apesar de não ter dinheiro e nem incentivo público para isso. (Samuel, 38 anos).

Na França, a profissão dos *biffins* é reconhecida por meio de um estatuto oficial desde 1910. Realizando coleta, recuperação de objetos e venda nos mercados de pulgas, esses trabalhadores tentam sobreviver com os descartes da sociedade do consumo (BAUMAN, 2013; RULLAC, 2012). Resistem 47 mercados de pulgas em diferentes locais na França, com organizações locais e com a supervisão da polícia. Os mercados de pulgas atraem milhares de pessoas que tradicionalmente frequentam estes espaços de venda em busca de relíquias, objetos de qualidade e com baixo custo. No mercado de pulgas organizado mensalmente pela Associação Amelior na cidade de Montreuil, participam mais de 200 *biffins* que vendem cerca de cinco toneladas de produtos por evento (BLOG AMELIOR, 2019). Este mercado mensal realizado pelos *biffins* na praça Croix-de-Chavaux, em Montreuil, é uma conquista de mais de nove anos de negociação com o poder público municipal (LE PARISIEN, 2019). A cada ano, fica mais difícil o cadastramento dos trabalhadores e a realização do mercado de pulgas. A marginalização do trabalho realizado pelos *biffins* é relatada também pelo Biffin1: “A polícia poderia parar de nos impedir de trabalhar” (Biffin1, 65 anos), e pelo Biffin 2: “**A polícia aqui é muito violenta. Eu recebi um tiro por estar vendendo na rua.** (Biffin2, 35 anos).

Apesar de sua trajetória na limpeza urbana das cidades da França, *os biffins* têm na invisibilidade do seu trabalho um novo estigma: hoje quem mais necessita da renda da venda nos mercados de pulga são os imigrantes e refugiados. Outra característica é que a maioria dos trabalhadores é do sexo masculino, com idade acima dos 50 anos (BLOG AMELIOR, 2019).

Os estigmas presentes na atividade dos *chiffoniers* no século XIX eram os de serem sujeitos vadios, boêmios e deslocados da sociedade. Alguns faziam esta opção por não se enquadrarem no recrutamento para o trabalho nas indústrias, pelas mudanças drásticas da tomada do capitalismo (EIGENHEER, 2009). De acordo com o registro do caderno de campo, durante a observação, os *biffins* sentiram-se incomodados com a presença da pesquisadora:

Durante a caminhada pelo mercado de pulgas, consegui fotografar e filmar a organização do espaço de longe. Alguns “biffines” sentiram-se incomodados com a câmera, então precisei guardá-la e apenas observar. Um dos organizadores relatou que muitos estão no país de forma clandestina e que por isso não querem ser filmados ou fotografados por terem medo da violência dos policiais. Havia no local muitas crianças e mulheres. Eram famílias inteiras à espera da venda dos produtos. Os produtos vendidos na feira visivelmente eram de qualidade inferior aos expostos na loja da Associação Amelior (Caderno de Campo, 10/10/2017).

A violência foi relatada pelos cinco *biffins* entrevistados. Muitas vezes, mesmo com autorização para a realização do mercado de pulgas, a polícia local os trata de maneira hostil e humilhante. O medo faz parte da rotina diária do trabalho nas coletas e nos eventos de feira. Os *biffins* lutam por espaços de visibilidade para manter viva uma das mais antigas profissões regulamentadas na França. O Brasil é referência na luta por direito dos trabalhadores da catação. Os *biffins* querem apenas vender seus produtos e não serem comparados com ladrões e batedores de carteiras. O estigma do lixo e o estigma do marginal insistem em seguir ao lado dos catadores e dos *biffins* após séculos de trabalho.

Quanto aos catadores brasileiros, em relação às situações de violência vividas pelos *biffins* com a polícia local, a catadora MNCR2 relata:

A gente ia muito para rua. Muito. Nas passeatas a gente sofria muito, em relação à polícia. A polícia atacava com violência. Hoje é diferente, é muito diferente, hoje se a gente vai fazer uma passeata, a gente conversa com eles antes de combinar tudo direitinho, eles acompanha a gente com escoltam. (MNCR2, 54 anos).

Os catadores brasileiros, apesar de todas as dificuldades e estigmas enfrentados por sua profissão, não relatam a frequência do conflito com a polícia. Esta situação de marginalização vivida pelos *biffins* parece estar superada a partir de leis e políticas de incentivo à reciclagem. O trabalho realizado pelos *biffins* encontra inspiração na legislação brasileira para que eles saiam da irregularidade e conquistem políticas públicas que pelo menos não coloquem suas vidas em risco (BLOG AMELIOR, 2019; RULLAC, 2012). As evidências mostram que os catadores brasileiros sofrem com a invisibilidade em relação ao seu trabalho pela falta de

cumprimento de políticas públicas e de acesso aos direitos conquistados, porém não executados em sua integralidade. Enquanto na França, os *biffins* parecem estar um passo atrás pela situação de criminalização e violência presentes no cotidiano destes trabalhadores.

Em “A ralé brasileira”, Souza (2009) apresenta uma invisibilidade social e moral “desejada” para que os sujeitos da ralé passem despercebidos, sem chamar a atenção e sem riscos de sofrerem com a humilhação e com a indiferença. A invisibilidade para quem sofre com a violência e com o estigma de “bandido” é a melhor opção frente à exclusão e aos apontamentos preconceituosos de uma sociedade que poderia garantir o mínimo de respeito aos trabalhadores que estão em busca da sobrevivência com dignidade, sem prejudicar ninguém. Portanto, se o estigma da marginalização seguir acompanhando o trabalho realizado pelos *biffins* e se as poucas leis que amparam seu ofício não forem garantidas, eles podem deixar de existir pelo preconceito e pela sociedade que persiste em culpar quem sofre com as desigualdades sociais e quem não tem seus direitos garantidos, pela invisibilidade social que os persegue.

O estigma é um rótulo atribuído ao sujeito de maneira pejorativa (GOFFMAN, 2008). O líder do MESC, no excerto a seguir, relata um processo de sofrimento vivido por ele com atribuições de um “estigma bom” e um “estigma ruim”:

Depois do filme eu deixei de ser catador. Aqui é que eu passo o maior problema, mais aqui do que fora porque aqui eu sou estrela e eu tenho que quase que eu reconstituir a minha imagem enquanto morador daqui de um cara que viveu aqui a vida inteira, entendeu? Ah, ele é estrelinha, ele é o glamuroso, ele é o cara que ainda por cima. [...] o sucesso tem um preço alto pra cacete mesmo. Com um outdoor na ponte Rio-Niterói, de ponta a ponta eu sofria ataques por ser negro, por ser catador, por um monte de pessoas, por redes sociais. (Tião, 39 anos).

[...] eu não represento só isso, não aqui. Tem toda uma galera, eu sou um dos coordenadores até porque uma das coisas que eu sempre discuto e deixei claro é que a gente não deveria focar todo movimento numa única figura, entendeu? Claro eu vou, sempre vou, carregar isso o estigma bom e o estigma ruim e eu tenho orgulho de saber que eu fui para o Oscar [...] tive uma oportunidade como catador as pessoas começaram a entender de onde eu vim. (Tião, 39 anos).

Em ambos os excertos, o líder do MESC relata sua vida após a participação no documentário “Lixo Extraordinário”. Nem mesmo uma situação de visibilidade fez com que ele se desvinculasse dos estigmas de ser negro e catador. Se por um lado o “estigma ruim” estava presente, vinculado ao seu trabalho no aterro do Jardim Gramacho, por outro lado, o “estigma bom” de ter visibilidade, participar de um documentário e ir ao evento do Oscar, afastou o líder do MESC do seu grupo. A notoriedade alcançada provocou uma situação

paradoxal: ele não representava mais nenhum dos lados. Era ainda um catador, representante do trabalho desqualificado e da ralé, mas tinha prestígio junto à mídia, que fazia daquele momento um palco sensacionalista de exposição da pobreza e exclusão social. Neste período de sua vida, a perda da legitimidade junto aos catadores e o rótulo de catador participante do documentário “Lixo Extraordinário” apresenta o quanto o estigma e o estamento⁵⁵ são taxativos e imóveis. A imobilidade social e o estigma regulam o papel de cada sujeito na sociedade, fazendo com que o mesmo fique cumprindo suas funções na camada determinada por um grupo dominante que valoriza a pobreza apenas nos momentos de entretenimento (GOFFMAN, 2008; WEBER, 2016). Quando se trata do representante de um grupo estigmatizado, Goffman (2008) afirma que quanto maior oportunidade de externalizar sua opinião ou maior for o seu conhecimento, este sujeito acaba por ocupar espaços de liderança e se torna mais conhecido, mais relacionado do que os seus companheiros de compartilhamento do mesmo estigma e do mesmo sofrimento. A partir de sua visibilidade, o sujeito acaba descobrindo que o movimento de representação toma todo o seu tempo e que seu grupo já não se sente representado pela sua liderança, pois para militar, o líder não está mais dentro do grupo, havendo o estigma dentro do próprio estigma (GOFFMAN, 2008). Portanto, a imobilidade do estigma apresenta controvérsias: os catadores querem visibilidade, reconhecimento e valorização do trabalho. Porém, isso não pode ser associado a apenas uma figura de representação, mas ao movimento por completo. Mas não estaria o próprio catador colocando o estigma no seu trabalho?

As evidências apontam que o trabalho realizado pelos catadores entrevistados neste estudo teve como origem, principalmente, uma herança familiar. Dos dez catadores brasileiros entrevistados, oito tiveram contato com a catação ainda na infância e principalmente pela influência e necessidade das mães. Nos excertos apresentados a seguir, as catadoras MESC1, MESC2 e MNCR3 relatam suas percepções em relação aos filhos: “*Meu filho nunca deixei subir (a rampa) [...] O mais velho é soldador e as outras estudam. Pra eles eu não quero isso não [...] é muito sofrido*” (MESC 1, 41 anos); “*Meus filhos trabalham em outro lugar né, graças à Deus*” (MESC2, 61 anos), “*Minha filha estudou [...] ela trabalha em outra coisa porque assim, a gente aqui não tem garantia né*” (MNCR3, 57 anos).

Nos três excertos, o estigma está presente na própria categoria. As catadoras MESC1, MESC2 e MNCR3 iniciaram seu trabalho na catação ainda na infância e não conseguiram chegar ao ensino médio. Tiveram como motivação para a inserção na catação a necessidade de

⁵⁵ Estratificação social referente a *status*, estado, prestígio, herança ou cultura (WEBER, 2016), ver Capítulo 2.

sobrevivência, ajudando a família ao encontrarem alimentos no descarte e com a renda da venda dos materiais. Ser um trabalho “sofrido” é relatado por elas, com algumas situações de falta de direitos, abandono do poder público e preconceitos. O estigma de sua profissão faz com que o acesso aos direitos como cidadão fique ainda mais distante. Castel (2013) chama este processo de invisibilidade de “desfiliação social”, quando um sujeito não se encontra excluído, mas tem seus vínculos sociais distantes do centro de coesão, com seu trabalho precarizado, sem acesso à educação, à saúde e demais direitos básicos. Nas relações sociais, o estigma gera um sentimento de inutilidade, de incapacidade e de invisibilidade (GOFFMAN, 2008). Após viver o estigma diário na pele, como desejar isso para um filho? A visibilidade social, ou seja, querer aparecer/ser diante do outro necessita do fortalecimento da capacidade de aceitação e de reconhecimento na sua trajetória de vida (SOUZA, 2009). Portanto, os rótulos criados para imobilizar o catador como sujeito inútil, vadio, sujo, não merecedor de direito pode estar incentivando as famílias dos catadores a não desejarem tal profissão aos filhos para que os mesmos não passem por situações de humilhação e invisibilidade.

A invisibilidade pode se dar pela renúncia ao reconhecimento ou aos direitos civis (HONNETH, 2004), pelo sentimento de injustiça social (FRASER, 2007), pela ausência de reconhecimento afetivo, de direitos e de valores morais (RICOEUR, 2006), pela exploração e exclusão do sujeito, desvalorização de sua cultura e do conhecimento empírico (SANTOS, 2002; 2007; 2009), ou ainda, pela humilhação e exclusão social (COSTA, 2004). A palavra “invisibilidade” significa que algo é invisível, não é perceptível e que passa despercebido. Mas será que pessoas, seres humanos como os catadores que desempenham um papel social, econômico e ambiental seriam imperceptíveis? Para o líder do MNCR, não há invisibilidade no trabalho realizado pelos catadores:

Nós não somos sujeitos invisíveis e sim excluídos, porque ele é visível, o catador é um sujeito visível, mas ele é excluído. Na questão que precisa ser colocada, e na questão que as pessoas não colocam é a questão econômica que tem sobre isso. As pessoas preferem olhar pelo social, isso é que deixa nós excluídos entende? E quando tu olha para a questão econômica, e claro que a questão econômica também tem esse contexto, mas na questão econômica ela te inclui e ao mesmo tempo ela te explora. [...] não tem como a gente está invisível se nós somos responsáveis por 90% da cadeia da reciclagem. Não tem como tu pegar invisibilizar, digamos um exército pessoas, que são os principais atores da cadeia da reciclagem. Agora tu pode invisibilizar eles em qualquer outra coisa, por exemplo, fazer um contrato e não inclui os catadores. Bom então eles são invisíveis. Pode fazer um galpão e colocar lá no meio de uma vila longe tudo como é o caso, aí está invisibilizando os catadores, entendeu? Há vários processos de tu invisibilizar, mas ao mesmo tempo não tem como, porque quando vai fazer um projeto da coleta, por exemplo, que precisa deles, entendeu? Há um

processo que tu coloca como invisíveis, mas há outro que eles são super visíveis não tem como excluir mais eles nesse processo, a não ser que tu queira invisibilizar. (Alex, 39 anos).

O não reconhecimento do outro, a negação de seus direitos e a desvalorização de sua trajetória são ações de invisibilidade. Para o líder do MNCR, os catadores não são invisíveis e sim excluídos. A PNRS é exemplo disso: uma lei criada para organizar a gestão de resíduos sólidos no Brasil, com a participação dos catadores para que os mesmos sejam incluídos em contratos municipais, programas de fomento em projetos socioambientais, apoio em capacitações para garantir uma melhor qualidade de vida é ignorada pelo poder público e pela sociedade. As grandes empresas e os municípios amparam-se no Artigo 3º da Lei 12.305/2010, que diz:

VIII - disposição final ambientalmente adequada: distribuição ordenada de **rejeitos em aterros**, observando normas operacionais específicas de modo a evitar danos ou riscos à saúde pública e à segurança e a minimizar os impactos ambientais adversos (BRASIL, 2010, grifo nosso).

A maioria dos municípios (78%) no Brasil enterram 100% dos seus resíduos, apoiando-se em uma legislação que diz ser ambientalmente adequado encaminhar os rejeitos para aterros sanitários (CEMPRE, 2018). Enterrar os resíduos sólidos urbanos é na verdade um crime ambiental, custando mais de R\$ 9 bilhões ao ano para um país que sofre com a falta de recursos financeiros nas áreas de educação, segurança e saúde. O trabalho realizado pelos catadores é fonte de renda para mais de um milhão de famílias (MNCR, 2019). Este mesmo trabalho que inclui os sujeitos que não se encaixam no mercado formal de trabalho acaba excluindo sua participação, garantida por lei para a prestação de serviços da coleta seletiva. A ordem da sociedade capitalista busca reproduzir uma prática de exclusão. O mesmo sistema que exclui, desqualifica para que depois possa incluir construindo suas próprias regras, ditadas por uma inclusão precária, de exploração e instável. Quando o sujeito está excluído, o estágio de transição de exclusão para o estágio de inclusão traz como produto a degradação. Neste processo cruel, muitas pessoas são deixadas de lado com poucas chances de serem novamente incluídas nos padrões exigidos pelo mercado e acabam por aceitar qualquer tipo de ocupação pela sobrevivência. Este método está se tornando constante, resultando em uma sociedade que inclui pelo aspecto econômico, mas que exclui nas questões sociais, morais e políticas (MARTINS, 2003). No caso dos catadores, as evidências mostram que a Lei 12.305/2010, que deveria garantir o pagamento pelos serviços prestados aos catadores organizados, não garante sua inclusão. Além disso, esta Lei cria um mecanismo de invisibilidade e exclusão a partir do

momento que ignora a participação dos catadores nos contratos de prestação de serviços de coleta seletiva nos municípios e ainda, deixa de cumprir a lei que qualifica como crime ambiental enterrar aquilo que não é considerado rejeito. A visibilidade em relação ao trabalho dos catadores e a sua inclusão para que os mesmos recebam pelo serviço prestado parece opcional para o poder público e para a sociedade, e não um direito garantido. “Pega bem” incluir os catadores em programas sociais, mas o pagamento pelos serviços prestados não é prioridade. Assim, o catador segue realizando seu trabalho sem nenhuma remuneração, enquanto empresas de gestão de resíduos lucram neste processo de exploração, como mostram os excertos dos líderes dos movimentos MNCR e MESC:

[...] tu tem aqui um milhão de reais para fazer a gestão da coleta seletiva da cidade. E aí eu vou explicar a questão da exclusão, como é que tu faz. Tu coloca um contrato com uma empresa e tu gasta 98% do valor com a empresa e tu gasta 2% com a manutenção do galpão, que é para não queimar, né? Isso é um processo de exclusão. Não importa, isso é coleta seletiva. As pessoas estão trabalhando. Isso é exclusão, porque enquanto tu alimenta um, alguém está sendo explorado. Enquanto um cresce, o outro na tendência diminui [...] Se não lucrasses, isso já teria terminado. É porque existe um lucro muito grande e uma disputa para ver, para ver quem vai lucrar. Porque se o resíduo não vai para o lixão, aí é um outro setor que vai ganhar, né? E aí nessa disputa, reciclar esse resíduo, ele entra como um commodities dentro da questão global da bolsa de valores. Então ali já há esse processo de exclusão porque sequer tem a participação dos trabalhadores, das pessoas que trabalham. (Alex, 39 anos).

[...] é muito bom você colocar no relatório ambiental que 57% da garrafa PET do Brasil tem como destino a reciclagem, quanto você pagou por isso? Porque são 1.200.000 catadores vivendo à margem da sociedade. Entendeu? Hoje 90% desse material que chega lá passou por essa nossa mão primeiro, e é muito bom você botar isso ali e não pagar nada [...] Não teve nenhum avanço. Não por causa da sociedade, mas por causa das políticas no Brasil. Quando não é de interesse do poder financeiro, do mercado, eles acabam fingindo que aquela lei não existe e é como eu te falei, o Artigo 5 da Constituição Brasileira, tinha que ser de conhecimento de todo cidadão brasileiro. Não era do conhecimento dos catadores e quando eu falava dos direitos humanos, do direito do trabalho e do direito à moradia muitas pessoas pensavam de onde vem essa maluquice? [...] se você for falar que foi criada uma lei para perdoar a dívida, assim que for criada para as empresas ela funciona no dia seguinte. Porque eles têm poder e eles têm conhecimento dos seus direitos [...] As informações não chegam porque 30% dos catadores estão na rua rasgando o saco solitariamente sem saber nada. Os outros 60% estão nos lixões, esses são dados e 10% estão organizados. Desses 10% menos de 5% tem estrutura, pelo menos igual a essa que já também não é adequada. Então eu te pergunto onde está a incapacidade do catador se nem isso a gente tem? São os lixões ainda os maiores fornecedores de materiais recicláveis desse país. (Tião, 38 anos).

Eu acho que assim, a gente tem que ser conhecido como alguém ... assim como é que eu posso dizer, que a gente está aqui ajudando, limpando né, o mundo da sujeira de nós mesmos os humanos, depredando tudo. Eu acho que

a gente tem que ser reconhecido como educador ambiental. Eu acho que não tem como... a gente teria que ser reconhecido pelo poder público, mas não só de boca como eles falam que fala que reconhece, que reconhece mas não fazem nada [...] Nossa, pra eles tanto faz ... eles ganham mais dinheiro entregando nosso material para uma empresa imensa do que trazer para nós. (MNCR2, 54 anos).

Os catadores individuais ou coletivos são responsáveis por 90% da reciclagem no Brasil (IPEA, 2017). O estigma, a exclusão e a invisibilidade acompanham sua trajetória desde os primeiros catadores brasileiros, os tigrés (EIGENHEER, 2009). Esta exclusão social que acompanha os catadores pode ser identificada com o que Castel (2013) define como “desfiliação social”. Por apresentar um trabalho desqualificado, restrições no acesso à saúde, educação e demais direitos básicos, inclusive o direito de receber pelos serviços prestados, esta modalidade de exclusão coloca o sujeito distante do centro de coesão. Desconhecer seus direitos faz parte do processo de alienação para a manutenção das desigualdades (MARTINS, 2003). Tal exclusão é algo imóvel que aparenta incluir, quando na verdade oprime e afasta o sujeito ainda mais de sua humanidade social (CASTEL, 2013). Neste processo, sua prática está vinculada à exclusão por discriminação, uma das principais ameaças na modernidade, pois ocorre inicialmente de maneira aceitável até se legitimar, como no caso dos catadores que historicamente não recebiam para limpar “os restos da sociedade” (EIGENHEER, 2009). Até hoje, a sociedade acredita “doar” seu resíduo para os catadores, como um favor. Além disso acredita que é obrigação desses trabalhadores realizarem um serviço gratuito. E de fato, muitas vezes, eles realizam. Assumem este papel, seguindo no ciclo da exploração. Qual seria a alternativa?

Os líderes dos movimentos MNCR e MESC relatam ainda o quão lucrativo é para as empresas a exclusão dos catadores no processo de gestão dos resíduos nos municípios e o fato de que apesar da invisibilidade do seu trabalho, os dados da reciclagem no Brasil são oriundos, em sua maioria, da mobilização destes catadores. Há uma ambiguidade nesta relação de exploração: os catadores são invisíveis, porém são eles os responsáveis pela visibilidade da reciclagem no Brasil. Esta pode ser entendida como uma linha abissal, conforme Santos (2009) identifica, onde o lado visível, considerado desenvolvido, detentor de direitos e poderes regula o lado invisível, usufruindo de sua mão de obra e conhecimentos empíricos, e apropriando-se do capital nesta relação de vantagem e de conveniência com total respaldo do poder público e da sociedade. A linha abissal legitima assim que cada grupo deve estar e permanecer em seu lado da linha, para o bem da manutenção desta exploração e da desigualdade social.

O desejo de “ser conhecido como alguém”, da catadora MNCR2, é na verdade um pedido de visibilidade dos seus direitos. O direito de trabalhar honestamente em uma atividade que move atualmente a cadeia produtiva da reciclagem no Brasil. Seria apenas dar-lhe, e para os mais de um milhão de catadores (MNCR, 2019), o que de fato é dela, e deles, por direito. É respeitar seu trabalho, é reconhecer seu papel econômico e ambiental. É refletir que se hoje os catadores decidissem parar com a triagem e a venda dos materiais, a cadeia da reciclagem seria interrompida e as ruas estariam repletas de “lixo”, lembrando a Idade Média. Esta invisibilidade seletiva apenas promove a manutenção da desqualificação do trabalho dos catadores. No excerto que segue, o líder do MESC relata a desqualificação do conhecimento dos sujeitos considerados invisíveis:

*Você coloca uma palavra bonita e aí depois você se acha detentor do conhecimento, esse conhecimento do catador não é deles. **Então, como catador não tem conhecimento? Catador não tem ferramentas, entendeu? É muito fácil você ver o pobre como culpado da pobreza, é muito fácil você falar que o cara não tem capacidade e quando o estado e a sociedade não lhe dão oportunidade dele ser um gestor de resíduos, entendeu? Você tem no Brasil hoje, se você for pegar também então as próprias prefeituras, elas não têm capacidade porque se o Brasil enterra oito bilhões de reais é porque tem má gestão e a má gestão tá onde? Se paga para varrer, se paga para transportar, se paga para coletar e se paga para enterrar oito bilhões de reais. Cadê a eficiência nisso? E o pouco da reciclagem, o pouco fôlego da reciclagem que tem no Brasil, os 2% é feito por nós, os incompetentes. Os 90% da reciclagem feita por catadores é mesmo catador que fica com 11% do lucro disso. Essa conta não fecha!** (Tião, 38 anos).*

Portanto, observa-se que a linha abissal que separa o visível do invisível está traçada nesta relação entre poder público e os catadores. A desvalorização da memória dos catadores na gestão dos resíduos impossibilita que os governantes e a sociedade ultrapassem esta linha e reconheçam a competência e a importância dos serviços prestados por estes profissionais. O não reconhecimento do outro, do seu trabalho e dos seus direitos causam um sentimento de invisibilidade e de injustiça. A luta por justiça social é justamente quando o líder do MESC percebe que “essa conta não fecha”. Para Fraser (2007), a luta por reconhecimento e visibilidade se encontra alinhada à luta pela redistribuição de riquezas. A justiça requer tanto o reconhecimento dos sujeitos quanto a redistribuição, pois há a necessidade de reivindicação da igualdade social (política de classe) e da reivindicação de reconhecimento das diferenças (política de identidades). As evidências mostram que o reconhecimento e a visibilidade do trabalho dos catadores, independente das esferas econômicas, sociais e ambientais, encontram-se distantes da realidade. Os catadores seguem realizando um trabalho de exploração e muito semelhante aos realizados pelos escravizados que eram liberados por seus “donos”, mas

vendiam sua força de trabalho por um prato de comida e um teto sobre suas cabeças. O sistema vigente cria processos de exclusão que vão desde a dificuldade de acesso básico à saúde e educação até a determinação de espaços de trabalho considerados dignos ou não. Parece que apesar de todo o trabalho realizado por estes profissionais, de toda a massa de pessoas que vive desta função, de toda a economia que tal serviço produz e de todo o impacto positivo na preservação dos recursos naturais, os catadores ainda precisam provar seu valor para serem visíveis e resistirem a cada dia diante de diversas restrições.

Além das questões econômicas que envolvem a exclusão do trabalho dos catadores, outro fator chama a atenção: a falta de conhecimento dos direitos e a efetiva participação na luta por justiça e reconhecimento, como relata o líder do MNCR:

*Mas o cara ganha R\$1.400,00, o cara ganha R\$1.300,00, mas tem uma série de fatores que diz se ele está incluído ou está excluído. Não é só a questão econômica, é o nível de participação dele no processo. Ele pode ganhar menos e participar mais. Ele está incluído mais. É o nível de compreensão dele, é o nível de compreensão do trabalho, sobre a atividade, sobre ele mesmo, sobre a sociedade, sobre a gestão e uma série de coisas **que colocam o indivíduo como cidadão, como participativo, como incluído**. Esse sentido é a questão da participação. A pessoa pode compreender do porquê que eu não estou comendo bem. Aí ele está incluído. Mas eu posso não compreender isso, e aí eu posso estar excluído. Não é só uma medida, são vários fatores. (Alex, 39 anos).*

O nível de participação dos catadores que fazem parte das cooperativas e associações é apresentado pelo líder do MNCR como um dos fatores de inclusão. A partir do momento que o sujeito conhece e compreende os seus direitos, há o reconhecimento de sua cidadania, o reconhecimento jurídico (RICOEUR, 2006). Nestes espaços de trabalho pertencentes à Economia Solidária, a inclusão do trabalhador para o conhecimento de seus direitos e deveres são essenciais. Os preceitos de cooperação, autogestão, inclusão social e econômica e formação política devem fazer parte do trabalho realizado pelos catadores. Além da geração de renda, este modelo de trabalho busca a emancipação do sujeito e o seu protagonismo perante o poder público e a sociedade, tratando-se de prestação de serviços na limpeza pública (IPEA, 2017). Compreender os processos, não coloca o sujeito como refém da exploração e da exclusão (MARTINS, 2003). Portanto, o catador pode estar incluído em uma cooperativa de triagem de resíduos sólidos, e mesmo assim ainda estar excluído se esta não lhe oferecer o direito de voto e de voz, reproduzindo a lógica do capitalismo, sem reflexão sobre a atividade que exercem.

Porém, será que todas cooperativas, associações e movimento sociais de catadores são inclusivas? O líder dos movimentos MESC acredita que não: **“Toda a organização é excludente. E esse é o maior desafio organizar sem excluir**. Se eu disser para você que eu

tenho uma receita de bolo, eu seria maior hipócrita sem demasia”. (Tião, 38 anos). De forma semelhante, o líder do MNCR afirma:

Aí vão me dizer que o círculo é aberto, bom a universidade também é pública e aberta, mas aí? Me explica quem é que entra para estudar na universidade pública? Então tu entra, ela é aberta para fazer de conta que tu tá incluído, mas na verdade ela te exclui. Ela constrói umas formas que te exclui. Uma delas é a questão do capital e outra questão é da tecnologia, se tu não tem capital, não tem tecnologia, automaticamente tu está excluído. Mas tu pode entrar, lá é o espaço que é dito como aberto mas ele não é aberto. (Alex, 39 anos).

Até mesmo espaços como cooperativas, associações e movimentos sociais de catadores acabam por excluir. Espaços públicos como universidades, teatros, museus e parques são abertos e seguem excluindo. A sensação de exclusão é real na vida dos catadores e da “ralé”. Existem lugares, camadas, profissões pertencentes a cada classe social. É a imobilidade social, presente e determinando o lugar de cada um (MARTINS, 2003; WEBER, 2016). O que o líder do MESC relata é que até mesmos as cooperativas, associações e movimentos sociais acabam criando regras que muitas vezes não contemplam todos, acabando por excluí-los. Muitos catadores individuais não querem ser incluídos em cooperativas de triagem. Porém, a PNRS é determinante ao reconhecer apenas os catadores que estejam organizados. Somente catadores que participam de cooperativas ou associações podem realizar contrato de prestação de serviços com as prefeituras para realização da coleta seletiva. E os catadores individuais? Estes não são reconhecidos pela lei, e assim como em Porto Alegre, muitas outras cidades podem estar em processo de realização de projetos e programas para que eles não possam mais circular com suas carroças e coletar os resíduos nas vias públicas. Já na fala do líder do MNCR, a exclusão surge de forma sutil e de uma maneira muito perversa, ocorrendo uma ilusão da inclusão (MARTINS, 2003).

Neste modelo, espaços que se dizem públicos e abertos acabam por excluir, como a universidade pública citada por Alex. Além de toda a dificuldade de se manter na escola para a conclusão da educação básica, como relatado anteriormente, a dedicação aos estudos não é algo priorizado. E no caso do ingresso para a realização de curso de graduação, outros fatores atrapalham a permanência da “ralé” na universidade pública como: a dificuldade em conseguir um trabalho que concilie com o horário das aulas que normalmente são diurnas, o deslocamento quando geralmente o estudante mora em zonas de periferias distantes do centro da cidade, o acesso ao material de apoio e a outras tecnologias – como presente no excerto da fala do líder do MNCR. Algumas conquistas para a inserção da “ralé” nas universidades, como o sistema de

cotas, são direitos que estão sob ameaça. Brasileiros de classes que se consideram superiores promovem a estruturação da miséria e da exclusão com discursos de desvalorização da ciência pelo acesso democrático, valores de meritocracia e de preconceito principalmente com a população negra (SOUZA, 2017). Portanto, o estigma e a exclusão aparecem como propulsores da invisibilidade tornando, muitas vezes esta situação como algo permanente e imóvel. Porém, será que a visibilidade é possível para os catadores e *biffins*, depois de todas estas situações de abandono e rotulação?

4.5 MEMÓRIAS DA VISIBILIDADE: “SE A GENTE TIVER MEDO, A GENTE NÃO TEM CONQUISTA”

Os catadores realizam seu trabalho desde a antiguidade. Iniciam uma trajetória associada aos estigmas e à exclusão social, como apresentado anteriormente. Porém, seu trabalho se torna fundamental para a saúde, o ambiente, a cadeia produtiva da reciclagem e para o sustento de mais de um milhão de pessoas (DEMAJOROVICK; LIMA, 2013; EIGENHEER, 2009; MNCR, 2019; ROSEN, 1994). As memórias da visibilidade perpassam sentimentos de inclusão, reconhecimento e identidade, porém, ainda muito vinculadas a resultados de luta, militância e resistência, como nos mostram os excertos do líder o MESC e das catadoras MESC3, MNCR2 e MNCR5:

Com o tempo, contrariando todas as expectativas aquele espaço marginalizado, que num primeiro momento exclui quem faz parte dele, que parece reduzir as pessoas a algo menor, acabou devolvendo à minha família a dignidade que ela tinha perdido. É estranho dizer isso, e mais estranho ainda pensar que um lugar como o lixo possa incluir, mas foi exatamente isso o que ele fez com a minha família. ([Tião] SANTOS, 2014, p. 40).

Eu sempre me senti bem em trabalhar aqui. Nunca me senti mal ou com tristeza, pelo contrário, era alegre, feliz, entendeu? A gente subia e catava nosso materialzinho, descia, vendia nosso materialzinho, final de semana a gente se juntava, os catadores tudo. A gente é muito feliz, não tem tristeza não de trabalhar aqui. Ser catadora, levanta a autoestima da gente. Eu tenho uma autoestima que graças a deus! Nada me abate, e nem deixo me abate [...] Nunca senti preconceito nunca, nunca, nunca graças a Deus é um serviço digno. Quando a gente trabalhava no carnaval, as pessoas tratavam a gente muito bem porque é um serviço digno, né, é profissão também, né, as pessoas vão entendendo. (MESC3, 50 anos).

[...] quem perguntava “onde é que trabalhava?”, e a gente respondia que trabalhava na reciclagem, que antigamente as pessoas não sabiam o que é um galpão de reciclagem, aí já ficavam meio assim, né. Mas, eu nunca sofri preconceito assim por ser catadora, nunca me envergonhei de ser o que sou. Adoro ser catadora. Sempre digo: sou catadora, porque eu não sou

recicladora, eu sou catadora. Eu só faço a separação do material, eu não reciclo o material, mas nunca senti vergonha de ser o que sou, eu nunca senti. (MNCR2, 54 anos).

*Eu amo ser catadora, é só o que eu sei fazer. Assim, eu posso desenvolver outras coisas, lógico, né? Com o grau que eu tenho hoje, de convivência, eu posso desenvolver outra coisa, mas acho que eu não ia me sentir bem. [...] **A minha família ama, admira, respeita, me dá força, no meu trabalho. É, todo mundo na minha família, até os mais distantes [...] Eu sou assim, muito amada e respeitada pela comunidade onde eu vivo, aos arredores também. Eu faço o possível pra ser legal e coerente com todo mundo, eu explico o que é, né. (MNCR5, 38 anos).***

O líder do MESC exemplifica, em seu relato, o sentimento de surpresa ao sentir-se incluído em um espaço que recebia tudo o que as pessoas jogavam fora: o lixão do Jardim Gramacho. Um local aparentemente hostil, distante da beleza dos centros urbanos, da limpeza e que, à primeira vista, lembra um campo de guerra (EIGENHEER, 2009; SANTOS, 2014). Foi neste local que sua família encontrou acolhida e “dignidade”. A catação torna-se a opção de trabalho que inclui e que proporciona a retomada de uma identidade perdida. Para Souza (2009), a luta pela sobrevivência dos homens da “ralé” apresenta dois caminhos: a delinquência ou o trabalho desqualificado. O trabalho desqualificado torna-se a fuga da violência, do crime e do tráfico, um drama que se repete nas periferias e que faz parte da rotina de milhões de brasileiros. Esta busca por dignidade se fortalece na fuga da delinquência (SOUZA, 2009). As catadoras MESC3, MNCR2 e MNCR5 expõem seus sentimentos em relação ao trabalho na catação. Além de encontrar a dignidade presente em sua profissão, a aceitação do outro é importante para as três catadoras. A aceitação e o reconhecimento do seu trabalho e da sua trajetória de vida fortalecem o sentimento de visibilidade social, ou seja, ser percebido pelo outro causa uma sensação de felicidade e de valorização (SOUZA, 2009). Os excertos mostram que a busca por reconhecimento pode estar na aceitação do outro, que compreende a importância do trabalho exercido pelo sujeito. Não sentir “preconceito” é não sentir-se desvalorizado, humilhado ou invisível. Ser amado e respeitado pela família, pelos amigos e pelos vizinhos é, na verdade, um sentimento de todos que sabem que trabalham com “os restos da sociedade” (EIGENHEER, 2009) e que muitas vezes são confundidos com o próprio lixo (CABRAL, 2015). Há também, nesta aceitação, um sentimento de conformismo. Os catadores são visíveis para a sua família, amigos e comunidade, mas e ao sair deste espaço, tal sentimento prevalece? Boaventura Souza Santos (2009), ao traçar a linha imaginária entre o visível e o invisível defende que mesmo os sujeitos invisíveis, por meio de suas crenças, conhecimento e

trabalho são visíveis entre os seus, mas e quanto ao outro lado da linha? Frente a esta abordagem, o líder do MNCR apresenta uma postura de resistência:

Eu não me sinto mal porque eu preciso reagir diante disso, entende? Então eu vivi muito tempo sendo excluído, né. Então para mim era natural, eu falava, de uma atividade de poder dizer o que tu faz. (formações com outros catadores). Com passar do tempo, tu cria um senso de identidade, um senso crítico também e te coloca também argumentos para que tu possas enfim, dizer que não, e parar aquilo [...] precisamos que outras pessoas também nos reconheçam e isso só acontece por nós. (Alex, 38 anos).

A visibilidade ocorre por meio da luta e da busca dos grupos minoritários por reconhecimento. O grupo que encontra-se acima da linha abissal persegue a tentativa do esquecimento, da exclusão e do silêncio e procura naturalizar a invisibilidade como manutenção do seu poder, conhecimento e regulação nos sujeitos que se encontram abaixo desta linha imaginária (SANTOS, 2009). Assim como as memórias subterrâneas que são inerentes aos excluídos das memórias oficiais (POLLAK, 1989), a visibilidade é algo relacionado à resistência e à compreensão de identidade que formam o sujeito. Reconhecer-se como catador e argumentar sobre seu trabalho são memórias que compõem sua identidade e, da mesma maneira, a identidade acaba por moldar as memórias tanto das dificuldades e estigmas que perseguem os catadores, quanto aquelas relacionadas às conquistas (CANDAU, 2016). Portanto, o senso de identidade auxilia na visibilidade a partir do momento em que o catador compreende que seu trabalho é importante tanto para si quanto para a sociedade. É justamente na compreensão de sua identidade que o sujeito se fortalece. Esta transição da construção de uma identidade (HALL, 2002) nos catadores fomenta reivindicações de espaços, leis e políticas públicas. Porém, esta compreensão é do próprio catador, e para que as demais pessoas o reconheçam, há um processo de resistência e de argumentação reivindicado por ele, algo que não acontece naturalmente. Parece um processo ou um movimento de convencimento de que há dignidade e profissionalização na catação para que se alcance o reconhecimento e a visibilidade.

Além do reconhecimento da sociedade, há o avanço na visibilidade da profissão dos catadores perante a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) (BRASIL, 2017), conforme os excertos que seguem:

Quando a gente foi reconhecido como catador mesmo, né. Isso bah... Eu, quando eu vou em qualquer lugar e me pergunta: o que que tu é? Eu digo eu sou catadora. Aí pergunta o que que faz uma catadora? Eu sempre falo que separa o lixo do material reciclado porque vem muito lixo com material reciclado. (MNCR2, 54 anos).

Eu saí do lixão, entrei no movimento, fui ser catadora organizada, o que me empoderou mais ainda. Antes eu me escondia porque eu catava lixo no lixão, andava fedendo e era discriminada, realmente. Hoje não, hoje sou catadora, e é uma profissão, eu posso chegar em qualquer lugar e dizer que eu sou catadora de materiais. Escreve aí, tem lá no Código de Ocupação, é uma categoria organizada. Então hoje eu sou feliz, sou feliz por ser catadora. (MNCR5, 38 anos).

A primeira inclusão dos catadores na CBO ocorreu em 22 de outubro de 2002, um ano após a formação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), identificados pelo código 5102-05 que classificava os catadores de modo geral. Em 10 de janeiro de 2011, uma atualização incluiu mais dois códigos: 5192-10, referente ao selecionador e 5195-15 referente ao preneiro (BRASIL, 2017). As atualizações foram necessárias, pois nas cooperativas e associações de catadores existem outras funções além da catação, conforme presente no Quadro 6.

Quadro 6 – Formalização profissional dos catadores

CBO 5192 - TRABALHADORES DA COLETA E SELEÇÃO DE MATERIAL REICLÁVEL		
CÓDIGO	OCUPAÇÃO	DESCRIÇÃO
5192-05	Catador de material reciclável	Catador de ferro-velho, Catador de papel e papelão, Catador de sucata, Catador de vasilhame, Enfardador de sucata (cooperativa).
5192-10	Selecionador de material reciclável	Separador de material reciclável, Separador de sucata, Triador de material reciclável, Triador de sucata.
5192-15	Operador de prensa de material reciclável	Enfardador de material de sucata (cooperativa), Preneiro, Prensista.

Fonte: Elaboração própria, a partir da CBO (BRASIL, 2017).

Ao perceberem que uma lei identifica, ampara e classifica a profissão do catador no mercado de trabalho, o reconhecimento jurídico da categoria torna-se a base para um sentimento de visibilidade (HONNETH, 2011; RICOEUR, 2006). Tal reconhecimento torna-se também construtor de uma identidade, representando suas funções de trabalho e garantindo identificação perante as demais profissões a partir de um sentimento de pertença (BAUMAN, 2005). A identidade pode tornar-se fator de construção, desconstrução e reconstrução do sujeito por meio das vivências e das práticas que se consolidam pelo debate e pelas reivindicações na perspectiva de mudanças (HALL, 2002). Nessa tomada de conhecimento sobre a sua identidade, no reconhecimento dos seus direitos, no sentimento de pertença, o caminho para o fortalecimento da categoria se torna possível. As evidências mostram que a partir do momento em que os catadores foram reconhecidos como profissionais pela CBO, houve um sentimento de

identidade e de reconhecimento por pertencerem a um grupo que garantiu o entendimento de que esses trabalhadores também são detentores de direitos e que partir deste reconhecimento, outros direitos também poderiam lhes ser garantidos.

Alguns avanços em relação à visibilidade dos catadores perante políticas públicas também foram possíveis a partir do entendimento de meio ambiente, conforme presente na fala do líder do MESC e das catadoras MNCR1 e MNCR5:

Foi após a Eco-92, o homem foi trazido como ser pertencente ao meio ambiente e não esse abstrato fora do meio ambiente. Sabe, acho que essa foi a grande diferença. Então aí você tem a reciclagem hoje sendo pilar da sustentabilidade do planeta. Você começa a ter um olhar diferenciado pelo profissional de hoje em dia como um grande, como um grande pilar da sustentabilidade. Tem muito preconceito ainda? Tem! Mas eu vejo que a coisa vai mudando de acordo com isso". (Tião, 39 anos).

É muito importante, porque assim, a gente não para pra pensar no meio ambiente, sabe? E aí, na lida do Meio Ambiente dos Catadores, nós somos o sujeito mais interessante em cima da terra, do planeta, sabe? Tá em cima, ele é o principal na natureza real, porque nós faz todos os trabalhos: nós somos mãe, nós somos catadoras, nós aproveita de tudo, desde a roupa que tá lá jogada. (MNCR1, 52 anos).

Há quinze anos a gente desenvolvendo a coleta seletiva e a educação ambiental por conta própria, tocando a cooperativa, e invadindo os espaços onde tava se discutindo resíduos sólidos, saneamento básico, e tudo que tava ligado ao meio ambiente. A gente começou a ser reconhecidas, sim. (MNCR5, 38 anos).

Nos excertos, a reciclagem surge também como uma preocupação com o ambiente a partir do momento que a sociedade compreende que não está desassociada da natureza e que se faz necessário repensar a produção do “lixo”. A Eco-92 ou Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento teve por objetivo construir diretrizes dominantes sobre a questão ambiental sob o manto da ideologia do Desenvolvimento Sustentável, dando origem à Agenda 21 (SCHWENGBER, 2015). Um dos temas da Eco-92 foi a reciclagem como alternativa para o reaproveitamento de matéria-prima para a produção de novos produtos, poupando os recursos naturais, bens finitos e necessários para a manutenção da vida no planeta. A não separação dos resíduos, ou seja, o lixo quando não descartado corretamente acaba resultando na contaminação do ambiente, proliferação de pragas e insetos, e ainda, na diminuição da vida útil de aterros sanitários e extração desnecessária de matéria-prima. A reciclagem oportuniza impactos sociais, ambientais e econômicos pelo aumento da vida útil de aterros sanitários, maior valor associado à reciclagem e reutilização do material que retorna

para a cadeia produtiva gerando trabalho e renda em toda a extensão deste ciclo (RIBEIRO, 2014).

Mesmo com desvalorização deferida pelos sujeitos considerados visíveis, localizados acima da linha abissal (SANTOS, 2009) em relação ao conhecimento empírico, os catadores mostram que suas memórias de trabalho antecedem as leis e as normas das memórias oficiais. A catadora MNCR5 relata que “há mais de 15 anos” realiza educação ambiental para a separação dos resíduos sólidos. Portanto, as evidências mostram que a contribuição dos catadores para o ambiente acompanha a trajetória do seu trabalho. Para muitos trabalhadores, o que falta é uma oportunidade de acessar o conhecimento acerca dos benefícios que a sua atividade de triagem impacta na reciclagem, no ambiente e na vida da sociedade. Porém, para aqueles que “criam um senso de identidade” (Alex), que conseguem acessar tais informações referentes ao seu trabalho, o sentimento de reconhecimento aparece como uma missão de vida, de cuidar do planeta para além de retirar dele o seu sustento.

Anteriormente ao seu reconhecimento profissional, os catadores já debatiam sobre assuntos como Educação Ambiental, saneamento básico e trabalho coletivo, em busca de políticas públicas que reconhecessem seu trabalho. No entanto, a lei que colocou os catadores como profissionais capazes de assumir a gestão dos resíduos sólidos nos municípios foi a PNRS, conforme os excertos que seguem:

[...] se hoje existe a Política Nacional de Resíduos Sólidos foi por causa de 35 anos atrás que eles viram no lixo milhares de pessoas sobrevivendo e criando oito filho. Igual a minha mãe, maior empreendedorismo do que isso não existe. Ela não receber nada do governo, a minha mãe nunca recebeu o bolsa família, não existia essa naquele tempo, maior empreendedor que isso não existe. (Tião, 39 anos).

[...] nesses últimos anos, enquanto coletivo que a gente construiu momentos bons e conseguimos colocar o catador como uma figura principal em destaque na questão de gestão de resíduos [...] a pessoa está geralmente atrasada ou ligeiramente errada quando não inclui catador no debate ou no próprio serviço na gestão de resíduos. A cada espaço que vai, se coloca os catadores e as catadoras, eles são convidados a estarem como pessoas referências, então isso está acontecendo na cidade, no estado, no país e se consegue estar em locais de destaque, de referência. (Alex, 38 anos).

Tudo isso que a gente conseguiu ao longo desses 15 anos, que era de política pública voltada pra catador, é pouco, mas um pouco que com Deus se transforma em muito. A gente não tinha nada, hoje a gente tem essa lei que diz que é pra contratar as cooperativas sem licitação. (MNCR5, 38 anos).

A luta por reconhecimento no caso dos catadores, além de ser uma luta por visibilidade é uma luta por justiça. A PNRS de 2010 apresenta em seus artigos mais do que inclusão dos

catadores na gestão de resíduos sólidos, ela garante que seus serviços sejam pagos. Historicamente esses trabalhadores realizam a coleta e triagem dos resíduos ficando apenas com a venda dos materiais. A PNRS é uma lei que contribui para a justiça social, ou seja, para o reconhecimento do pagamento pelos serviços prestados. A justiça social está alinhada à redistribuição de riqueza e à paridade participativa (FRASER, 2007). Em relação à tentativa de redistribuição de riquezas, a PNRS fomenta a contratação de cooperativas e de associação de catadores para que as mesmas realizem a coleta e triagem dos resíduos sólidos nos municípios. Dados da Pesquisa Ciclosoft (CEMPRE, 2016; 2018) mostram o crescimento na contratação dos catadores: em 2016, 44% dos agentes executores da coleta seletiva municipal eram catadores. Em 2018 houve um aumento de 6%. Quanto à paridade participativa, compõe a participação dos catadores em espaços de debate e formação voltados para a gestão de resíduos sólidos. A própria PNRS ouviu o MNCR para inclusão de artigos que compõem a lei 12.305/2010. Portanto, as evidências mostram que, distante de um reconhecimento de justiça social voltada para que de fato haja a redistribuição de riquezas, consulta e valorização do conhecimento empírico do catador, a PNRS ainda assim é importante instrumento de visibilidade do trabalho dos catadores organizados. Porém, catadores individuais não são reconhecidos e contemplados nesta legislação.

As associações, cooperativas, espaços coletivos de trabalho e movimentos sociais são expressões de luta por reconhecimento (HONNETH, 2011). Catadores individuais, além de não estarem incluídos na PNRS, encontram-se sozinhos, sujeitos à marginalização e exploração. Os movimentos MNCR, MESC e Associação Amelior tornam-se espaços de fortalecimento e visibilidade da categoria, como mostram os excertos:

[...] o movimento, ele serve como uma parte de ferramenta inclusiva enquanto ser humano, ele te dá, não que ele te dá, mas o que tu consegue buscar, tua identidade dentro dele. Quando tu começa a te identificar, tu ter uma identidade, ter uma categoria, tu ter uma cor, tu pertencer a um grupo, tu começa a se valorizar enquanto pessoa. Então isso é uma das questões principais que movimento consegue te colocar sabe, porque tu já não é mais reciclador, tu não é mais sei lá, qualquer um [...] tu começa a pertencer a uma categoria, tu passa a ter uma identidade, tu passa a ter, a partir do tu ter identidade, tu começa a buscar a questão de como é que tu vai argumentar, a se colocar positivamente diante disso. (Alex, 38 anos).

Nós começamos a trabalhar em cima dessa ideia de formar outras associação, de tá ajudando outras pessoas, e através do movimento, hoje, graças a Deus, eu tenha essa liberdade de tá ajudando a formar outra associação, ajudar a formar os catadores, e eu sou muito feliz com isso que eu faço, com o meu trabalho. O dia que eu... Eu falei assim: “Gente, no dia que a gente conseguir tirar daqui, eu chegar na casa de vocês e ver a mesa farta, vai ser o melhor presente que vocês vão me dar na minha vida”. (MNCR3, 57 anos).

O movimento é importante para ajudar as pessoas que não conhecem, pressionar o prefeito. Ser reconhecido. Incentivar as pessoas para fazer a coleta em casa, mais educação né? O povo tem a lixeira ali, mas não joga na lixeira, joga no chão. (MESCI, 41 anos).

*A Associação Amelior é importante porque **cria um espaço de luta e inclusão**, ela **trata todos de maneira igual**. Depois da minha dificuldade em 1995, a associação me ajudou muito a trabalhar e seguir a vida. (Biffin1, 65 anos).*

*Acredito que Amelior é muito importante, pois **proporciona a realização do mercado de pulgas e defende o trabalho dos biffins** para que possamos vender em paz e nos sentirmos uma categoria de cidadãos. (Biffin2, 35 anos).*

*A Amelior é um **espaço de abrigo que oportuniza trabalho**. (Biffin5, 26 anos).*

Hall (2002) defende que os sujeitos que não se sentem contemplados em um determinado grupo, categoria ou classe e que não veem sua identidade representada, acabam formando os novos movimentos sociais em busca de reconhecimento e reivindicando espaços que anteriormente não eram oportunizados. Normalmente, esses movimentos formam-se a partir de grupos minoritários que procuram no apoio coletivo a força que não encontram individualmente ou em outros espaços. Fica evidente nos relatos dos catadores e dos *biffins* que o coletivo lhes proporciona sentimentos que podem ser representados na Figura 36:

Figura 36 - Sentimentos que envolvem o movimento social



Fonte: Elaborado pela autora.

O movimento social torna-se grupo de referência a partir dos sentimentos de inclusão, identidade, apoio e reconhecimento (HALL, 2002). Gaxie (2005, p. 162) define a participação dos sujeitos em movimentos sociais pela necessidade da busca por “reconhecimento, prestígio, sentimento de importância, satisfação de agir no mundo para transformá-lo”. Além destes, outros benefícios simbólicos estariam presentes pela necessidade de aceitação e satisfação moral perante os demais companheiros de luta (GAXIE, 2005). A formação, uma das

características dos espaços de trabalho coletivo, faz parte dos preceitos da Economia Solidária⁵⁶ e torna-se ferramenta para o combate da alienação dos trabalhadores, conduzindo para a compreensão dos seus direitos e de sua trajetória de trabalho e tornando-se propulsora das mudanças sociais capazes de garantir espaços de valorização (SANTOS, 2009). A busca por valorização identitária e reconhecimento, mais do que caracterizar o movimento social, também demonstram uma necessidade individual (GAXIE, 2005). Portanto, as memórias individuais dos sujeitos que carregam um estigma de exclusão e de invisibilidade compõem um desejo de valorização, reconhecimento e visibilidade que partem de suas experiências mais difíceis, mas que se somam às memórias coletivas encontrando nelas o apoio, a acolhida e a força para transformar e mudar a realidade.

Espaços coletivos como as cooperativas de catadores e os movimentos sociais proporcionam outros fatores de visibilidade como os presentes nos excertos:

*Eu sou um dos poucos que começou a lutar por isso - **pagamento para o serviço prestado pelos catadores**, porque a maior bandeira do movimento, sabe qual é a maior bandeira do Movimento Eu Sou Catador? Que ele cresce como se fosse mato! É o pagamento pelo serviço prestado. Eu não produzo embalagem. A cada embalagem que eu tirar do meio ambiente, da natureza, eu tô prestando serviço ao setor produtor de embalagem, ao setor que comercializa embalagem, ao setor que consome embalagem, eu não produzo embalagem. (Tião, 39 anos).*

*[...] os catadores não se disputam entre eles. Há um **processo de entendimento, de respeito, de solidariedade** entre os catadores. Então, onde os catadores realizam coleta, o material é de melhor qualidade não só pelo processo de **Educação Ambiental**, mas pelo respeito entre os catadores. E tem um processo de **inclusão** que os catadores conseguem compreender e eles conseguem dialogar, então isso amplia, conduz os catadores entrarem na cooperativa para fazer esse serviço. (Alex, 38 anos).*

***Me alfabetizei** dentro da cooperativa, porque eu queria saber o que que tava escrito no estatuto, e consegui. Com 22 anos eu aprendi a ler. Com uns 23, 24, eu comecei a escrever. (MNCR5, 38 anos).*

*Lá a **gente aceita presidiário**, a **gente trabalha muito com gêneros** dentro da Associação. Trabalha assim porque a gente não pode excluir ninguém da nossa vida, porque cada um vive o que tem que viver, e a gente não tem nada de tá excluindo ninguém da Associação. A gente tem mais é que **apoiar**, e se tá nas **drogas**, a **gente tem que ajudar a tirar das drogas**. (MNCR3).*

Dentro dos princípios da Economia Solidária, da sustentabilidade e partindo da Agenda 21, o trabalho realizado pelos catadores organizados apresenta um alinhamento com os eixos

⁵⁶ Os preceitos da Economia Solidária são cooperação, a autogestão, formação política, inclusão social e econômica (IPEA, 2017; SINGER, 2002).

econômico, ambiental e social. A sustentabilidade é um tema, não por acaso, muito abordado quando se trata de reciclagem. O conceito de sustentabilidade tem sua origem nos anos 80, por Lester Brow, fundador do *Worldwath Institute*. A partir de seus estudos e análises sobre as questões ambientais globais, Elkington (1994), trouxe para o debate o conceito dos três “P”: *People, Planet e Profit*, que em português significa: pessoas, planeta e lucro. A *Triple Bottom Line* atende os princípios econômico, ambiental e social. O princípio econômico busca fomentar empreendimentos viáveis e inovadores que respeitem o ambiente em toda a produção e serviços. No princípio ambiental, a missão é incentivar a interação de processos com o meio ambiente, provocando o mínimo de danos possíveis e pensando nas próximas gerações que necessitarão dos recursos naturais. Por fim, o princípio social se preocupa com o trabalho justo, inclusivo e busca uma parceria menos exploratória entre empresas e funcionários, para o bem da sociedade na busca da redução das desigualdades sociais (ELKINGTON, 1994). Além desses princípios, as associações e cooperativas de triagem de resíduos sólidos acabam recebendo e incluindo aquilo que Bauman (1999) chama de “refugio” da sociedade, como os ex-presidiários, os homossexuais, as pessoas que não tiveram a oportunidade de se alfabetizar. Um papel que deveria ser do poder público e que, mais uma vez, acaba se tornando invisível perante os direitos e a implementação de políticas públicas.

A partir das evidências, é possível perceber que a organização dos catadores em espaços coletivos pode proporcionar, além dos sentimentos de reconhecimento e visibilidade, colocar em prática tais conceitos, alinhados à sustentabilidade e à inclusão dos sujeitos excluídos do mercado de trabalho. O trabalho de coleta, triagem e venda dos resíduos sólidos garantem benefícios ao ambiente, a inclusão social, a geração de renda e o fortalecimento econômico do ciclo virtuoso da reciclagem. Não se trata apenas de um espaço de trabalho comum, mas de um espaço inclusivo que oportuniza:

- a) O entendimento do processo de trabalho coletivo;
- b) O entendimento do impacto do trabalho na catação em relação ao ambiente;
- c) A solidariedade e o respeito entre os trabalhadores;
- d) A participação da comunidade com a Educação Ambiental;
- e) A luta pelo pagamento dos serviços prestados;
- f) A formação dos catadores para maior participação nos espaços coletivos;
- g) Retomada da autoestima a partir da inclusão dos sujeitos;
- h) Inclusão como sentimento de visibilidade.

A participação das mulheres catadoras foi pontuada pelo líder do MESC e pelas catadoras MNCR1, MNCR3 e MNCR5, como momentos que valorizam a memória da visibilidade das trabalhadoras e que proporcionam empoderamento:

*Um momento na verdade que foi **um momento ímpar**, o momento em que minha mãe deu entrevista. Era o **momento de quase inexistência e ela foi a única a ter coragem** a primeira catadora a fazer isso. Eu sabia que eu tinha liderança dentro de mim, foi ela mesma que me ensinou e me preparou para isso e eu sei o quanto aquela mulher foi corajosa, **ela inspirou outras mulheres**. (Tião, 39 anos).*

*Depois da **formação do grupo das mulheres no movimento**, a gente não precisa contratar alguém pra fazer as palestras sobre gênero, a gente mesmo faz essas palestra, dentro das nossas bases, e a gente mesmo sai pra fazer nas outras bases. Então assim, **a gente tem uma conquista muito grande**, porque antes, pra mim tá falando com você aqui, eu tinha até medo, **nem se falava em mulher líder**. (MNCR1, 52 anos).*

*Na segunda edição (Expocatadores), a gente começou a pensar, porque assim, **dentro do movimento eram só os homens**, aí a gente pensou no encontro que agora **as mulheres também iam ter que ter domínio** sobre o Movimento Nacional dos Catadores. Através desse encontro das mulheres no Paraná que nós temos essa autonomia, que a gente teve aquela conquista. A **gente ganhou voz e vez**, do mesmo jeito que os homens, porque antigamente a gente pensava até que tinha um chefe dentro do movimento. Hoje não temos chefe, hoje todo mundo somos chefe. Eu tinha o maior medo de pegar um microfone, hoje não. Mas é assim, tem que dominar. (MNCR3, 57 anos).*

*Nós, mulheres que somos militantes do Movimento Nacional dos Catadores, **somos empoderadas** por causa disso, que a gente é de um movimento social, que tem contato com outros movimentos [...] a gente tem contato com várias pessoas de faculdade, de professores que falam a questão de gênero, e que vêm trazendo isso pra gente, e um dia a gente diz a pauta, **a gente tem que discutir isso dentro do movimento, a questão de gênero**. A gente começou uma conversa, e daqui a pouco surgiu o **Encontro Nacional das Mulheres**, no Paraná. Isso nos deu um **empoderamento tão grande**, que a gente quer só sair pra esse encontros, e fazer uma coisa grande, o Encontro Nacional das Mulheres Catadoras do Brasil, igual como esse de catadores, mas pra lá discutir mesmo “empoderação”. Eu **comecei a me empoderar mesmo depois que eu vim pro Movimento**, que eu fui em várias palestras de discussão, aí eu descobri que eu já sofri isso, mas eu não sabia que era violência doméstica. Já apanhei muito de marido, e não sabia como me defender. (MNCR5, 38 anos).*

O I Encontro Nacional de Mulheres Catadoras ocorreu nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 2008 em Pontal de Leste, litoral do Paraná. Participaram deste encontro cerca de 300 catadoras de 13 estados brasileiros e catadoras da Colômbia (MNCR, 2008). Foi o primeiro espaço de visibilidade de mulheres catadoras conquistado para tratar de temas como gênero, violência doméstica, desigualdade de salários, liderança e saúde feminina. Segundo dados do

IPEA (2016), as mulheres representam 31,1% do total dos trabalhadores e recebem 32% a menos do que os homens que trabalham na catação. Em comparação com dados do Brasil, no mesmo ano, a desigualdade de salários das mulheres em relação aos homens era de 19,2% (IBGE, 2016). Aos poucos, as mulheres compreendem que necessitam ocupar espaços de liderança em busca da igualdade de renda, valorização do trabalho e formação voltada para suas necessidades (SOUZA, 2009). Um movimento que luta por direitos e que produz reconhecimento de um grupo causa uma sensação de pertencimento e visibilidade (BAUMAN, 2005). No caso das catadoras, o reconhecimento é inferior ao vivido pelos homens catadores. Para as catadoras, não basta apenas lutar por valorização do trabalho, há uma luta de resistência diária dentro do próprio movimento para a visibilidade das mulheres que estão ganhando espaço, “voz e vez”.

As evidências mostram que, apesar das mulheres catadoras conquistarem visibilidade e representatividade dentro dos movimentos sociais, tais trabalhadoras ainda recebem menos do que os catadores do sexo masculino. Esta disparidade nos salários é superior à desigualdade presente na população brasileira. Há uma reprodução no micro contexto, dentro dos espaços de trabalho, que acompanha o todo (macro). Porém, formações em saúde, gênero, violência doméstica e liderança são ações muito positivas no intuito de proporcionar uma mudança neste cenário. Os movimentos sociais femininos possibilitam uma formação de empoderamento para uma necessidade específica e que só pode ser reconhecido por quem necessita e vive tais situações de invisibilidade.

Os movimentos são espaços de fortalecimento dos grupos e têm como objetivo a busca por direitos ou pela resolução de um conflito em comum (GAXIE, 2005). Entretanto, dentro dos movimentos sociais existem temas que merecem atenção e reflexão. Isso se torna necessário quando um espaço que deveria ser inclusivo, formador e acolhedor, acaba reproduzindo a exclusão e a estigmatização já sofridas na sociedade. Além da participação das mulheres dentro do movimento, como espaço de visibilidade, outro tema surgiu durante as entrevistas: a visibilidade como fator de exclusão. O líder do MESC relata como um momento de visibilidade do trabalho do catador acabou por excluí-lo:

*De um lado, sonhos se realizando, do outro, a rejeição, a culpa, a tristeza, e tudo isso por estar exatamente onde estava – exatamente onde tinha lutado tantos anos para estar. **Eu ganhava e perdia, na mesma luta.** Vivía o auge da fama. Mas também o auge da inveja [...] Primeiro, **comecei a ser questionado pelo sucesso que fazia**, acusado de ter virado as costas para as minhas origens, para os meus companheiros, de ter me esquecido de onde vim, e me criei, e me alimentei para chegar aonde eu estava. - **Ele nos usou***

para chegar lá, uns diziam. - Ele agora só quer saber de aparecer, e muito mais. ([Tião] SANTOS, 2014, p. 225).

[...] o processo que o Vick traz de valorização choca o catador no sentido que faz ele refletir sobre a sua própria existência, ele refletir sobre o eu dentro da sociedade. Porque até certo dia antes da palestra que eu participei na UFRJ, que muda minha vida, meu trabalho era de subsistência [...] se o Vick que tem um grande Oscar, é a mudança que ele consegue fazer na sociedade ao ver o Lixo Extraordinário. Uma semana antes no Recife, eu estava – em um colégio privado – os alunos me receberam com aplausos, o mesmo entusiasmo, ou seja, tem uma valorização do trabalho dos catadores de uma classe rica e abastada. Você vê a valorização dos catadores dentro da comunidade de Brasília Teimosa – zona nobre. Então essa é a mudança que eu acredito que a maior mudança que vai ter em relação à reciclagem com a revolução dos catadores e esse movimento que vai crescer cada vez mais tá até contrapor essa ganância que vai vem do mercado é justamente o valor respeito que a sociedade está construindo pelo trabalho dos catadores [...] então aquela mulher que até um dia era uma moradora como onde a gente morava passa a ser desvalorizada justamente pelo trabalho dela e não pela visão que o Lixo Extraordinário traz que é uma visão da valorização e da dignidade do respeito e da importância do trabalho dos catadores. (Tião, 39 anos).

O líder do MESC foi o protagonista do documentário “Lixo Extraordinário”. Após a sua participação e indicação ao Oscar, sua vida mudou. O catador conseguiu contratos com grandes empresas de embalagem, consultoria, palestras remuneradas e agendas no exterior. Como consequência, sua visibilidade e a “identidade de ser catador” são questionadas pelo MNCR, amigos e colegas de trabalho. A partir deste episódio, a luta por reconhecimento que era de todos os catadores, na figura de Tião, acaba não se tornando representativa. Segundo Bauman (2005), as “identidades [que] flutuam pelo ar” podem, por vezes, se formar por escolhas realizadas pelo sujeito, e outras vezes são infladas por pessoas que compõem o seu entorno (BAUMAN, 2005, p.19). O documentário foi certamente uma das maiores projeções do trabalho dos catadores brasileiros em nível nacional e mundial.

A visão de valorização do trabalho dos catadores é trazida pelo líder do MESC como um diferencial deste projeto sensível, o documentário, que mostrou o quanto há vida e trabalho no “lixo”. A participação do catador Tião no documentário se deu justamente pela busca por reconhecimento, a partir de experiências pessoais de desrespeito social e de “violação” de sua identidade, com o objetivo de aproveitar tal espaço para modificar a visão das pessoas em relação à profissão dele e dos mais de um milhão de brasileiros que trabalham na catação (HONNETH, 2011; MNCR, 2017). A partir das evidências, podemos compreender que a visibilidade tão almejada pelos catadores pode ser mais um mecanismo de exclusão quando agregada a uma figura. Houve a sensação de injustiça ao acreditarem que apenas uma pessoa

estaria se beneficiando de tal visibilidade e não a categoria como um todo. Ser visto não impactou diretamente a categoria para que a mesma fosse reconhecida, ao menos não economicamente, ou para que as políticas públicas fossem implementadas. Apenas dizer que o trabalho é importante não garante comida na mesa. Houve uma mudança significativa na percepção e na visibilidade do trabalho dos catadores a partir do documentário. Mas quem são as pessoas que o assistem? Normalmente são as mesmas que já buscam valorizar e se interessam pela causa.

E o que falta então? A visibilidade aqui apresentada, através dos excertos dos entrevistados, perpassa a construção de uma identidade profissional e pessoal de luta por reconhecimento de sua categoria, de inclusão social, econômica e de políticas públicas que foram conquistadas a partir de reivindicações durante a trajetória, compondo a memória dos catadores. A catadora MNCR3 relata o que, para ela, dificulta a visibilidade do seu trabalho:

*Hoje a gente tá sendo bem mais visível. Antigamente a gente não era reconhecida, mas hoje não, hoje a gente é reconhecida. Antigamente era tudo invisível, mas hoje não é isso, nós temos o nosso reconhecimento, esse valor, porque assim, hoje nós já somos valorizadas [...] **falta mais agora a visibilidade do governo pros catadores, porque isso não tem ainda [...] Então assim, acho que a gente tem ainda que brigar muito mais, né? Gritar, botar a voz mesmo, e não ter medo de nada, porque se a gente tiver medo a gente não tem conquista.** (MNCR3, 57 anos).*

A visibilidade está diretamente relacionada à luta por reconhecimento e à construção da identidade. Porém, as conquistas de visibilidade sobre o trabalho dos catadores vêm se construindo a passos lentos a partir da organização dos próprios catadores e da resistência de movimentos sociais. Os movimentos sociais se formam justamente com o intuito de dar voz e força para grupos minoritários que tem um objetivo em comum, mas que se fortalecem na identidade do coletivo (SILVA, 2015). “Brigar mais” para serem vistos pelo governo que construiu uma legislação (PNRS) e que não a coloca em prática, fortalece a sensação de injustiça e a falsa inclusão (SOUZA, 2009). A busca por reconhecimento para os catadores não pode estar alinhada apenas à constatação de sua existência. Essa busca necessita de ações efetivas que promovam a inclusão dos mesmos nos contratos de prestação de serviços nos municípios para a gestão de resíduos na coleta seletiva. A visibilidade que os trabalhadores precisam buscar na luta, na briga, sem medo, é uma visibilidade econômica.

4.6 MEMÓRIAS QUE EMERGEM: “JOGAR O LIXO PARA DEBAIXO DO TAPETE”

As palavras proferidas durante as entrevistas são sentimentos que fazem parte da memória de cada sujeito e que se torna importante instrumento para a compreensão do contexto (POLLAK, 1992). Tais memórias individuais acabam por construir a trajetória de um grupo formando as memórias coletivas (SANTOS, 2012). Em relação ao trabalho realizado pelos catadores, tais memórias emergem a partir da busca por direitos que foram sendo conquistados a partir da construção de leis que formalizaram sua profissão (CBO 5102-05), ou pela inclusão dos catadores na contratação de serviços para a coleta seletiva (PNRS). Mas de fato, estas leis são cumpridas integralmente? Em seu memorial, o líder do MESC fala de sua preocupação com o futuro do trabalho na catação, caso as leis sigam sendo negligenciadas. E se a PNRS fosse implementada da maneira como ela se propõe, incluindo catadores na gestão dos resíduos sólidos? E se as empresas que produzem as embalagens pagassem o valor real para que houvesse uma logística reversa eficiente? E se a população compreendesse que ela também é responsável por esse processo, como seria o trabalho dos catadores?

O futuro do trabalho na catação precisa ser discutido. O futuro precisa ser considerado como projeção do presente e também, de como o presente se forma a partir das memórias do passado (SANTOS, 2012). A mudança está no presente quando se trata de transformar o futuro. A partir de toda a trajetória do trabalho dos catadores até os dias atuais, a invisibilidade vem alicerçada e tendo como base a exclusão, o estigma e a desigualdade social. “Os catadores não são catadores por questões ambientais”, relata o líder do MESC, é uma questão econômica, pela necessidade de emprego e renda. É a falsa inclusão no trabalho desqualificado que causa a desigualdade e exploração estrutural (SOUZA, 2009). É a trajetória da catação sendo construída a partir do trabalho desvalorizado, mas também do trabalho não remunerado, como relata Eigenheer em seu memorial: “os catadores, infelizmente, são ameaçados tanto pela discriminação como também pela glamorização de seu trabalho”. A discriminação faz com que os sujeitos vejam na catação sua única maneira de sobrevivência e a glamorização é justamente quando a pobreza está romantizada a ponto do poder público e das grandes empresas acreditarem que eles realizam esta atividade historicamente e que não precisariam ser remunerados, aproveitando-se dos “heróis da reciclagem”.

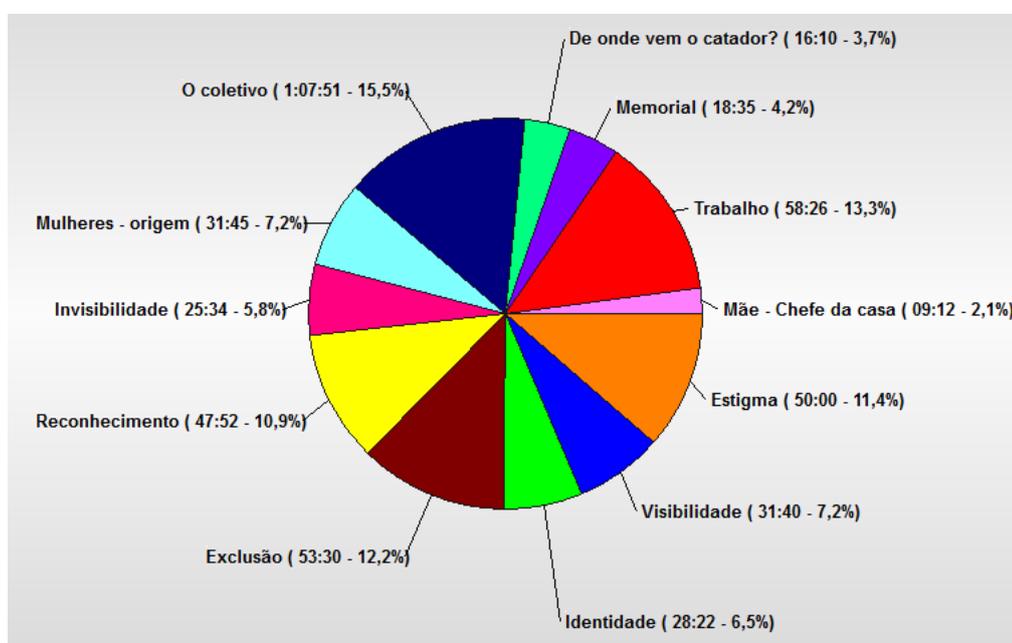
Eu acho que a gente precisa ter coragem de discutir que nós somos uma sociedade classista, preconceituosa, desigual e como a gente melhora nisso? Você só muda se você acha que está no caminho errado. Quando você não assume seus erros, para que mudar se eu estou certo? E a nossa sociedade tem uma dificuldade enorme de assumir seus próprios erros, de olhar pro

passado. Tem mania de literalmente: jogar o lixo para debaixo do tapete. (Tião, 39 anos).

O líder do MESC coloca que a falta de coragem de discutir a questão das desigualdades sociais produzida pela divisão de classes dificulta a busca pela resolução dos problemas. Essa estratificação social forma um mecanismo propulsor para a desigualdade social que, por sua vez, tem raízes na precarização dos direitos básicos, discriminação racial e de gênero, desqualificação e exploração do trabalho (CASTEL, 2013; GOFFMAN, 2008; WEBER, 2004). A construção do estigma e a exclusão social são resultados desta desigualdade social, ocasionando uma invisibilidade conveniente, ou jogando “o lixo para debaixo do tapete”.

As entrevistas tornaram visíveis e evidenciaram memórias subterrâneas da trajetória dos catadores e dos *biffins*. A partir de seus relatos, suas memórias de vida e de trabalho foram ganhando sentido dentro da abordagem teórica presente neste estudo. A oportunidade de fala dos catadores e dos *biffins* fez com que seus sentimentos e saberes não caíssem no esquecimento, compondo uma memória no presente, ouvida e descrita para além da memória oficial (POLLAK, 1992). A Figura 37 mostra os temas de maior abordagem durante as entrevistas.

Figura 37 – Análise de tempo de fala no Sonal



Fonte: Elaborado pela autora a partir do *Sonal*.

Temas como o coletivo, trabalho, reconhecimento, estigma e exclusão foram os mais frequentes durante as entrevistas. O panorama de desigualdade, formado pela exclusão e o

estigma mostra que estes podem ser fatores que constroem a invisibilidade, ainda mais em uma sociedade que discrimina e ignora os profissionais do “lixo” (SOUZA, 2009, p. 256). O trabalho na catação surge como uma maneira digna na busca por inclusão econômica. A memória de sua trajetória e do seu trabalho se torna fator importante para o reconhecimento e para a identidade destes trabalhadores fortalecendo a visibilidade dos catadores. A memória pode ser fator de legitimidade de um determinado grupo quando este compreende que suas memórias são únicas e que é por meio delas que seu futuro receberá orientação e não ausência (POLLAK, 1992). O grupo em questão, os catadores de resíduos sólidos, são sujeitos que se fortalecem no coletivo pela força e resistência composta pelas memórias subterrâneas (POLLAK, 1989).

Ainda sobre a Figura 37, o Quadro 7, exemplifica melhor a organização das categorias de acordo com os temas emergentes nas entrevistas:

Quadro 7 – Análise de tempo de fala no *Sonal*

CATEGORIA	ASSUNTO	TEMPO	TEMPO TOTAL	%
Trajetória do catador	Memorial de vida	19min	1h 16min	17,2
	De onde vem o catador?	16min		
	Mulheres - origem	32min		
	Mãe chefe da casa	9min		
Trabalho do catador	Trabalho	58min	2h 05min	28,8
	O coletivo	1h 07min		
Invisibilidade	Invisibilidade	25min	2h 19min	29,4
	Estigma	50min		
	Exclusão	54min		
Visibilidade	Visibilidade	31min	1h 42min	24,6
	Identidade	29min		
	Reconhecimento	48min		

Fonte: Elaborado pela autora a partir do *Sonal*.

Os temas que compuseram a categoria “Trajetória do catador” estavam relacionados ao memorial de vida, à origem do trabalho dos catadores, à origem pessoal do seu trabalho e à organização da casa (fatores econômicos). Na categoria “Trabalho do catador” os assuntos abordados foram a rotina de trabalho, a organização do trabalho e o trabalho coletivo. Na categoria “Invisibilidade” os temas estavam relacionados ao estigma, à exclusão e a própria invisibilidade. Já na categoria “Visibilidade”, os assuntos agrupados foram a identidade, o reconhecimento e a própria visibilidade. As duas categorias que mais aparecem nos relatos dos catadores e dos *biffins* foram a “Invisibilidade” e o “Trabalho do catador”. As evidências mostram que os catadores compreendem a importância, mas também, a invisibilidade do seu trabalho. Principalmente pela exclusão social e pelo estigma presentes no enquadramento de

que se trata de um serviço desqualificado e não remunerado (SOUZA, 2009). O lixo, algo tão comum no cotidiano da sociedade é da mesma maneira, algo que causa desconforto e repúdio (EIGENHEER, 2009). Fazer com que estes resíduos fiquem invisíveis ou ignorá-los, faz parte da tentativa de desvincular “os prazeres do consumo e os horrores da pilha de lixo” (BAUMAN, 2007, p. 17). Quem pode, consome e quem não consome, acaba por limpar a sujeira (BAUMAN, 2005a).

Além das análises dos excertos, a análise léxica contribuiu para visualização e compressão dos dados. Quanto à análise léxica, ou seja, a frequência de palavras presentes nas entrevistas, o Quadro 8 apresenta a organização por categorias com as palavras mais frequentes e o número de vezes em que elas aparecem:

Quadro 8 – Análise léxica das palavras de acordo com as categorias

Trajetória do catador		Trabalho do catador		Invisibilidade		Visibilidade	
mãe	83	trabalho	92	preconceito	17	catadores	138
lixo	62	material	84	medo	16	catador	95
vida	53	trabalhar	79	exclusão	15	movimento	82
casa	52	reciclagem	58	excluído	11	catadora	28
pai	49	cooperativa	53	lutar	8	lei	13
história	18	lixão	48	excluir	6	reconhecidos	9
projeto	17	associação	46	pobreza	6	profissão	8
governo	17	rua	42	exploração	4	valorização	8
catar	18	coleta	39	estigma	2	reconhecimento	7
tigres	5	resíduos	37	estigmatizados	1	identidade	7

Fonte: Elaborado pela autora a partir do *Sonal*.

Durante as 17 entrevistas, foram contabilizadas pelo *Sonal* 4.656 palavras diferentes. Essas palavras se repetem 38.180 vezes. Foram consideradas para as análises apenas verbos, adjetivos e substantivos alinhados à abordagem teórica. As palavras selecionadas estão relacionadas às quatro categorias de análise.

Na categoria “Trajetória do catador”, as cinco palavras com maior frequência foram mãe, lixo, vida, casa e pai. A “mãe” foi considerada “porta de entrada” no trabalho da catação como inspiração ou por necessidade presente no relato da maioria dos catadores entrevistados. O “lixo” faz parte da “vida” dos catadores que ainda enfrentam situações de discriminação em relação ao seu trabalho. A trajetória dos catadores carrega o estigma do trabalho com o lixo, ou seja, com aquilo que ninguém mais quer, considerado inútil e imundo (EIGENHEER, 2009).

Na categoria “Trabalho do catador”, as cinco palavras com maior frequência foram trabalho, material, trabalhar, reciclagem e cooperativa. O trabalho na reciclagem necessita de material oriundo da coleta seletiva, da participação do poder público, empresas e comunidade (PINHEL, 2013). A reciclagem realizada pelos catadores é a maior contribuição dos resíduos recicláveis para a cadeia produtiva e para o aumento da vida útil dos aterros sanitários (IPEA, 2016).

Na categoria “Invisibilidade” as cinco palavras com maior frequência foram preconceito, medo, exclusão, excluído e lutar. Sentimentos como preconceito e medo estão presentes nos relatos dos entrevistados. Apesar de sua constante luta por reconhecimento, os catadores estão sempre dependendo da “boa vontade” da gestão de cada município para que a PNRS seja implementada (SILVA, 2015). O trabalho dos catadores é considerado como desqualificado e por isso, a exclusão social e econômica que acompanha sua trajetória produz uma invisibilidade conveniente.

Na categoria “Visibilidade” as cinco palavras com maior frequência foram catadores, catador, movimento, catadora e lei. A identidade presente na categoria faz com que os catadores sigam na luta por seus direitos. Os movimentos MNCR, MESC e Amelior potencializam as reivindicações da categoria por valorização e pagamento pelos serviços prestados. Espaços coletivos de trabalho e movimentos sociais são expressões de luta por reconhecimento e também pela necessidade de aceitação e satisfação moral perante os demais companheiros de luta e da sociedade em geral (GAXIE, 2005; HONNETH, 2011).

As evidências mostram que, em relação ao tempo de fala dos participantes das entrevistas, as categorias que mais se destacaram foram a “Invisibilidade” (29,4%) e o “Trabalho do catador” (28,8%), fortalecendo a memória do trabalho e do sentimento de invisibilidade vividos pelos catadores dos três movimentos. Em relação às palavras, chama atenção que, no âmbito geral, as palavras mais frequentes foram catadores, catador, trabalho e mãe. A figura da mãe se torna presente em quase todas as entrevistas, tanto no sentido de fala a respeito da mãe do catador, quando de ser mãe na atualidade. As mulheres são maioria nos galpões de reciclagem (MNCR, 2019) e carregam a responsabilidade de serem, muitas vezes, chefes de seus lares, um reflexo da atual situação brasileira (IPEA, 2017).

No próximo capítulo, serão apresentadas as considerações finais deste estudo.

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fonte: “Castigo imposto aos negros”, obra de Debret, Rio de Janeiro, 1816-1831⁵⁷.

⁵⁷ A obra de Debret retrata a vida urbana do Brasil no século XIX. Na imagem, escravizados usam um colar de ferro dado aos rebeldes “fujões”. Outro castigo era carregar barris de dejetos para a margem do rio ou beira de praia mais próxima.

5.1 CONSIDERAÇÕES DE UM ESTUDO

Este estudo teve por objetivo compreender como a (in)visibilidade manifesta-se na construção de memórias de catadores participantes de movimentos nacionais nos contextos Brasil e França. Para alcançar este objetivo, estruturou-se o referencial teórico sobre os temas: memórias da limpeza urbana envolvendo questões de saúde, ambiente e dos trabalhadores, memórias sobre estigma, desigualdade social e invisibilidade, e por fim luta por reconhecimento, memórias da identidade e visibilidade. Como recurso metodológico, foram utilizadas as técnicas de entrevistas inspiradas em história oral, entrevista semiestrutura, observação não participante e documentos. A análise foi realizada com a ajuda do *Sonal 2.0.97*, um *software* livre que possibilitou a organização dos relatos e dos documentos em trechos formando as categorias, e também permitiu a análise léxica de palavras alinhadas à abordagem teórica deste estudo. Foram analisadas 17 entrevistas, oito documentos e dez visitas relacionadas aos grupos participantes da pesquisa: Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e Movimento Eu Sou Catador de Material Reciclável (MESOC), ambos do Brasil, e Associação Amelior, na França.

As análises apontam que a memória da invisibilidade do trabalho dos catadores emerge relacionada à questão econômica e descende principalmente do estigma construído na trajetória de trabalho dos catadores e dos *biffins*. O trabalho dos catadores é visível perante a lei, porém não há uma cobrança justa em relação a sua contratação e pagamento pelos serviços prestados. Os catadores trabalham realizando a triagem e venda dos resíduos sólidos, fortalecendo a cadeia da reciclagem, mas sofrem com a exploração por não lhes restar o valor real do seu trabalho. Suas memórias demonstram que há um deslocamento e um sentimento de insignificância vivido pelos trabalhadores da catação, tornando-se um desafio para não se sentirem como “lixo”, usados e descartados dentro de um processo sutil de exploração e exclusão. É um ciclo de manutenção de quem se encontra abaixo da linha abissal que separa a visibilidade da invisibilidade (SANTOS, 2009), e leva a uma memória social de fracasso que influencia na identidade do catador trazendo atitudes de conformismo e dificuldade no entendimento dos seus direitos. A memória social na construção do imaginário e da identidade do catador o coloca como um sujeito mal sucedido, símbolo da “figura da desordem” (CABRAL, 2015) e que se mantém até os dias de hoje, após anos de sua formalização e organização. As análises indicam que a origem da memória social aceita pela classe dominante, que cria um processo seletivo derivado da constituição própria de seus valores, invisibiliza as memórias subterrâneas dos grupos explorados e estigmatizados. Os resultados evidenciam um ciclo perverso dentro da

cadeia da reciclagem onde a imobilidade social se instala pela invisibilidade imposta, principalmente pela questão econômica, envolvendo o trabalho dos catadores. Sendo assim, ocorre a manutenção da exclusão que fomenta sentimentos de culpa, de incapacidade, de autopunição e, por consequência, a conservação da pobreza. Portanto, a sociedade acaba construindo uma memória social que mantém o estigma do trabalho na catação definindo sua condição de imobilidade social, que impõe lugares e papéis sociais, profissões eleitas como respeitáveis e trabalhos considerados desqualificados.

Em relação à visibilidade presente no trabalho dos catadores, ela surge em suas memórias muito associada a questões ambientais e sociais. As questões ambientais estão relacionadas ao protagonismo dos catadores na cadeia produtiva da reciclagem como sendo os principais trabalhadores que impulsionam os altos índices de materiais reciclados no Brasil (IPEA, 2017). Os catadores possuem visibilidade no aspecto social, uma vez que possuem um papel inclusivo pelo trabalho realizado nas associações e cooperativas de triagem de resíduos sólidos. Sujeitos que até então se sentiam excluídos, conseguem espaço de trabalho e renda, reconstrução da sua dignidade, formação pelos preceitos da economia solidária (cooperação, autogestão), tornando-se elementos fundamentais em prol da emancipação e entendimento de seus direitos. Nos anos 2000, conquistas por meio de políticas públicas e de projetos como o Cataforte e outros do Governo Federal impulsionaram diversos espaços e cooperativas, incluíram os movimentos sociais para a formação de políticas públicas e foram fundamentais para que a categoria se consolidasse. Os catadores não se sentiam mais sozinhos. Contavam com o suporte dos movimentos sociais para alcançar seu reconhecimento profissional e outros mecanismos de visibilidade da categoria tais como: a inclusão dos catadores na CBO e na prestação de serviço pela Política Nacional de Resíduos Sólidos, inclusão por meio da coleta seletiva solidária que propõe o protagonismo dos catadores desde a coleta até à venda do material, expandindo a contratação em todo o país.

As análises indicam que a visibilidade de cada catador pode tornar-se possível pela compreensão da sua própria identidade, a partir do momento em que se sente acolhido em um espaço coletivo e passa a conhecer seus direitos. Conhecer a trajetória do seu trabalho e a missão do seu ofício fortalece o catador individualmente, bem como a memória da categoria o revigora coletivamente, oportunizando aos trabalhadores perceberem as injustiças em relação ao seu trabalho e não aceitarem mais a negação da sua existência, buscando novos espaços de prestação de serviços com o reconhecimento também no aspecto econômico.

Durante o estudo perceberam-se diversas ambiguidades em relação à memória de invisibilidade e de visibilidade dos catadores. As principais ambiguidades evidenciadas nas análises foram:

- a) *Resíduo versus Lixo*: o “resíduo” passa a ser visível quando caracterizado como resíduo reciclável agregando valor econômico; enquanto o “lixo” torna-se invisível, relacionado à sujeira, restos, imundice e que deve ser enterrado, ficar distante dos olhos da população. A caracterização do material se torna importante, pois lixo carrega o estigma que envolve as pessoas que trabalham com esse material, causando erroneamente uma associação ao trabalho do catador. Porém, quando a população compreende que o resíduo reciclável tem valor econômico, que impacta no meio ambiente e que pode se tornar um novo produto, ela compreende que se trata de um bem econômico e não mais algo sujo ou nojento;
- b) *Trabalho Desqualificado versus Startups Inovadoras*: o trabalho realizado pelos catadores apresenta o estigma de serviços realizado por falta de opção, trabalho desqualificado estendido ao espaço que acolhe as pessoas que não são socialmente incluídas no mercado formal de trabalho. As cooperativas recebem fomento de investidores para que os catadores se profissionalizem e consigam se colocar no mercado de maneira igual perante a concorrência. Enquanto isso, algumas empresas ganham notoriedade por pensar a gestão de resíduos sólidos urbanos destacando-se como *startups* inovadoras. Esta ambiguidade é possível de ser observado quando uma empresa privada presta o mesmo serviço e o valor de seu contrato é superior ao das cooperativas de catadores, conforme evidenciado na análise desta tese. Para as empresas, não há invisibilidade, pelo contrário, uma empresa que trabalha com resíduos é vista como uma empresa de impacto ambiental, recebendo premiações e captando recursos de investidores por realizar a gestão de resíduos sólidos urbanos;
- c) *(In)visibilidade na Lei*: os catadores estão visíveis na Política Nacional de Resíduos Sólidos, pois são citados em 12 pontos da legislação. Todavia, a sociedade e o poder público invisibilizam o seu trabalho a partir do momento em que as cooperativas e associações de catadores não são contratadas para realizar a coleta seletiva dos municípios. Muitas vezes os catadores acabam não recebendo pelo real valor de seus serviços, apenas conseguem contratos para pagamento de coleta e manutenção do galpão de triagem. Enquanto isso, a triagem é feita de maneira gratuita. É justamente neste ponto que o poder público e a sociedade acreditam que estes trabalhadores lucram pela venda dos resíduos recicláveis que triam, quando os

mesmos ficam com apenas 1/3 do valor deste serviço. A prioridade da contratação para realização da coleta seletiva que deveria ser das cooperativas e associações de catadores não é respeitada, contratando-se empresas privadas e ignorando-se a coleta seletiva solidária. As políticas públicas de inclusão do trabalho dos catadores os colocam como protagonistas do processo - pelo menos no papel, mas os tornam invisíveis pela falta de reconhecimento e remuneração que deveria se dar desde a coleta até a triagem dos resíduos recicláveis de uma forma justa e digna;

- d) *Discriminação versus Glamorização*: os catadores sofrem pela discriminação e também indiretamente pela glamorização do seu trabalho. A discriminação dos catadores e a promoção da sua invisibilidade pelo trabalho desqualificado ocorrem por meio da manutenção da pobreza e do fortalecimento do estigma do lixo. Porém, os catadores são visíveis pela glamorização do seu trabalho, pois são considerados como os heróis da reciclagem. Esta glamorização acaba por sustentar a falta de remuneração pelo serviço prestado. Portanto, como heróis poder-se-ia pensar que eles não precisam receber para trabalhar. Da mesma maneira que eles são importantes para a cadeia da reciclagem por realizarem um trabalho de base que muitas vezes é gratuito, eles são discriminados pelo estigma do lixo que a sua atividade carrega. O trabalho realizado pelos catadores é a maneira do sujeito tornar-se visível perante a sociedade, porém um trabalho considerado como desqualificado que o torna invisível. A glamorização desta maneira se torna ambígua: oferece espaço para que se tornem visíveis pelo seu trabalho, mas a atividade de catação permanece alinhada a um trabalho de sobrevivência e não de sucesso. Há uma imobilidade social e econômica que acompanha esta trajetória: os catadores são vistos quando sua atividade permanece associada à miséria e à exclusão social;
- e) *O Estigma Bom e o Estigma Mau*: estar visível por documentários como “Ilha das Flores” e “Lixo Extraordinário” auxilia para clarear esta ambiguidade. No primeiro documentário, os catadores eram apresentados como aqueles que ficavam com os restos dos porcos, os restos da sociedade (EIGENHEER, 2009), reforçando o estigma “mau” da sua atividade. No documentário Lixo Extraordinário, os catadores são retratados como sujeitos que buscam seus direitos, reconhecimento e no caso do líder do MESC (Tião), acaba se tornando exemplo de força coletiva e liderança do movimento dos catadores. Ele se torna garoto propaganda de diversas campanhas de incentivo à reciclagem e coleta seletiva. Entretanto, apesar da

visibilidade do trabalho na catação, do protagonismo alcançado, do estigma “bom”, Tião se tornou invisível entre os seus pares. Não era mais visto como “trabalhador do lixo”, tornando-se uma “celebridade”. A visibilidade de alguma maneira ocasionou sua saída do MNCR para que o mesmo fundasse o MESC. Entre os próprios trabalhadores da catação há uma questão de estigma e de papéis sociais;

- f) Reciclagem e Catador, uma ambiguidade construída: a reciclagem é um dos temas mais debatidos em fóruns, seminários, e programas de incentivo a projetos, enfim, está presente em todos os setores como algo necessário, isso ninguém discute. Ela é visível, economicamente viável, necessária para preservação do ambiente e da biodiversidade – terrestre e aquática. Porém, por que os trabalhadores ainda são invisíveis? A catação, a triagem e a venda dos materiais recicláveis estão associadas a esses trabalhadores que acabam por receber 1/3 do lucro de seu trabalho ao final do processo. Há uma ambiguidade nesta relação de exploração: os catadores são invisíveis, porém são eles os responsáveis pela visibilidade da reciclagem no Brasil;
- g) O Estudo do Professor Eigenheer X Ausência de Memórias da Limpeza Urbana: é importante pontuar sobre a participação do professor Emílio Eigenheer nesta tese. Eigenheer foi um dos pioneiros na coleta seletiva no Brasil, na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Sua vida foi dedicada a compreender a relação das pessoas com o “lixo” e a ampliar o conhecimento em relação à gestão dos resíduos. Possui em sua casa um acervo oriundo do projeto *Resíduos e Memória*, escreveu diversos livros, artigos, textos relacionados à questão da trajetória do lixo, foi professor por diversos anos em algumas universidades. Porém, mais uma ambiguidade emerge, pois Emílio é invisível perante as pessoas que trabalham a questão da reciclagem, e poucos conhecem o seu legado. O professor relata que a própria academia tratou o seu trabalho interdisciplinar muitas vezes com descaso, pois Filosofia não tinha nenhuma relação com lixo, e como filósofo, ele não tinha nenhuma autonomia para falar de resíduos, assunto das Engenharias. Isso mostra a desconsideração de toda a sua experiência técnica, o conhecimento empírico adquirido por meio do trabalho prestado. Ele também sofre com essa invisibilidade dentro da academia. Eigenheer diz não acreditar na eficiência do trabalho dos catadores. Porém, reconhece que é pelo trabalho realizado pelos profissionais da catação que existe reciclagem no Brasil. Essa relação de invisibilidade parece estar associada a todos que resolvem trabalhar com lixo, tanto os sujeitos que realizam a separação e venda destes materiais, quanto nos estudiosos do tema. O ceticismo do professor Emílio em

relação ao trabalho dos catadores é confrontado pelas lideranças dos movimentos MNCR e MESC. As análises indicam que faltam oportunidades de visibilidade para que haja o reconhecimento do trabalho dos catadores e que elas estão associadas à formação dos profissionais, ao pagamento dos serviços prestados e à garantia dos direitos adquiridos pela PNRS. Como saber se a coleta seletiva solidária dará certo quando ela ainda não foi colocada em prática por mais de 80% (CEMPRE, 2018) dos municípios?

- h) Memórias Subterrâneas *versus* Memórias Oficiais: as entrevistas realizadas sob inspiração da história oral possibilitaram a participação dos catadores na construção de uma trajetória de trabalho a partir de suas percepções e da reflexão de sua prática identitária criando oportunidade de voz para além da memória oficial. Tais memórias subterrâneas emergem para recontar uma trajetória de significado, trazendo para cada catador e *biffin* entrevistado a oportunidade de se identificar com a sua profissão por meio do sentimento de pertença e de reconhecimento.

Ao contrário do abismo entre visibilidade e invisibilidade abordado na construção teórica desta pesquisa (SANTOS, 2009), as análises indicaram a possibilidade de construção de pontes entre elas. Observando as ambiguidades apontadas anteriormente, há a necessidade de trazer as memórias de resistências dos catadores como pontes que podem conduzir à visibilidade:

- a) fomentar programas de Educação Ambiental para a desconstrução do estigma do “lixo” para que a população compreenda os valores econômico, ambiental e social presentes nos resíduos sólidos recicláveis;
- b) reconhecer os serviços prestados a partir do pagamento sem distinção entre catadores e demais empresas privadas, com parcerias e possibilidade de investimentos que fomentem a profissionalização dos seus serviços e a igualdade de competitividade no mercado;
- c) colocar em prática a PNRS com a inclusão dos catadores na coleta seletiva, tornando-se de fato solidária. Colocar o catador como protagonista do processo de gestão de resíduos sólidos;
- d) cobrar pela coleta e triagem da produção dos grandes geradores de embalagens para que os mesmos financiem esta prestação de serviços – pagamento justo. A logística reversa apresenta esta proposta, porém ações efetivas são pouco realizadas;

- e) gerar oportunidades de formação técnica por meio de políticas públicas ou até mesmo com subsídios dos grandes geradores de materiais recicláveis para que o trabalho dos catadores deixe de ser considerado desqualificado e se torne capaz de competir com empresas privadas;
- f) fortalecer os movimentos sociais, porém sem excluir os trabalhadores individuais, buscando políticas públicas inclusivas para dar visibilidade para estes sujeitos a partir do seu trabalho;
- g) valorizar e promover a reciclagem, porém sem perder de vista os trabalhadores que historicamente realizam esta atividade. Existe a possibilidade de pensar novas tecnologias que os incluam, a exemplo de algumas iniciativas que já realizam este processo;
- h) seguir com a força dos catadores e com o conhecimento do professor Eigenheer para que a pesquisa não seja tratada com descaso e para que a ciência de fato promova algum retorno e transformação na sociedade;
- i) construir, a partir das memórias subterrâneas, a trajetória de grupos e movimentos minoritários que não tiveram espaço de participação na formação de sua própria identidade, ressignificando suas lutas, conquistas e desejos de futuro.

Além do objetivo geral, os objetivos específicos conduziram a organização deste estudo pela abordagem teórica, percurso metodológico e análises dos dados. O primeiro objetivo específico foi sistematizar a trajetória de catadores desde a Antiguidade até o momento atual. Os catadores são sujeitos que historicamente realizavam a coleta dos “restos da sociedade” (EIGENHEER, 2009) foram compondo uma trajetória no tempo. A linha do tempo é uma representação condensada da realidade desde os primeiros registros na Antiguidade sob o termo grego *koprologen*, na Roma antiga como aqueles que limpavam as cloacas, os *canicolae*, na França eram os trapeiros também conhecidos como *chiffonniers*, até o Brasil, com os escravizados conhecidos como tigres ou cabungueiros. Na atualidade, os catadores de materiais recicláveis presentes no Brasil, em alguns lugares da América Latina e na França, conhecidos como *biffins*, também compuseram a memória dos trabalhadores do “lixo”, assim como a evolução da matéria-prima do seu ofício até ser caracterizado como resíduos sólidos urbanos.

As análises indicam também que a exclusão social e econômica vivida pelos catadores tem origem na trajetória do seu trabalho, de excluídos, punidos e escravizados. E o estigma, rótulos pejorativos associado a defeito e inferioridade (GOFFMAN, 2008), motiva e imobiliza os catadores para seguirem invisíveis perante a sociedade. Por outro lado, a memória pode servir como desencadeadora de um processo de apropriação da identidade que poderá formar o

profissional da catação. O resultado da compreensão da identidade do catador, do entendimento do “porquê ser catador” e do reconhecimento do seu trabalho perante os seus pares, e também perante a sociedade, fortalecem a visibilidade da categoria. Sendo assim, os resultados apontam que a memória compõe a identidade e o reconhecimento dos profissionais formando a visibilidade do trabalho da catação.

O segundo objetivo específico foi conhecer e descrever as memórias de catadores por meio da percepção de participantes dos movimentos nacionais abrangendo os contextos: Brasil e França. O segundo objetivo específico está alinhado ao percurso metodológico. A memória surge neste estudo em três aspectos que se complementam: memória como abordagem teórica, a memória como meio e a memória como resistência. A primeira é a memória como abordagem de base teórica, composta por textos, livros, artigos e que compõe a trajetória dos catadores e da limpeza urbana, ou seja, uma memória oficial construída a partir do levantamento teórico de autores que compõem o referencial desta pesquisa. A memória, aqui descrita como memória de base teórica, possibilitou conhecer e desenvolver o entendimento dos avanços ocorridos sobre a trajetória da gestão dos resíduos, da limpeza urbana e do trabalho dos catadores. A partir de suas memórias subterrâneas, pudemos confrontar com a memória oficial as percepções expressadas por estes profissionais compondo uma nova trajetória, valorizando sua participação e possibilitando um momento de visibilidade e protagonismo. A segunda memória foi caracterizada: memória como meio, compondo o percurso metodológico. Além da possibilidade de visitar o passado por meio da abordagem teórica, a memória nesta pesquisa também foi meio de acesso para responder as questões de inquietação. A necessidade de ouvir as percepções que remeteram às memórias dos participantes deste estudo foi o meio de acesso na busca por respostas. As memórias subterrâneas (POLLAK, 1992) foram acessadas pelas narrativas dos entrevistados que muitas vezes disputavam e divergiam com a memória oficial. Em outros momentos, tais percepções assemelhavam-se às memórias descritas anteriormente por outros autores e pesquisadores. Seriam elas memórias em conflito? Ou ainda, tais memórias seriam oficiais pelos acontecimentos ocorridos ou por serem narrativas contadas inúmeras vezes que acabam se tornando oficiais? Como saber? Descrever estas memórias tão particulares não foi uma tarefa fácil, pois se tratavam de narrativas que continham sofrimento, exploração, exclusão e indiferença. Porém, em alguns momentos, falas de luta por reconhecimento e de valorização surpreendem e emocionam, cedendo lugar a relatos de alegria e superação. As memórias trazidas durante as entrevistas tornaram-se fundamentais para dar visibilidade àqueles que trabalham com a catação, pelo menos no âmbito desta tese. A investigação pode ser considerada como uma oportunidade de dar voz e visibilidade para os trabalhadores

catadores e trazer, a partir das análises, sua memória de resistência. Portanto, pode-se entender que a percepção dos catadores entrevistados em relação à trajetória do seu trabalho, da busca por visibilidade e das necessidades ainda não alcançadas formam uma memória de resistência.

O terceiro objetivo específico foi analisar memórias sobre (in)visibilidade de catadores abrangendo os contextos: Brasil e França. Em relação à análise das memórias sobre (in)visibilidade no trabalho de catação, foi importante compreender, primeiramente, a trajetória destes profissionais. A partir dos relatos e da memória presente na abordagem teórica do trabalho dos catadores, percebe-se que há uma herança da escravidão no Brasil e que ainda está muito relacionada à questão de desigualdade social, falta de oportunidades, exclusão social e econômica. Em relação aos dados dos relatórios do Ipea (2013) e dos entrevistados neste estudo, percebe-se que a maioria dos catadores vive em vulnerabilidade econômica e que ingressaram nessa atividade pela falta de oportunidade, de emprego e de escolaridade. Para os entrevistados, ser catador foi a única fonte de renda e possível busca por dignidade dentro do território onde moram.

Por exemplo, a catação foi, para cada um dos entrevistados, uma atividade indesejável, tida como a única alternativa que restava e representa o momento em que a situação de fragilidade – econômica, social e moral – alcança seu ponto mais crítico. Por outro lado, ao entrar em contato com a cooperativa, o acolhimento, o modo de funcionamento do grupo e as oportunidades que estavam disponíveis possibilitaram um novo olhar sobre a atividade. As cooperativas de triagem de resíduos sólidos são a sua maior oportunidade de trabalho e ao mesmo tempo a única. Se na antiguidade os catadores de modo geral eram prostitutas, presidiários, considerados vadios, vagabundos e boêmios e esta função era vista socialmente como um processo de punição, hoje quem são os profissionais catadores no Brasil e os *biffins* na França? Os catadores no Brasil, em sua maioria, ainda são negros, possuem baixa escolaridade, moram distantes das regiões centrais ou nobres, nas periferias dos municípios e permanecem vistos pela sociedade como pessoas marginalizadas, excluídas e invisíveis, conforme os resultados desta pesquisa. Quanto aos *biffins*, a atividade de catação na França é realizada por aqueles que se encontram à margem da sociedade, tais como refugiados e imigrantes ilegais. Portanto, fica claro que o estigma vivido pelos catadores está na raiz de sua origem: o preconceito e a punição, acompanhando seu trabalho e a sua trajetória.

Na França, os *bifinnes* sofrem com a violência e a marginalização do seu trabalho, buscando leis que garantam sua atividade e um espaço de venda para o “mercado de pulgas”. Esta etapa de criminalização somada à violência foi, de certo modo, superada pelos catadores brasileiros que possuem uma legislação garantindo o reconhecimento do seu trabalho, tirando-

os da marginalização. Apesar de não estarem marginalizados, chama a atenção que isso não garantiu sua visibilidade e que eles ainda se encontram dentro de um trabalho desqualificado. No Brasil, os catadores individuais encontram-se na informalidade, na invisibilidade, em sua maioria são moradores de periferias, negros, com baixa escolaridade e que se incluem nesta atividade pela falta de oportunidades. Na França, atualmente os *biffins* são formados quase que exclusivamente por refugiados, imigrantes, principalmente do sexo masculino, com escolaridade. Eles acabam vendendo seus produtos nos “mercados de pulgas” por não conseguirem se encaixar no mercado de trabalho. No Brasil, apesar da legislação não incluir o catador individual, não o marginaliza. Na França, não é possível trabalhar como *biffin* individual. Esses trabalhadores sobrevivem pelo movimento coletivo, pelas associações como a Amelior que cadastram e garantem espaços de venda. Portanto, as análises mostram que no Brasil o trabalho realizado pelos catadores ainda é uma questão de invisibilidade, enquanto na França é uma questão de criminalização.

O trabalho e a trajetória da maioria dos catadores brasileiros entrevistados teve seu início durante a infância. O trabalho infantil, realizado por necessidade buscava melhorar a qualidade de vida de sua família, auxiliar na complementação de renda e fugir da escola, espaço muitas vezes hostil. No geral, os catadores ingressaram no trabalho da catação por influência ou inspirados em suas mães, as quais eram chefes das famílias, resultado do abandono dos maridos e companheiros. Apesar da trajetória de trabalho sofrida e precoce, os catadores encontram no “lixo” alguma maneira de dignidade, apoio, inclusão e visibilidade de direitos adquiridos, quando conseguem se formalizar em grupos, tornando-se associações e cooperativas. Porém, os catadores individuais, os quais não se encontram dentro desse processo coletivo, permanecendo na informalidade, não tendo direitos garantidos, são abandonados pelo poder público e pela sociedade. Apesar de todas as conquistas presentes na trajetória do trabalho dos catadores brasileiros, da evolução na questão de classificação de materiais (recicláveis, orgânicos e rejeito), na construção de leis, no fomento de projetos para melhorias de maquinários ou de produção de novas tecnologias, o trabalho realizado pelos catadores ainda é considerado um trabalho desqualificado.

Os resultados das análises mostram que o reconhecimento e a visibilidade do trabalho dos catadores, independente das esferas econômica, social e ambiental, encontra-se distante da realidade, mas não impossível. Os catadores seguem na busca por reconhecimento, provando serem trabalhadores de valor, com dignidade para se tornarem visíveis perante a sociedade, resistindo a cada dia diante de diversas restrições de seus direitos e honrando sua trajetória de trabalho.

Sobre as contribuições metodológicas desta pesquisa, a memória como meio foi fundamental para compreender as memórias de resistência dos catadores do MNCR, MESC e Associação Amelior. Além disso, no presente estudo, a escolha pela aplicação do *Sonal 2.0.97* possibilitou o uso de uma nova ferramenta no âmbito de inclusão e análise dos dados coletados com os catadores brasileiros e com os *biffins*. Esta ferramenta auxiliou na construção das categorias de análise pela facilidade de destacar os excertos e encontrá-los usando recursos visuais. A possibilidade de incluir documentos em áudio e textos contribuiu para que as informações se concentrassem em um único local formando um banco de dados que permitiu uma análise uniforme. Sugere-se que este *software* de acesso livre seja utilizado para outros estudos que utilizem uma abordagem de análise qualitativa e que necessitem de uma ferramenta segura, aberta e gratuita.

Sobre os aspectos de contribuições teóricas destaca-se a interdisciplinaridade presente na construção do estudo. A trajetória da limpeza urbana foi desenvolvida desde a Antiguidade até os dias atuais apresentando uma abordagem holística voltada para a sociedade, para a economia, ambiente e saúde. A relação das pessoas com o “lixo” recebe importância e preocupação quando a sociedade percebe sua colaboração em relação à saúde pública, às doenças presentes devido à falta de higiene e ao descarte incorreto de dejetos nas ruas e nas águas. Outro ponto importante foi a relação econômica presente no momento em que “lixo” passa a ser classificado como reciclável agregando valor econômico. O único material que segue sendo considerado como lixo são os rejeitos, ou seja, cerca de 10% da produção atual dos resíduos urbanos. Os resíduos recicláveis e orgânicos passam a ter valor gerando trabalho e renda. Frente aos temas geradores de (in)visibilidade no trabalho dos catadores e na trajetória da limpeza urbana, a Figura 13 do Capítulo 2 apresenta uma relação entre os temas abordados. A questão social da desigualdade também é compreendida como fazendo parte da memória da sociedade, formando barreiras muitas vezes intransponíveis. Todavia, esta mesma memória do trabalho dos catadores, quando reconhecida sua trajetória, pode ser estímulo de visibilidade trazida para a superfície, emergindo das memórias subterrâneas o fortalecimento da identidade e o reconhecimento dos profissionais da catação. Os resultados das análises apontam que a questão social da desigualdade está associada à exclusão e ao estigma vivido pelos catadores, levando à invisibilidade da categoria.

A memória é uma construção coletiva (HALBWACHS, 1925). Logo, a invisibilidade emerge na construção das memórias dos catadores a partir da origem do estigma coletivo de sua profissão, do trabalho considerado desqualificado. Essa memória coletiva constrói a identidade do catador perante uma sociedade que não se responsabiliza pelos seus restos e que

ignora, em sua maioria, as questões de desigualdades sociais. A memória da invisibilidade se estabelece e imobiliza aqueles que ainda não compreenderam o papel ambiental, social e econômico de sua função e que acreditam ser “catadores de lixo”. Na entrevista para o programa do *Jô Soares*, na abertura do documentário *Lixo Extraordinário*, Tião corrige o apresentador com a seguinte frase “a gente não é catador de lixo, a gente é catador de material reciclável, lixo é aquilo que não tem aproveitamento, material reciclável sim”, neste momento, o líder do MESC clareia uma memória que era subterrânea e apresenta a identidade dos catadores a partir do seu reconhecimento, da sua visibilidade, ocupando lugar de protagonismo. A invisibilidade construída socialmente para que os catadores permaneçam na informalidade, na pobreza e na exclusão somente se tornará uma memória de visibilidade quando pontes como a compreensão de seu trabalho, identidade da categoria e a justiça econômica pelos serviços prestados forem trilhadas por estes trabalhadores. A partir do momento em que se trilha esta ponte, o que se encontra do outro lado pode ser o reconhecimento do seu trabalho tornando a catação uma opção e não a falta dela.

A memória da visibilidade dos catadores e dos *biffins* será possível apenas pela luta pensada por eles, assim como em qualquer outro grupo minoritário e excluído que busca espaço perante as memórias oficiais que oprimem e ignoram os movimentos sociais. A visibilidade na memória dos catadores parte de um autoconhecimento do seu trabalho, o entendimento de sua função, e está vinculada a uma construção de identidade. Buscar este espaço de valorização, principalmente econômica, se dará pelas suas lutas e pelo fortalecimento das memórias de resistência de uma categoria.

As limitações presentes neste estudo estão relacionadas principalmente à participação dos *biffins*. Devido à situação de violência perante o trabalho, à proibição de venda no “mercado de pulga”, à ilegalidade de diversos *biffins*, não foi possível realizar as entrevistas de maneira presencial na França. A realização das gravações também não foi possível por medo, por parte dos entrevistados, de represálias. As tensões entre governo e Associação Amelior só foram amenizadas em setembro de 2019, época da análise dos dados, quando a Amelior conseguiu um espaço de venda em uma praça no centro da cidade de Montreuil. A marginalização do trabalho dos *biffins* ainda está longe de uma solução. Porém, coletivos buscam leis e direitos inspirados na memória dos catadores brasileiros. Em relação às limitações encontradas durante a coleta de dados no Brasil, pode-se destacar: a) a não participação de um integrante de cada estado representando os movimentos MNCR e MESC; b) a impossibilidade/dificuldade em aprofundar temas como gênero e lideranças femininas dentro das cooperativas e associações de triagem de resíduos recicláveis; c) a não construção de um documentário com a participação dos catadores

e que seria apresentado durante a Expocatadores 2019 – evento que não está sendo realizado há dois anos consecutivos pela falta de apoio de parceiros e do Governo Federal; d) apesar da tentativa de promover a visibilidade dos catadores e dos *biffins*, possibilitando a emersão de suas memórias subterrâneas para que os mesmos reescrevam a trajetória do seu trabalho, este estudo foi construído por uma pesquisadora que é entusiasta da causa e não uma catadora.

Como sugestões para futuras pesquisas, observa-se a necessidade do aprofundamento em abordagens teóricas diferentes das utilizadas para compreender outras possíveis relações entre visibilidade e invisibilidade no trabalho dos catadores. Dados desta pesquisa emergem do campo empírico e se tornam importante base de pesquisa para elaboração de estudos futuros, pois, a escolha teórica não abarca toda a complexidade da problemática. Cabe aprofundar temas como questões de gênero, a formação de lideranças nas associações e cooperativas de triagem de resíduos sólidos como processo de visibilidade, a construção de leis de amparo aos *biffins* e as relações diretas entre Brasil e França pela organização mundial de recicladores. A seguir esta pesquisadora apresenta o que ela chama de Carta Aberta com a trajetória do seu doutoramento visando compartilhar a sua memória pós pesquisa.

5.2 A TRAJETÓRIA DE UMA DOUTORANDA: CARTA ABERTA⁵⁸

Esta tese resulta de escolhas e caminhos que foram percorridos durante quatro anos. Somos seres sociais, e neste caso, tratando-se de uma pesquisa que busca trazer para as análises memórias subterrâneas. Algo que mexe com sentimentos, com memórias afetivas de alegrias e dores, com a vida de quem participa, seja pesquisadora ou participante. Há sempre o cuidado de colocar o ser humano acima das respostas, a pausa para o choro, a sensibilidade para o silêncio.

Há ideias que são refutadas antes mesmo de irmos para o campo ou para as análises como, por exemplo, o cronograma traçado no momento do projeto. A escolha dos entrevistados. O tempo de escrita de cada capítulo. Quando tratamos de vidas e de adversidades trazidas pelo dia a dia duro do trabalho, não há certeza de alcançarmos os prazos previstos. Há tentativas. E há tentativas também de buscar a confiança daqueles de quem buscamos respostas. Pesquisa é tentativa. Sei bem disso.

⁵⁸ Escrito em primeira pessoa pela pesquisadora.

Houve momentos de motivação. Houve momentos de obriedade e de total desconhecimento. Houve momentos de angústia e de solidão. Houve momentos de acolhida e de transformação. Esta foi a palavra que mais usei durante esses quatro anos: transformação. Percebi que, muito mais do que ter respostas para aqueles que eu entrevistei, a cada conversa, as respostas e as lições de vida eram para mim. Acredito que por isso muitas vezes deixei de lado “a tese” e fui para a ação. Precisava viver algumas experiências para conseguir compreender certas falas, certas dores e certas buscas. Foi assim, tudo junto. Tese, projetos, vivências, viagens. Vivi. Vivi quatro anos de doutorado “orgânico”, imerso.

Mas precisei voltar. A escrita solitária precisava novamente ser feita. Ela é indispensável. Ela também é processo transformador. Resignifiquei minha trajetória enquanto doutoranda. Aprendi com as belezas, dores e frustrações do campo, com as minhas limitações e percebi que tinha que ser assim. Quando decidimos iniciar esta caminhada com uma questão problema, muitas vezes não nos é dito que o maior problema a ser superado ou respondido em um doutorado são os processos internos a serem vividos e ainda assim, buscar o caminho individual e a capacidade profissional de ser uma cientista. Cada um à sua maneira.

Inicio este estudo com o memorial da minha vida até o doutoramento. E concluo com a certeza de que é só o começo de uma longa caminhada. Digo que saio “outra Daiana”. Direi a quem me perguntar sobre os quatro anos de estudo que a caminhada não foi fácil, mas com uma rede de apoio, acreditando na “ciência com afeto” ela é mais significativa, prazerosa e possível.

REFERÊNCIAS

ABRELPE, Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais. **Panorama dos resíduos sólidos – 2016**. São Paulo, SP: ABRELPE, 2016.

ADIE. Association Pour Le Droit A L'Initiative Economique. **Étude-action sur les chiffonniers. Chiffonniers, récupérateurs, vendeurs de la porte Montmartre**. VOLETS SOCIAL ET ECONOMIQUE. Paris: 2008.

ALBER, Alex; CIBOIS, Phillipe. **Sonal**. Disponível em: <https://sonal.hypotheses.org/> Acesso em: 08 jun 2019.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMATE, Elisa Maria et al. Percepções dos catadores sobre resíduos dos serviços de saúde no lixão da estrutural. **Revista Gestão & Saúde** (Brasília) Vol. 08, n. 01, Jan. 2017. p 1319-1336.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2009.

ARRETCHE, Marta. **Trajatória das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ASSOCIATION AMELIOR. **La Association Amelior – Home**. Disponível em <http://amelior.canalblog.com/archives/2013/03/03/26556994.html> Acesso em 16 jul. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARLES, Sabine. **L'invention des déchets urbaines**. France: 1790-1970. Seyssel: Éditions Champ Vallon, 2005.

BARLES, Sabine. "Les chiffonniers, agents de la propreté et de la prosperité parisiennes au XIXe siècle". In. **Les travailleurs des déchets**. Toulouse: Éditions érès, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999a.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999b.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005a.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005b.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Danos colaterais: desigualdades sociais numa era global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BEECH, John. **The enigma of holocaust sites as tourist attractions - the case of Buchenwald**. *Journal Managing Leisure*. Vol. 05, n.01, Dez. 2010. p 29 – 41.

BENJAMIN, W. **Paris do segundo império**. In: *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Trad.: José Martins Barbosa & Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENVINDO, Aldo Z. **A nomeação no processo de construção do catador como ator econômico e social**. Dissertação (Mestrado)– Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

BERLINCK, Manoel T. **Notícia sobre Max Weber**. In: WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BORJA, Oscar Rodrigo Pessoa. **Por que nações fracassam na gestão de resíduos?** Percepções de risco de catadores e coletores de recicláveis e reutilizáveis em perspectiva Brasil e Chile. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2015.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Lei Nº 12.305 de 02 de agosto de 2010. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2010.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Política Nacional de Resíduos Sólidos: diagnóstico dos resíduos urbanos, agrosilvopastoris e a questão dos catadores**. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2012.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO**. Brasília : MTE, SPPE, 2017.

BRASIL. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental – SNSA. Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS): **Diagnóstico do Manejo de Resíduos Sólidos Urbanos – 2016**. Brasília: MCIDADES.SNSA, 2018.

CABALLERO, Indira N. V. Notas sobre o processo de ambientalização do lixo em Porto Alegre/RS. In: **Reunião Brasileira de Antropologia**, 26. Porto Seguro: ABA, jun. 2008.

CABECINHAS, R.; LIMA, M.E.O. & CHAVES, A.M. 'Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história, in Miranda, J. & João, M. I. (Eds.) (2006) **Identidades Nacionais em Debate**, Oeiras: Celta, pp. 67-92, 2006.

CABRAL, Sueli Maria. **Territórios insólitos: o lixo, o trabalho e seus guardiões**. Tese de Doutorado. Unisinos, 2015.

CAMINHO DAS ÁGUAS. Associação Caminho das Águas – ECOPROFETAS. **Relatório final do Projeto Caminho das Águas – Petrobrás**. 2013.

CAMPOS, Heliana Kátia Tavares. Como fechamos o segundo maior lixão do mundo. **Revista Brasileira de Planejamento e Orçamento**, Brasília, v. 8, nº 2, p. 204 – 253. 2018. Disponível em: https://www.assecor.org.br/files/3015/4470/2872/como_fechamos_o_segundo_maior_lix_o_do_mundo_.pdf Acesso em: 16 set 2019.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2008.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

CARREGAL, Lúcia Thereza Lessa. O lixo, uma interpretação. In: GARCIA, Pedro Benjamin et al. In: **Falas em torno do lixo**. Rio de Janeiro: Polis, 1992.

CASTEL, Robert. As armadilhas da exclusão. In: **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 2013.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CATTANI, Antônio David. Riqueza e Desigualdades. **Caderno CRH**, Salvador, v.22, n.57, p. 547-561. Set/Dez 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v22n57/a09v2257.pdf> Acesso em 17 out 2018.

CEADEC. **Cataforte**. Disponível em <http://www.ceadec.org.br/projetos/cataforte-III--negocios-sustentaveis-em-redes-solidarias/apresentacao> Acesso em 28 set 2019.

CELLARD, A. A análise documental. In: J. Poupard, et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CEMPRE, Compromisso Empresarial para Reciclagem. **Pesquisa Ciclosoft 2016**. São Paulo, 2016.

CEMPRE, Compromisso Empresarial para Reciclagem. **Pesquisa Ciclosoft 2018**. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://cempre.org.br/ciclosoft/id/9> Acesso em 09 out 2019.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHILE. Adapt Chile. **Antecedentes del manejo y gestión de residuos en Chile**. Unión Europea, 2016.

CORBIN, Alan. Saberes e odores. **O Olfato e o Imaginário Social nos Séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

COSTA, Fernando Braga da. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social**. São Paulo: Editora Globo, 2004. 254 p.

CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DAMIANI, Denise. **Ganhar mais, gastar menos e investir**: o livro do dinheiro para mulheres. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2018.

D'ALMEIDA, Maria Luiza Otero; VILHENA, André. **Lixo Municipal**: manual de gerenciamento integrado. São Paulo: IPT/CEMPRE, 1995.

DEMAJOROVICK, Jacques; LIMA, Márcia. **Cadeia de reciclagem**: um olhar para os catadores. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

EIGENHEER, Emilio Maciel. Lixo: morte e ressurreição. In: GARCIA, Pedro Benjamin et al. **Falas em torno do lixo**. Rio de Janeiro: Polis, 1992.

EIGENHEER, E. M. **Lixo, vanitas e morte**. Niterói: Eduff, 2003.

EIGENHEER, Emílio Maciel; FERREIRA, João Alberto; ADLER, Roberto Rinder. **Reciclagem**: mito e realidade. Rio de Janeiro: In-fólio, 2005.

EIGENHEER, E.M; FERNANDES, M.J. da Silva. **Resíduos e Memória**. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2007.

EIGENHEER, E. M. **A limpeza urbana através dos tempos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

EIGENHEER, E. M. Entrevista: Lixo, Vanitas e Morte. **Revista Brasileira**, v. 84, p. 9–16, 2015.

ELKINGTON, J. Triple bottom line revolution: reporting for the third millennium. **Australian CPA**, v. 69, p. 75, 1994.

EUROPEAN GREEN CITY INDEX. **Assessing the environmental impact of Europe's major cities**. Munique: Siemens, 2016.

FEDERICI, Silvia. **El patriarcado del salario**: Críticas feministas al marxismo. Madrid: Traficantes de Sueños, 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIELDING, Nigel. Ethnography. In: GILBERT, N. **Researching social life**. Londres: Sage, 1993.

FLICK, Uwe. **The sage handbook of Qualitative Data Collection**. Londres: Sage Publications Ltd, 2018.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? In: **Lua Nova**, São Paulo, n.70, 2007, p. 106.

FURTADO, Jorge. **Ilha das Flores**. 1989. Curta Metragem. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bVjhNaX57iA> >. Acesso em: 10 jun. 2019.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

GASPAR, Jorge. **As infra-estruturas do território como factor de desenvolvimento económico e social**. Info Eupopa, Portugal, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILL, Lorena Almeida. **O mal do século**: Tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (1890-1930). Pelotas: Educat, 2007.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GAXIE, Daniel. Rétributions du militantisme et paradoxes de l'action collective. **Swiss Political Science Review**, St. Gallen, Suíça, v. 11, n. 1, p.157-188, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **Les Cadres Sociaux de la mémoire**. Paris, Presses Universitaires de France, 1925.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 2006.

HOBSBAWM, Eric J. **A era das revoluções: 1789-1848**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2010.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

HONNETH, Axel. **Invisibilidad**: sobre la epistemología moral del reconocimiento. In: La sociedad del desprecio. Madrid: Editorial Trotta, 2011.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico – 2012**. Rio de Janeiro, 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil – 2016**. Rio de Janeiro, 2016.

IPEA. **Diagnóstico sobre catadores de resíduos sólidos**. Relatório de Pesquisa. Brasília: Ipea, 2012.

IPEA. **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável – Brasil**. Relatório de Pesquisa. Brasília: Ipea, 2013.

IPEA. **Catadores de Materiais Recicláveis**: Um encontro nacional. Relatório de Pesquisa. Brasília: Ipea, 2016.

IPEA. **A organização coletiva de catadores de material reciclável no Brasil**: dilemas e potencialidades sob a ótica da Economia Solidária. Brasília: Ipea, 2017.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática : 2014.

KERGOAT, Daniele. A relação social de sexo: da reprodução das relações sociais à sua subversão. **Revista Pró-posições**: Campinas, v.13, n. 1 (37), p. 47-59, jan./abr., 2002.

KRONBERGER, N. E WAGNER, W. Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. In: M.W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KUHN, Daniela Isabel. **“Eu não sou lixo”**: abjeção na vida de catadoras e catadores de materiais recicláveis. 2016. 293 f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

LACOMBE, Georges. **La Zone**. 1928. Disponível em: < <http://www.mheu.org/fr/chiffonniers/zone.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

LINDER, Staffan. **The harried leisure class**. New York: Columbia University Press, 1970.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

MANUEL, Sandra. **Roma – Cloaca Máxima**. 2008. Olhares Fotografia Online. Disponível em: <<https://olhares.uol.com.br/roma-cloaca-maxima-foto2319135.html>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a entrevista para a pesquisa social em educação especial: um estudo sobre análise de dados. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R.; VICTOR, S. L. **Pesquisa e educação especial: mapeando produções**. Vitória: UFES, 2006, p. 361-386.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 2003.

MARTINS, Lilian; Roberto, MARTINS, **Infecção e higiene antes da teoria microbiana: a história dos miasmas**. III Encontro de Filosofia e História da Biologia, 2005. Disponível em: <<http://www.ghc.usp.br/server/pdf/ram-Miasmas-Sci-Am.PDF>> Acesso em: 28 mai 2017.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MAXWELL, Joseph A. **Qualitative Research Design: An Interactive Approach**. Londres: Sage, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª ed. São Paulo: Huicitec, 2004.

MNCR. Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis. **7o** (2008). Disponível: <http://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/encontro-nacional-de-mulheres-catadoras> Acesso em: 20 out 2019.

MNCR. Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis. **7ª Edição da Expocatadores inicia em Belo Horizonte** (2016). Disponível em: <http://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/7a-edicao-da-expocatadores-inicia-em-belo-horizonte> Acesso em: 16 abr 2019.

MNCR. Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis. **Brasília recebe o principal evento internacional de catadores no mundo (2017)**. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/noticias/noticias-regionais/brasil-recebe-o-principal-evento-internacional-de-catadores-no-mundo> Acesso em: 28 ago 2019.

MUSEU DA PESSOA. **E eu fiquei dentro de uma caixinha**. 2005. Disponível em: <https://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/e-eu-fiquei-dentro-de-uma-caixinha-46485> Acesso em: 10 jul 2019.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história, suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NASCIMENTO, Josilene Barbosa do. **Os "burros sem rabo" na sociedade de consumo: invisibilidade, consumo ostensivo e reconhecimento**. 2012. 228f. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2012.

OLIVEIRA, Denise A. M. **Percepção de riscos ocupacionais em catadores de materiais recicláveis: estudo em uma cooperativa em Salvador-Bahia**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

OLIVEIRA, M.C.; ARAÚJO, G.C; VAZ, A.S.G.; LIMA, J.S ; BARROS, J.F.; SOUZA, V.F.F.; MONTEIRO, V.S. Valores e trabalho de catadores de materiais recicláveis: expectativas com o trabalho cooperado. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, 122, 201-220, 2012.

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2. ed., rev. e atual. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2009.

PASQUALETO, Kellen Cristine. **Protagonismo político e consciência de classe: o caso dos recicladores de materiais recicláveis do Vale do Rio dos Sinos**. Dissertação de Mestrado. PPG Ciências Sociais, Unisinos, 2018. Disponível em : <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7043> Acesso em: 02 set 2019.

PINHEL, Julio Ruffin. **Do Lixo a Cidadania: Guia para Formação de Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2013.

PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura**. Campinas, SP: Memorial de América Latina, Ed. da UNICAMP, 1994.

- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf Acesso em: 30 jul 2017.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf> . Acesso em 25 jul 2017.
- PORTO ALEGRE. **LEI Nº 10.531, de 10 de setembro de 2008. Disponível em** <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-rs?s1=000030011.DOCN.&l=20&u=/netahtml%252+Fsiirel/simples.html&p=1&r=1&f=G&d=atos&SECT1=TEXT> Acesso em 28 set 2019.
- PORTO ALEGRE. **Todos Somos Porto Alegre**. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. 2016.
- RODRIGUES, José Carlos. **Higiene e Ilusão: O lixo como invento social**. Rio de Janeiro: NAU, 1995.
- RIAL, Carmen (org.). **O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016. Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/publicacoes2/livros/OPoderDoLixoAbordagensAntropologicasDosResiduosSolidos.pdf>.
- RIBEIRO et al. Aspectos econômicos e ambientais da reciclagem: um estudo exploratório nas cooperativas de catadores de material reciclável do Estado do Rio de Janeiro. **Nova Economia**. Belo Horizonte. Vol.24 . p.91-214. Janeiro-abril de 2014.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.
- RICOEUR, Paul. **Percursos do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.
- ROSEN, George. **Uma história da saúde pública**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1994.
- RULLAC, Stéphane et al. **Etude portant sur les biffins en Ile de France: Cartographie des lieux de vente et conditions de vie**. MARCHE PUBLIC Nº 1100292 LOT Nº 1 et 2. Paris: 2012.
- SANTOS, L. A. D. C. Um século de cólera: itinerário do medo. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 4, n. 1, p. 79–110, 1994.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v.63, p.237-280, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além da linha abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. **Novos estudos**. CEBRAP [online], n.79, p.71-94, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf> Acesso em: 12 set 2019.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Rio de Janeiro: Almedina, 2009.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2012.

SANTOS, Sebastião. **Tião: do lixo ao Oscar**. São Paulo: Leya, 2014.

SCHWENGBER, Daiana. **Qualidade de vida e perfil socioeconômico de profissionais catadores de quatro cooperativas de resíduos sólidos da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil**. Dissertação de Mestrado. Unilasalle, 2015.

SCHWENGBER, Daiana et al. **Recicladores de histórias, catadores de sorrisos**. Cirkula: Porto Alegre, 2015.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Pedro Henrique Issac. **O que fazemos do que fazem de nós: Trajetórias sociais e militância entre os catadores de materiais recicláveis no Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Brasília, 2015.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUZA, Jessé. A Gramática Social da Desigualdade Brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 19 N°. 54, p.79-97, 2004.

SOUZA, Jessé. **A Construção Social da Subcidadania: para uma Sociologia Política da Modernidade Periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

SOUZA, Jessé et al. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Luis Henrique Gualberto. **Tradução de tutoriais: desafios e especificidades**. Universidade de Brasília Instituto de Letras, 2015. Disponível em: <
http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11612/1/2015_LuisHenriqueGualbertoSouza.pdf> Acesso em: 24 de jul de 2017.

SZARKOWSKI, John. Atget. **New York: The Museum of modern art**, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

VERONESE, Marília Veríssimo; PIZZIO, Alex. Possibilidades conceituais da sociologia das ausências em contextos de desqualificação social. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. Vol.11, n.1, p.51-67, 2008.

WALKER, Lucy. **Lixo Extraordinário**. 2010. Documentário de Longa Metragem. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qyFDC-r9zIA>>. Acesso em: 20 jun. 2017

WEBER, Max. **A ética protestante e o 'espírito' do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Ensaios de sociologia**. 5. ed., atual. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

WOLFART, Graziela. Memória: Robert Castel (1933-2013). **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Edição 416, abril 2013.

XAVIER, Janaina Silva. **Saneamento de Pelotas (1871-1915): o patrimônio sob o signo de modernidade e progresso**. Dissertação Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS CATADORES / BRASIL

Data:

Nome completo:

Local de nascimento:

Data de nascimento/idade:

Filiação:

Tem irmãos (as):

Estado civil:

Tem filhos (as):

Onde mora atualmente:

Com quem:

Casa própria? ()Sim()Não

Área Verde? ()Sim()Não

Escolaridade:

PERGUNTAS EM NÍVEL INDIVIDUAL

1 Conte-me sobre você. Se fosse fazer um filme da sua vida o que não faltaria?

2 Você me falou sobre a sua vida em vários aspectos, neste momento gostaria que o foco fosse a sua vida profissional.

2.1- Fale-me sobre as suas primeiras atividades de trabalho (onde, o que, como,)

2.2Fale-me sobre suas experiências profissionais antes da reciclagem.

3 Como você iniciou o trabalho na reciclagem?

3.1Em qual empreendimento você trabalha? Qual função?Há quanto tempo trabalha com reciclagem?

4 O que você poderia me contar mais sobre a sua história desde que você entrou na reciclagem?

5 Houve alguma situação que você se sentiu mal por ser catador? Como foi? E houve um momento que se sentiu bem? Como foi???

PERGUNTAS EM NÍVEL COLETIVO

7 Por que você faz parte do *MNCR – Eu sou catador*?

7.1 Qual a importância deste movimento/espço para você?

7.2 E para a categoria dos catadores?

Quais as diferenças entre o seu movimento e movimentos de outros profissionais (ex. movimentos de professores, movimentos de médicos)?

8 Você lembra momentos difíceis vividos dentro deste movimento/espço?

Como foi?

O que você sentiu?

8.1 E o de maior alegria/conquista? (NO FINAL - lembra a data, tem isso registrado, onde?).

9 O que você sabe, conhece, ouviu falar sobre a história/trajetória dos catadores no seu país?

PERGUNTAS DE APOIO

– Conte com detalhes tudo que souber, onde começou, como trabalhavam, quais as conquistas, quais dos catadores(as).

- Você tem algum nome que marcou as conquistas dos catadores? Quem é esta pessoa? Por que ela se tornou importante? O que ela fez?

- Você já ouviu alguma história, palestra, formação, que contasse a trajetória/origem do catador? Conte sobre.

- O que você conhece sobre legislação (lei, ementa) que fale/ dê amparo/ profissionalize, o trabalho dos catadores? Qual (s)? Se não tem, qual deveria existir?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS *BIFFINS* / FRANÇA

Date:

Nom complet:

Lieu de naissance:

Date de naissance / âge:

Adhésion:

A des frères et soeurs:

Avoir des enfants:

Où vivez-vous maintenant?:

Avec qui:

Propre maison? () Oui () Non

Éducation:

QUESTIONS AU NIVEAU INDIVIDUEL

1 Parlez-moi de vous. Si c'était pour faire un film de ta vie ce qui ne manquerait pas?

2 Vous m'avez parlé de votre vie de plusieurs façons, en ce moment je voudrais que l'accent soit mis sur votre vie professionnelle.

2.1- Parlez-moi de vos premières activités de travail (où, quoi, comment,)

2.2 Parlez-moi de vos expériences professionnelles avant de recycler.

3 Comment avez-vous commencé le recyclage?

3.1 Dans quelle entreprise travaillez-vous? Depuis combien de temps travaillez-vous avec le recyclage?

4 Que pourriez-vous m'en dire de plus sur votre histoire depuis que vous êtes entré dans le recyclage?

5 Est-ce qu'il y avait une situation où vous vous sentiez mal à l'idée d'être un biffin? Comment c'était ??? Et y avait-il un moment qui se sentait bien? Comment c'était ???

QUESTIONS AU NIVEAU COLLECTIF

7 Pourquoi faites-vous partie de Amelior?

7.1 Quelle est l'importance de ce mouvement / espace pour vous?

7.2 Et pour la catégorie des collecteurs?

Quelles sont les différences entre votre mouvement et les mouvements d'autres professionnels (par exemple, mouvements d'enseignants, mouvements de médecins)?

8 Vous souvenez-vous des moments difficiles vécus dans ce mouvement / espace? Comment ça s'est passé? Qu'avez-vous ressenti?

8.1 Qu'en est-il de la plus grande joie / réussite? (rappelez-vous la date, l'avez-vous enregistré, où?).

9 Que savez-vous, connaissez-vous, avez-vous entendu parler de l'histoire / de la trajectoire des biffins dans votre pays?

QUESTIONS D'APPUI

- Dites en détail tout ce que vous savez, où il a commencé, comment ils ont travaillé, quelles sont les réalisations, des biffins.

- Avez-vous un nom qui a marqué les réalisations des biffins? Qui est cette personne? Pourquoi est-ce devenu important? Qu'a-t-elle fait?

- As-tu entendu des histoires, des discussions, des entraînements, qui racontent la trajectoire / l'origine du biffin? Comptez sur.

- Que savez-vous de la législation (loi, agenda) qui parle / donne refuge / professionnaliser, le travail des biffins? Lequel (s)? Si non, que devrait-il être?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA DO PROFESSOR EMÍLIO EIGENHEER

- 1- Conte como foi trabalhar todos estes anos com o tema “lixo”?
- 2- Como surgiu o projeto “Resíduos e Memória”?
- 3- Como está a sua atuação atualmente em projetos e pesquisas voltadas para o tema “lixo”?
- 4- Como você vê a gestão de resíduos hoje no Brasil?
- 5- Quais são as suas percepções e perspectivas em relação ao trabalho dos catadores no Brasil?

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1- Título do projeto: (In)visibilidade na construção de memórias de catadores: Brasil, Chile e França em estudo.

2- Esta pesquisa tem por objetivo: Compreender possíveis relações entre a (in)visibilidade na construção de memórias de catadores participantes de movimentos nacionais nos contextos Brasil, Chile e França.

3- Os procedimentos que serão realizados são os seguintes: entrevista com gravação de vídeo e/ou áudio.

4- Para a realização dos procedimentos especificados acima, solicitamos um pouco do seu tempo para responder a entrevista.

5- Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. Pesquisadora responsável: Daiana Schwengber, que pode ser localizada por meio dos contatos: (51) 999262307 ou daia_schw@yahoo.com.br.

6- É garantida a liberdade da retirada de consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.

7 - Você tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas, quando em estudos abertos, ou de resultados que sejam do conhecimento dos pesquisadores;

8- Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim. Eu discuti com a pesquisadora Daiana Schwengber sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados e as garantias de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades.

Daiana Schwengber - Pesquisadora

Assinatura do/a participante

Nome:

CPF:

Local: _____

Data ____/____/____